Romanos

Exposição sobre Capítulo 13

VIDA EM DOIS REINOS

D. M. Lloyd-Jones

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 – São Paulo – SP
www.editorapes.com.br

Título original:
Life in Two Kingdoms

Editora:
The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:
2002

Copyright:
Lady Catherwood e Ann Beatt, 2002

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Revisão:
Antonio Poccinelli

Cooperador:
Luís Christianini

Capa:
Sergio Luiz Menga
Permissão gentilmente concedida pela Banner of Truth Trust para usar a sobrecapa da edição inglesa

Primeira edição em português:
2004

Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

1 09
Uma nova subdivisão da Epístola – conexão com o que vem antes e depois – a função do Estado – análise do capítulo.

2 26
Teologia baseada numa exposição acurada – o que se quer dizer com "potestades superiores" – razões para sujeitar-nos – temer a Deus e honrar o rei.

3 44
O cristianismo não cancela a ordem natural – o mundo, não abandonado por Deus – o governo, ordenado por Deus – Pridham sobre Romanos – papéis negativo e positivo do governo.

4 63
A relação do cristão com o Estado – dois conceitos extremos – limites da liberdade – os direitos do cidadão – nenhuma forma de governo deve ser idolatrada – pena capital.

5 81
A espada – o pacifismo – guerra e revolução – guerras justas – opositores conscienciosos – as rebeliões precisam ser justificadas.

6 96
A Igreja e o Estado – o ecumenismo – a Igreja e o Estado sob a autoridade de Cristo – Constantino – o ensino católico- romano – Wycliffe – a Reforma – o erastianismo – Lutero – a Igreja da Inglaterra – tolerância religiosa.

7 112
Igreja e Estado, essencialmente diferentes – a graça comum – as diferenças explicadas – o valor da história – Lutero, Zwínglio, Calvino – a Confissão Belga sobre os magistrados – os puritanos – os presbiterianos – a Confissão de Westminster sobre os magistrados – Melville – dois reis, dois reinos.

8 129
Os pais peregrinos e os colonos americanos – os separatistas – Cromwell – a "idéia de igreja livre" – Roger Williams – a Comunidade – democracia – a ejeção de 1662 – igrejas estabelecidas (oficiais).

9 147
A relação Igreja/Estado, desconhecida no Novo Testamento – recurso ao Velho Testamento – a posição única de Israel – o reino de Cristo, não deste mundo – confundindo mundo e Igreja.

10 165
Sumário do ensino – lição da história – tradicionalismo – o Estado não pode cristianizar a sociedade – entendimento errôneo da parábola do fermento – nenhum progresso ou desenvolvimento gradual, exceto na Igreja.

11 184
O senhorio de Cristo – tensão entre os dois reinos – a Igreja deve formular princípios – liberdade, educação, as artes, ciência, lei, moralidade – os cristãos individuais podem influenciar a sociedade.

12 202
Conceito cristão dos deveres – o método do apóstolo – a inspiração, não mecânica – tomando emprestado e emprestando – "Eu sou devedor" – a lei de Deus e o amor.

13 219
A lei, entendida erroneamente pelos fariseus e pelos moralistas – amando o nosso próximo – como o entendimento moderno disso falha – sentidos de "amor" – conceitos errôneos do ser pessoal, ou do eu – conceitos errôneos da lei – a lei revela o pecado.

14 236
O sentido do amor ao próximo, especialmente importante hoje – o conceito moderno nega o evangelho – como o amor cumpre a lei – quem é o nosso próximo? – o cristão e a lei – misticismo e rigorismo – o perigo do legalismo.

15 255
Uma nova subdivisão – a conversão de Agostinho – conhecendo o tempo – doutrina e prática – antinomismo, fideísmo, misticismo – preocupação com dons – evitando ênfases errôneas.

16 271
Argumento que parte das últimas coisas – o cristianismo não é tão-somente um sistema moral – o conceito cristão do tempo e da história – conceitos seculares – a história da redenção – o fim em vista.

17 286
O conceito cristão da vida e do mundo – noite, trevas – ignorância sobre Deus, homem, vida e morte – trevas morais – desespero – salvação, passada, presente e futura.

18 302
O dia – elemento apocalíptico no Novo Testamento – a vinda de Cristo – seu propósito – novos céus e nova terra – juízo – motivos para um viver santo – recompensas – glorificação.

19 317
Os cristãos passaram por grande mudança – o novo nascimento – como os cristãos são "do dia" – o "já" e o "ainda não" – "glória iniciada embaixo".

20 332
Santificação, sempre apresentada doutrinariamente – compreendendo o que somos – a incoerência de viver no velho estilo – a vida do dia – como vencer o pecado – evitando a presunção – advertências e incentivos.

21 348
Os apóstolos acreditavam que o fim era iminente? – prova tomada das Epístolas – o conceito dos críticos, reprovado – exemplos de escorços proféticos – a perspectiva celestial – estando prontos.

22 363
Aplicação da doutrina – necessidade de vigilância – disciplina geral – auto-exame – conhecimento dos tempos – lendo as Escrituras – o valor das biografias – as obras das trevas e as armas da luz.

23 378
Comportamento adaptado ao dia – exortações negativas – sua relevância para os cristãos hoje – pecados do corpo e da mente – revestindo-nos do Senhor Jesus Cristo – vivendo nEle – escondendo-nos nEle – pondo fora o eu.

1

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, porém para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra. A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não darás falso testemunho; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De forma que o cumprimento da lei é o amor. E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia: não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências." – Romanos 13:1-14

Em nosso estudo desta grande Epístola aos Romanos, chegamos agora ao capítulo treze. Esta é uma nova divisão, ou talvez eu deva antes dizer, uma nova subdivisão. Faz parte, certamente, da segunda grande porção desta Epístola, uma porção que o apóstolo começou no início do capítulo 12; por isso esta divisão ainda vem sob o título geral de aplicação da doutrina que o apóstolo tinha formulado nos primeiros onze capítulos, particularmente nos primeiros oito. Mas é uma nova subdivisão deste grande tema que ele está desenvolvendo aqui conosco. O evangelho não é só para se crer, é para se praticar, e, se falharmos em pô-lo em prática, de nada adiantará qualquer acúmulo de entendimento intelectual.

Chegamos então aqui a uma porção muito interessante. Tudo é interessante, claro, e, todavia, não há incoerência no que digo. Se eu constantemente digo que esta ou aquela divisão é a mais interessante a que já chegamos, simplesmente esse é um modo de pagar tributo às Escrituras. Geralmente vejo que o que estou estudando no momento parece que é a porção mais interessante que já estudei, porém, como isso é verdade sobre cada porção das Escrituras, fica evidenciado quão maravilhosas são todas as Escrituras. Contudo, por muitas razões, este capítulo tem um interesse particular, como tentarei mostrar a vocês.

Primeiro, o capítulo é muito interessante meramente do ponto de vista de um estudo e exposição das Escrituras. É interessante notar a precisa conexão desta porção com a que a precede e com a que a segue – uma questão que tem preocupado muito a mente dos expositores. Qual será, perguntam eles, a exata relação desta divisão com o seu contexto imediato?

Depois, capítulo 13 de Romanos também é interessante devido aos princípios aqui ensinados. Como veremos, vamos estar face a face com problemas que estão na mente do povo cristão na época atual, alguns dos quais de vital importância.

Neste século vinte* a relação geral do cristão com o Estado tem se apresentado de forma aguda. A questão levantou-se na Itália, levantou-se ainda mais na Alemanha do tempo de Hitler, e está surgindo em muitos países hoje. Nós mesmos talvez tenhamos que enfrentar algo semelhante, Deus o sabe. E há cristãos que estão com grande dificuldade quanto à interpretação destes versículos de Romanos. Conforme somos levados para cada vez mais perto das condições e da situação descritas em certos capítulos do livro do Apocalipse, particularmente no capítulo 13, torna-se cada vez mais importante que entendamos o ensino desta parte das Escrituras.

Vamos então dar atenção a alguns desses problemas. O primeiro é a conexão dos versículos que vamos examinar aqui – particularmente os primeiros sete versículos – e com o que ele vai dizer a partir do versículo 8 do capítulo 13. Os comentadores realmente se agitam muito acerca disto, e sustentam muitas idéias diferentes.

Muitos dizem que esta parte não tem nenhuma ligação, nem com o que vem antes, nem com o que vem depois. Há interessantes comentadores modernos, alguns deles homens evangélicos e grandes eruditos, que adotam essa idéia. Um fala sobre o apóstolo "lançar abruptamente" o ensino aqui. Ele continua: "Não há nada na carta que indique por que Paulo acha necessário mudar tão positiva e rapidamente de um assunto para outro sem explicação". Bem, isso está tão claro como qualquer coisa poderia estar, não está? Ele diz que não há conexão entre o que o apóstolo diz nestes primeiros sete versículos e o que ele diz ante e depois – absolutamente nenhuma. Este ensino seria simplesmente uma intromissão no meio do que ele está dizendo.

Outros comentadores, embora não indo tão longe ao ponto de dizerem que estes versículos são uma pura intromissão,

---

* Lembre-se o amável leitor de que os sermões do presente volume foram pregados em 1966 e 1967. Nota do tradutor.

afirmam que eles interrompem seriamente a continuidade de pensamento entre o fim do capítulo 12 e o capítulo 13, versículo 8. Os versículos 1 a 7, dizem eles, interrompem a argumentação do apóstolo, que ele coloca em termos negativos no capítulo 12, versículo 17: "A ninguém torneis mal por mal", e de novo em termos negativos no capítulo 13, versículo 8: "A ninguém devais coisa alguma". Eles assinalam que em ambos os casos estas negativas são seguidas por uma exortação positiva a amar: "A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens" (Romanos 12:17,18); e: "A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis; porque quem ama aos outros cumpriu a lei" (Romanos 13:8). Aí está, dizem eles, a óbvia continuidade, e as declarações que constam nos primeiros sete versículos não são nada mais que uma interrupção deste tema do amor ao próximo.

Alguns vão mais longe e dizem que as declarações destes primeiros sete versículos são completamente incongruentes com o que Paulo diz na divisão toda, que não somente são uma interrupção, mas que, num sentido, quebram a harmonia, não se enquadram nem são pertinentes ao clima e à esfera geral do pensamento do apóstolo neste ponto. Esta passagem, dizem eles, lembra muito mais o velho rabi Paulo; é mais judaica que cristã. Outros dizem que é muito mais grega que cristã. É uma espécie de mistura de ensino grego e judaico, muito diferente do ensino cristão que o apóstolo nos dá nas partes circunvizinhas.

Outros dizem que é muito estranho que o apóstolo nos diga que estejamos sujeitos às "potestades que há", ao Estado, e assim por diante. Isso está em desarmonia, acham eles, com o que ele nos dissera no versículo dois do capítulo doze, onde lemos: "Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade

de Deus". Parece que ele se esqueceu disso, dizem eles.

Ademais, Paulo conclui este capítulo treze dizendo que estamos na beira do fim do tempo: "Conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada...". Todavia, nestes sete versículos ele parece afastar-se inteiramente desta noção escatológica, e nos diz como viver neste mundo, como se o tempo continuasse interminavelmente. Assim é que eles criticam muito fortemente esta passagem, achando que ela é uma espécie de intrusão.

Outros dizem que esta passagem aqui é inteiramente incongruente e descaracterizada, porque nestes sete versículos o nome do nosso Senhor não é mencionado nem uma vez. O apóstolo argumenta em termos de Deus o Criador e isso, dizem eles, é como que um abandono do ensino cristão. Paulo parece ter retornado à antiga posição farisaica, escrevendo como judeu sobre Deus o Criador, e partindo da perspectiva veterotestamentária do homem e sua vida no mundo, antes que do homem cristão; eles acham que o que ocorreu aí foi um tipo de lapso. E depois acrescentam que toda esta idéia de uso da força pelo Estado, e de uso da espada, está muito longe do ensino cristão sobre o amor, ensino que o apóstolo já nos ministrara tão excelentemente no capítulo 12, onde ele diz: "O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem... Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira", etc.

Pois bem, são esses os tipos de argumentos que devemos encarar. Esses homens estudam as Escrituras, essa é a sua vocação e a sua atividade, e eles se vêem numa dificuldade muito real com relação a esses sete versículos. Daí, que é que temos para dizer a respeito? Devemos enfrentar os argumentos porque, se havemos de ter um verdadeiro entendimento deste ensino – e, como opinei, é importante que o tenhamos por causa das grandes questões envolvidas – temos que ser

capazes de mostrar por que o apóstolo escreveu estes versículos e informar qual é a relação deles com tudo o que ele diz no contexto imediato.

Sugiro-lhes que todas as dificuldades e objeções a esta parte do capítulo 13 são inteiramente devidas aos próprios críticos, e não ao apóstolo Paulo. Meu parecer é que o apóstolo ainda está continuando o ensino que estivemos considerando no capítulo 12. A grande ênfase desse capítulo, do versículo 14 em diante, é, como mostrei,* a importância de vivermos pacificamente com as outras pessoas. Esse é o princípio. Por isso Paulo escreve: "Abençoai aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis"; por isso devemos alegrar-nos "com os que se alegram" e chorar "com os que choram"; por isso nos é dito: "Sede unânimes entre vós"; por isso não devemos ambicionar "coisas altas", mas acomodar-nos "às humildes" (ou, "condescender com os homens de posição humilde"); e por isso nos é ordenado: "A ninguém torneis mal por mal", porém, se possível, "tende paz com todos os homens".

Esse é o grande tema daquela última parte do capítulo 12, e, certamente, Paulo dá continuidade ao mesmo tema aqui. Uma das grandes funções do Estado, das "potestades que há", do governo, é habilitar-nos a viver em paz uns com os outros, manter a ordem e evitar a desordem. Portanto, não há nada de incongruente nesta passagem; é uma extensão do que Paulo já vinha dizendo e é bastante pertinente à questão geral de um viver pacífico uns com os outros.

No entanto, além disso – e o que vou dizer mostra mais claramente ainda a estreita conexão que existe entre isto e o que vem antes – quase no fim do capítulo 12 o apóstolo estava tratando da questão de tomar vingança: "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito:

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre o Capítulo 12: O Comportamento Cristão.* Publicações Evangélicas Selecionadas, 2003.

Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor". E nós concluímos a consideração daquele capítulo falando sobre a vingança e a punição do mal praticado. Daí, precisaria mostrar que a seqüência lógica é a questão geral do Estado, porque Deus pune as obras más em parte por meio do Estado e de suas leis?

Ora, alguns dos versículos que vamos considerar dizem-nos isso com muita clareza. Paulo diz nos versículos 3 e 4: "Porque os magistrados não são terror para as boas obras, e sim para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem", etc. Isso é uma continuação direta da idéia geral de tomar vingança. Não tome vingança você mesmo; Deus o fará. E Ele o faz em parte por meio do Estado. "O caminho dos transgressores é áspero" (Provérbios 13:15, VA), mesmo neste mundo. Eles se colocam contra a lei, e parte do sofrimento deles virá da lei. Portanto, estes versículos não interrompem o que o apóstolo vinha dizendo.

Não somente isso; certamente, como cristãos neste mundo, a nossa relação com o Estado é parte da nossa relação geral com outras pessoas. Retornem ao capítulo 12. Do versículo 3 até o fim do versículo 8 – na verdade, direto até o fim do versículo 13 – o apóstolo trata principalmente da nossa relação com outras pessoas na Igreja Cristã. Depois, tendo feito isso, ele trata da nossa relação com pessoas de fora da Igreja. Eis aí homens e mulheres que se tornaram cristãos; eles não estão vivendo numa redoma ou no vácuo, mas entre pessoas, e estas pessoas lhes fazem coisas e eles reagem. O apóstolo ocupa-se de todos esses pontos – seu desejo é ajudar-nos. Como devo reagir às pessoas da Igreja? Como devo reagir às pessoas de fora da Igreja? E depois, a extensão disso: como devo reagir às pessoas no conjunto social, na esfera do Estado? Assim, como vocês vêem, Paulo não teria completado sua ajuda a nós nesta questão de relações humanas, se não tivesse considerado a relação do cristão com o Estado. E é

precisamente isso que ele faz aqui.

Contudo há mais outras razões para a introdução que Paulo faz deste tema neste ponto, e eu penso que estas também são tremendamente importantes. Ele está escrevendo aos membros da igreja da cidade de Roma, e está bastante claro, do que já vimos muitas vezes, que nem todos estes cristãos eram gentios; havia judeus entre eles. É por isso que o apóstolo tratou de todo o problema dos judeus (capítulos 9, 10 e 11). Isso estava causando dificuldade, e o apóstolo se dispõe a ajudar os membros da igreja a desenvolver esta grande salvação em todos os seus aspectos.

Então, havia judeus na igreja da cidade de Roma, como naturalmente havia em muitas outras igrejas. E sempre havia um problema na mente dos judeus, um problema que os acompanhava quando se tornavam cristãos – o grande problema da nacionalidade. Os judeus tinham o ensino das Escrituras do Velho Testamento, e o resultado desse ensino foi que eles eram notoriamente maus cidadãos. Eles realmente causavam grande problema ao Império Romano. Isso porque eram um povo difícil? Na verdade não. Havia uma razão muito boa.

A explicação está no ensino das próprias Escrituras dos judeus. Deuteronômio 17:15 diz: "Porás certamente sobre ti como rei aquele que escolher o Senhor teu Deus: dentre teus irmãos porás rei sobre ti" – então vem a negativa; aqui está o fato importante – "não poderás pôr homem estranho sobre ti, que não seja de teus irmãos". E isso é um mandamento específico. O rei dos judeus sempre deveria ser um judeu, e os judeus nunca deveriam reconhecer como governante sobre eles quem não fosse "de teus irmãos". Isso estava tão arraigado no pensamento judaico que quando eles eram dominados por algum poder estrangeiro, e aqui, em particular, pelos romanos, os judeus ficavam em grande dificuldade. Eles achavam que estavam pecando contra Deus ao reconhecerem algum governante estrangeiro – não importava quem. Achavam que estavam transgredindo um mandamento

estabelecido claramente em Deuteronômio.

Há uma esplêndida ilustração justamente deste ponto nos Evangelhos. Um dia uma delegação dos herodianos e dos fariseus fez esta pergunta ao nosso Senhor: "É lícito pagar o tributo a César, ou não?" (Mateus 22:17). Bem sei que eles estavam tentando pegar o nosso Senhor numa armadilha, mas nessa questão havia mais que isso. Havia aqueles que sincera e honestamente achavam que era errado obedecer a um imperador não judeu. A grande história da revolta liderada pelos macabeus brotou da mesma atitude geral.

E assim, quando alguns desses judeus se tornaram cristãos, essa idéia ainda estava no fundo da sua mente. Acrescente-se mais uma coisa. A concepção que os judeus tinham do Messias era de um líder político e militar. Esse foi o seu erro, é claro, e em grande parte foi por isso que eles crucificaram o Messias deles, o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Não puderam entendê-lO. Eles insistiam em dizer-Lhe: "Se és quem dizes que és, por que não vais a Jerusalém e te estabeleces como rei? Por que não te fazes coroar? Que adianta gastares teu tempo com a gente pobre da Galiléia? Se és rei, por que te não proclamas a ti mesmo?" Seus próprios irmãos Lhe disseram isso. Era uma dificuldade constante. E isso veio a ser um grande problema na Igreja Primitiva. Havia esses judeus que agora eram cristãos: eles criam que Jesus era o Messias. Daí, como poderiam sujeitar-se a qualquer outra autoridade ou a qualquer outro poder terreno? O Messias era o poder, até mesmo no sentido político, temporal, terreno.

Pois bem, esse era o pano de fundo. E como os cristãos judeus conheciam as Escrituras do Velho Testamento como nenhum dos gentios as conhecia, freqüentemente eles eram os líderes que instruíam outros, e os gentios naturalmente, e cada vez mais, estavam prontos a deixar-se influenciar por eles e a aceitar esse tipo de ensino.

Entretanto depois, acima disso tudo, há algo mais. Parece que no caso da maioria de nós, cristãos, quase instintivamente

entendemos mal o ensino cristão relativo às nossas relações naturais. Este é um ponto interessante. Suponho que muitos de nós passaram por esta fase num período ou noutro, sendo que alguns talvez ainda estejam nela. Temos uma curiosa idéia de que o cristianismo dissolve e elimina as relações humanas naturais.

O que quero dizer assemelha-se ao seguinte: o apóstolo Paulo diz aos Filipenses: "A nossa cidade (cidadania) está nos céus" (Filipenses 3:20), e nós tiramos a conclusão de que, se a nossa cidadania está nos céus, não reconhecemos a Grã-Bretanha nem qualquer outro país ou os seus governos: não pertencemos a eles. A nossa cidadania está nos céus; logo, não mais somos cidadãos terrenos. Esse tipo de ensino exerce atração sobre nós e parece quase inevitável. Achamos que agora somos seres espirituais e que isso nos tira totalmente da esfera natural.

É interessante observar o papel proeminente desempenhado por essa idéia em diferentes períodos da história da Igreja. Há um livro sobre os anabatistas, *The Reformers and their Stepchildren* (Os Reformadores e os seus Enteados), escrito por Leonard Verduin, que mostra os extremos a que alguns deles chegaram, inteiramente por causa dessa idéia. Muitos outros têm se portado de maneiras similares, mesmo no século vinte. Eu mesmo conheço cristãos que pensam desse modo. Tenho até conhecido cristãos que estiveram ou estão a ponto de negar-se a pagar o imposto de renda e que acreditam que certamente o cristão nunca deve tomar parte em política, quer local quer nacional. Eles consideram tudo isso errado por acharem que o cristão agora é cidadão do céu.

Uma tendência de pensar assim tem se mostrado de muitas maneiras diferentes. Alguns cristãos parecem pensar que o cristianismo virtualmente aboliu a diferença entre homem e mulher. Eis um dos problemas práticos que se deve enfrentar. Por exemplo, as mulheres deveriam ser pregadoras? "Naturalmente", dizem eles, "sob a lei judaica havia

diferença, porém Cristo mudou tudo isso. Não, diz Paulo: "Não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea" (Gálatas 3:28)? Tudo isso passou. Como aquelas nacionalidades foram abolidas, assim também a distinção de macho e fêmea desapareceu para sempre. Não se deve perpetuar tais distinções". Tem havido excelentes cristãos – conheci muitos – que se tornaram feministas por essa razão e que argumentam em prol de uma igualdade absoluta em todos os aspectos entre macho e fêmea, entre maridos e esposas.

E então há outros que perguntam: qual a relação entre pais e filhos? Há os que argumentam que não há distinção nenhuma. No momento em que vocês se tornam cristãos, todos vocês se tornam um. Todas estas distinções e divisões naturais já não são aplicáveis. Alguns desenvolvem essa idéia em termos de senhores e servos. Isso era um agudo problema na Igreja Primitiva. Muitos cristãos primitivos pensavam: "Ora, se o meu senhor é cristão e eu também sou, somos iguais. A relação senhor-servo é abolida". E chegavam à mesma conclusão em termos do cristão e o Estado.

Ora, isso parece uma espécie de reação instintiva por parte dos cristãos: eles saltam a tais conclusões por causa de declarações específicas. Mas, particularmente nos primeiros dias da Igreja, havia outra coisa que tendia a levar os cristãos a pensarem desse modo. O apóstolo fala disso no fim deste capítulo: "A noite é passada, e o dia é chegado". Os cristãos diziam: "Estamos prestes a chegar a esta era por vir, a era apocalíptica, de modo que não se deve dar atenção ao que está acontecendo no mundo, nos Estados, etc. Eles são completamente irrelevantes, foram postos fora de ação. Devemos aguardar a vinda do Reino". Há de fato uma indicação na Segunda Epístola aos Tessalonicenses de que havia em Tessalônica algumas pessoas que pararam de trabalhar. Eles diziam que não adiantava nada continuar trabalhando. O fim estava às portas e eles simplesmente esperavam a

vinda do nosso Senhor.

Todas estas coisas conspiravam para deixar os cristãos em considerável confusão. Não os estou criticando porque, como estou tentando mostrar a vocês, há no presente pessoas que caem exatamente nos mesmos erros. Teremos que expor estas coisas em detalhe.

Por causa disso tudo, o apóstolo tem que se ocupar desta questão da relação do cristão com o Estado, e de todas estas outras questões. Examinemos, por exemplo, Efésios, capítulo 5, onde o apóstolo trata da relação entre maridos e esposas. Isto faz parte do ensino cristão, mas muitas vezes é ignorado: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela" (Efésios 5:25). E o apóstolo fala com igual clareza sobre o outro lado: "Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja: sendo ele próprio o salvador do corpo" (versículos 22,23). Por que vocês acham que Paulo escreveu isso? Para divertir-se ou divertir os membros da igreja de Éfeso? Nada disso! Foi pelas razões que acabei de dar a vocês. Havia confusão sobre este ponto, e isso estava tendo um efeito devastador na vida das igrejas, de modo que o apóstolo teve que tratar disso em particular.

Depois, no capítulo seis de Efésios, lemos: "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor" (versículo primeiro). O fato de que você se tornou cristão não significa que não tem mais que obedecer a seus pais; deve fazê-lo. Estas ordens não foram abolidas. "Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa" (Efésios 6:2). Paulo escreve a uma igreja gentílica! Ele cita o Velho Testamento, os Dez Mandamentos: eles ainda subsistem, e ainda são verdadeiros; o cristianismo não os aboliu.

E Paulo prossegue: "E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos"; e depois: "Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de

vosso coração, como a Cristo". Entretanto, por outro lado, ele também tem uma palavra para dizer aos senhores: "E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu" (versículo 9).

Assim vocês vêem por que o apóstolo se acha no dever de tratar deste assunto neste capítulo treze de Romanos. Ele diz exatamente a mesma coisa na Epístola a Tito, no início do capítulo três: "Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e às potestades, que lhes obedeçam, e estejam preparados para toda boa obra". Aí também ele diz isso por causa da confusão que havia na mente dos cristãos primitivos e devido ao estrago que isso estava provocando na causa cristã em geral.

Mas, para que ninguém pense que o que temos aí é apenas um rabi falando, o ex-fariseu, com uma espécie de ressaca do seu velho ensino judaico, permitam-me mostrar-lhes que Pedro ensina exatamente a mesma coisa. Ele escreve: "Sujeitai-vos pois a toda ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior; quer aos governadores como por ele enviados para castigo dos malfeitores, e para louvor dos que fazem o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, fazendo (o) bem, tapeis a boa à ignorância dos homens loucos: como livres, e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus. Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai o rei. Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor aos senhores, não somente aos bons e humanos, mas também aos maus" (1 Pedro 2:13-18).

Este ensino se encontra em todo o Novo Testamento. E em todos os casos ele é ministrado não meramente para corrigir idéias falsas, porém, de maneira ainda mais importante, no interesse do evangelho. Os incrédulos estavam sempre observando, e, se viam trabalhadores cristãos não mais dispostos a trabalhar ou a receber ordens dos seus senhores –

daqueles que lhes pagavam – isso traria má reputação ao evangelho em geral; e foi o que aconteceu. Entre as muitas acusações movidas contra os cristãos, muitas vezes estes eram acusados de anarquistas. Portanto, por esta grande razão, este assunto tinha que ser tratado, e, como o apóstolo estava tratando de toda a questão das relações humanas, viu-se obrigado a considerá-lo aqui.

Por isso afirmo que as palavras de Paulo aqui são uma continuação do tema sobre viver pacificamente com os outros e sobre você não tomar vingança mas deixar que Deus o faça, ou direta ou indiretamente, por meio do Estado, um instrumento que Ele utiliza freqüentemente. Depois, tendo desenvolvido isso tudo em detalhe dessa maneira, no versículo 8 Paulo retoma o seu tema geral do amor a todos os homens.

Penso, pois, que demonstrei para vocês que o que temos aqui não é uma intrusão de matéria estranha. Paulo não está mergulhando de repente em algo que não tem nenhuma conexão com o que vinha dizendo. Não, isso faz parte do mesmo grande tema, e, graças a Deus, Paulo se dá ao trabalho de desenvolvê-lo em detalhe para nós, a fim de podermos ter respostas a essas várias questões que tanto brotam em nossa mente como também nos são sugeridas por outros.

Portanto, que agora me seja permitido dar-lhes uma análise do conteúdo deste capítulo:

Divisão 1, versículos 1 a 7: O apóstolo trata da atitude dos cristãos para com o Estado no qual vivem e para com as exigências do Estado.

Divisão 2, versículos 8 a 10: A regra cristã do amor ao próximo é repetida e reafirmada mais uma vez.

Divisão 3, versículos 11 a 14: Tudo isso é reforçado por um apelo no sentido de que nós, como cristãos, compreendamos que somos apenas estrangeiros e peregrinos neste mundo. Realmente pertencemos à esfera que está por vir, e o nosso comportamento e conduta, enquanto somos deixados

neste mundo, sempre deve ser à luz daquilo que nos espera.

Com efeito, como já vimos, particularmente na primeira divisão, são-nos levantados alguns problemas urgentes, práticos e imediatos. O primeiro é a vida do cristão neste mundo enquanto é deixado nele. Qual será a minha relação com este mundo? Todos nós estamos em relações humanas: não podemos retrair-nos e colocar-nos fora delas, não nos tornamos monges e eremitas. Esse foi o erro fatal dos católicos romanos que (na cristandade) deram começo a toda essa idéia. Não, continuamos vivendo nossa vida no mundo. Como, então, fazemos isso?

O segundo é: qual é o dever do povo cristão para com o Estado? Há questões subsidiárias aqui: qual é a extensão, o limite, da sua sujeição ao Estado? Qual deve ser a sua reação a uma possível rebelião ou revolução no Estado a que eles pertencem? Com muita freqüência os cristãos têm que enfrentar esta questão, e muitos estão tendo que enfrentá-la nos dias atuais.

O terceiro é: qual deve ser o conceito do cristão sobre a questão da pena capital? Muito urgente, não é? Devemos ter uma opinião sobre isso. E qual a posição dos homens e mulheres cristãos com relação a lutarem por seu Estado? Noutras palavras, toda a questão do pacifismo ergue-se agudamente aqui no ensino sobre "a espada".

Quarto: como cristãos, pertencemos à Igreja, mas também pertencemos ao Estado e, assim, como o cristão vê o Estado – não estou pensando tanto no cristão individual quanto na Igreja e o Estado – e qual deve ser a relação entre ambos? Há cristãos que ainda acreditam numa associação estreita, imediata e direta entre a Igreja e o Estado. Essa questão exigiu urgente consideração no tempo da Reforma Protestante, e é uma questão que eu e vocês também temos que considerar. Aqui, nesta passagem, é-nos dada luz e instrução sobre isso, e, ao mesmo tempo, é-nos dito com muita clareza que devemos saber exatamente no que cremos.

E, então, a última grande questão, parece-me, é esta: qual a função dos governos e dos Estados? É muito errado nós, como cristãos, vivermos num país e sermos membros de um Estado e não termos nenhuma idéia sobre isso. Já pensamos nisso? Podemos explicar o nosso ponto de vista? Podemos defendê-lo em termos das Escrituras?

São essas algumas das grandes questões que inevitavelmente são levantadas por esta primeira divisão, e então deixem que eu conclua agora apenas dando a vocês, num amplo esboço, o argumento dos versículos 1 a 7 como o apóstolo o desdobra diante de nós.

Paulo começa dizendo: "Toda alma esteja sujeita às potestades superiores". Essa é a injunção. O resto da divisão dá-nos razões para sujeitar-nos a elas. (Direi a vocês o que ele quer dizer com "potestades superiores" em nosso próximo estudo; por ora, só lhes estou dando um amplo esboço da essência do seu argumento.) Primeiro, na segunda parte do primeiro versículo, Paulo nos dá uma razão positiva para sujeitar-nos a tais poderes: é porque elas são "de Deus". "Porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus." Aí está a sua resposta positiva.

A seguir, no versículo 2, o apóstolo nos dá uma resposta negativa, em duas partes. Se você resistir à potestade, não estará resistindo tanto à potestade como estará resistindo a Deus e à ordenação de Deus; e a resistência à vontade de Deus lhe trará punição.

A terceira razão para obedecermos a esta injunção é dada no versículo 3: não temos necessidade de temer estes poderes ou de considerá-los nossos inimigos como cristãos porque, se realmente os entendermos e se lhe prestarmos obediência, eles não estarão contra nós.

O versículo 4 dá-nos um quarto argumento. O Estado e os poderes do Estado são ministros de Deus, tanto negativa como positivamente, e, longe de serem contra nós, realmente

são por nós e pelo nosso bem.

No versículo 5, Paulo nos diz que, por conseguinte, a nossa sujeição a estes poderes terrenos não deve ocorrer somente por medo do castigo, mas também, e ainda mais, porque compreendemos que eles desempenham um papel e têm uma função no grande e eterno propósito de Deus. Notem como ele o expressa: "Portanto é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência". Obedeçam à potestade, não simplesmente porque vocês têm medo do castigo, e sim porque vocês têm uma idéia positiva a respeito e vêem o papel que ela foi destinada a desempenhar na economia e no governo de Deus.

O versículo 6 dá-nos a base geral do governo e nos diz a razão pela qual devemos sujeitar-nos a ele. Eis o argumento: a razão para pagar tributos (taxas e impostos) é porque as potestades superiores "são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo". É o seu entendimento desta função do Estado, embora nem sempre você esteja consciente disso, que sempre levou você ou outrem a pagar tributos, taxas, etc.

E então, no versículo sete, o apóstolo nos dá o sétimo argumento. É um resumo de tudo o que ele estivera dizendo e uma repetição do apelo no sentido de que nos sujeitemos às potestades superiores. "Portanto dai" – à luz de todos estes argumentos subsidiários – "a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra."

Iremos examinar o sentido das palavras de Paulo numa exposição completa e depois, à luz disso, poderemos considerar os grandes problemas que esbocei para vocês, e os princípios que são levantados por este ensino e que são de imensa e urgente importância prática. Em nosso próprio interesse, e pelo bem dos nossos irmãos que estão em conflito com estes pontos, talvez mesmo correndo o risco de perder a própria vida, convém que tenhamos idéias claras quanto ao ensino do grande apóstolo.

2

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra."
– Romanos 13:1-7

Como já vimos, esta passagem é uma espécie de *locus classicus* para diversas questões urgentes e relevantes concernentes à relação do cristão com o Estado. Mas, antes de podemos lidar com elas, é absolutamente essencial ter claro em nossas mentes o que o apóstolo está realmente dizendo.

E aqui faço digressão, apenas por um segundo, para dizer algo sobre a questão geral da teologia. A teologia deve sempre estar baseada numa acurada interpretação do ensino das Escrituras. Quanto a alguns, há o perigo de poderem derivar seu conhecimento mais da filosofia do que de um cuidadoso estudo das Escrituras. Eles têm a tendência de extrair apenas um certo número de princípios da Bíblia, podendo, dali em

diante, mais ou menos esquecer a Bíblia e efetuar a aplicação por sua própria conta. Segundo penso, esse é um procedimento muito errado. A verdadeira teologia sempre deve basear-se numa cuidadosa e acurada exegese, exposição e entendimento das Escrituras.

Mas, ao mesmo tempo, devemos ser cuidadosos num ponto em particular – e, por ora, deixo a coisa aí – qual seja, não devemos derivar nenhum princípio teológico de uma só declaração escriturística. Devemos ter o cuidado de comparar Escritura com Escritura. Também devemos ter o cuidado de que a nossa exposição de qualquer das declarações das Escrituras não contradiga o claro teor do ensino escriturístico em geral. O que eu quero dizer é isto: vocês estão familiarizados com o fato de que há certos conceitos bem conhecidos, particularmente, talvez, referentes à profecia, que se baseiam inteiramente numa só passagem das Escrituras. Isso é sempre muito perigoso. Há uma correlação, um equilíbrio, nas Escrituras, e, se a nossa interpretação de uma porção das Escrituras não estiver de acordo com o ensino das Escrituras noutras passagens, devemos reexaminar a nossa interpretação.

Por conseguinte, devemos ter em mente estes dois princípios: a teologia deve decorrer de uma fiel exposição da Palavra, e não devemos basear doutrina inteiramente numa só declaração.

Ora, aqui, na primeira divisão, como já vimos, devemos manusear alguns assuntos muito importantes. Nalgumas partes do mundo há cristãos que estão tendo que encarar estas questões com muita argúcia. Qual é a sua relação com o Estado? Qual é a sua relação com certas formas de governo? Como devem desempenhá-la? Como deveríamos desempenhá-la se estivéssemos na situação deles? Só Deus sabe o que nos pode esperar no futuro. Devemos entender bem todas estas questões e habilitar-nos a dar razões da nossa atitude e da nossa prática.

Devemos, pois, ser laboriosos no sentido de afundar-nos no trabalho duro de cavar fundo e extrair a verdade. Às vezes mais difícil que isso é lidar com princípios gerais, porém devemos fazê-lo. Se não pudermos estabelecer a nossa doutrina em termos do que o apóstolo está de fato dizendo, provavelmente essa nossa doutrina é errônea. Devemos então "cingir os lombos do nosso entendimento" (ver 1 Pedro 1:13), arregaçar as nossas mangas espirituais e estar dispostos a pôr mãos à obra. Por isso me proponho a examinar rapidamente o que o apóstolo de fato diz nestes sete versículos. Isso então nos porá em condições de entender claramente a nossa doutrina.

Partamos da injunção: "Toda alma esteja sujeita às potestades superiores". É isso que temos ordem de fazer. Agora vejamos o que exatamente Paulo nos diz sobre isso. Notem que estas palavras são dirigidas, não apenas a alguns cristãos, e sim a todos. No original as palavras "toda alma" são colocadas numa posição que indica ênfase, no começo da frase, mostrando que o apóstolo considera isso muito importante. E em nosso estudo anterior eu apresentei muitas razões para isso. As Escrituras tratam muitas vezes deste ponto. Os apóstolos tiveram que tratar disso na Igreja Primitiva porque havia pessoas que tropeçavam em tolas interpretações do ensino cristão e pensavam que, uma vez que você se tornou cristão, terminou com este mundo e pode evadir-se ao Estado – a falácia disso. Por isso aqui está: "toda alma" deve sujeitar-se às "potestades superiores".

Que será então que o apóstolo quer dizer com "potestades superiores"? A palavra grega aqui traduzida por "potestades" significa "autoridades". Estas potestades são autoridades que se colocaram sobre nós, digamos assim. Esse é o sentido literal. Paulo se refere àqueles que são investidos de certos poderes de governo.

Mas, que é que Paulo quer dizer com "potestades superiores"? Tem havido muito debate entre os comentadores

sobre isso, e se vê isso em certas traduções. A Nova Bíblia Inglesa ("NEB"), como é chamada, diz que devemos obedecer aos poderes "supremos". Todavia, sugiro-lhes que essa tradução é completamente errônea. Paulo não está traçando uma distinção entre os poderes supremos, os um pouco inferiores e os muito inferiores, mas está falando de uma categoria que abrange "as potestades superiores" (ou, VA: "os poderes mais altos"). Inclui toda e qualquer pessoa dotada de dignidade e autoridade e que esteja ou seja colocada acima de nós, que nos sobrepuje, que esteja numa posição que está acima da nossa. Portanto, a Versão Autorizada (inglesa, do Rei Tiago), está certa aqui: os poderes "mais altos" é uma boa tradução.

Ao mesmo tempo, o apóstolo não nos diz, como alguns o interpretam, que só devemos obedecer às boas potestades, e não às más. Absolutamente não é isso que ele diz. Ele diz simplesmente que devemos sujeitar-nos às potestades que estão sobre nós, quer boas quer más.

Nesta conexão há outro ponto que somos compelidos a examinar, como sabe todo aquele que está familiarizado com esta palavra "potestades" nas Epístolas do Novo Testamento. Vocês verão que em quase cada exemplo, fora o de Tito 3:1, a palavra "potestades", no plural – forma que o termo toma geralmente no Novo Testamento – refere-se a poderes angélicos, não a poderes terrestres. Permitam que eu lhes dê uma ou duas ilustrações para mostrar-lhes o que quero dizer. Vejam 1 Coríntios 15:24: "Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império, e toda potestade e *força*" (plural no grego).

E há outros casos, ainda mais claro. Tomemos a conhecida declaração que se lê quase no fim do capítulo primeiro da Epístola aos Efésios. Referindo-se ao nosso Senhor, Paulo escreve: "...ressuscitando-o (Deus a Cristo) dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus. Acima de todo principado, e *poder* (plural), e potestade, e domínio, e de todo nome que se

nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" (versículos 20 e 21). Exatamente a mesma idéia acha-se em Efésios 3:10, onde Paulo diz: "Para que agora, pela igreja" – por meio da Igreja – "a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e *potestades* nos céus"; na conhecida declaração de Efésios 6:12: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as *potestades*, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais; e também em Colossenses 1:16; 2:10 e 15; e em 1 Pedro 3:22.

Pois bem, é dessa maneira que esta palavra "potestades" ou "poderes" é geralmente empregada no Novo Testamento. Por isso muitos pensam que o apóstolo a emprega com esse sentido aqui, em Romanos, ou, em todo caso, que ele está dizendo que os poderes humanos, terrenos, estão sob o controle de poderes angélicos, de modo que, em última análise, devemos sujeitar-nos a estes poderes angélicos que estão sobre nós e acima de nós.

Pois bem, que achamos disso? Teríamos aqui uma dupla referência, por assim dizer, em parte a poderes e governos terrenos, mas também a poderes invisíveis, poderes angélicos, espirituais, que habitam nos lugares celestiais e exercem influência sobre este mundo? Não há dúvida de que esse ensino era corrente no século primeiro. O apóstolo diz em Efésios 2:1,2: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados. Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Mas, estaria ele se referindo a isso em Romanos, capítulo 13?

Naturalmente não podemos provar isto de modo absoluto, mas me parece que aqui é quase certo que o apóstolo só está pensando em termos de poderes humanos. Por que digo isso? Bem, meu principal argumento é que esta é uma divisão muito prática de Romanos. Em toda a linha Paulo está preocupado com as nossas relações com os seres humanos em

nosso contato com eles, que ocorre de várias maneiras. Assim, por essa razão, sugiro que aqui a mente do apóstolo está preocupada exclusivamente com os poderes terrenos. Não significa que eu não acredito que estes poderes terrenos são influenciados pelos poderes espirituais invisíveis. Creio nisso decididamente. Tenho dito muitas vezes deste púlpito que essa é a única maneira pela qual eu posso explicar um homem como Hitler, e muitos outros poderes da história da humanidade. Não é possível explicá-los meramente como seres humanos; indubitavelmente havia por trás deles e neles um poder demoníaco, e esse poder estava operando por meio de Hitler e de outros da mesma laia. Mas aqui Paulo está falando de governos e autoridades terrenos.

A injunção do apóstolo, é, pois, que devemos sujeitar-nos aos poderes mais altos. E aqui também há uma frase muito interessante: "esteja sujeita às". Segundo as autoridades competentes, a palavra que o apóstolo emprega aqui é, em seu sentido radical, um termo militar que indica soldados em ordem unida sob o seu general e sujeitos ao seu comando. Ali estão eles, em fileiras, na área de revista das tropas, aguardando suas ordens. Esse é o sentido original da palavra.

Mas a questão que tem sido levantada é: estaria Paulo apresentando a idéia de obediência a esses poderes? Estaria ele dizendo: "Toda alma obedeça aos poderes mais altos"? Muitos são os que adotaram essa idéia, porém me parece que isso é ir um pouco longe demais. Voltarei a este ponto quando passarmos a elaborar a nossa doutrina da relação do cristão com o Estado.

Há muitos motivos pelos quais hesito em dizer que as palavras "esteja sujeita às" significam "obedecer". Primeiro, existem outras três palavras gregas que significam "obedecer", e elas são geralmente utilizadas no Novo Testamento quando os escritores querem transmitir a noção de obediência. Mas o apóstolo não faz uso de nenhuma delas aqui, e, em vez disso, usa esta palavra particular. É uma palavra empregada

trinta vezes no Novo Testamento, e às vezes há em seu uso uma sugestão da noção de obediência. Nós já a tivemos em Romanos 8:7, onde lemos: "Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é *sujeita à* lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser". Suspeita-se a presença de uma idéia de obediência ali, e, contudo, mesmo ali não a acho muito forte. Entendo que o termo ali sugere outra coisa, como veremos. Em todos estes trinta casos não é a idéia de obediência que predomina no uso desta palavra.

Que se deve entender, então? Bem, examinemos alguns dos versículos nos quais esta palavra é empregada. Vejam, por exemplo, 1 Coríntios 16:16. Paulo diz no versículo 15 – "Agora vos rogo, irmãos, (sabeis que a família de Estéfanas é as primícias da Acaia, e que se tem dedicado ao ministério dos santos)". E então, no versículo 16 – "Que também *vos sujeiteis aos* tais, e a todo aquele que auxilia na obra e trabalha". As palavras "vos sujeiteis aos" são uma tradução da mesma palavra grega. O sentido não é tanto de obediência como de sujeição: não que eles devem obedecer a estas pessoas, e sim que devem sujeitar-se a elas.

Todavia, há um exemplo muito mais interessante em Efésios 5:21: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus". É a mesma palavra. Ora, é muito difícil entender isso como significando "obedecer uns aos outros", no sentido de obedecer aos referidos poderes mais altos.

Depois, em Efésios 5:22 e nas passagens paralelas de Colossenses 3:18 e 1 Pedro 3:1 e 5, as mulheres são exortadas nestes termos: "*Sujeitai-vos a* vossos maridos, como ao Senhor". Pois bem, de novo, examinem isso e vejam se ficarão satisfeitos em interpretá-lo em termos de uma obediência quase mecânica. Não é essa a idéia predominante aí. As mulheres devem sujeitar-se a seus maridos, mas o apóstolo já havia dito a todos eles, maridos e mulheres, que se sujeitassem uns aos outros. Exagerar na idéia de obediência resultaria em caos. Como é que as mulheres poderiam obedecer a seus

maridos, se os maridos também tivessem que obedecer a suas mulheres?

Em Tito 3:1 Paulo escreve sobre a sujeição às autoridades civis, e ali, de maneira muito interessante, vemos as duas idéias pondo-se à mostra: "Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e às potestades, que lhes obedeçam, e estejam preparados para toda boa obra". Pedro tem essa mesma idéia: "*Sujeitai-vos* pois *a* toda ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superiores; quer aos governadores como por ele enviados para castigo dos malfeitores, e para louvor dos que fazem o bem" (1 Pedro 2:13,14). Tiago também faz um uso particularmente proveitoso desta palavra: "*Sujeitai-vos* (sede sujeitos) pois a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tiago 4:7).

Portanto, à luz desses exemplos, penso que devo concordar com aqueles que nos dizem que o apóstolo nos dera a chave para o entendimento desta palavra em Romanos 12:10 – lembrem-se de que tratamos daquele versículo* – "Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo--vos em honra uns aos outros". Isso faz parte do caráter cristão. O cristão não se afirma pessoalmente, não se impõe, mas dá lugar a outros. Vê-se o mesmo ensino em Filipenses 2:3: "Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo".

E aí, conforme penso, está a conotação da expressão "esteja sujeita às". Significa que reconhecemos os outros cristãos como representantes de Cristo e permitimos que as suas prerrogativas sobre nós sejam maiores que as nossas sobre eles. E em Romanos, capítulo 13, Paulo nos diz que devemos considerar estes poderes mais altos dessa maneira. Não devemos vê-los propriamente em si mesmos, porém devemos

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre o Capítulo 12: O Comportamento Cristão*. Publicações Evangélicas Selecionadas, 2003.

compreender o que eles são e o que lhes é dado quanto ao que são e quanto à sua posição. Como cristãos, devemos honrá-los, respeitá-los, colocar-nos sob eles, por assim dizer, e submeter-nos a eles. O apóstolo não está pensando numa obediência cega: devemos descartar-nos totalmente dessa noção. Tampouco está falando de uma obediência sem crítica, pela qual automaticamente fazemos tudo o que nos é ordenado.

Quando chegarmos à doutrina, vocês verão como é importante interpretar corretamente esta expressão, "esteja sujeita às", tendo em mente Efésios 5:21, onde, vocês se lembram, Paulo escreve: "Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus". Paulo está descrevendo uma atitude mental na qual reconhecemos certas coisas como estando em (dada) posição, e agimos e nos comportamos de acordo com esse reconhecimento.

Portanto, essa é a grande e abrangente injunção: "Toda alma" – cada pessoa – "esteja sujeita às potestades superiores", e, como já vimos, Paulo prossegue e nos dá razões para fazê-lo. Primeiramente, ele nos dá uma razão positiva, e o faz em duas declarações. Primeiro, em resposta à pergunta "Por que devemos sujeitar-nos às potestades superiores?", ele diz: "Não há potestade que não venha de Deus". E depois repete isso, dizendo: "As potestades que há foram ordenadas por Deus". Com a expressão "potestades que há" Paulo se refere às "potestades que estão em existência", e claro está que, naquele tempo, ele estava pensando particularmente no governo imperial de Roma, encabeçado pelo imperador. Ele se refere aos poderes que estão governando e mantendo a lei e a ordem. Em sua primeira declaração Paulo está dizendo que não existe poder em si e de si, mas todos provêm de Deus. Depois, em sua segunda declaração, ele expressa isso ainda mais especificamente e afirma que Deus nomeou estes poderes, deu-lhes existência e lhes designou o seu lugar; eles foram constituídos por Ele e é Ele que os mantém em sua

posição. Eles continuam sendo o que são porque Deus determinou que assim seja.

Esta é uma declaração muito importante, mas notemos, de passagem, que Paulo não está dizendo que todo e qualquer ocupante particular de uma posição elevada foi necessariamente ordenado por Deus. Pode incluir isso, mas ele não o está dizendo concretamente. Tudo o que ele está dizendo é que o governo, a lei e as autoridades são ordenadas por Deus. Se Deus ordenou que Nero, em particular, ocupasse a posição imperial, Paulo realmente não nos diz, mas o que ele de fato diz é que o *ofício* de Nero certamente havia sido ordenado por Deus.

Naturalmente, este ensino não era novo. A idéia geral de que "as potestades que há" são ordenadas por Deus é ensinada no Velho Testamento, e todos os judeus estavam mais que familiarizados com ela. Por isso devemos sempre denunciar todo ensino que coloque um calço entre o Velho e o Novo Testamentos; e ainda mais qualquer ensino que diga que o cristão não precisa do Velho Testamento. Romanos 13:1 é uma das declarações que mostram a continuidade dos dois – que é o mesmo Deus levando a cabo o Seu grande propósito no Velho e no Novo Testamentos, que não houve mudança nas ordens da criação, nas ordens naturais, em conseqüência da vinda do cristianismo.

A primeira real declaração disso, parece-me, está em Gênesis 9:5,6, onde lemos: "E certamente requererei o vosso sangue, o sangue das vossas vidas; da mão de todo animal o requererei; como também da mão do homem, e da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem". Naturalmente vamos voltar a isso quando chegarmos à questão geral da pena capital.

Mas também se acham no Velho Testamento outras declarações desta mesma doutrina. Por exemplo, em 2 Samuel

12:7 lemos: "Então disse Natã a Davi: tu és este homem. Assim diz o Senhor Deus de Israel: eu te ungi rei sobre Israel, e eu te livrei das mãos de Saul. E te dei a casa de teu senhor, e as mulheres de teu senhor em teu seio, e também te dei a casa de Israel e de Judá..."

Vocês vêem o mesmo ensino em Jeremias, capítulo 27: "Eu fiz a terra, o homem, e os animais que estão sobre a face da terra, pelo meu grande poder, e com o meu braço estendido, e a dou àquele que me agrada em meus olhos. E agora eu entreguei todas estas terras na mão de Nabucodonosor, rei de Babilônia, meu servo" – notem, "meu servo" – "e ainda até os animais do campo lhe dei, para que o sirvam. E todas as nações o servirão a ele, e a seu filho, e ao filho de seu filho, até que também venha o tempo da sua própria terra, quando muitas nações e grandes reis se servirão dele" (versículos 5-7). Também há em Daniel passagens que de fato expõem este ponto com muita clareza. No capítulo 2 nos é dito que é Deus que estabelece e remove os reis (versículo 21). Vê-se o mesmo ensino nos versículos 17, 25 e 32 do capítulo quatro, e no capítulo 5, versículo 21.

Daí, a primeira razão, a razão positiva, para nos sujeitarmos a estas potestades é que elas são ordenadas por Deus e que não há nenhum poder independente dEle. Mas depois, no versículo dois deste capítulo treze, Paulo continua e nos dá uma dupla razão negativa. Primeira: "Quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus". Note-se que a palavra grega traduzida por "resiste" significa "pôr-se contra", "organizar uma batalha contra", e Paulo está dizendo que, como os poderes que há são ordenados por Deus, resistir a eles é resistir a Deus. É interessante observar que Paulo muda o tempo verbal aqui. Aqueles que resistem às potestades superiores estão se colocando na posição – na posição permanente – de antagonismo contra Deus, e, claro, isso é coisa que não se deve fazer.

A segunda parte da razão negativa é que as pessoas que

resistem a Deus dessa forma "trarão sobre si mesmos a condenação", o que significa juízo; será proclamada uma sentença contra eles. Aqui também há uma questão interessante que tem agitado a mente dos comentadores. Eles perguntam: quem julgará tais pessoas? Quem pronunciará esta sentença sobre eles? Há os que dizem que isto só se refere a Deus. Dizem eles que Paulo se deu ao trabalho de dizer que não existe poder que não seja de Deus, que os poderes que há foram ordenados por Ele, e que se você resistir aos poderes, estará resistindo a Ele, e então, esta palavras obviamente significam que é Deus que irá aplicar a punição.

No entanto, à luz dos versículos subseqüentes, nos quais o apóstolos continua a explicar que Deus faz uso dos poderes terrenos para levar a cabo as Suas sentenças, não posso aceitar que é somente Deus que executa o juízo. Prefiro dizer que este versículo significa que aqueles que resistem receberão juízo e punição da parte de Deus por meio dos poderes civis que Ele ordenou com esse propósito. Certo é que, em acréscimo, eles receberão juízo diretamente de Deus, mas não neste mundo; até neste mundo poderão recebê-lo, porém, em última instância, isso ocorrerá no juízo final. Essa é, então, a segunda razão para nos sujeitarmos às potestades que há.

E isso leva a uma terceira razão para nos sujeitarmos aos poderes mais altos. Ora, por natureza as pessoas temem os governantes e os poderes, e Paulo procura ajudar-nos dizendo que não há necessidade desse temor. E assim ele cuida de argumentar: "Porque os magistrados...". Ele não está simplesmente continuando. O "Porque" não faz simples ligação com o fim do versículo dois. Paulo se refere ao seu assunto geral e praticamente diz: "Os governantes e os magistrados não estarão contra nós, se nos sujeitarmos a eles. Se formos bons, nada teremos que temer; eles realmente só estão contra o mal". Você vê o argumento dele? Não tenha medo deles; se você não estiver contra eles, eles não estarão contra você.

E a seguir Paulo faz uma pergunta: "Queres tu pois não temer a potestade?" O que realmente significa: você quer, então, é sua vontade, é seu desejo, não temer as potestades? Se é o que você quer, "Faze o bem, e terás louvor delas". Não pretendo entrar nisso agora; vou reservá-lo para a doutrina, a qual explicará a nossa relação com estes poderes, o que eles fazem por nós, etc. Mas, longe de ser punido pelos poderes, você será elogiado por eles, eles o ajudarão e serão de proveito para você em sua vida cristã.

No versículo quatro Paulo nos dá a quarta razão, qual seja, que o Estado, estes poderes mais altos, são de fato servos de Deus, e sua função é atender ao nosso bem positivo e também punir-nos, se procedermos mal. "Ela" – esta potestade superior – "é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal." Notem as duas coisas declaradas – a positiva e a negativa – "Ela é ministro de Deus para teu bem": sendo assim, você só terá que ter medo se fizer o mal, porque, nesse caso, lembre-se de que ela "...não traz debalde a espada...".

Devemos notar duas palavras aqui. A primeira é a palavra "ministro", que aparece duas vezes: "Ela é ministro de Deus para teu bem"; "é ministro de Deus, e vingador para castigar o mal". A palavra empregada pelo apóstolo significa "servo, em sua atividade". Um servo continua sendo servo quando não está fazendo nada, mas aqui a idéia é de um servo fazendo o seu trabalho.

Segundo, a palavra "espada" – e não há dificuldade nisso. Desde tempos imemoriais, é costume fazer da espada símbolo dos magistrados. Parece que era costume dos imperadores romanos, quando nomeavam um governador de província, dar-lhe uma adaga quando ele iniciava as suas funções. Conta-se que certa ocasião o imperador Trajano deu uma adaga a um homem que ele tinha nomeado governador de uma parte do seu grande território. E, quando lha deu, disse:

"Por mim; se o merecer, sem mim" – com isso ele estava demonstrando o grande princípio de justiça. Disse ele: estou lhe dando esta adaga para você usar em meu favor, mas, se você vir que sou um transgressor, use-a "em mim". E, creio que ainda é costume em certas ocasiões, quando o principal magistrado é designado e vai a um serviço cívico, alguém levar a espada na frente dele. A espada representa a autoridade e o poder dados por Deus a tais pessoas, e isso indo ao ponto de, se necessário, tirarem a vida como punição por maus atos; porém, lembrem-se, é tudo pela causa de Deus. Eis o que importa: "Ela é ministro de Deus para teu bem". Sim, mas, se você agir mal, "é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal". Portanto, não se esqueça disso.

Chegamos então ao versículo cinco, e daqui em diante a argumentação é muito simples. À luz disso tudo, diz o apóstolo, vocês têm duas razões para sujeitar-se a estes poderes mais altos. A primeira é que devem sujeitar-se "pelo castigo" (ou, VA: "pela ira"), porque serão punidos se não se sujeitarem; por isso, sujeitem-se a eles para evitarem esta ira, este castigo.

Mas, acima e além disso, Paulo diz: sujeitem-se aos poderes mais altos "também pela consciência". Ora, Paulo não quer dizer apenas que haja sujeição porque a sua própria consciência está falando, mas porque vocês, como cristãos, agora entendem qual é a natureza dos poderes; já não são ignorantes. Paulo diz: este ensino está no Velho Testamento, e eu também lhes estou dizendo que não existe nenhum poder independente de Deus, e que os poderes que existem são ordenados por Deus. Portanto, se você for contra isso, estará indo contra o que conhece, e não somente contra o que conhece, porém também contra o que os seus irmãos na fé cristã conhecem junto com você. Estará indo contra o conhecimento comum aos cristãos que entendem o ensino da Palavra de Deus sobre este assunto vital.

Depois, no versículo 6, Paulo usa um argumento muito

forte. Diz ele: vocês não devem ter nenhum problema acerca disto porque já estão obedecendo a esta injunção – "Por esta razão também pagais tributos", o que quer dizer, "pagais taxas e impostos". Por que os pagam? Porque reconhecem a autoridade e o poder do Estado, porque crêem que é certo fazê-lo.

Agora vem uma declaração sumamente interessante: "porque" as pessoas a quem vocês pagam as taxas e os impostos "são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo". Pois bem, já tivemos a palavra "ministro" – ocorre duas vezes no versículo quatro. Contudo, coisa interessante, no versículo 6 vemos que o apóstolo não emprega a mesma palavra grega. No versículo 4, como por certo vocês se lembram, a palavra contém a idéia de um servo visto em sua atividade; aqui a palavra indica um ministro público. A ênfase agora não é ao homem fazendo o seu trabalho, mas ao ofício como tal, salientando a solenidade e a dignidade do ofício.

A mesma palavra é utilizada com referência aos sacerdotes em seu trabalho no templo. Na verdade é uma palavra que foi empregada no capítulo oito da Epístola aos Hebreus: "Ora, a suma do que temos dito é que temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da majestade, *ministro* do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem" (versículos 1,2). "Ministro"! Justamente a palavra aqui empregada para descrever as potestades que há. Portanto, aqui o apóstolo está dizendo que estas potestades têm um ofício que, em certos aspectos, é comparável à posição dos sacerdotes no templo.

Muito bem, eu espero que vocês todos já estejam olhando adiante, e que estejam começando a ver a importância disso tudo em conexão com a relação do cristão individual com o Estado e com as potestades que há. São ministros de Deus, "atendendo sempre a isto mesmo". Que será "isto"? Alguns dizem que se refere apenas ao recebimento dos impostos e taxas. Nada disso! Refere-se ao exercício das funções acerca

das quais o apóstolo vem falando em toda esta seção. Portanto, o seu argumento é que pagamos taxas e impostos para manter em existência o Estado e suas funções, para mantê-los em andamento, porque reconhecemos que são designados por Deus.

Isso nos leva então ao versículo sete, onde o apóstolo resume o seu argumento por meio de uma exortação final: "Portanto dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra". "Dai"! (VA: "Entregai"!) Aqui temos outra palavra interessante. Significa realmente devolver, pagar de volta algo que constitui uma dívida nossa. Essa é a nossa relação com esses poderes. E a palavra "deveis" traz consigo a mesma idéia. É algo devido, um débito, uma obrigação moral. É assim que devemos ver toda esta questão de pagamento de taxas.

Depois, a palavra aqui traduzida por "tributo" significa taxa direta. Era esse o tipo de taxa a que se referiram os saduceus e os herodianos quando perguntaram ao nosso Senhor: "É lícito dar o tributo a César, ou não?" (Marcos 12:14). Por outro lado, "imposto" significa taxa indireta. Conhecemos a diferença que existe entre taxação direta e taxação indireta, não conhecemos? Pelo menos deveríamos conhecer! Isso se aplica a cada um de nós; nós pagamos taxas diretas e indiretas.

De fato, a única real dificuldade que há no versículo 7 está na palavra "temor": "Dai... a quem temor, temor". Este é um verdadeiro problema. Estaria Paulo pedindo que temamos as potestades que há? É o que parece. Mas há várias razões que, penso eu, nos levam à conclusão de que neste ponto ele não está pensando nelas. Concordo com os comentadores que opinam que a referência aí é a Deus. Temos aí um óbvio paralelo com Marcos 12:13-17. Quando perguntaram ao nosso Senhor sobre o pagamento de taxas a César, a resposta que Ele deu foi: "Dai... a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Ele os colocou juntos. E eu acredito que Paulo está fazendo algo parecido aqui.

Usualmente no Novo Testamento, quando aparece a palavra "temor", refere-se a Deus. O Novo Testamento nunca faz uma exortação a que temamos as autoridades civis. Ele nos diz que as honremos, que nos sujeitemos a elas, não porém que as temamos. Pedro diz quase a mesma coisa em 1 Pedro 2:17: "Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai o rei", e é interessante ver este paralelo. Estas palavras são tão semelhantes que realmente não podemos ignorá-las. Em 1 Pedro: "Temei a Deus. Honrai o rei"; em Romanos, capítulo 13: "A quem temor, temor; a quem honra, honra". Isso me parece decisivo em nossa interpretação deste ponto, e também vai ser muito importante quando chegarmos à doutrina.

Não nos é dito que temamos as potestades; na verdade, com muita freqüência nos é dito que não as temamos, que deixemos que elas façam o que quiserem, por assim dizer. Pensem nas grandes declarações que já estudamos em Romanos, capítulo 8, concluindo com as palavras triunfais: "Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou" (versículo 37), muito embora sejamos levados como ovelhas para o matadouro todo o dia. "Estou certo", diz Paulo, "de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor." Essa deve ser a nossa atitude.

Entretanto, para mim, este argumento é arrematado final e definitivamente pelas palavras do nosso Senhor no início de Lucas, capítulo 12: "E digo-vos, amigos meus: *não* temais os que matam o corpo, e depois não têm mais que fazer. Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer; temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse temei" (versículos 4,5).

Portanto, por essas razões, eu digo que quando o apóstolo

nos diz, "Dai... a quem temor, temor", está nos dizendo que temamos a Deus, e quando ele escreve, "a quem honra, honra", está se referindo ao rei, ao imperador, ao parlamento, ao magistrado, às autoridades cívicas, ou a quem quer que tenha poder.

Assim pois, tendo feito o que podemos chamar de trabalho pesado, tendo examinado as declarações em detalhe, devemos estar agora em condições de encarar estas grandes e desafiadoras questões, estes princípios e doutrinas concernentes às nossas relações com o Estado.

3

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

Já completamos uma exegese detalhada dos primeiros sete versículos de Romanos, capítulo 13, e foi importante empreender esse trabalho árduo. Vocês não podem chegar a um conhecimento da doutrina ou do ensino, a não ser que tenham claro em suas mentes o que exatamente o apóstolo está dizendo. Portanto, passamos agora a considerar o ensino que o apóstolo nos ministra aqui. Este ensino é muito importante porque o apóstolo está tratando da questão geral da relação dos homens e mulheres cristãos com o Estado e com as leis do país em que acaso vivam.

Este não é um assunto tratado muitas vezes nas Escrituras, e é isso que faz desta passagem uma espécie de *locus*

classicus com relação a esta questão. E é por isso que, de tempos em tempos, na longa história da Igreja, estes versículos têm recebido atenção muito especial.

Quando vocês lerem a história da Igreja, constatarão que aqueles que pertencem ao povo de Deus, quando eram verdadeiramente espirituais em seu pensar e em sua perspectiva, muitas vezes tiveram que considerar com muito cuidado o ensino desta seção do texto por causa das dificuldades quanto aos Estados nos quais eles viviam. Evidentemente, isso era verdade sobre os cristãos primitivos, e neste século vinte veio a ser mais uma vez um assunto vitalmente importante, tanto nos países desenvolvidos como em muitos dos países jovens, emergentes. Conseqüentemente, os cristãos têm sido forçados a considerar esta passagem mais vezes do que o fizeram por vários séculos. O fascismo, o nazismo e outros ensinos têm obtido ascendência na mente dos reis e governantes de diferentes países, e me parece que, se o mundo continuar seguindo o curso atual, a relação do cristão com o Estado vai se tornar um assunto cada vez mais importante.

Temos tido pessoas prestando culto nesta igreja que já tiveram que encarar justamente este ensino, devido a situações surgidas em seus países. Estavam em lugares em que ocorreram rebeliões e revoluções e onde tudo tinha mudado, e por isso eles, como cristãos, tiveram que decidir qual seria a sua relação com isso tudo e o que deveriam fazer a respeito. E quem sabe se nós todos, de diversas, maneiras, não vamos ter que enfrentar estas mesmas questões nos anos futuros?

O primeiro princípio a que devemos dedicar a nossa atenção é o da relação, em geral, dos cristãos com o mundo no qual se acham. Como tenho assinalado, alguns têm a tendência de pensar que, devido se terem tornado cristãos, não estão mais envolvidos na vida deste mundo, e que de um modo ou de outro podem pôr-se fora. Bem, este assunto é muito importante porque ainda estamos neste mundo e fazemos

parte da sua vida. Num sentido espiritual, não somos deste mundo, mas estamos nele em praticamente todos os outros sentidos – e é aí que a dificuldade surge com muita freqüência.

Permitam que eu expresse o ponto da seguinte maneira: o fato de que temos nos tornado cristãos não significa que "as ordens da natureza", como as podemos denominar, foram canceladas ou ab-rogadas. E aqui estou pensando, não somente em nossa relação com o Estado, e sim também nas questões de casamento e de sermos machos e fêmeas. Vejam as palavras de Paulo em 1 Timóteo, capítulo 2. O apóstolo lembra ali a Timóteo que ensine aos outros que, embora seja certo que do ponto de vista da salvação não mais existam macho e fêmea, continua havendo uma distinção, mesmo na Igreja. O fato de sermos cristãos não acaba com a diferença das posições relativas de homens e de mulheres. "Não permito... que a mulher ensine", diz Paulo. Por que ele diz isso?

Muitas vezes se tenta explicar essas palavras de Paulo dizendo que ele era limitado pelas circunstâncias e pela cultura do seu tempo, especialmente entre os pagãos. Contudo, isso não funciona. O apóstolo está declarando um princípio existente desde a Queda. Em 1 Timóteo 2:14 Paulo assinala que foi a mulher que caiu primeiro e que por isso ela sofre certas conseqüências. E vocês podem ler quais são em Gênesis.

É isso que eu quero dizer com ordens da natureza. Há relações fundamentais na vida, e elas estão estabelecidas nas Escrituras; e o fato de nos tornarmos cristãos não faz nenhuma diferença para elas. Portanto, o casamento e a relação de marido e esposa, de homem e mulher, a relação de pais e filhos, e de trabalho, etc., não foram mudadas porque nos tornamos cristãos. Mas, por que é assim?

Eis a resposta: porque este é um mundo de Deus. Deus o criou, Ele formou o homem e a mulher, Ele fez tudo; e o fato de que o mundo caiu não o impede de ser um mundo de

Deus. Deus continua a sustentá-lo. Ele ainda faz "que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos" (Mateus 5:45). Noutras palavras, devemos ter todo o cuidado de nunca dizer que Deus abandonou o mundo por causa do pecado. Na verdade, devemos ser positivos: é propósito de Deus restaurar o mundo, não somente à sua condição original, porém fazendo dele algo ainda mais glorioso.

Nunca devemos esquecer-nos de que o plano divino de redenção aplica-se a todo o universo. No entanto isso, naturalmente, não significa que todos serão salvos. O que estou dizendo é que Ele vai redimir todo o cosmos. Isso é exposto claramente em Efésios 1:10: "De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; nele".* Esse é o propósito de Deus. O mundo não será deixado ao diabo. Não, não; todo o cosmos será restaurado a um estado de perfeição. E é por isso que nós, como cristãos, não devemos retrair-nos e evitar o mundo.

Ou deixem-me dizê-lo nestes termos: o Senhor Jesus Cristo não é tão-somente o Salvador pessoal de todos os que nEle crêem; Ele é o Senhor do universo. Jamais nos esqueçamos disso. Há um grave perigo de vermos a nossa salvação em termos tão subjetivos, tão pessoais, que acabamos excluindo muito da grandeza e da glória do ensino do Novo Testamento, e reduzindo o propósito de Deus a algo que nos faz felizes enquanto estamos aqui e nos salva do inferno. Graças a Deus, é isso, mas isso não é tudo. Pedro declarou ao sinédrio: "Deus... o elevou a Príncipe e Salvador" (Atos 5:31). Ele é o Senhor da história.

Releiam o capítulo 5 do Apocalipse, sobre o livro que foi selado e sobre como não havia ninguém que fosse digno de romper os selos e abrir este livro da história. Só houve um

---

* Em Almeida, na NVI, etc., "nele" faz parte do versículo 11. Nota do tradutor.

que pôde: "o Leão da tribo de Judá" (Apocalipse 5:5). Nunca nos esqueçamos de que o nosso Senhor disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mateus 28:18). Ele está assentado à destra de Deus, esperando até que os Seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés (Hebreus 10:12,13). O mundo não sabe disso, porém Ele já reina. Todas as coisas estão em Suas mãos e em Seu poder. Ele já está controlando o mundo maravilhosamente.

Portanto, à luz disso tudo, os cristãos não devem apenas cultivar suas almas. Essa é a primeira, a mais importante coisa a fazer, mas não devem parar aí. Não devem pensar em si mesmos como pessoas não interessadas no mundo; não devem dizer: "Nada importa senão a minha alma e o seu cultivo".

Temos aí, então, segundo me parece, o substrato de todo este ensino. Certo é que, concretamente, ninguém se põe fora da vida. É aí que os que caem nessa falácia são incoerentes. Eles ainda comem e bebem como todo o mundo; eles ainda têm que realizar algum trabalho; eles ainda têm que trabalhar ou agir com outras pessoas. Entretanto não devemos retrair-nos do mundo nem em pensamento. Esse é o ponto que estou tentando estabelecer.

Mas agora chegamos a uma das aplicações particulares desse princípio – o conceito cristão sobre o Estado. Aqui eu quero salientar o fato de que estou tratando do *conceito* do cristão; não da sua relação com o Estado, mas do seu entendimento disso. Se o nosso entendimento não for correto, obviamente a nossa relação prática será errônea. Por isso precisamos ter primeiro uma idéia bem clara sobre o Estado e o governo, sobre tudo quanto aqui se chama "as potestades que há". Há muita confusão sobre este assunto e muito pensamento não bíblico e sentimental, e aí está por que esta passagem é crucial.

Que será, então, que nos é ensinado aqui? Bem, primeiramente e acima de tudo, como cristãos cremos que as

potestades que há foram ordenadas por Deus: "Porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus". Essa é a declaração fundamental. O Estado e o governo, os magistrados, etc., não são uma invenção humana, não são um desejo ou projeto humano. A despeito dos conceitos das chamadas "autoridades de primeira linha", asseveramos com base nas Escrituras que os homens e as mulheres não evoluíram de animais. Tampouco sua cultura e seu governo. Absolutamente não! Estas coisas são resultados da ação e da atividade de Deus. Foi Deus que ordenou o Estado. O conceito evolucionista lhes dirá que a humanidade foi gradualmente pensando nestas coisas, que elas evoluíram como resultado de ensaio e erro. Isso é totalmente errado. Vocês encontram todos os princípios formulados no Velho Testamento.

Entendamos bem isso. O apóstolo está dizendo que governo, lei e ordem são idéia de Deus. Ele não está dizendo que todo governo particular ou que todos os governantes maus são necessariamente ordenados por Deus; sua preocupação é com a concepção geral sobre governo, lei e ordem. Essa é a nossa primeira proposição.

A segunda é que o apóstolo não nos diz que esta ou aquela forma particular de governo é a que foi ordenada por Deus. O que ele diz é que o conceito de governo é ordenado por Deus. Noutras palavras, ele não diz, por exemplo, que a monarquia e alguma aristocracia foram ordenadas por Deus. Não diz que o governante deve ser um imperador, ou que a democracia é a única forma certa de governo, ou que só é certa alguma oligarquia. Ele não menciona nada dessas coisas. Tudo o que ele está dizendo é que Deus ordenou que haja governos, que haja lei e que haja ordem.

E eu dou ênfase a este ponto porque é realmente muito importante. Tiago I, da Inglaterra, costumava ensinar "o direito divino dos reis", mas não há sanção escriturística para isso. Na verdade, pode ser que algumas das pessoas

que argumentam em seu favor em termos do Velho Testamento não percebam que Israel era uma teocracia, ocupando um lugar e uma posição muito especiais, e por certo elas esquecem até que o Velho Testamento estabelece bastante clara e especificamente que a mulher nunca deve exercer o governo! Os reis não são ordenados contrariamente a outros governantes. Não há nada nas Escrituras que diga que república é forma errônea de governo – absolutamente nada. Tudo o que o apóstolo diz é que é preciso haver governo, uma autoridade constituída, e é possível ter governo sob uma república bem como sob um rei, ou imperador, ou sob qualquer forma que o governo possa assumir em diferentes países e em diferentes épocas.

Chego agora ao terceiro ponto. Dado que os cristãos reconhecem o Estado e o governo, e reconhecem que é preciso haver alguma autoridade constituída, qualquer que seja a forma que tome, para manter a lei e a ordem, deveriam eles então procurar estar ativamente envolvidos no governo do seu país, e deveriam ter alguma participação na direção de uma guerra? Esta é também uma fonte de muita confusão, e em geral as pessoas se vêem em posições contraditórias. Permitam-me relatar-lhes um caso que exemplifica o que quero dizer. Lembro-me de que por ocasião da erupção da última guerra,* aconteceu que eu estava numa conferência, e a questão geral da relação do cristão com o Estado estava na agenda porque muitos cristãos estavam em dúvida sobre o que deveriam fazer.

Começamos discutindo o papel que o cristão deve desempenhar no governo e na ordenação da vida de um país. Pois bem, havia lá um homem que se opunha violentamente a isso. "Política?", dizia ele, "É jogo sujo!" Ele insistia em dizer que os cristãos não deviam ter ligação nenhuma com a política, quer local quer nacional. E, todavia, aquele homem

* A Segunda Guerra Mundial.

ocupava honrosa posição no exército britânico. Tinha muito orgulho de atuar no exército e disse que concitava os jovens a se alistarem imediatamente. Por isso eu simplesmente declarei a ele que, enquanto ele considerava a política, que deve impedir as guerras, como jogo sujo, era evidente que para ele combater e matar pessoas não era.

Esse é o tipo de pensamento sentimental e superficial que por vezes acontece. É evidência da pura incapacidade de pensar bem nas coisas, especialmente da incapacidade de pensar de maneira escriturística. Um texto freqüentemente citado em defesa dessa posição é "Saí do meio deles, e apartai-vos" (2 Corintios 6:17), com base em que ele ensina que você não deve ter nenhuma ligação com política e governo, uma vez que isso envolve misturar-se com incrédulos. Mas há uma resposta imediata e óbvia a isso. Eu assinalo que muitas vezes aqueles que falam estrondosamente coisas como essas trabalham diariamente com incrédulos. Fazem isso para ganhar o pão de cada dia e agem visivelmente inconscientes de que estão fazendo justamente aquilo que eles dizem que nunca se deve fazer.

Permitam-me oferecer-lhes uma ilustração deste ponto. Em 1862 foi publicado um pequeno livro: Arthur Pridham sobre Romanos. Pridham era um excelente expositor, mas quando chega a esta passagem diz coisas realmente notáveis.

Ele escreve:

> *Se o crente há de adornar a doutrina de Deus, deve exercitar-se de molde a ter uma consciência livre de ofensa.*

Totalmente certo.

> *Deve esforçar-se para andar inculpavelmente aos olhos do Senhor a quem ele serve.*

Outra vez, certíssimo!

> *Ele propriamente nada tem a ver com a decisão sobre*

> *questões políticas; ele tem que sujeitar-se*

e o itálico é de Pridham

> *a toda ordenação do homem, em consideração ao Senhor.*

Deus vem perante ele nas ordenações dos homens. E neste ponto ele tem uma interessante nota de rodapé:

> *Em parte alguma as Escrituras vêem o cristão como governante. A razão disso é, não somente o fato de que naquele tempo nenhum governante tinha abraçado a fé, mas mormente, parece-me, a incompatibilidade do puro princípio cristão como algo assim compreendido, com as regras sobre as quais só o mundo consente em ser governado. A carne não reconhecerá o espírito, e o mundo não obedecerá a Cristo. Um governo conduzido na energia do Espírito Santo e de acordo com a verdade de Deus não seria outra coisa senão a própria Igreja.*

Essa é uma declaração perfeitamente clara, não é? Pridham está dizendo que o cristão não deve ter nada a ver com a questão de governo. Diz ele que, em sua opinião, o cristão jamais pode ser um governante – rei, rainha, imperador, primeiro-ministro ou qualquer outra coisa, e nem mesmo um magistrado.

Todavia, permitam que lhes mostre que completa confusão é isso. Pridham está escrevendo no contexto deste capítulo treze de Romanos, e quão lamentavelmente ele perde de vista os próprios princípios estabelecidos nesta passagem. Também é interessante notar que ele faz essas declarações, em vez de oferecer uma exegese dos versículos particulares.

Pridham diz que não havia governantes cristãos naquele tempo, e naturalmente isso é a pura verdade. Mas, que é que isso tem a ver com a questão em foco? Em 1 Timóteo, capítulo 2, o apóstolo ensina que devemos orar pelos reis e por todos os que estão em eminência (ou, VA: "em autoridade") Que é

que devemos pedir a Deus para eles? Paulo continua e diz que devemos orar pela salvação deles: "(Deus) quer que todos os homens se salvem" (versículo 4), o que se refere aos reis e aos que estão em autoridade, como também a outros. Vejam vocês, alguns dos cristãos primitivos não oravam por eles; tais governantes, achavam eles, estavam fora da categoria (de salvação).

"Não, não", diz praticamente Paulo. "Orem pela salvação de toda classe de homens. Orem pelos reis, rogando que sejam salvos, como também por muitas pessoas comuns."

Contudo, que ridículo, se logo após a sua conversão o rei tivesse que abdicar da sua alta posição!

Com base nas Escrituras, não há nenhuma razão para dizer que o cristão jamais pode ser governante. Muito ao contrário, pois, se "as potestades que há foram ordenadas por Deus", certamente deveríamos estar interessados em ter as melhores pessoas imagináveis nessas posições de poder. Por isso devemos orar por elas dessa maneira.

Mas há mais uma falácia na argumentação de Pridham. Ele cai na idéia errônea de que o cristão não deve ter nenhum interesse por coisas que não sejam específica e diretamente cristãs. Essa é a verdadeira falácia. Baseia-se na óbvia diferença entre carne e espírito – ele diz: a carne não reconhecerá o espírito". O mundo é a carne, e ele não dará ouvidos ao Espírito, e o cristão está no Espírito. Disso Pridham conclui que o cristão não deve ter nenhum interesse pela carne.

Entretanto isso é uma heresia muito perigosa porque os cristãos ainda têm que funcionar na carne, ainda têm que viver neste mundo. Ainda subsistem todas as ordens da natureza; elas continuam em existência. Além disso, é-nos dito que é dever do cristão reconhecer e submeter-se às potestades que governam e obedecer-lhes o melhor que puder. Há certas restrições, das quais tratarei mais adiante, mas, em princípio, é isso que nos é dito. Portanto, devemos interessar-nos pelas coisas da vida que não são especificamente cristãs.

Permitam que eu dê mais um passo: como todos os demais, os cristãos estão envolvidos em questões não especificamente morais ou espirituais, e sim neutras. Dou-lhes um ou dois exemplos. De que se ocupa o governo? Sua preocupação é com a prevenção de assaltos e roubos, a manutenção da ordem, o controle do tráfico, o escoamento de água e esgoto, a preservação da saúde pública. Bem, essas coisas não são nem morais nem espirituais – chamo-as neutras. Do ponto de vista da saúde pública, da lei e da ordem, de dirigir no lado certo da estrada, de observar os sinais e o código de trânsito, não há diferença entre o cristão e o incrédulo. Os cristãos estão envolvidos em todas essas coisas, e, portanto, devem interessar-se por todas elas.

Ou vejamos as questões econômicas. Falando em termos gerais, eu defendo a posição segundo a qual as questões relacionadas com a economia também não são nem espirituais nem morais, e sim neutras. Contudo, são muito importantes. Quando são gerenciadas de maneira própria, beneficiam a todos nós. Se são mal conduzidas, todos nós sofremos, cristãos e os que incrédulos igualmente. Daí, como cristãos, é nosso dever ter interesse por essas coisas. Devemos preocupar-nos em assegurar que as melhores mentes se apliquem a elas. Não nos retraímos. Compreendemos que o governo local e nacional é essencial para a ordenação da vida, para tornar possível a vida civilizada para a comunidade dos homens e das mulheres. E nós não somente reconhecemos isso, mas nos submetemos a isso.

Então, aí está a falácia essencial de Pridham. Ele parece pensar que o cristão só deve interessar-se pelas questões espirituais. Mas não se pode viver dessa forma; estamos necessariamente envolvidos em questões neutras, e as coisas que são cuidadas pelos governos se enquadram principalmente nesta categoria. Deixarei isso ainda mais claro, espero, quando passar a tratar da relação entre Igreja e Estado, todavia nesta altura eu o deixo aqui como um princípio geral.

E então, o último ponto de que tratarei sob este título particular é que Pridham faz outra pressuposição falsa. O seu argumento, por certo vocês recordam, é que o cristão não pode e não deve participar do governo do seu país por causa da diferença existente entre espírito e carne: o mundo não adotaria o conceito cristão porque o mundo é carne e o cristão é espírito. Pridham entende que só há um conceito cristão sobre todas as coisas com as quais o governo se preocupa. Mas certamente isso é uma tremenda falácia. Haveria só uma idéia entre os cristãos com relação à economia ou a qualquer destas questões? A resposta é, total e francamente, não. É por isso que eu sempre me oponho à idéia de que deveria haver um partido político cristão neste país. Nalguns países vocês verão tais partidos, porém, ao que me parece, isso se baseia num entendimento completamente errôneo deste ensino.

Não se pode ter um partido político cristão porque os cristãos sustentam idéias diferentes sobre a economia e sobre outros pontos. Pode-se ter igualmente bons cristãos no Partido Conservador, no Partido Liberal e no Partido dos Trabalhadores. Que é que os separa? Não o seu cristianismo, não o seu ponto de vista espiritual, e sim, as suas opiniões relativas a problemas específicos na área da economia, ou mesmo de saneamento básico, ou em qualquer destas outras questões que a lei e o governo têm que considerar.

Pois bem, não estou dizendo que o fato das pessoas serem cristãs não faz nenhuma diferença quanto aos seus conceitos sobre estas questões. O que estou dizendo é que não se pode dizer que existe "o conceito cristão" sobre a maioria destas questões que devem ser consideradas pelas potestades que há. E claro está que, historicamente, sempre se dá o caso de cristãos divergirem uns dos outros em muitas destas questões, sem que isso se reflita em seu cristianismo.

O desenlace disso tudo é que pode muito bem acontecer que alguns cristãos sejam chamados para ocuparem altas posições: pode-se ter um rei cristão, uma rainha cristã, um

primeiro-ministro cristão, magistrados cristãos, etc. A idéia de que os cristãos não devem exercer estas funções e de que pecariam se o fizessem, é uma completa falácia. Os cristãos que pensam dessa forma estão se fechando em si mesmos, só interessados no trato e cultivo da sua própria alma, e isso, parece-me, é uma total negação do ensino destes sete versículos.

O quarto princípio que se segue sob este título geral, que trata do conceito do cristão sobre o Estado, relaciona-se com as perguntas: "Que pensa o cristão sobre a função do Estado? Qual é o objetivo e propósito do Estado? Que se supõe que ele faça?

Bem, não há dificuldade alguma quanto à resposta: o apóstolo no-la dá aqui, nestes mesmos versículos que estamos considerando, e também no-la dá em 1 Timóteo, capítulo 2, onde ele escreve: "Admoesto-te pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens" – por todas as classes de homens – "pelos reis, e por todos os que estão em eminência" – por quê? – "para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade" (versículos 1,2). Essa é realmente a função do governo: ordenar uma vida quieta e sossegada.

O Estado faz isso de duas maneiras. Negativamente, restringe o mal e suas manifestações. O governo veio a ser uma necessidade por causa da Queda. Visto que os homens e as mulheres caíram, tornaram-se avessos à lei e egoístas, tornaram-se cruéis e vis, e precisam ser mantidos em ordem. A razão para isso, permitam que o repita, é, em última instância, que este mundo é de Deus, e Deus pôs limites aos efeitos do mal. Se não o fizesse, é quase impossível imaginar o que aconteceria. Indubitavelmente, o mundo ter-se-ia destruído há séculos. Mas Deus ordenou este limite e convocou as potestades que há para, por meio delas, restringir as conseqüências do mal. Entretanto, como o Estado faz isso? O apóstolo nos dá uma clara explicação nestes versículos: "Os

magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más... se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal". Assim, negativamente, o Estado restringe o mal de duas maneiras: com suas advertências e com suas punições dos malfeitores.

Segundo, e positivamente, é função do Estado promover o bem-estar de todos. Sua obra não é unilateral. É destinada ao louvor dos que fazem o bem: "Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem". Que é que Paulo quer dizer com este segundo aspecto da obra do Estado? De que modo o Estado nos louvará, se tivermos uma vida moralmente boa, cumpridora da lei e honrosa? Como é que o Estado é "ministro de Deus" para o cristão?

A resposta é dada nas palavras de Paulo em 1 Timóteo, capítulo 2. Quando o Estado funciona como deve, podemos ter vida tranqüila e bem ordenada. Essa é uma grande vantagem para o cristão. O estado nos incentiva a sermos cidadãos da lei, e na medida em que nós e os demais o somos, isso é bom para nós. Podemos orar mais, podemos dedicar mais tempo à leitura das Escrituras, podemos vir em segurança à casa de Deus para prestar culto juntos e para louvar o nome de Deus. É bom para o povo cristão que o Estado cumpra a sua verdadeira função de manter a ordem e a paz. E quando os cristãos fazem isso, quando cumprem as leis e animam os outros a fazerem o mesmo, o Estado os louva e se agrada deles.

Permitam-me dar-lhes somente uma ilustração. Nunca esqueço o que, logo depois do fim da última guerra, me disse um homem de Deus, o professor Kish, da Hungria, o grande anatomista, que tinha vindo à Grã-Bretanha. Quando me encontrei com ele, ele me contou uma coisa muito interessante que tinha acontecido na Rússia durante a guerra. Eu me lembrava de ter lido nos jornais que Stalin tinha dito que os cristãos não deviam ser perseguidos e molestados como

tinham sido, que as leis contra eles deveriam ser relaxadas, e eu interroguei o professor Kish sobre isso. Ele, com seu conhecimento da Rússia e dos soldados russos (a Hungria, é claro, fica perto da Rússia) pôde dar-me a explicação completa.

Foi o seguinte: naquela época a Rússia estava numa situação desesperada, precisando urgentemente do trabalho duro de cada homem e de cada mulher, e as informações que chegavam a Stalin – observações procedentes dos comissários – eram que os operários melhores e mais confiáveis nas fábricas eram aqueles indivíduos estranhos chamados cristãos. Os cristãos estavam fazendo o que o Estado lhes ordenava, e o faziam melhor que qualquer outro. E, que foi que aconteceu? Bem, eles receberam louvor de Stalin, exatamente como Paulo diz: "Faze o bem, e terás louvor dela". As leis contra eles foram relaxadas – o que foi uma forma de lhes dar louvor. Assim, eles receberam aquele incentivo simplesmente porque estavam sendo obedientes às leis.

Consideraremos mais outros aspectos da incumbência que compete ao Estado de reprimir o mal e premiar o bem, quando tratarmos da "espada" e da questão da pena capital, que é um assunto que se restringe a si próprio.

Chegamos agora ao quarto ponto. Há uma pergunta final, que é a seguinte: acaso os cristãos devem procurar mudar o caráter do Estado? Eles reconhecem que o Estado é ordenado por Deus, e entendem a sua função. Eles compreendem que devem preocupar-se com ele e interessar-se por ele, que devem ser-lhe sujeitos, que não devem retrair-se, mantendo-se afastados dele. E então fica a pergunta: os cristãos deveriam tomar parte em tentativas de mudar a natureza do Estado? Noutras palavras, deveriam os cristãos envolver-se numa rebelião ou numa revolução?

É meu privilégio conhecer amigos cristãos que visitam a Capela de Westminster, vindos de diferentes países da América do Sul. Pois bem, nalguns desses países são muito freqüentes rebeliões e revoluções. Qual deve ser a atitude dos

cristãos? Essa questão também teve que ser enfrentada em países da África e noutros países. Ela foi levantada neste país no século dezessete – a grande questão com a qual se defrontaram os puritanos – e na América, no século dezoito. Pensem nesses cristãos, os descendentes dos pais peregrinos e outros que saíram deste país. Qual era a situação deles na Guerra da Independência Americana? Era correto eles tomarem parte nela?

Esta questão, que tantas vezes surgiu no passado e que está conosco no presente, tem a probabilidade de reaparecer no futuro.

Pois bem, há pessoas que acham que não há dificuldade nisso – Pridham, obviamente, era dessa opinião. Elas citam a declaração que lemos em 1 Pedro, capítulo 2: "Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor aos senhores, não somente aos bons e humanos, mas também aos maus. Porque é coisa agradável, que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente. Porque, que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis, mas se, fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus" (versículos 18-20). Isso, pensam tais pessoas, resolve a questão. Os cristãos sempre devem obedecer ao Estado, por muito que sofram; nunca devem fazer nada com vistas a mudar a forma de governo. Mas, estaria certo isso?

Pridham é bastante específico sobre isso. Permitam que transcreva para vocês as suas palavras:

> *O reconhecimento da misericórdia divina numa política tranqüila e bem ordenada, onde se desfrutam a liberdade pessoal e uma ampla variedade de imunidades desejáveis, é uma obrigação diária que se impõe ao coração de todos os cristãos esclarecidos.*

Temos esse tipo de governo, e ele diz que devemos dar graças a Deus por isso.

> *Mas, quanto aos homens que estão em Cristo contenderem por tais coisas como seus direitos, e, ainda mais, que cristãos, como muitas vezes se dá nos dias atuais, se empenhem em compelir os poderes governamentais a se inclinarem à sua vontade, com toda a certeza indica a perda daquela posição separada de estrangeiros celestiais, posição pertencente ao crente em sua união com o Cristo ressurreto.*

Expresso em outras palavras, Pridham diz que nunca é certo o cristão tentar mudar o governo. Outra vez ele tem uma nota de rodapé:

> *Uma das falácias mais comuns e mais perniciosas dos nossos dias é a pressuposta distinção entre compulsão moral e força física. Num ou noutro caso, é a vontade do homem alcançando o seu fim pelo domínio imposto ao poder oponente. A Palavra de Deus ordena a sujeição a Si na pessoa do governante. Um movimento revolucionário de qualquer espécie tem sua origem na insatisfação da parte governada; tão logo se sente a injustiça, procura-se removê-la. Se uma reivindicação é recusada, recorre-se a um ditame arbitrário pela força moral da opinião expressa.*

E ele de fato desaprova fortemente isso. "Isso estaria de acordo com a mente de Deus?", pergunta ele, condenando com isso Oliver Cromwell e todos os puritanos do século dezessete, que lutaram pela mudança do governo então vigente. Ele condena também todos os cristãos que tomaram parte na Guerra da Independência Americana, na qual foi obtida a liberdade do domínio exercido por este país.

Todavia, seria isso mera questão de opinião pessoal? Não – eu respondo que certamente há princípios objetivos, princípios bíblicos. Deus ordenou a lei. Muito bem. Se a própria lei nos permite a possibilidade de mudar o sistema, certamente temos o direito de tirar proveito dela para isso. Noutras palavras, a lei nos permite ter eleição geral, e desse

modo mudar o governo, e é certo os cristãos fazerem isso.

Pode-se, porém, levar esta questão para além desse ponto. Entendo que a questão geral quanto ao cristão pertencer a um sindicato vem sob este título. Se o sistema pelo qual os homens e as mulheres trabalham hoje é o de cooperação entre empregadores, sindicatos e governo, se foi isso que as potestades que há decretaram e consignaram como lei, eu digo que os cristãos devem envolver-se; não devem ficar de fora. O cristão ser membro de um sindicato não é pecado. Os sindicatos fazem parte do curso seguido pela sociedade, da ordenação das nossas atividades nos dias atuais.

Mas esperem um minuto! Que dizer de participar de greve? Bem, a pergunta que faço é: ela é uma greve legal? E a resposta é que é. A lei deste país permite greves, contanto que sejam greves legítimas, e se os cristãos se contentam em que elas produzam condições melhores, eles têm direito de participar delas.

Lembrem-se, porém, de que os contratos precisam ser honrados, precisam ser cumpridos. Esse é um princípio absoluto. Mas, se a lei lhes permite rever o contrato e tentar conseguir um melhor, vocês têm todo o direito de agir nesse sentido. Não há nada inerentemente anticristão nisso. Esta é também uma das questões neutras a que já nos referimos. Honrem o seu contrato, porém procurem melhorá-lo sempre, se puderem. A greve é a medida extrema, e só deve ser tolerada porque é permitida pela lei. É o último recurso, mas não há nada que seja inerentemente mau nela.

Contudo, que é que se pode falar sobre a rebelião? Seguramente, como cristãos, temos o direito de argumentar que, se um Estado, um rei, um imperador, um governante, um ditador ou quem quer que seja se torna tirânico, significa que esse Estado está violando a lei da sua própria existência e constituição como vem formulada em Romanos 13:2. É dever do Estado e do governo reprimir o mal e recompensar o bem; sua função é manter uma vida tranqüila, pacífica e ordenada.

É para fazer isso que Deus o chama. Portanto, tendo sido instituído para benefício da humanidade, o Estado deve ser servo, não senhor. Por conseguinte, no momento em que o Estado se transforma em senhor e tirano, está desobedecendo à lei de Deus que o trouxera à existência, e ele próprio deve ser punido; e a forma que a punição toma é que o governo é posto fora e substituído por outro que esteja disposto a se deixar guiar pelo ensino de Romanos 13:1-7.

Nesta altura não vou tratar da questão sobre se vocês devem contender para conseguir isso. Esse ponto virá quando considerarmos a questão da espada em termos do pacifismo.

Paro, pois, por aqui. Quero expressar o meu espanto ao ver como vocês ouviram tudo isso, apesar de não haver nenhum aquecimento neste edifício esta noite! Só lhes digo isso agora. Se lhes dissesse antes, vocês tremeriam de frio. Mas deliberadamente não lhes disse e, vejam vocês, não fez muita diferença – ao menos eu espero que não! Eu, falando, mantive-me aquecido, claro.

Até aqui examinamos somente um aspecto deste assunto – a relação geral do cristão com a vida, o conceito cristão do Estado. Não saltem para demasiadas conclusões! Só estou formulando princípios gerais; querendo Deus, vamos considerá-los em detalhe.

4

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

Tendo explicado em detalhe estas palavras, indiquei que agora estamos em condições de considerar alguns dos grandes problemas e princípios que são levantados e tratados neste capítulo. Romanos, capítulo 13, é uma passagem única das Escrituras, como os que conhecem a Bíblia perceberão. Mais do que qualquer outra porção das Escrituras, ela trata extensamente de alguns dos problemas práticos enfrentados pelos cristãos em sua relação com o Estado, e, por isso, sua importância é muito grande.

Já consideramos a relação do cristão com o mundo em geral, e também tratamos de conceito do cristão sobre o Estado e suas funções. Chegamos agora à atitude dos homens e

mulheres cristãos para com o Estado e à sua relação com ele. Parece-me que esta é a ordem lógica. Antes de tudo, precisamos ter um correto conceito sobre o Estado. Vocês não poderão determinar qual deve ser a sua relação com ele, nem qual deve ser a sua atitude para com os decretos e leis enquanto não entenderem bem o que as Escrituras nos ensinam sobre o natureza e a função do Estado.

Ora, penso eu que vocês verão que sempre houve dois conceitos extremos nos quais as pessoas correm o perigo de cair quanto à sua relação com o Estado. O primeiro é o que posso chamar conceito tradicional. Através dos séculos, muitos cristãos têm acreditado que sempre devem estar preocupados em manter o *status quo* e que a fé cristã está sempre do lado do privilégio.

Esse conceito data de cerca de 325 d. C., quando o imperador de Roma, Constantino, decidiu introduzir o Império Romano na Igreja Cristã. Desde aquele tempo a Igreja tem sido sempre amiga dos reis, imperadores, príncipes, duques, condes e nobres. Daí a tendência de alguns interpretarem o ensino bíblico como se ele estivesse fortemente em apoio do que em geral se pode denominar aristocracia e do conceito aristocrático de governo. Esse conceito ainda é apresentado por muitos hoje em dia. Dizem eles que o ensino cristão dá total apoio a uma estrutura aristocrática da sociedade e do governo, e por conseguinte insistem com as pessoas que se contentem com aquilo que lhes coube. Na verdade, não somente isso, eles defendem a idéia de que todos têm o dever de continuar como são e de não buscar mudar sua posição na vida.

O modelo mais extremista dessa atitude particular que já encontrei talvez seja a atitude para com os negros, atitude com a qual, para meu espanto, topei entre alguns amigos do outro lado do Atlântico. Eles eram cristãos, bons cristãos evangélicos, e eles sustentavam fortemente a idéia de que os negros foram destinados a serem servos, que foram destinados

a uma posição de subserviência. Isso, diziam eles, porque descendiam de Cão, cujos descendentes foram destinados a serem rachadores de lenha e tiradores de água (Deuteronômio 29:11).* Portanto, até considerar a idéia de dar liberdade a tais pessoas foi um erro, quanto mais almejar o fim da sua segregação ou considerá-las iguais nalgum aspecto.

Menciono isso simplesmente para ilustrar o meu ponto – mas não precisamos ir aos Estados Unidos para encontrar exemplos. A conhecida escritora de hinos, Sra. C. F. Alexander, cujos hinos cantamos freqüentemente, escreveu no século dezenove:

O rico em seu castelo,
O pobre em seu portão;
Deus os fez nobre e humilde
E ordenou sua condição.

Como muitos evangélicos daquele tempo, a Sra. Alexander acreditava que essa estrutura tinha sido estabelecida e ordenada por Deus. Esse era um ensino popular e comum. Por isso é tão importante que sejamos muito cautelosos em nossa leitura desta porção das Escrituras, e em nossa interpretação das Escrituras em geral. E foi por isso que me empenhei tanto em nosso estudo anterior para demonstrar que o que Deus ordenou é governo, "as potestades que há" e que mantêm a lei e a ordem, e que Ele não ordenou nem prescreveu nenhuma forma particular de governo, e também não ordenou nenhum detentor particular deste ou daquele ofício. Crer de outra forma é repetir o erro da Sra. Alexander.

Naturalmente, se vocês acreditam que Deus ordenou "o rico em seu castelo, o pobre em seu portão", vão ter que aceitar a conclusão lógica de que eles devem continuar nessa posição e que seria um erro mitigar os sofrimentos do pobre no

* Ver Josué 9:21, sobre os gibeonitas. Nota do tradutor.

portão ou melhorar sua condição, ou talvez tomar um pouco do rico em seu castelo.

No outro extremo, é evidente, está a anarquia, ou a idéia de uma democracia correndo solta; e tem havido muitos que se entregaram a essa idéia. Eu poderia dar-lhes ilustrações provenientes de todos os séculos. Na Grã-Bretanha esse tipo de pensamento foi corrente particularmente pouco antes da metade do século dezessete. Após a Guerra Civil, ou ao menos depois da sua primeira parte, quando Cromwell e o exército assumiram o poder, havia os que se chamavam "Homens da Quinta Monarquia", e outros. Esses homens, tendo obtido alguma liberdade, defendiam um tipo de anarquia – sem lei nem ordem de espécie alguma, e tudo de pernas para o ar.

São esses, pois, os dois extremos, e o certo é que ambos são totalmente errôneos. O ensino do apóstolo nestes sete versículos não dá suporte nem a uma nem a outra dessas duas idéias. Não, sugiro-lhes que esta passagem ensina algo nas seguintes linhas: está claro que devemos sujeitar-nos ao Estado, aos poderes governamentais que existem. Esta é uma coisa na qual todos nós devemos concordar. O cristão sempre deve ser um bom cidadão, e pacífico. Devemos chegar ao ponto de dizer que os cristãos devem ser sempre os melhores cidadãos do país. Sua fé não lhes dá maior poder cerebral, porém, por exemplo, eles não prejudicam a sua mente bebendo muito nem comendo demais, e assim por diante. Eles devem ser homens e mulheres melhores do que qualquer outra pessoa, e, portanto, devem ser os melhores cidadãos.

Mas isso, devo reiterar, é simplesmente porque são cristãos. Como o apóstolo o expressa no versículo 5: "É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pela ira...". Esta é uma das grandes diferenças entre o cristão e aquele que não é cristão. No que se refere aos incrédulos, o principal motivo para a observância da lei é a ameaça de punição, de modo que eles chegam o mais perto que podem da linha, o suficiente para

não serem apanhados. Ira! Em geral, eles são governados pelo temor da ira. Há exceções, bem sei, mas, falando em termos gerais, a verdade é essa. Nada senão o medo faz as pessoas se conformarem à lei.

No entanto, quanto ao cristão não é esse o caso. "É necessário que lhe estejais sujeitos", diz Paulo, "não somente pela ira, mas também por causa da consciência", o que significa que, como já vimos, como cristãos vocês entendem algo deste assunto. São somente os cristãos que enxergam a real necessidade que temos do Estado. Somente os cristãos realmente acreditam no pecado, sabem o que é o pecado e conhecem o poder que ele tem na vida de cada pessoa. Eles compreendem, como ninguém mais, até que ponto o pecado pode levar-nos, tanto individual como coletivamente. Também vêem mais claramente do que quaisquer outras pessoas a necessidade de controlar o pecado e suas manifestações e conseqüências. É por isso que os cristãos sempre devem estar do lado da lei e da ordem. Os humanistas absolutamente não acreditam no pecado, de modo que não vêem a mesma necessidade de legislação, e daí vocês verão que, como regra geral, eles se opõem a diversas leis. Voltarei a isto um pouco mais adiante.

Mas os cristãos não somente vêem a necessidade de lei, controle e ordem, porém também sabem que o próprio Deus fez e faz provisão para a manutenção da vida. Procurem pensar no que seria a vida no mundo se de repente fossem banidas as leis; se fossem banidas a força policial e todas as coisas destinadas a preservar a lei e a ordem.

Os cristãos têm algum entendimento destas coisas. É o que se quer dizer com consciência. E por isso eles sabem da necessidade de disciplina e de punição. Por essas razões eles devem sujeitar-se ao Estado e aos seus decretos. Mas eu devo apressar-me a acrescentar que há restrições a essa declaração, há um limite fora do qual ela não é verdadeira. Está claro e patente nas Escrituras que, se o Estado se puser entre mim e a

minha relação com Deus, não devo obedecer-lhe.

Permitam que eu lhes dê uma prova disso. Vocês a encontram, por exemplo, em Atos dos Apóstolos, capítulo quatro. Pedro e João tinham sido detidos por pregarem e por terem curado o homem que estava junto à Porta Formosa do templo, e tinham sido arrastados para a presença dos poderes governamentais. Depois lemos nos versículos 18-20: "E, chamando-os, disseram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem, no nome de Jesus. Respondendo, porém, Pedro e João, lhes disseram: julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido".

Isto se repete no capítulo cinco, depois que de novo disseram aos apóstolos que parassem de pregar. No versículo 28 as autoridades lhes dizem: "Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina, e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem. E Pedro e os outros apóstolos responderam: "Mais importa (é) obedecer a Deus do que aos homens".

Pois bem, a princípio vocês poderiam pensar que isso contradiz o versículo primeiro do capítulo treze, onde o apóstolo Paulo diz: "Toda alma esteja sujeita às potestades superiores". Todavia há uma restrição: as potestades que há são designadas para o cumprimento da vontade de Deus, e se elas a frustrarem ou tentarem frustrá-la, e procurarem impedir as pessoas de observá-las e cumpri-las, essas pessoas terão o direito de dizer-lhes: "Mais importa (é) obedecer a Deus do que aos homens". Isso está bastante claro em Atos dos Apóstolos, e era baseados nesse princípio que os cristãos primitivos agiam.

Mais tarde, certamente, muitos cristãos estiveram nessa situação. O Estado, o Estado romano, não somente via no imperador um governante e um líder, mas também o deificava e o adorava; os romanos diziam: "César é Senhor". Quando

diziam aos cristãos que eles também tinham que declarar isso, eles replicavam: "Sabemos que Jesus é Senhor, e não podemos adorar nenhum homem". E então se defrontavam com a escolha – ou diziam "César é Senhor", ou eram levados à morte. E estavam muito dispostos a morrer, antes que fazer aquela declaração. Nesse ponto eles acertadamente se recusavam a sujeitar-se às potestades que há. Eles desobedeciam a elas e estavam prontos a sofrer as conseqüências da sua desobediência.

Portanto, devemos sujeitar-nos às potestades superiores enquanto elas não se puserem de um modo ou de outro entre nós e a nossa lealdade a Deus e aos mandamentos que Ele nos deu.

Há um segundo limite, que é importante, e que pode vir a ser ainda mais importante para todos nós, como atualmente o é para muitos dos nossos irmãos em Cristo noutros países. Pode-se dizer que a primeira restrição por mim formulada é a imposta pela liberdade de consciência. O Estado jamais deve tiranizar a minha consciência, e quando a minha consciência me diz que me estão pedindo uma coisa que transgride a minha relação com Deus, eu atendo à minha consciência.

Este é um princípio firmados no qual muitas vezes os cristãos têm resistido. Se o Estado tentar impedir você de pregar o evangelho, não lhe dê ouvidos. Os apóstolos Pedro e João foram lançados na prisão por pregarem; depois foram libertados milagrosamente, e, que foi que fizeram? Imediatamente saíram e foram pregar de novo. Desobedeceram deliberadamente a uma injunção legal, que "não falassem, nem ensinassem, no nome de Jesus" (Atos 4:18).

"Mas", disseram eles, "temos que fazê-lo."

E claro está que isso aconteceu muitas vezes daí em diante. Durante a Reforma e no tempo dos puritanos, proibições similares foram repetidas freqüentemente, porém os crentes continuaram pregando a verdade, achando que deviam fazer isso, dissesse o Estado o que dissesse. Liberdade de consciência!

Mas isso eu quero restringir também, e, outra vez, este ponto é muito importante. Até para a nossa reivindicação de liberdade de consciência há limite. E uma vez mais eu desejo ilustrar isso referindo-me – por ser uma ilustração conveniente – a alguns daqueles grupos de pessoas que floresceram em Londres no fim da década de 1640 e no início da de 1650. Houvera uma rebelião e uma revolução, e o rei tinha sido morto. Liberdade! Livres enfim! Todavia algumas daquelas pessoas perderam a cabeça – digo-o num sentido metafórico! – e achavam que agora todo homem e mulher tinha direito de dizer: "Vou fazer o que *eu* acho que é certo". Entretanto isso é anarquia. Quando um homem diz que vai obedecer à sua consciência, sempre, sem nenhuma exceção, não está sendo um crente na liberdade, mas na licença. Aí vocês vêem a diferença que existe entre uma sociedade ordenada e a ilegalidade ou anomia.

Portanto, embora em geral seja certo e legítimo dizer que as pessoas sempre devem obedecer à sua consciência, não devem fazê-lo em todos os pontos, sem levar em conta os decretos do Estado. Afinal de contas, os homens e as mulheres têm que viver em sociedade. "Porque nenhum de nós vive para si", diz Paulo (Romanos 14:7). O fato de que temos potestades que há, o fato de que Deus ordenou Estados, indica que todos nós fomos destinados a viver em comunidade. Você não pode viver como um ser isolado, e nem deve querer isso, porque, evidentemente, isso é contra a vontade de Deus. Mas a vida comunitária é completamente impossível, a não ser que saibamos quais são os limites da nossa asserção de liberdade de consciência. Se todos dissessem "Só vou fazer o que *eu* acho certo", vocês podem ver que a vida se tornaria impossível.

Em certos pontos, todos nós devemos reconhecer que, se o Estado editar uma lei de acordo com a sabedoria da maior parte do país, devemos deixar-nos guiar por essa decisão – porém lembrem-se de que eu estou excluindo desses pontos a nossa relação com Deus e a necessidade de liberdade de culto.

Houve recentemente um caso notório de uma mulher que travou uma grande luta – ao ponto de ser posta na prisão – sobre a questão da passagem de um cano de esgoto por uma parte do seu jardim, ou algo assim. Esse é o tipo de situação a que me refiro. Opor-se a coisas realmente discutíveis ou questionáveis, agir com rigidez e dizer "Só farei o que acho certo", colocando a sua opinião acima da opinião geral dos seus concidadãos e contra ela, é fazer violência à noção geral de liberdade de consciência.

Mas foi isso que fizeram muitos daqueles Homens da Quinta Monarquia. Na verdade eles foram tão longe que chegaram a dizer que não acreditavam em governo, lei e ordem, e sim, acreditavam que todo homem deve agir de acordo com a sua consciência. Alguns dos primeiros anabatistas do continente agiram exatamente da mesma maneira, e levaram a Reforma Protestante a sofrer considerável má reputação. Foi por isso que Martinho Lutero e João Calvino tiveram a tendência de reagir tão violentamente a eles – penso eu que violentamente demais – porém muita coisa se pode dizer a favor do ponto de vista de Lutero e Calvino. Aquelas pessoas estavam levando a idéia geral de liberdade do cristão, de liberdade de consciência, a um extremo ridículo.

Certo é que, no momento em que paramos para pensar nisso, todos nós sabemos que, na prática diária, constantemente renunciamos às nossas liberdades pessoais. Há muitas coisas de que não gostamos nas leis do nosso país, e as fazemos com má vontade, pode-se dizer, mas nos conformamos a elas porque sabemos que é certo conformar-nos. Não devemos tomar a lei em nossas mãos nestas questões. Por vezes vocês verão, por exemplo, que há pessoas que se recusam a enviar seus filhos à escola, e sempre fazem isso em termos da "liberdade de consciência". Acho muito difícil defender tais pessoas. Há casos excepcionais, sem dúvida, todavia, falando em termos gerais, as pessoas que fazem esse tipo de coisa são excêntricas ou maníacas e não entendem corretamente este

grande princípio de liberdade de consciência.

Aí está, pois, o grande primeiro princípio – que devemos sujeitar-nos ao Estado, às potestades que há, sejam elas quem e o que forem, mas com as restrições que lhes dei.

O segundo princípio é que é correto que nós cristãos reivindiquemos a proteção do Estado e suas leis. Há alguns que acham que a característica por excelência da espiritualidade consiste em não fazer isso; eles não têm nada a ver com o Estado e nem sonhariam em pedir sua proteção. Pois bem, tudo o que eu digo a eles é que não estão sendo espirituais como pensam; na verdade estão sendo claramente anti-escriturísticos.

Vejam Atos, capítulo 16, versículos 19 a 40, e observem como o grande apóstolo se firmou em seus direitos como cidadão romano. Ele tinha sido tratado com muita injustiça e não permitiu que os tais magistrados simplesmente expedissem uma ordem dizendo ao carcereiro que pusesse em liberdade os prisioneiros. "Nada disso", disse Paulo; "que venham eles mesmos." E eles vieram rapidamente quando souberam que ele era cidadão romano! Mas, considerando o seu ato, Paulo repreendeu os magistrados de Filipos, mostrando-lhes que eles tinham sido nomeados para cumprir a lei e que era o que devem fazer.

A cidadania romana não era coisa trivial para o grande apóstolo, e Atos continua a registrar outras ocasiões em que Paulo declarou com firmeza os seus direitos. Certa ocasião, quando estava sendo julgado e não ficou satisfeito, disse: "Apelo para César" (Atos 25:11). Ele quis ir à corte suprema, e, como cidadão romano, tinha esse direito.

Além disso, Whitefield e Wesley, no século dezoito, não hesitavam em agir baseados no mesmo princípio. Às vezes, quando eles estavam pregando ao ar livre e evangelizando o povo, um magistrado local e o vigário vinham juntos para tentar detê-los, ou reuniam uma turba para interromper a reunião e causar confusão. Isso era quebrar a lei, e

Whitefield e Wesley sempre se dispuseram a invocar a lei. Na verdade, Whitefield costumava relatar os referidos atos à Condessa de Huntingdon, influente nos círculos do governo, e lhe pedia que usasse sua influência para pôr fim àqueles males.

Nós somos cidadãos. Temos um conceito bíblico sobre o governo e o Estado, sobre a lei e a ordem, conceito que nos ensina que é certo fazer uso deles. Nem sempre devemos tolerar graves injustiças. Temos o direito de invocar a lei e de insistir em que seja cumprida.

No entanto, em terceiro lugar, os cristãos não devem gloriar-se no Estado nem em qualquer forma dele. Isso também é importante. Muito dano tem sido causado à fé cristã e à Igreja porque houve pessoas que, mais uma vez, caíram num dos dois extremos. Num extremo, muitíssimas vezes a Igreja tem dado a impressão de que está inteiramente do lado das potestades superiores. Por vezes os cristãos têm sido os maiores realistas do país; eles têm se orgulhado disso e têm se mostrado prontos a lutar e a morrer por suas idéias. Mas gostaria de sugerir-lhes que tais pessoas se colocam numa posição contrária às Escrituras. O cristão não deve gloriar-se em nenhuma forma particular do Estado.

Contudo, que é que isso tem a ver conosco hoje?, alguns podem perguntar. Muita coisa. Alguns dos mais ardorosos realistas de que tenho conhecimento são cristãos evangélicos. O apoio que dão à monarquia é quase mais proeminente na vida deles e em suas formas de proceder do que qualquer outra coisa que lhes diga respeito. Mas eu questiono essa atitude. Há algo de místico em torno da realeza, e podemos entender a atração que ela exerce sobre o homem do mundo, porém nunca no caso do cristão. Periodicamente correm rumores de que tal ou qual membro da família real foi convertido, e é aquele zunzum! E os cristãos não só se mostram prontos a acreditar nisso, mas também exultam como se fosse uma coisa extraordinariamente maravilhosa. Bem, não

estou tratando aqui da credulidade, que em si já é bastante ruim, e sim da glorificação de qualquer aspecto do Estado: isso me parece completamente contrário às Escrituras.

Vejamos, porém, o outro extremo. O cristão não deve tampouco gloriar-se na democracia. E isso já é um pouco mais familiar, talvez, para muitos de nós. Acredito que a presente condição do não conformismo, ou das igrejas livres, na Grã-Bretanha, deve-se mormente ao fato de que para os fins do século dezenove e no princípio do século vinte, os não conformistas, pregadores e povo, começaram a gloriar-se na democracia. O não conformismo tornou-se político, e toda a energia e entusiasmo dos cristãos não conformistas foi investido na política, em vez de no entendimento do evangelho. E não há como questionar que sofremos as conseqüências disso. Tanto é errado e mau ser um democrata bobo como ser um realista bobo!

Isso me leva ao quarto ponto, que explica o ponto que acabei de expor. O cristão nunca deve esperar demais do Estado. Isso é sempre uma dificuldade. As pessoas sempre esperam demais dele. Permitam-me salientar isso dizendo que os cristãos nunca devem ficar entusiasmados com o Estado. Nunca devem entusiasmar-se com a política. Devem interessar-se; devem votar; devem procurar entender dela e estar informados; porém jamais devem entusiasmar-se com este ou aquele partido político. Mas freqüentemente os cristãos se entusiasmam com isso e, na proporção em que o fazem, caem sob a condenação das Escrituras.

Certamente foi essa a falácia que estava por trás da Revolução Francesa de 1789. O povo endoideceu. Liberdade! Igualdade! Fraternidade! A Revolução ia resolver todos os problemas; ia endireitar o mundo. Bem, nunca uma revolução endireitou o mundo, e nunca o fará.

Para os fins do século dezenove e no princípio do século vinte – tenho bastante idade para lembrar muita coisa disso – os cristãos realmente acreditavam que se poderia ter um

mundo novo graças às leis do parlamento. Confiavam nisso. O entusiasmo foi algo que hoje as pessoas mais jovens não podem nem imaginar. Os dias grandiosos em todas as assembléias religiosas eram os dias em que os estadistas vinham falar ao povo reunido. Todavia, depois as biografias têm deixado simples e claro para nós, que, se havia indivíduos a quem era necessário pregar e que precisavam ouvir a pregação cristã, eram justamente aqueles estadistas. Mas tudo isso era apenas parte daquela excitação tempestuosa. Íamos legislar no Sermão do Monte; íamos legislar no reino de Deus! Tudo errado! O Estado não pode fazer isso.

Não devemos esperar demais do Estado porque a atividade que compete ao Estado é principalmente negativa. Sua principal função é controlar e limitar o mal e as manifestações do mal. O Estado, seja monarquia, oligarquia, democracia, ou qualquer outra forma que vocês queiram escolher, pouquíssimo bem positivo pode fazer, e as pessoas entram em dificuldade quando pensam que ele pode fazer muito.

E então, o meu último princípio sob toda esta questão da atitude do cristão para com o Estado é o seguinte: seja qual for a idéia que você tenha do Estado, jamais deve permitir que ela afete a sua relação com os outros cristãos. Se o seu interesse pelo Estado, ou o seu conceito sobre ele, ou a sua maneira de reagir a ele, puser-se entre você e os outros cristãos, você está numa posição errada e falsa.

Tantas vezes, e para sua grande vergonha, os cristãos têm brigado sobre política. Isso é totalmente imperdoável. Fundamentalmente, o desacordo é causado por uma falsa visão do que o Estado pode realizar; se não fosse isso, ninguém ficaria tão acalorado. Conheço igrejas divididas por causa de questões políticas. Conheço cristãos que nem se falam por causa de idéias políticas divergentes. É quase inimaginável, mas muitas vezes isso acontece, e tudo devido à incompreensão do ensino desta grande e importante passagem de

Romanos, capítulo 13. Como já indiquei, é muito certo e correto que haja diferenças de opinião. Há cristãos igualmente bons em todos os partidos políticos. No entanto, os cristãos nunca devem deixar que as suas opiniões políticas prejudiquem a sua comunhão com outros cristãos.

Permitam-me resumir tudo isso dizendo o seguinte: devemos lembrar-nos de que, como cristãos, a nossa relação com o Estado é, em seu melhor nível, apenas temporária. Esta é a nossa posição: "A nossa cidade" – cidadania – "está nos céus" (Filipenses 3:20). Já adverti vocês no sentido de não interpretarem mal isso e dizerem: "Portanto, não tenho nada a ver com o Estado". Isso é um erro. Não obstante, é nossa posição fundamental que o lugar a que pertencemos é o céu. Essa é a nossa cidade principal, a nossa capital. Somos estrangeiros aqui. Somos homens e mulheres que estão fora de casa. Somos "colonos", como alguém traduz o termo, e nunca devemos perder isso de vista.

Compreendemos, pois, que estamos aqui apenas como estrangeiros e peregrinos, viajores e moradores em trânsito. Essa é também uma das grandes diferenças que há entre o cristão e o que não é cristão. Os incrédulos só vivem para esta vida e neste mudo, de modo que se entusiasmam com o Estado e com os seus respectivos partidos políticos. Eles acreditam que o Estado pode fazer maravilhas e, em conseqüência, enchem-se de um falso otimismo. Isso nunca deve ser verdade sobre o cristão.

O cristão diz: "Graças a Deus, fui libertado. Pertenço àquele reino que virá visivelmente sobre a terra. É a esse reino que eu pertenço realmente, no presente, mas ainda tenho que viver neste mundo. É da vontade de Deus que eu viva aqui, e Ele designou as potestades que há. Portanto, eu, dentre todas as pessoas, devo reconhecê-las. Devo viver nestas estranhas condições enquanto estiver neta terra. Devo, pois, fazer o máximo que puder para manter o mundo e sua vida dentro de limites, porque esta é a vontade de Deus".

Reitero que os cristãos não concentram o seu afeto neste mundo. Eles não acreditam que o mundo será reformado e será maravilhoso e perfeito. É evidente que não; eles sabem que isso não pode acontecer. Eles têm os olhos postos na segunda vinda de Cristo e na manifestação visível do reino de Deus. Por isso a relação deles com o Estado é, em certo sentido, desprendida. Eles estão nele, estão sujeitos a ele, observam suas normas e suas leis, são os melhores cidadãos. Contudo, o tempo todo há um desprendimento; não estão imersos nele, envolvidos nele, emocionados com ele, entusiasmados com ele, prontos a brigar com outras pessoas por ele. Não podem, porque, fundamentalmente, a sua cidadania está no céu.

São essas, pois, as conclusões às quais eu penso que vocês serão inevitavelmente forçados a chegar ao estudarem esta passagem, quando a confrontarem com os incidentes de Atos dos Apóstolos e a compararem com outros ensinos do Novo Testamento.

Mas há outra questão na qual só devo tocar de leve nesta altura, a qual é, naturalmente, a da pena capital. Aqui está: "Se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal". A "espada"! Aqui também temos uma questão perturbadora. Qual será o ensino? Bem, partindo da referência ao uso da espada e tendo em mente o fato de que a espada é o mais característico emblema da autoridade do estado – do poder de governar – vê-se claramente que o Estado tem poder para tirar a vida, e que esse poder lhe é outorgado por Deus.

Há, porém, objeções a esse conceito. Na verdade, recentemente foram levantadas objeções na Grã-Bretanha, e o resultado foi que a pena capital foi abolida. E então? Qual deve ser a atitude dos cristãos para com este ensino?

Devo dizer primeiramente que estou falando em pena capital unicamente como a pena por homicídio. Houve tempo em que, na Grã-Bretanha, as pessoas eram penalizadas

com a morte por todos os tipos de motivos, como pelo furto de ovelhas, etc. Contudo essas leis foram reformuladas, e a pena de morte só foi atribuída ao crime de homicídio. Portanto, limito as minhas observações a isso.

Ora, que dizer então das objeções que geralmente são apresentadas mesmo nos casos de homicídio? Há aqueles que dizem que matar de toda e qualquer maneira é sempre errado. Só se pode dar uma resposta a isso: o Velho Testamento deixa perfeitamente claro e certo que não é esse o caso. Deus ordenou aos filhos de Israel que matassem certas pessoas, e, de fato, mandou até exterminar algumas nações. E claro está que, através dos séculos, os santos têm agido com base neste princípio. Tem havido alguns homens muito piedosos nos exércitos e nas armadas de diversos países, alguns deles cristãos notáveis, e na Grã-Bretanha houve cristãos como Oliver Cromwell e outros que constituem clara resposta à afirmação de que matar é sempre errado.

"Mas então", dirá alguém, "o mandamento não diz "Não matarás"? E que dizer sobre a exortação, "oferece-lhe também a outra (face)"?"

Esses são os argumentos comuns. E a resposta é que todos esses mandamentos são dados ao indivíduo. O indivíduo não deve matar; o indivíduo deve oferecer a outra face. Já tratamos disso quando estávamos chegando ao fim do nosso estudo do capítulo doze de Romanos. Todavia, agora estamos falando sobre o poder que o Estado tem de tirar a vida na forma de pena capital. Portanto, não adianta citar um dos Dez Mandamentos ou o ensino do Sermão do Monte.

E, em terceiro lugar, há um forte argumento sobre o poder dissuasivo da pena capital. Mas eu não trato disso porque não é relevante para a nossa discussão escriturística e espiritual. É um ponto que cabe aos advogados discutirem, e não nos interessa nem um pouco.

Qual será, então, a resposta escriturística? Romanos, capítulo 13, nos ensina que é dever positivo do Estado usar

a espada: Ele "não traz debalde a espada". Como é que o Estado traz a espada? É que o Estado é representante de Deus. O Estado é "ministro de Deus": "porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal". Logo, o poder da espada que o Estado tem é um poder que foi delegado pelo próprio Deus. Não é que o Estado o tem, mas sim que lhe foi dado por Deus.

Por que Deus fez isso? Certamente a resposta do conjunto total do Velho Testamento é que Deus é o autor da vida. A vida é o maior dom que Ele deu aos homens e às mulheres. E, como Deus é o autor, o único autor, da vida, somente Ele tem direito de tirar a vida. É nesse ponto que se vê a enormidade do homicídio. É por isso que o homicídio é um crime muito especial e único. Uma coisa é tirar bens materiais do homem ou seu dinheiro; coisa diferente é tirar sua vida. A vida do homem é a mais preciosa de todas as suas posses. Deus lha deu; só Deus tem direito de tirá-la.

Noutras palavras, parece-me que, com base no ensino desta passagem, o argumento a favor da pena de morte pode ser exposto assim: a pena capital visa salientar e estabelecer a santidade da vida. Não há nela nenhuma qualidade vingativa. Se entrar o elemento vingativo, será errado aplicá-la. O propósito da pena capital não é dizer: "Você tirou a vida de alguém, vou tirar a sua". Não é nada disso. O propósito da pena capital é reivindicar o domínio de Deus sobre a vida e dizer ao homem que, se ele ultrapassar esse limite, terá que ser privado da sua própria vida. Não há nada que nos ensine tanto sobre o caráter sagrado e a santidade da vida como a execução da pena capital.

É muito interessante observar aqueles que se opõem à pena capital; geralmente vocês verão que eles são humanistas, são ateus. E geralmente são os mesmos elementos que vêm causando agitação pelo que eles chamam "nova moralidade" e que conseguiram fazer aprovar uma lei que permite práticas homossexuais entre adultos do sexo masculino. Tais

indivíduos agem sempre baseados no mesmo princípio coerente; eles não reconhecem Deus, e sua opinião sobre os homens e as mulheres é que não passam de animais. Eles nada sabem sobre o caráter sagrado e a santidade da vida. Desconhecem que Deus é, unicamente Ele, o autor da vida. Ignoram isso tudo, cegados que foram pelo "deus deste século" (2 Coríntios 4:4). Como humanistas, eles começam e terminam pelo homem, e não têm outras considerações quaisquer.

Mas aqui, em Romanos, capítulo 13, consta a declaração específica de que o Estado "não traz debalde a espada". Além disso, este ensino está de acordo com o do Velho Testamento, que inclui as ordens dadas por Deus aos filhos de Israel para que executassem judicialmente este princípio noutras nações. Portanto, devemos defender o princípio que constitui a razão fundamental da pena de morte. No próximo estudo vamos considerar o pacifismo e a relação entre o Estado e a Igreja.

5

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, porém para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

No fim do nosso estudo anterior estivemos tentando mostrar que as Escrituras indicam com muita clareza que o magistrado, o Estado, tem poder para tirar a vida. Na questão da pena capital, o magistrado "não traz debalde a espada". Ele não usa a espada como um indivíduo, mas como ministro de Deus. E isso nos leva ao nosso próximo problema, que é muito estreitamente relacionado com o da pena capital e surge da mesma maneira. Agora vamos tratar da questão do pacifismo.

Pois bem, os cristãos têm que encarar este problema quando o Estado a que eles pertencem está envolvido em dois tipos de conflito. O primeiro é quando há guerra com outro

país. Vimos que, como cidadão, é dever do cristão, não somente reconhecer o Estado, mas também obedecer-lhe. "Toda alma", diz o apóstolo em Romanos 13:1, "esteja sujeita às potestades superiores." E ele nos deu razões para isso. Você não se retrai e não se evade do Estado por ter se tornado cristão. Você deve ser o melhor cidadão do Estado, e deve envolver-se em sua vida, em sua política, em sua economia, etc. Não pode isolar-se. Para começar, isso é impossível, porém você não deve nem tentar. É nosso dever, de todos nós, fazer o máximo que pudermos para pôr em prática a vontade e as exigências de Deus em toda esta questão de lei e governo. Portanto, no momento em que o Estado a que pertencemos vai à guerra, todos nós estamos envolvidos, e devemos estar bem esclarecidos sobre o nosso dever.

A segunda maneira pela qual o pacifismo se levanta é quando há uma rebelião ou uma revolução dentro do Estado. Isso ocorreu na Grã-Bretanha no século dezessete, e tem acontecido em muitos outros países; ainda há rebeliões presentemente. No estudo anterior consideramos a questão da rebelião em si mesma, e a nossa conclusão foi que em casos extremos é justificável, entretanto que devemos estar muito seguros da nossa base. Mas o ponto em questão agora é: se o Estado estiver envolvido numa revolução, qual será a posição do cristão quanto a tomar parte na luta?

São essas, pois, as duas maneiras pelas quais é levantado o problema do pacifismo. Contudo, qual será o ensino? Bem, há aqueles que dizem que tirar a vida é sempre um mal. Tive que mencionar isso quando tratamos da questão da pena capital, e ali eu pude estabelecer que não é esse o ensino das Escrituras no que se refere à pena capital. Mas agora estamos abordando este assunto do ponto de vista do pacifismo.

Bem, os pacifistas são pessoas que dizem que nenhum Estado deve jamais ir à guerra. Estão constantemente procurando convencer os diferentes países aos quais pertencem de que a guerra é sempre um mal. Devemos ter em mente

que também é preciso considerar a posição individual. O pacifista diria sem nenhuma hesitação que, como é errado o Estado ir à guerra, é evidente que é igualmente errado, se não mais, o indivíduo tomar parte na guerra. Essa é a generalização feita pelos pacifistas.

Qual deve ser a nossa atitude? Bem, parece-me bastante claro que o pacifismo deve ser rejeitado prontamente. Digo isso porque no Velho Testamento vemos Deus constantemente ordenando aos filhos de Israel que fossem à guerra e que dessem cabo de certas pessoas. Nalguns casos eles até tiveram ordem de exterminar completamente um povo. E no Velho Testamento há exemplos de homens que foram punidos por Deus por desobedecerem a essas ordens – o rei Saul, o primeiro rei de Israel, por exemplo, foi punido por não obedecer à ordem que Deus lhe dera de matar cada um dos componentes do inimigo. Esse é o claro ensino do Velho Testamento. Deus não somente mandava os filhos de Israel à guerra; abençoava os seus esforços. Houve ocasiões em que Ele lhes deu instruções sobre como travar suas batalhas, onde colocar emboscadas, etc.

Mas imediatamente, claro, o pacifista afirma que este ensino é só do Velho Testamento. E esta é a nossa resposta: agora ele não está mais discutindo a questão de lutar e matar, e sim levanta a questão geral da sua concepção das Escrituras.

É muito importante podermos raciocinar sobre tudo isso. O pacifista que se opõe e diz "Este ensino é só do Velho Testamento, não se aplica ao cristão", mudou suas bases e levanta a questão geral da atitude do cristão para com a Bíblia. A questão que estamos discutindo agora é esta: "Você considera as Escrituras do Velho e do Novo Testamentos igualmente como a infalível e inspirada Palavra de Deus?"

Se ele responder, "Sim, considero", terá que retirar sua objeção.

Além disso, no momento em que alguém lança dúvida sobre a inspiração do Velho Testamento, estamos envolvidos

numa discussão acerca da Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Você diz que crê que Ele é o Filho de Deus? Muito bem; mas Ele aceitava o Velho Testamento completo. Não há nenhuma indicação de que tivesse quaisquer reservas quanto a ele; na verdade, muito ao contrário. O nosso Senhor citou muitos livros do Velho Testamento, particularmente os que tratam exatamente deste assunto. E então, estaria Ele errado em Seu conceito do Velho Testamento? Seria Ele meramente um filho da Sua época? Estaria tão-somente sofrendo o infortúnio de não viver no século vinte, quando nos tornamos mais esclarecidos sobre estas coisas? São essas as questões que são levantadas quando os pacifistas apresentam os seus argumentos.

Mas eu posso ir ainda mais longe. Quando os diversos oficiais do exército daquele tempo vieram ao nosso Senhor, Ele nunca lhes disse que abandonassem a sua carreira. Observem os centuriões que O procuraram; Ele os abençoou sem deixar nenhuma indicação no sentido de que qualquer deles desistisse do seu trabalho de soldados porque se haviam tornado crentes nEle. Não há nenhuma palavra dEle que proíba quem se torna cristão de ser soldado.

Tudo isso constitui importante prova. No entanto, então alguém diz: "Certo, aceitarei que isso é verdade em geral, mas não teríamos algumas declarações específicas feitas pelo Senhor, as quais tornam realmente impossível esta questão de lutar e matar?" E, claro, os exemplos que tais pessoas apresentam imediatamente são as declarações do nosso Senhor registradas em Mateus, capítulo 5, sobre você oferecer a outra face e não amar só o seu próximo, mas amar também os seus inimigos. "Aí está", elas nos dizem. "Ensino claro e específico dado pessoalmente pelo nosso Senhor."

Que dizer disso? Bem quando estivemos estudando o fim do capítulo doze de Romanos, tocamos nisso. E indicamos que o princípio geral que temos aqui é que o Sermão do Monte, como os Dez Mandamentos, refere-se aos indivíduos,

não ao Estado. Há os que perguntam: "Um dos mandamentos não diz: "Não matarás"?" Sim, diz, mas, obviamente, isso não se refere ao Estado porque, como já vimos, Deus mandou os filhos de Israel exterminarem pessoas, e Ele não pode contradizer-Se.

No Sermão do Monte o nosso Senhor fala sobre o que devemos fazer quando formos ofendidos. Vimos em Romanos, capítulo 12: "A ninguém torneis mal por mal" (versículo 17). "Não vos vingueis a vós mesmos, amados" (versículo 19). Paulo não está se dirigindo aos cristãos de Roma como a um Estado, e sim, está falando com cristãos individuais em suas relações com outros indivíduos. E, como temos visto quando tratamos da pena capital, o indivíduo nunca tem direito de tirar a vida, seja o que for que lhe aconteça pessoalmente. Esse é o princípio.

Mas eu quero ir mais longe nesta questão também. Parece que sempre se pressupõe que se um homem está lutando por sua pátria, necessariamente odeia o seu inimigo. Ora, certamente, essa pressuposição é falsa. É um erro presumir que todos os soldados britânicos que combateram na última guerra odiavam todos os soldados dos exércitos alemão, italiano e japonês. Simplesmente não é verdade. Bem, é aí que a confusão tende a entrar. Há uma diferença entre odiar o que o seu inimigo representa no momento e odiar os homens propriamente ditos.* É até possível que um homem

---

* Tomo a liberdade de resumir aqui uma experiência que meu irmão Aldo Jr. teve como expedicionário da FEB durante a Segunda Guerra Mundial. Ele fazia parte de um contingente que estava ao pé do Monte Castelo, dominado pelos alemães na ocasião da referida experiência. Certa noite, durante uma prolongada trégua, meu irmão não resistiu à vontade de beber água de um riacho que corria por ali, enjoado que estava da água clorada servida aos soldados. Quando a estava bebendo, sentiu a aproximação de alguém. Era um soldado alemão que tinha tido a mesma idéia. O primeiro impulso de ambos foi de luta, mas então fizeram sinal de paz e conversaram no italiano que tinham podido aprender. *"Aliamo parlare un poco..."*, e depois se despediram, como se dissessem: "Adeus amigo, somos inimigos". Nota do tradutor.

que está combatendo por um princípio se entristeça pelas pessoas contras as quais ele está lutando, tenha dó delas por sua cegueira, ignorância ou pecaminosidade. Pretendo esclarecer muito mais este ponto quando indicar os únicos fundamentos sobre os quais os cristãos têm direito de lutar por sua pátria.

Na verdade, posso ir mais longe ainda. Lamento ter que dizê-lo, porém é a pura verdade; alguns dos homens mais amargos e duros que conheci eram pacifistas roxos. Sua atitude para com os que discordavam deles era muito belicosa; era de fato uma atitude assassina. Havia mais amargor e ódio no coração e no espírito deles para com os que deles discordavam do que no coração de muitos dos combatentes das duas guerras mundiais. Esse é o tipo de maneira pela qual as pessoas ficam confusas em suas idéias sobre estas questões. No momento em que vocês começam a falar nesta questão de ódio, passam a ver que não se trata apenas de atos físicos, e sim do espírito e do coração.

Mas, finalmente, chegamos ao que os pacifistas consideram como o seu argumento supremo, qual seja, a morte do nosso Senhor no Calvário. Sempre me lembro de que, há muitos anos, um jovem ministro de minhas relações procurou-me porque toda esta questão havia surgido em sua obra pastoral. Ele começou expondo-me a posição pacifista, e eu expressei o meu espanto porque ele era evangélico.*

"Mas", disse ele, certamente não podemos considerar a morte do nosso Senhor sem imediatamente assumir a posição pacifista."

E ficou bastante claro que ele considerava a morte do nosso Senhor como a morte de um pacifista. Ele não via nada

---

* Torno a anotar, como tenho feito vez por outra, que insisto em tentar resgatar o sentido positivo e restrito do termo "evangélico" – cristão que leva a sério a Palavra de Deus, as Escrituras Sagradas do Velho e do Novo Testamentos. Nota do tradutor.

nela, senão resistência passiva. Por isso eu tive que lhe mostrar que o que estávamos discutindo não era a questão de combater e matar, e sim a morte do nosso Senhor.

Se os pacifistas usarem a morte do nosso Senhor como argumento em prol da sua posição, estarão simplesmente demonstrando a sua ignorância sobre os motivos da Sua morte. Foi uma morte singular; o nosso Senhor veio a este mundo a fim de morrer. Os que usam esse argumento revelam claramente que, ou ignoram, ou rejeitam, a doutrina da morte substitutiva do nosso Senhor por nossos pecados. O que acontece com qualquer de nós nunca se compara com a morte do nosso Senhor. Nessa morte Deus O fez pecado por nós; Deus lançou sobre Ele a iniqüidade de todos nós, surrando-O com os açoites que nós merecemos. Isso jamais caberá nesse argumento.*

Pois bem, porque estive lidando com o ponto de vista pacifista, até aqui o nosso argumento foi negativo, mas agora permitam que eu passe à abordagem positiva. Primeiramente, digo que a decisão de declarar guerra, em certas circunstâncias, deve ser considerada como uma extensão da função do magistrado e como parte integrante do dever do Estado.

Vimos que o dever do magistrado é manter e observar a lei e a ordem. Foi por isso e para isso que Deus o designou. Ele é ministro para o bem daqueles que obedecem à lei, mas pode punir aqueles que fazem o mal. E, como já vimos, em certas circunstâncias, o magistrado, o Estado, tem direito de ir ao ponto de levar à morte certos indivíduos recalcitrantes. Pena capital! Usando a espada!

---

* Lutero dizia que a ira de Deus é uma "estranha forma do Seu amor". Estranhamente, enquanto alguns cristãos, mesmo pregadores e mestres, não chegam a entender isso, vi num filme de guerra algo que me chamou a atenção: um avião militar tinha este nome *"Strange Love"*, "Estranho Amor". Ao menos quem foi responsável para dar àquela aeronave esse nome tinha algum entendimento desta importante verdade bíblica. Nota do tradutor.

Agora eu sugiro que, conquanto o magistrado tenha que manter a lei e a ordem *dentro* do Estado, também é chamado por Deus para fazer a mesma coisa nas relações externas do Estado. Isto, repito, é apenas uma extensão das suas funções; é para isso que ele é designado por Deus: "para teu bem" (ou, VA: "para o bem" – para as pessoas de bem) – e para coibir e punir as más. Conseqüentemente, se outro Estado de fora tentar prejudicar ou destruir a vida do Estado, é dever deste proteger os interesses dos seus cidadãos.

Em segundo lugar, de novo assinalo, como fiz quando tratei da pena capital, que a guerra sempre deve ser o último recurso; só depois de todos os outros esforços terem falhado e de se terem esgotado todas as outras possibilidades. O Estado só deve declarar guerra depois que todos os outros esforços para impedir o conflito e para corrigir os males tenham falhado completamente.

Isso me leva ao terceiro ponto, qual seja: quando o Estado vai à guerra, deve poder mostrar que é por justa causa. Ora, através dos séculos tem havido grande discussão na Igreja sobre esta questão de "guerra justa", "guerra moralmente reta". No entanto, eu penso que não deve haver dúvida sobre isso. Uma vez que vocês entendam que levar um país à guerra é uma extensão do dever do magistrado – do poder que exerce o governo dentro do Estado – entenderão que se segue como necessidade lógica que a causa sempre deve ser justa. Como assinalei ao tratar da nossa relação com o Estado, se acontecer que este se acha debaixo de um tirano ou de um ditador, sob o domínio de alguém que abusa do seu ofício e, em vez de manter a lei e a ordem, ele próprio é o seu maior infrator, vocês terão direito de participar de uma rebelião para mudar o governo do seu país. Exatamente o mesmo princípio funciona aqui. Se o Estado ao qual vocês pertencem declarou guerra não por uma causa justa, a situação toda é diferente.

Noutras palavras, para mim, as Escrituras parecem condenar clara e irrestritamente o chauvinismo, toda e

qualquer forma de imperialismo, ou qualquer guerra egoísta, destinada a beneficiar o próprio país em detrimento de algum outro país ou de algum outro povo. Tudo isso só pode ser errado. Se governantes individuais agem egoisticamente, violam a chamada de Deus dirigida a eles, e a mesma coisa é verdade sobre o Estado como um todo. Tanto aqueles como este estão completamente errados.

Naturalmente, foi com base nisso que com justiça condenamos Hitler e Mussolini, mas eu me inclino a dizer que exatamente a mesma coisa se pode afirmar acerca dos líderes da Grã-Bretanha na Guerra dos Bôeres. A conduta deles naquela situação é completamente indefensável, como indefensável tem sido em muitas outras guerras em que este país esteve engajado. Suas causas não eram boas, e, portanto, a guerra era injustificável. Não, cada país só deve ir à guerra com o propósito de restringir o mal, e não com base em outra coisa, qualquer que seja.

Mas devemos ser cautelosos e manter o equilíbrio neste assunto. Assim como dizemos que o chauvinista está sempre errado, e que todo aquele que se gloria na guerra está errado, também, ao mesmo tempo, devemos sustentar que é igualmente errado dizer que somente o pacifista está certo, e que sempre está certo. Eu aplico a mesma condenação a ambos: ambos entenderam mal a real função do Estado. Houve no passado, e ainda há, cristãos nos dois extremos. Todo aquele que diz que qualquer cristão que tome parte numa guerra necessariamente está errado, confundiu as coisas; porém é assim também no outro lado. Algumas vezes houve cristãos que cometeram o grande erro de considerar como quase santo qualquer homem que combatesse numa guerra. Fizeram-se culpados de transformar em tipos ideais os combatentes e os líderes militares. Na Primeira Guerra Mundial houve homens – lembro-me deles – que não hesitavam em dizer do púlpito que todo e qualquer homem que morresse naquela guerra lutando por seu país, certa e inevitavelmente iria

para o céu. Mas não há nada nas Escrituras que garanta isso. Esses tipos de atitude são incoerentes, não só com o espírito das Escrituras, porém também com o ensino claro e específico da Bíblia toda.

Muitas vezes houve cristãos que abusaram de um grande texto como este: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (João 15:13). Esse texto nada tem a ver com lutar numa guerra. Ninguém que se alista num exército está deliberadamente dando a sua vida; ele espera não ser morto. Pessoas dos dois lados fazem mau uso de passagens por razões sentimentais e assim não chega a ver aquilo que eu considero a posição certa e verdadeira.

A que isso nos leva, então? Bem, aí está um país indo à guerra; que é que os cristãos devem fazer? Eles estão forçosamente no dever de examinar o que o seu país está dizendo e fazendo. Se ficarem plenamente convencidos de que a guerra é por uma causa inteiramente errônea, estarão perfeitamente justificados em negar-se a ter qualquer ligação com ela. É injusta, e os seus governantes lhes estão pedindo que façam uma coisa que contradiz o ensino destes versículos.

Contudo, se os cristãos se convencem de que a guerra é por justa causa, num sentido a sua dificuldade será maior. Como já indiquei, eles têm direito de pensar que não há nada que seja inerentemente mau em sua participação nessa guerra. Mas, que dizer, se eles acharem que não podem tomar parte nela? Nesse caso não hesito em dizer que eles têm o direito de negar-se a lutar. Terão que agüentar as conseqüências; poderão ser punidos; talvez sejam encarcerados, como aconteceu nas duas guerras mundiais, especialmente na primeira. Cabe a eles decidir. Eles são deixados entregues à sua própria consciência, e isso é algo que o Estado deve respeitar. Foi por isso que, na promulgação das duas guerras mundiais, a posição dos que se opuseram por motivo de consciência foi reconhecida. O Estado não deve

violar a consciência do indivíduo.

Com muita freqüência isso desce ao temperamento particular da pessoa envolvida. Permitam-me contar-lhes uma história para ilustrar o ponto que estou expondo, uma experiência que tive nos primeiros dias da Segunda Guerra Mundial. Um jovem que eu conhecia já fazia alguns anos tinha sido convocado para engajar-se no exército. Achando que não poderia tomar parte numa guerra, ele recorreu, e não teve êxito. Bem, sua causa estava sendo julgada num tribunal da cidade de Westminster, e ele me viera pedir que eu testificasse a seu favor.

Por um momento estive em dificuldade, mas, depois de refletir, enxerguei a posição que eu poderia tomar com toda a consciência e escrituristicamente. Ele argumentava que como cristão não poderia combater, e essa tinha sido a base do seu recurso. Por isso eu lhe disse que discordava dele e dos seus argumentos, porém acrescentei que daria apoio à sua causa, embora não sobre as bases dadas por ele. "As bases de que me servirei", disse eu, "são estas: conhecendo você como conheço, e conhecendo o seu temperamento, penso que lhe é virtualmente impossível tomar parte num combate". Sua saúde era delicada, no físico e em todos os outros aspectos. Não dava nem para pensar em que tal homem devesse estar num exército.

Quando comparecemos perante o tribunal de recursos, eu disse aos três assessores, da maneira mais franca e aberta, que eu discordava inteiramente da teologia do meu amigo e que estava seguro de que ele estava entendendo mal as Escrituras. "Mas", disse eu, "apesar de entender mal a Bíblia, ele realmente está dando expressão ao que ele é por natureza e por temperamento." E baseado nisso eu lhes solicitei que o examinassem e considerassem se poderiam imaginar, mais do que eu mesmo, que ele tomasse parte num conflito bélico. Os três membros do tribunal aceitaram inteiramente o meu argumento, e o resultado foi que o homem foi escusado de

todo e qualquer serviço militar, e foi enviado a um dado setor para fazer trabalho de agricultura.

Só lhes contei essa história para mostrar-lhes que às vezes, em última análise, a coisa chega a esse pé; o homem acha tudo aquilo odioso. Ele não argumenta escrituristicamente, mas temperamentalmente; foi o que aquele jovem fez. E eu penso que esse é um argumento válido porque é um dos fatores que influem na consciência, de modo que, para o referido jovem, a guerra era conscientemente má. Um homem pode ser conscientemente pacifista – falo de um cristão – e, tudo bem, eu o respeito, porém ele nunca deve dizer que todos os cristãos precisam negar-se a combater.

E, por outro lado, o cristão que combate numa guerra nunca deve desprezar o pacifista: isso também é errado. Devemos examinar tudo isso em termos escriturísticos, do modo como tenho tentado colocar diante de vocês.

Sendo assim, que deve fazer o cristão quando há uma rebelião? Bem, o argumento é exatamente o mesmo. Se você se convencer de que a rebelião é justificada, segue-se que não há nada de errado em tomar parte nela. Mais uma vez, você deve elaborar estes mesmos argumentos ao longo das linhas que temos considerado sob o título de pacifismo.

Este é um assunto tão importante e tem causado tanta inquietação de alma e tanta infelicidade que eu achei que devo dar-lhes uma lista dos erros implícitos na argumentação pacifista, como geralmente nos é apresentada.

Mas, primeiro, a história desta questão é em si interessante. Falando em termos gerais, a Igreja Cristã adotou o ensino e a atitude que eu venho tentando expor a vocês, porém devemos dizer que têm surgido seitas estranhas na Igreja quase desde o seu início, as quais adotaram a posição pacifista; sempre foram numericamente pequenas e sempre constituíram exceções.

Um dos exemplos mais notáveis de toda a história da Igreja é o caso dos anabatistas do século dezesseis. Já me

referi a eles quando mostrei que eles não acreditavam em nenhuma relação com o Estado, qualquer que fosse, ao ponto de não pagarem taxas e impostos – muitos deles preferiam morrer, e de fato morreram, a pagá-los. A idéia de um cristão tomar parte de algum modo no governo de um Estado, para eles era uma negação do cristianismo. Entretanto isso, como já vimos, é pura heresia, e os seus conceitos pacifistas faziam parte da mesma heresia.

Contudo, fora essas manifestações estranhas em diversas épocas, o pacifismo como movimento cristão é um fenômeno moderno. Em anos recentes ele tem tido proeminentes e fortes defensores que geralmente recebem grande publicidade, mas a verdade pura e simples é que esse movimento surgiu como conseqüência e seqüela daquilo que normalmente denominamos modernismo, ou atitude liberal para com as Escrituras. E isso é muito interessante. Toda vez que vocês se defrontarem com pacifistas, quer sejam pessoas proeminentes quer não, observem sempre as suas idéias gerais, e quase invariavelmente – notem que eu disse *quase* – verão que em toda a sua atitude para com estas questões eles são liberais ou modernistas.

Voltando ao erro propriamente dito, é uma falácia dizer que é sempre um mal o Estado ir à guerra. Os pacifistas esperam que pessoas que não são cristãs ajam baseados naquilo que eles consideram como princípios cristãos, mas esse é o conhecido erro do pelagianismo. Esperar que homens e mulheres que não são cristãos se comportem de maneira cristã é heresia; esse erro tem sido condenado muitas vezes, e acertadamente. Tratarei disso mais completamente quando chegarmos à questão da relação entre a Igreja e o Estado.

Mas, em acréscimo a isso, esta idéia pacifista, como mostrei a vocês, baseia-se quase invariavelmente numa visão errada das Escrituras, particularmente do Velho Testamento. Também se baseia num conceito errado do propósito e ensino do evangelho. Nunca se deve discutir só

o pacifismo. Se um pacifista diz: "Se você é cristão, deve ser pacifista", faça-lhe esta réplica: "Ora, a questão entre nós realmente é: "Que é um cristão?""

Se alguém disser: "O ensino do cristianismo é totalmente contrário à guerra", responda: "Discutamos o ensino do cristianismo".

Você verá então que a idéia geral que o pacifista tem da mensagem cristã é que é tão-somente uma mensagem de amor, pura questão de amar-nos uns aos outros, de tentarmos inserir em nossa vida a qualidade do amor que era evidente na vida de Jesus. Não é por acidente que geralmente o nosso Senhor é mencionado apenas pelo nome "Jesus". Muitos pacifistas só O consideram homem e raramente falam sobre "o Senhor Jesus Cristo".

Não, o pacifismo é somente uma parte de uma posição totalmente errônea, e, em particular, como estive mostrando a vocês, geralmente provém de um entendimento totalmente equivocado da doutrina da cruz. A verdadeira tragédia dessa posição é que o nosso Senhor e Sua morte na cruz são entrelaçados com as ações dos homens. Os pacifistas nunca viram, como o expressa o autor da Epístola aos Hebreus, que Ele "fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte", que Ele veio com o propósito de morrer, para que "provasse a morte por todos" (Hebreus 2:9). Eles consideram a Sua morte um acidente, uma tragédia, um horrível engano. Nunca enxergaram o seu significado; nunca viram a sua glória.

Por cima disso tudo, os pacifistas invariavelmente têm um conceito errôneo do homem em pecado – se vocês não conseguem ver isso, só podem estar cegos. A maior influência sobre o *Home Office* (Ministério do Interior), na Grã-Bretanha, na atualidade, é a influência – para colocá-lo em sua mais alta expressão – de um conceito liberal, modernista das Escrituras e da fé cristã. De fato posso colocá-lo em termos ainda mais ásperos e francos, dizendo que essa é uma atitude

freudiana – o raciocínio é feito em termos da psicologia freudiana, que, evidentemente, é ateísta. Os que são influenciados por esse ensino não acreditam em pecado; jamais se aperceberam que terrível poder o pecado é. A despeito da prova que está diante dos seus olhos quase todo dia, eles pensam que, sendo gentis, agradáveis e bondosos com as pessoas, vocês podem melhorá-las. Essa é uma das tragédias dos dias pelos quais estamos passando, que é o que torna tudo isto tão tremendamente relevante e importante. Se vocês compreenderem o que é o pecado, e o que é o homem em pecado, isso afetará todo o seu pensamento sobre governo e sobre os assuntos que estamos discutindo.

Aí estão pessoas que com toda a sinceridade acreditam que, se vocês tão-somente mostrarem aos homens e às mulheres um caminho melhor, eles imediatamente optarão por ele. Esse conceito tem sido propagado durante séculos e, contudo, as pessoas não conseguem ver que é uma falácia. "E a condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más" (João 3:19). Vocês não podem separar a sua teologia da sua maneira geral de ver a ordem e o governo de um Estado. Por conseguinte, os governantes de um país que tenham uma idéia inadequada ou errada do homem em pecado, estarão errados nas leis que aprovarem e nas decisões que tomarem.

Até aqui estivemos discorrendo sobre o cristão individual e o Estado. Agora estamos prontos para passar à tremenda questão da relação entre Igreja e Estado, assunto sumamente interessante e fascinante, assunto que todos nós devemos encarar, se é que desejamos levar a sério a nossa condição de membros de igreja.

6

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

Em nossa consideração do ensino aqui, em Romanos, capítulo 13, sobre a atitude dos cristãos para com o Estado e seu conceito sobre ele, tratamos em particular das questões da pena capital e do pacifismo. São problemas contemporâneos e urgentes, e devemos ser gratos a Deus por termos uma passagem das Escrituras como esta, que nos ilumina e nos dá instrução sobre como lidar com elas.

Chegamos agora a outro ponto, e este é igualmente bastante moderno como também relevante. Até aqui consideramos os cristãos individuais em sua relação com o Estado, e certamente o indivíduo continua envolvido, mas agora vamos considerar a tormentosa questão da relação do Estado

e a Igreja. Qualquer de vocês que tenha interesse pela história saberá que esta questão tem desempenhado um papel de grande importância na história da Igreja. Como veremos, foi proeminente no tempo da Reforma, e mais ainda no século dezessete, durante a Guerra Civil e o período da Comunidade, e mesmo no da Restauração. Daí por diante, freqüentemente tem sido um significativo tema de discussão, e muitos dos nossos antepassados não somente lutaram sobre esta questão, mas também alguns deles morreram por sua causa.

Portanto, independentemente de qualquer outra coisa, o interesse pela história em si deveria ser suficiente para levar-nos a considerar esta questão. Todavia, além disso, é nosso dever interessar-nos pela relação da Igreja e o Estado porque todos nós, mais cedo ou mais tarde – e mais cedo que mais tarde, parece-me – teremos que tomar decisões que envolverão a nossa idéia geral sobre esta questão. Refiro-me agora ao movimento ecumênico, assim chamado, que está se desenvolvendo muito rapidamente e que tem certas idéias* quanto à natureza da Igreja e sua relação com o Estado.

Depois, há também a prosa sobre um realinhamento com a igreja de Roma ou sobre uma "absorção" por Roma, outra vez levantando toda esta questão de maneira realmente aguda. Se nós, como cristãos e membros de igrejas cristãs, havemos de ter um bem informado interesse por estes assuntos, e, acima de tudo, se havemos de votar inteligentemente quando for hora de tomar decisões, é imperativo que estudemos esta questão para descobrirmos qual é exatamente o ensino relativo a ela.

Ora, no momento em que esta questão de Igreja e Estado for levantada, vocês verão que os versículos 1 a 7 de Romanos, capítulo 13, são invariavelmente citados, como acontece com a passagem de 1 Pedro, capítulo 2, à qual já nos referimos. E a

---

* Perdoe-me o leitor o trocadilho: "certas idéias incertas". Nota do tradutor.

razão é que essas são as únicas passagens que chegam a algum ponto próximo do que seja um tratamento dado a esta questão. Portanto, é da máxima importância considerarmos estes versículos que temos diante de nós.

Mas, como é que afinal se levanta esta questão da relação entre a Igreja e o Estado? Como já vimos, há alguns cristãos que parecem não reconhecer que este é um assunto que deveria preocupá-los, e nós já verificamos a falácia da sua posição. Entretanto, para a maioria, a questão surge inevitavelmente desta maneira: a Igreja obviamente é ordenada por Deus, mas aqui nos é dito que "as potestades que há" também são ordenadas por Deus. Ambas são ordenadas por Deus, elas têm isso em comum, pelo que achamos que deve existir uma conexão, tem que haver algum tipo de relação entre elas.

E não somente isso; os cristãos pertencem tanto à Igreja como ao Estado. Como cristãos pertencemos à Igreja, e como pessoas individuais somos cidadãos de diversos estados e reinos terrestres. Não podemos dissociar-nos dos estados nos quais vivemos. Como já vimos, devemos pagar taxas e impostos e conformar-nos às leis, e assim por diante. Por conseguinte, devemos ter claro entendimento da relação entre ambos.

Não só isso, porém; a Igreja e o Estado ocupam-se em certos pontos das mesmas questões, e é importante que saibamos bem sobre que bases os dois se interessam por essas questões.

E, finalmente, o Senhor Jesus Cristo não é somente a Cabeça da Igreja, mas também é, ao mesmo tempo, o Senhor da história e o Cabeça* de todas as coisas e de todo o cosmos. Isso é indicado no Apocalipse, capítulo 5, e em muitos outros lugares da Bíblia. Pouco antes da ascensão, Ele disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mateus 28:18). E no fim de Efésios, capítulo primeiro, é-nos dito que Deus O

---

* Da Igreja Cristo é *a* Cabeça (ligação orgânica, vital); do cosmos Ele é *o* Cabeça (Chefe). Nota do tradutor.

ressuscitou dentre os mortos "e pondo-o à sua direita nos céus. Acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés" (versículos 20-22). Todas estas coisas estão subordinadas a Ele e sob o Seu poder.

São essas as razões para dizermos que, obviamente, há alguma relação ente a Igreja e o Estado. Mas, no momento em que você formula esse princípio geral, vê-se na obrigação de encarar a pergunta particular: qual é, então, a relação existente entre os dois? É uma pergunta extremamente difícil e complexa. A história dos séculos prova bastante simples e claramente que essa não é uma questão de fácil manuseio. Tentei simplificá-la o mais que pude, e, falando em termos gerais, eu diria que há dois conceitos principais. O primeiro sustenta que a Igreja e o Estado são uma só coisa, e o segundo, que são essencialmente diferentes. Pode-se realmente fundir isso dessa forma. Há algumas teorias de difícil localização, porém essa classificação é útil.

Primeiro, então, o conceito de que a Igreja e o Estado são uma só coisa. Um modo de abordar essa questão seria começar fazendo uma exposição dos nossos versículos e depois passar a dar uma visão histórica. Mas, desde que muitos hoje partem da posição como ela é, vou fazer o mesmo e vou tentar mostrar como foi que a presente posição veio a existir. Começar pelo desenvolvimento histórico é uma maneira proveitosa de abordar este assunto porque nesse caso podemos avaliar o que vem acontecendo através dos séculos, tendo como teste aferidor o ensino escriturístico.

O conceito de que a Igreja e o Estado são uma só coisa é muito antigo, indo até ao século quarto. Nos três primeiros séculos da Igreja Cristã ninguém ensinou que a Igreja e o Estado eram uma só coisa. Havia uma razão muito boa para isso. O poder controlador naquele tempo era, naturalmente, o grande Império Romano, um império pagão, pelo que

ninguém teria a mínima possibilidade de afirmar que a Igreja e o Estado eram uma só coisa. Observem a Igreja no Novo Testamento; ela era apenas um pequeno corpo, pequenos punhados de pessoas aqui e ali numa grande sociedade pagã, tendo contra si e a persegui-la o Estado e todos os demais.

Mas então aconteceu um evento que mudou o curso geral da história, a saber, a chamada conversão do imperador Constantino, o Grande, que por volta do ano 325 A. D. anunciou que se tornara cristão. Pois bem, não devo cansar vocês com os detalhes quanto às razões pelas quais Constantino se declarou cristão. Não tenho dúvida nenhuma de que as suas principais razões eram políticas, mas o fato é que ele anunciou a sua conversão e fez da fé cristã a religião oficial do Império Romano. Noutras palavras, ele levou consigo o Império Romano para dentro da Igreja Cristã; os imperadores podem fazer esse tipo de coisa. É evidente que havia indivíduos que se opunham, porém oficialmente o Império Romano tornou-se cristão, e desde aquele momento veio à luz o ensino de que a Igreja e o Estado são uma só coisa. Constantino fundiu os dois e afirmou que o poder que ele exercia como imperador agora abrangia a Igreja. A situação foi essa durante algum tempo.

Depois de Constantino, desenvolveram-se duas idéias principais com relação à unidade entre a Igreja e o Estado. Com o colapso do Império Romano, a igreja católica romana começou a ensinar que o Estado era subserviente à Igreja – que a Igreja e o Estado eram uma só coisa, e que a Igreja detinha o poder controlador.

Pois bem, este, reitero, é um ensino que se desenvolveu após o declínio e queda do Império Romano. Enquanto os imperadores foram poderosos, o Estado era poderoso e mandava na Igreja. Foi o imperador Constantino que convocou diversos concílios ecumênicos da Igreja e que, por exemplo, foi responsável pelo Credo Niceno. Ele chamava

a Igreja para reunir-se em conferência e mais ou menos ditava o que ela devia fazer. Mas depois da queda do Império Romano, a igreja (católica) arrogou-se os poderes previamente exercidos pelo Estado. Dessa forma, os papas, que vieram a ter existência justamente por volta dessa época, asseveravam que tinham a supremacia sobre o Estado.

No Ocidente, o seu desenvolvimento foi desta maneira: a igreja funcionava em muitas províncias do Império Romano e, posteriormente, em muitos estados e nações diferentes. Mas a igreja era uma só, e alegava que tinha suprema autoridade e poder sobre os governantes de todos esses Estados. Há uma típica declaração dessa atitude católico-romana feita pelo quarto Concílio de Latrão (1215). Diz ela:

> *Que os poderes seculares, sejam quais forem os ofícios que mantenham, sejam induzidos e admoestados, e, se necessário for, sejam compelidos pela censura eclesiástica a que, como desejam ser considerados fiéis, façam, pela defesa da fé, um juramento público de que lutarão com o máximo do seu poder para exterminar das terras de sua jurisdição todos os hereges que sejam denunciados pela igreja (católica), mas se algum senhor temporal, sendo solicitado e admoestado pela igreja, negligenciar purificar suas mãos dessa imundície herética, seja acorrentado pela corrente da excomunhão pelo metropolitano e outros bispos co-provinciais; e se ele desprezar a oportunidade de prestar satisfação dentro de um ano, seja isso levado ao conhecimento do sumo pontífice, o papa, que daí em diante poderá declarar seus vassalos absolvidos da sua desobediência ao referido senhor e poderá expor a sua terra a ser ocupada pelos católicos que, tendo exterminado os hereges, poderão, sem fazer-se alvo de contradição, possuí-la e mantê-la na pureza da fé.*

Alguns têm tentado argumentar no sentido de que isso representou um lado, mas que Belarmino, escritor católico-romano do século dezessete, o expressa nestes termos: "Com

vistas ao bem espiritual, o papa tem o poder supremo de dispor dos interesses temporais de todos os cristãos".

Ora, essa era realmente a posição católico-romana. A igreja católica romana sustentava que tinha sob seu controle o Estado, que podia ditar ao Estado o que ele deveria fazer ou não fazer, que o papa tinha a supremacia sobre todos os reis, imperadores e governantes, e que o governante que não se submetesse à igreja, ela podia excomungar e de fato, se necessário, tomar posse da sua terra pela espada.

Essa era a grande reivindicação católico-romana. A igreja católica romana alegava que tinha completo controle e poder sobre todas as atividades dos homens. Não somente controlava sua política, também controlava seu pensamento, suas tentativas de desenvolvimento da ciência e de pesquisa científica, e tudo quanto eles faziam. E a igreja controlava o desenvolvimento científico e tentava opor-se ao mesmo.

A igreja chegou até ao ponto de alegar que o clero – os bispos e os demais – estavam isentos das leis gerais do país em que eles viviam de modo que, mesmo que um sacerdote infringisse a lei da terra, gozaria imunidade dessa lei.

Mas havia aqueles que não se sujeitavam docilmente a tudo isso. Do século onze em diante, começou-se a travar uma luta contra a pretensão da igreja romana de ter poder supremo sobre todos os aspectos da vida e sobre todos os Estados. Um dos primeiros a engajar-se nessa luta foi o rei Henrique II, da Inglaterra. Os debates do rei Henrique com Thomas Becket foram em parte sobre essa questão. Esses reis e governantes de Estados objetavam ao domínio exagerado da igreja católica romana e diziam que as leis e os costumes dos seus territórios deviam ter domínio supremo, e que o clero deveria sujeitar-se a eles, como todas as demais pessoas. Henrique II travou uma tremenda luta neste sentido; teve grande sucesso, porém não completo.

O próximo grande vulto, no que se refere à Grã-Bretanha, que sustentou este combate particular foi o formidável John

Wycliffe, que foi uma espécie de precursor dos reformadores protestantes. É espantoso o que esse homem fez. Um dos itens sobre os quais ele lutava era a liberdade deste domínio exercido pelo papa. E, naturalmente, o homem que finalmente concretizou essa liberdade na Inglaterra foi o rei Henrique VIII.

Aqui também não quero entrar em detalhes, mas a única mudança que Henrique VIII realmente fez em conexão com a Reforma foi que ele se fez substituto do papa. Nunca se interessou por suas crenças; só estava interessado em mudança política, não meramente em obter divórcio, e sim, em toda a sua visão de si mesmo e da sua dinastia. Não há como contestar que, quando morreu, na doutrina era católico romano. Mas certamente Henrique VIII descartou-se da dominação do papa, arrogando-se todos os poderes papais.

Depois de Henrique VIII aconteceu a mesma coisa em muitos outros países, e é pouco menos que divertido notar a maneira pela qual a igreja católica romana desempenhou uma espécie de ação dilatória, fazendo acordos com diferentes Estados na tentativa de manter o seu poder.

Certo é que o papa ainda se proclama chefe de Estado; o Vaticano é um Estado, com o papa como seu chefe. Foi baseado nisso que ele se dirigiu à Assembléia das Nações Unidas. Mas, embora o Vaticano ainda se considere um Estado, a verdade é que ele foi despojado do seu poder. Todavia, continua tentando agarrar-se a um resto de poder, e sem dúvida está aguardando uma oportunidade para reconquistar a posição antiga, se possível. No entanto, hoje nem mesmo a Itália está mais sob a autoridade do papa; ele foi confinado àquela pequena área do Vaticano e não domina a vida política da Itália como fazia outrora.

Aí está, pois, a idéia de que a Igreja deve controlar e dominar a vida do Estado em todos os aspectos. Mas agora vamos ao outro extremo, embora, lembremo-nos, ainda estejamos tratando do primeiro conceito, o conceito que

identifica a Igreja e o Estado. O nome geralmente dado a este segundo ensino é erastianismo, devido ao homem que foi o primeiro a expô-lo claramente – se bem que outros tiveram a idéia a respeito – e que se chamava Erasto. O erastianismo ensina que a Igreja é subserviente ao Estado, que é um ramo do Estado, uma serva ou um aspecto do Estado, sob o controle e poder do Estado.

Erasto é muito interessante de muitas maneiras. Ele viveu de 1524 a 1583* e era seguidor do reformador suíço Zwínglio. Primeiramente e acima de tudo, ele era professor de medicina, tendo estudado em Heidelberg, na Alemanha, e também em Basiléia, na Suíça. É interessante notar o número de médicos que têm desempenhado algum papel na história da Igreja; lamento ter que dizer que não é um registro muito honroso! Erasto estava muito interessado na questão da relação entre a Igreja e o Estado. Mas, ainda que ele tenha sido muito bom médico, não posso dizer que era bom teólogo.

Houve alguns que tentaram introduzir o sistema presbiteriano em Heidelberg quando Erasto vivia lá, e em réplica ele publicou seu famoso livro *Theses Touching Excommunication* (Teses Concernentes à Excomunhão). Esse livro levanta a questão geral sobre quem tem o poder de excomungar, e a essência do seu ensino é que a Igreja não tem poder de fazer leis ou decretos nem de infligir penalidades de nenhuma espécie. Noutras palavras, Erasto tira da Igreja todo o poder. Eis uma boa explanação da sua posição:

> *O governo geral da Igreja visível faz parte da função de domínio confiado ao Estado; os portadores de ofícios na sociedade cristã como tais são meramente instrutores ou pregadores da Palavra, sem nenhum poder ou direito de governo, exceto o que lhes advém do magistrado civil, e a*

---

* Natural de Baden, Suíça. Estudou teologia em Basiléia e medicina e filosofia em Pádua, na Itália. Nota do tradutor.

censura eclesiástica, mais especialmente a excomunhão, é uma punição que o magistrado pode empregar os oficiais da Igreja para infligir, mas que deve sua força unicamente à autoridade civil.

Esse é o ensino de Erasto. Mas vocês podem indagar: "Que é que isso tem a ver conosco?"

Bem, em muitos aspectos esse é o ensino da Igreja da Inglaterra. O livro de Erasto não foi traduzido para o inglês no tempo da formação da oficialização,* no reinado da rainha Elizabeth, mas as suas idéias tinham obtido circulação e havia muitos que já as tinham aceitado.

Quando comecei a falar sobre o assunto da Igreja e o Estado, eu disse que havia dificuldades em certos pontos, e um deles relaciona-se com a posição da Igreja Luterana. Martinho Lutero começou sustentando o que espero mostrar a vocês que são conceitos escriturísticos sobre esta questão. Ele acreditava na completa independência da Igreja; na verdade, a sua idéia essencial da Igreja era mais ou menos a de alguns dos puritanos, que diziam que a Igreja era tão-somente a reunião dos santos. Contudo ele era um homem da sua era, e, desafortunadamente, estava cercado de terríveis dificuldades. Não estou criticando Lutero. Ele foi chamado por Deus para realizar algo grande, e erramos muito se esperamos que ele fizesse tudo; é assombroso que ele foi habilitado a fazer o que fez.

Lutero viveu numa época em que a relação entre o Estado e a Igreja, sob o catolicismo romano, tinha sido muito íntima. Era como fora por séculos, e qualquer outra coisa era impensável. Todavia o que realmente desviou Lutero do seu conceito correto foram a chamada "Revolta dos Camponeses" e as pessoas que se tornaram conhecidas como anabatistas.

---

* Do *"Establishment"*. *"Established Church"*, igreja oficial, ou estatal. Nota do tradutor.

Bem, eu já me referi aos anabatistas quando descrevi o conceito do cristão sobre o Estado. Como grupo, eles lavavam as mãos quanto ao Estado. Alguns foram ao extremo de ditar às pessoas todos os detalhes da vida delas, alegando que *eles* eram o Estado e que estavam introduzido uma espécie de teocracia.

Esses dois movimentos assustaram Martinho Lutero, e ele se convenceu de que, se esse tipo de coisa continuasse, afastaria todos os governantes – os eleitores das diferentes partes do território que agora chamamos Alemanha, e, ainda mais, o imperador – e ele pôde ver que toda a obra da Reforma estaria perdida. Tem que haver alguma autoridade em algum lugar. Onde Lutero a encontrou? Ele chegou à conclusão de que o único meio de obter autoridade era voltar-se para o governante civil. E foi o que fez, e nisso ele se tornou erastiano, dando aos príncipes, aos eleitores, aos governantes, aos chefes de Estado, poder sobre a vida da Igreja nesta questão de punição.

Mas deixem-me dizer isto a favor de Lutero – e, diga-se de passagem, este é o ano próprio para dizê-lo (1967), porque faz 450 anos que ele afixou as suas noventa e cinco teses na porta da igreja – ele não acreditava que se devia condenar pessoas à morte por idéias heréticas. No entanto, em conseqüência do seu ensino, e cada vez mais conforme transcorreram os anos, a Igreja Luterana, falando em termos gerais, tornou-se erastiana. Ela é a Igreja estatal na Dinamarca, na Noruega, na Suécia e na Finlândia, e sua posição é análoga à da Igreja Anglicana neste país.

Isso me leva à Igreja da Inglaterra. Como já lhes fiz lembrar, Henrique VIII declarou-se chefe supremo e governante geral da Igreja, bem como do Estado. Seu filho, Eduardo VI, arrogou-se a mesma coisa, como o fizeram sua filha* Maria e sua outra filha, Elizabeth I.

Quero tentar ser justo com Elizabeth. A dificuldade que havia no século dezesseis era que a Igreja e o Estado estavam

---

* Filha de Henrique VIII. Nota do tradutor.

tão entrelaçados, e a política desempenhava um papel tão grande, que era extremamente difícil separá-los. Elizabeth, por exemplo, devido às suas opiniões eclesiásticas, estava sempre em perigo de ser atacada pela Espanha, então um país poderoso. Não a estou desculpando, não creio que ela possa ser desculpada, nem tampouco os seus bispos, porém devemos ser justos e tentar entendê-los quanto pudermos. E certamente Elizabeth temia o que aconteceria se ela relaxasse o seu domínio sobre a Igreja.

Chegamos assim aos Trinta e Nove Artigos. Há muitos evangélicos que dizem que permanecerão na Igreja da Inglaterra enquanto os Trinta e Nove Artigos não forem repudiados ou revogados. Mas o artigo trinta e sete diz:

> *A Majestade da Rainha é o principal poder neste reino da Inglaterra e em seus outros domínios, e a ela pertence o governo supremo de todos os Estados deste reino, quer eclesiásticos quer civis, em todas as causas. Eles (os príncipes) devem governar todos os Estados e graus a eles confiados por Deus, quer eclesiásticos quer temporais, e reprimir com a espada civil os obstinados e os malfeitores.*

E, naturalmente, é um fato da história que a rainha Elizabeth interferia muito ativamente. Houve um grande e idoso arcebispo da Cantuária, chamado Grindal, que questionava tudo isso e tinha tendências puritanas, mas Elizabeth o removeu, como tinha o poder de fazer. E em muitos outros aspectos e em muitas outras ocasiões, ela firmou sua autoridade como chefe da Igreja, ocupando a chefia suprema das matérias eclesiásticas bem como das demais, e ela compelia a Igreja a fazer o que ela queria.

Pois bem, houve um homem que chegou a ter grande proeminência nos fins do reinado de Elizabeth, homem considerado como autoridade nestas questões; chamava-se Richard Hooker. Ele escreveu um livro famoso, *Laws of*

Ecclesiastical Polity (Leis da Política Eclesiástica), que foi publicado em 1594, em vários volumes. Hooker, que ensinava o conceito erastiano típico, escreveu: "*A Igreja e o Estado são uma e a mesma sociedade somente contemplada sob diferentes aspectos*, e que, portanto, o Estado tem o perfeito direito de legislar para a Igreja".

Pois bem, nós devemos ser capazes de acompanhar isso. Na primeira parte do século vinte, quando o povo estava tão interessado em política, era costume dizer que a Igreja da Inglaterra era o Partido Conservador de joelhos, e igualmente que o não conformismo era o Partido Liberal fazendo suas orações. Noutras palavras, a Igreja e o Estado são uma só coisa, só que vista sob diferentes aspectos.

Aqui também quero ser justo com Richard Hooker. Ele deixou claro que este ensino só se aplicaria, só seria bom e verdadeiro, enquanto o chefe do Estado fosse um cristão. E este assunto é sumamente fascinante. Não podemos entrar nele, tomaria muito tempo. Mas muitos ensinavam o conceito do que chamavam "príncipe piedoso". A rainha Elizabeth era "um príncipe piedoso", de acordo com a opinião geral, porque era cristã e se interessava por estas questões. Desafortunadamente, porém, Hooker não nos diz muito claramente o que se deve fazer quando não se tem um príncipe piedoso, e, desde os dias da rainha Elizabeth, tem havido muitos príncipes ímpios. Infelizmente, as normas que devem reger a política eclesiástica formuladas por Hooker têm continuado vigentes, qualquer que seja o caráter moral do príncipe.

Outro ponto é que Hooker, embora atribuindo esta supremacia ao soberano, ao "príncipe piedoso" e ao Estado, não permitia que o soberano ou o Estado decidisse questões de doutrina, as quais, ele dizia, cabia à Igreja iniciar ou ensinar e definir. Mas, naturalmente, essa doutrina era submetida ao Estado para aprovação ou rejeição.

Ademais, Hooker ensinava que os bispos não eram "feitos"

pelos príncipes, porém eram simplesmente "colocados" por eles. Com isso ele queria dizer que o Estado, o soberano, tinha poder para nomear bispos, mas não para consagrá-los. E, evidentemente, essa continua sendo mais ou menos a norma na Igreja da Inglaterra.

Pois bem, Hooker e os demais eram bons homens; eram homens honestos que estavam tentando fazer o que achavam melhor, e obviamente foram infelizes. Quando você tem uma igreja que durante quinze séculos foi dominada pelo papado, e de repente manda embora essa autoridade papal, fica uma espécie de vazio, e estes homens – esta é a fascinante realidade acerca do século dezesseis – estavam em busca de um princípio de autoridade. Eles sentiam que há necessidade de autoridade, e essa foi a maneira pela qual os erastianos da Inglaterra procuraram resolver o problema. E assim, embora tenham dado a autoridade, procuraram restringi-la. Eles compreendiam que, afinal de contas, a Igreja era uma sociedade espiritual, e então traçaram a distinção no sentido de que o soberano, o Estado, tinha poder para colocar bispos, não porém para fazê-los; nomear bispos, sim, mas consagrá-los, não.

Com efeito, como eu disse, esta continua sendo a situação. Em 1928, a Igreja da Inglaterra produziu um livro de oração que foi derrubado pelo parlamento e que desde esse tempo nunca esteve legal e oficialmente em uso.* O Estado tem autoridade para fazer isso. Ele não podia iniciar esse livro de oração, mas tinha poder para legalizá-lo ou vetá-lo.

Também os bispos continuam sendo nomeados pela coroa. Lê-se constantemente nos jornais sobre a oposição que se faz a esse sistema, oposição procedente até de dentro da Igreja da Inglaterra. Há aqueles que dizem que se deve desfazer o caráter oficial da Igreja e que é um escândalo um primeiro ministro judeu, como no caso de Disraeli, ou um

* Esta preleção foi proferida em janeiro de 1967.

não conformista, ou um ímpio (não cito nomes) tenham o direito e a autoridade conferidos por lei para nomear bispos e outros dignitários na Igreja Cristã.

Mais um ponto precisa ser aduzido para completar este fragmento de história. A Igreja da Inglaterra, sendo oficial dessa maneira, reivindicava o direito de ditar às pessoas como elas deveriam prestar culto. Houve luta contra isso, claro, sob Charles I; e, durante o período da "Commonwealth" (Comunidade), sob Oliver Cromwell, isso foi posto de lado, embora não completamente, como veremos no próximo estudo. Oliver Cromwell, sejam quais forem suas faltas, fez mais que ninguém pela tolerância e liberdade religiosa neste país. Jamais se esqueçam disso. Ele foi o primeiro homem a dar asilo aos judeus, e, nesta questão de tolerância religiosa, ele esteve bem à frente do seu tempo.

Mas a duração da Commonwealth acabou sendo um período muito curto. Charles II retornou e então veio o Decreto de Uniformidade, a expulsão de dois mil clérigos em 1662, a opressão e os diversos decretos sobre conventículos, e tudo o que se seguiu. Isso continuou até 1688, quando, com a vinda de William e Mary, foi promulgado o Decreto de Tolerância, garantindo plena liberdade de culto aos não conformistas, não porém aos católicos romanos e aos unitários. Noutras palavras, os presbiterianos, os congregacionais e os batistas ficaram livres para prestar culto como quisessem. No fim do século dezoito, também aos católicos romanos foi dada liberdade de culto, embora não tenham recebido plena emancipação até 1829, e os unitários, se bem me lembro, em 1813.

Aí está, pois, apenas uma vista geral deste primeiro conceito sobre a relação entre a Igreja e o Estado, conceito que pretende fazer-nos acreditar que a Igreja e o Estado são uma só coisa. De um lado, os católicos romanos ensinam que a Igreja tem autoridade sobre o Estado, e do outro lado, os erastianos, que o Estado tem autoridade sobre a Igreja.

Ambos os conceitos têm sido modificados com o passar dos anos, e não há dúvida de que durante este século (vinte) ainda outras mudanças ocorrerão.

Bem, deixemos o assunto neste ponto por ora. Em nosso próximo estudo, espero passar a considerar o conceito que afirma que a Igreja e o Estado são essencialmente distintos.

7

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, porém para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

Já vimos que há duas idéias principais quanto à relação entre Igreja e Estado. A primeira, que examinamos em nosso estudo anterior, os considera uma só coisa. A segunda, que devemos analisar agora, sustenta que eles são essencialmente diferentes e distintos. Quatro principais razões são dadas para a defesa dessa idéia.

Para começar, a Igreja e o Estado são essencialmente diferentes em sua origem, na maneira pela qual vieram a existir. O Estado vem, claro, de Deus como o governante soberano sobre todo o universo. Cremos que o mundo foi criado por Deus, que pertence a Ele, e que Ele é o governante do universo todo. E nessa capacidade Deus trouxe o Estado à

existência, como somos levados a lembrar aqui, em Romanos, capítulo 13: "As potestade que há foram ordenadas por Deus". O Estado nada tem a ver com a salvação, diretamente, mas é uma coisa mais larga, mais ampla. Por um lado, a Igreja, como vemos claramente no Novo Testamento, veio a existir como resultado direto da obra mediatária ou salvadora do Senhor Jesus Cristo. Essa é a maneira tradicional de ver este assunto. Na verdade, vocês verão muitas vezes que em geral as pessoas dizem algo como isto: o Estado pertence à outra ordem, da natureza, faz parte do tratamento que Deus dá ao universo desse ponto de vista, ao passo que, no caso da Igreja, estamos no domínio da graça.

Isso tem ocasionado alguma disputa entre os mestres reformados e protestantes. Há aqueles que dizem que não se deve fazer essa distinção entre natureza e graça, que esse não é um modo verdadeiramente acurado de examinar esta questão, e costumam substituí-lo por outro, fazendo duas divisões da graça – a graça salvadora, que é graça especial e particular; e a graça geral, ou o que denominam "graça comum". Daí, não se diz que a Igreja pertence ao domínio da graça e o Estado ao domínio da natureza, mas sim que a Igreja pertence ao domínio da "graça especial", e o Estado à "graça comum".

Este é um ensino que precisamos conhecer bem porque contém muitas ênfases importantes. Ele realmente diz que Deus trata a todos pela graça em Jesus Cristo – não somente o crente, mas também o incrédulo – e que Ele o faz mediante a operação do Espírito Santo. Certamente o Espírito Santo trata os crentes direta e imediatamente, e de maneira muito especial: Ele os convence de pecado, dá-lhes o dom da fé, produz a regeneração e os batiza no corpo de Cristo. Estamos familiarizados com tudo isso; diz respeito à nossa redenção e salvação. Mas o ensino é que o Espírito também trata dos outros, operando neles de maneira mais geral, dando-lhes dons e capacidades.

Noutras palavras, este ensino visa dizer que não há coisa

alguma que seja "natural", no sentido de surgir da natureza independentemente de Deus. Deus fez o homem à Sua imagem; ele era perfeito e o universo inteiro era perfeito. Contudo o homem pecou e agora há uma nova relação entre Deus e o homem. Aqui vem a divisão – os que são trazidos à salvação, e os que não são. Mas o segundo grupo não é abandonado inteiramente; Deus cuida deles por meio da graça comum.

Deus não abandonou o mundo e a totalidade da humanidade quando o homem pecou. Já vimos, por exemplo, que Deus trouxe à existência poderes que devem restringir o mal, opor resistência ao pecado e suas manifestações. Isso, é o que se diz, faz parte da graça comum; é Deus agindo bondosamente, por Sua graça, com vistas ao Seu propósito supremo. Tais pessoas não são salvas, entretanto são contidas pelo Espírito e estão sob a Sua influência.

Pois bem, eu penso que esta maneira de expressar esse ponto é melhor: é melhor não falar em contraste entre a natureza e a graça, mas, antes, em graça especial e graça comum, assinalando-se que Deus Se interessa até pelos não regenerados. Ele cuida deles, não num sentido salvador, porém do ponto de vista da lei e da ordem, de paz e governo, e de coisas desse tipo. Talvez vocês pensem que esse é um ponto acadêmico, mas penso que quanto mais vocês meditarem nisso, mais perceberão que é importante que nos lembremos de que o mundo, especialmente como ele é hoje – que não há nada que esteja fora do governo de Deus. Ainda que os homens e as mulheres o neguem, não obstante eles estão sob a influência do Espírito de Deus. O mundo humanístico, assim chamado, não se apercebe de que muito daquilo que ele representa e do que faz é realmente resultado da operação do Espírito de Deus nele. Apesar dele próprio, é isso que acontece.

Portanto, o primeiro ponto é que a Igreja e o Estado diferem em sua origem. Existe graça especial e existe graça comum.

Em segundo lugar, vemos uma óbvia diferença entre a Igreja e o Estado quando os consideramos do ponto de vista do objetivo primário para o qual foram instituídos. A Igreja foi trazida à existência com propósitos espirituais. Ela foi instituída com a finalidade de pregar a Palavra aos não salvos, com a finalidade de evangelizar. Mas não somente isso; foi instituída para o bem-estar dos crentes, para os filhos de Deus. O propósito da Igreja é prover companheirismo para o povo de Deus, propiciar instrução na justiça, expor as Escrituras, oferecer apoio e ajuda e administrar os sacramentos (as ordenanças).

A função principal do Estado, por outro lado, é mais ampla, como já vimos pelos sete versículos que estamos considerando. O Estado ocupa-se da preservação da paz e da boa ordem externa. Não se preocupa com objetivos espirituais.

Depois, a terceira diferença que há entre ambos – importante, em vista do que nos é dito aqui – é que eles são diferentes e distintos no poder a eles confiado por Deus. Vejamos primeiro a Igreja: o poder dado a ela é o poder da graça; ela não tem nenhum poder coercivo. Claro está que nem sempre a igreja disse isso. Eu lhes mostrei que a igreja católica romana ensina e crê exatamente o oposto. E outros segmentos da Igreja têm sido culpados do mesmo erro. Todavia eu lhes sugiro que qualquer leitura que se faça do Novo Testamento, deve deixar nítido e claro para nós que o poder da Igreja é de persuasão, o poder da graça.

Talvez eu possa expressar melhor isso com uma citação de Martinho Lutero, que me parece que tinha uma grande clareza de entendimento quanto a esta questão. Referindo-se à igreja romana, ele diz: "Com uma sentença de morte eles resolviam toda discussão". Ele admitia que poderia haver casos nos quais, no interesse da tranqüilidade, pessoas problemáticas poderiam ter que ser banidas do país, mas ele se opunha à punição física por heresia. Eis suas palavras:

> *Nunca se pode reprimir a heresia pela força, mas ela deve ser agarrada de outro modo. Esta batalha não é da espécie que pode ser decidida com a espada. A arma que se deve usar aqui é a Palavra de Deus. Se essa não resolver, a decisão não será alterada pela força terrena, ainda que encharque a terra de sangue. Heresia é coisa da alma; nenhum aço pode arrancá-la, nenhuma água pode afogá-la. Somente a Palavra de Deus a pode destruir.*

Pois bem, essa é uma afirmação muito clara do fato de que o poder da Igreja é o da graça. Mas estes versículos de Romanos, capítulo 13, nos fizeram lembrar que o poder confiado ao Estado é essencialmente coercivo – "pois não traz debalde a espada". O limite supremo, como já vimos, é a pena capital, porém ao longo de toda a linha é um poder coercivo. Portanto, aí também constatamos uma óbvia distinção entre o Estado e a Igreja.

E, finalmente, em quarto lugar, há uma diferença muito definida entre as maneiras pelas quais são exercidas as funções de ambos. No caso da Igreja, são-nos dadas listas em vários lugares no Novo Testamento: "E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores" (Efésios 4:11). "E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores..." (1 Coríntios 12:28). São esses os oficiais da Igreja.

Mas quando se chega ao estado, vê-se algo inteiramente diferente. Tem-se aí o magistrado – o magistrado principal, o rei ou a rainha ou o imperador, ou seja quem for. É uma ordem inteiramente diferente, com vários dignitários e funcionários trabalhando sob uma autoridade suprema, e esta ordem também está perfeitamente clara na Bíblia, tanto no Velho Testamento como no Novo.

Temos aí, pois, as quatro razões muito reais para dizer que a Igreja e o Estado não são uma só coisa, e sim diferentes

em sua própria essência. Essa foi a verdade redescoberta, recapturada, no tempo da Reforma Protestante. Tinha se perdido, como vimos, no tempo de Constantino, e foi dado aos reformadores protestantes perceber e, em certa medida, restabelecer esta distinção vital e essencial.

Aqui, mais uma vez, devo tratar um pouco da história deste assunto. E me ocorre que talvez algum de vocês se pergunte por que tomo tanto tempo com esta visão histórica. Às vezes encontro pessoas que se consideram ultra-espirituais e que acham que demonstram essa ultra-espiritualidade dizendo: "Você não deve se incomodar com a história. Por que não vai direto às Escrituras e as expõe? Não me importa o que disseram no passado". Tais pessoas acham que o ministro que lembra aos ouvintes a história passada, realmente não está sendo muito espiritual e, de fato, está se tornando quase secular.

Bem, a minha única réplica a esse tipo de crítica é que é pura arrogância defender essa idéia. Que direito nós temos de supor que só a nossa interpretação das Escrituras é certa? Essa atitude é arrogante por este motivo: através dos séculos têm existido na Igreja homens e mulheres notáveis, de mentalidade espiritual, e que foram levantados por Deus. Deveríamos ignorar tudo o que pensaram, disseram e fizeram?

Não, quando nos vemos confrontados por momentosas questões como estas, e sabemos que os que nos antecederam foram confrontados pelas mesmas questões, e que no passado estes problemas levaram ao derramamento de sangue, a terríveis perseguições e à guerra, então, seguramente, só a humildade já nos faz desejosos de estudar o que aconteceu, para aproveitarmos de toda ajuda de que pudermos lançar mãos.

A mesma atitude arrogante se vê naqueles que não acreditam no uso de comentários. Dizem eles: "Tenho em mim o Espírito Santo e aí está a Palavra, posso fazer isso tudo". Conheci pessoas que foram a maiores extremos que esse.

Lembro-me de um pobre homem que uma vez estava dizendo verdadeiras tolices, mas que, quando lhe foi indicado que ele estava contradizendo o ensino do apóstolo Paulo, sua réplica foi que não lhe importava o que Paulo disse, o Espírito nele lhe dizia o que ele devia dizer.

Vocês vêem a loucura de tais argumentos? Devemos ser gratos a Deus por todo apoio e ajuda que pudermos conseguir. Este assunto que estamos considerando é de particular importância na presente hora, devido a certas tendências evidentes no mundo. Não estou pensando só no estado de coisas na China neste momento, mas também na situação dos cristãos noutros países, na África, por exemplo. É nosso dever pensar nessas pessoas, ajudá-las como pudermos e orar por elas. Algumas delas às vezes vêm a este país e se preocupam em fazer a alguns de nós perguntas sobre estas graves questões.

Mas, acima disso tudo, há uma tendência de retorno a Roma, e sabemos muito bem que aquela igreja, quando tem autoridade e poder, invariavelmente os exercem. Pode bem ser que alguns tenham que enfrentar situações como as que os reformadores protestantes tiveram que enfrentar em seus dias e em sua geração, e depois os puritanos e os pactuários, e outros depois deles. Assim, gostem vocês ou não, poderão ver-se envolvidos nesse problema; por isso devemos considerá-lo.

Acresce que certamente devemos aprender algo da história;* se não pudermos fazer isso, estaremos condenados a cometer os mesmos erros. Sabemos que aqueles homens e mulheres, em sua geração, tentaram, como nós o fazemos hoje, encarar estas questões honesta e biblicamente. Contudo, podemos aventurar-nos a dizer, à luz do ensino das Escrituras, que muitos deles foram falhos em certos pontos.

---

* Não contribuamos para dar validade a esta afirmação de Hegel: "Uma lição da história é que os homens não aprendem as lições da história". Nota do tradutor.

Nós temos a vantagem de poder olhar para trás e ver conceitos rivais e as influências recíprocas entre eles, e convém que façamos pleno uso desta oportunidade. Por isso, agora vocês vão ter mais um bocado de história. Isso não é uma desculpa, é uma *apologia*,* ou defesa!

Ao considerarmos o conceito que ressalta a diferença essencial existente entre a Igreja e o Estado, tomaremos os homens que aqui nos interessam – ou, ao menos, os movimentos que particularmente nos interessam – uma ordem cronológica. Primeiro foi Lutero, depois Zwínglio, um dos líderes nesta questão, e, terceiro, Calvino. Zwínglio morreu em 1531, ao passo que Calvino não publicou suas Institutas e não se tornou conhecido até 1536, e Zwínglio teve considerável influência sobre o pensamento de Calvino. Vamos, pois, falar um pouco sobre Zwínglio e Calvino, depois devemos examinar os puritanos deste país, e depois os presbiterianos, que vieram a ser um segmento do movimento dos puritanos. Finalmente, chegaremos aos separatistas, que deram o primeiro impulso condutor na direção da idéia da Igreja Livre: não só os não conformistas, mas também a Igreja Livre, rompendo a conexão estatal. Esses são os grupos principais.

De novo, podemos dividi-los em dois. Todos, exceto os separatistas, acreditavam numa estreita associação, na verdade numa aliança entre Igreja e Estado. Devemos entender bem isto: eles traçavam uma distinção entre a Igreja e o Estado no sentido de estarem contra o conceito sustentado pela Igreja da Inglaterra e pela igreja católica romana, mas, embora traçassem essa distinção, criam numa aliança entre os dois. Os separatistas, porém, diziam que estas instituições não só eram distintas, mas deviam ser separadas, daí o seu nome.

Consideremos o primeiro grupo. Primeiramente e acima

---

* O autor faz um jogo de palavras entre o termo inglês *"apology"*, desculpa, escusa, e o termo latino *"apologia"*, apologia, defesa. Nota do tradutor.

de tudo, lá estava Zwínglio, homem extraordinário. Não pretendo demorar-me com ele, exceto para dizer que a sua idéia era a de uma teocracia – isto é, o governo direto de Deus sobre a totalidade da vida, o Estado inclusive. Zwínglio colocava sua ênfase primariamente no ensino sobre Deus. Ele cria que a Igreja e o Estado se pertenciam mutuamente de maneira tão natural como o corpo e a alma no homem. O que a alma é para o corpo, dizia ele, a Igreja é para o Estado.

Assim, no fato de que Zwínglio reconhecia que a Igreja e o Estado eram distintos, ele compartilhava e denunciava o conceito católico-romano. Embora salientasse a distinção, defendia uma união entre os dois. Por um lado, ele dizia que o poder secular, o Estado, devia supervisionar a disciplina da Igreja, e, por outro lado, sustentava que a Bíblia devia ser o código de leis do governo, do Estado, e assim, num sentido, a Igreja diria ao Estado que decretos promulgar. Ele ensinava que a validade da lei civil dependia da sua conformidade com as Escrituras, e foi tão longe que chegou a dizer que, se o governo de um país deixasse de ser verdadeiramente cristão, ou ficasse aquém disso, deveria ocorrer uma revolução e tal governo deveria ser destituído. Ele acreditava em que se deveria lutar por estas questões, e de fato, em 1531, ele próprio morreu em combate, empunhando sua espada – uma grande tragédia.

Zwínglio foi um pioneiro deste ensino, porém os anabatistas tinham idéias semelhantes, e por um tempo ele cooperou com eles. Contudo, os anabatistas foram se tornando cada vez mais extremistas. Quando eles disseram que não reconheciam o Estado para nada e quiseram impor uma teocracia, Zwínglio rompeu com eles e se tornou duramente contrário a eles.

Como eu disse, os ensinos de Zwínglio tiveram muita influência sobre o próximo homem, em muitos aspectos o gênio culminante deles todos, João Calvino. Pois bem, é muito interessante notar que, conquanto Calvino tenha

muito a nos dizer sobre a Igreja e o Estado, na verdade nunca definiu uma doutrina sistemática sobre o Estado. Ele faz referências a isso, mas não desenvolve em detalhe as suas idéias sobre a natureza do Estado, e, por conseguinte, sobre a relação entre a Igreja e o Estado. Ora, isso não é uma crítica a ele. Quando se considera a vida desse homem, quando se considera tudo o que ele fez, todas as suas exposições dos livros das Escrituras e os conselhos que era sempre chamado a dar, não só pela cidade-estado de Genebra, à qual ele pertencia, mas também por muitas outras terras, a Grã-Bretanha inclusive, que confiavam nele, quando se considera tudo isso, o que surpreende é ele ter podido fazer tudo o que fez.*

Como tenho dito, toda a honra a estes homens! Eles foram chamados para a realização de uma grande obra e não tiveram tempo de completar tudo em detalhe. Dessa forma, sucedeu que Calvino não nos deu um ensino claro e inequívoco quanto a todo este problema da relação entre a Igreja e o Estado.

Calvino acreditava que a Igreja e o Estado eram distintos e que ambos foram clara e definidamente ordenados por Deus, argumentando no sentido de que suas esferas eram essencialmente diferentes, mas que, não obstante, eles deviam trabalhar juntos. Noutras palavras, embora ele dissesse que eram distintos e diferentes, para os propósitos práticos os considerava uma só coisa. Deixem-me explicar: Genebra, embora cidade, era um Estado. Havia cidades-estados na Suíça naquele tempo. Zurique, onde vivia Zwínglio, era uma, Berna, outra, etc. No entanto, para alguém se tornar cidadão de Genebra, era-lhe absolutamente necessário fazer profissão de fé em Cristo. Não se poderia ser cidadão sem isso. Naturalmente, o resultado foi que, embora alguns se

---

* Lembre-se o amável leitor de que João Calvino não chegou a uma idade provecta. Francês de Noyon, nasceu em 1509 e morreu em 1564. Nota do tradutor.

rebelassem uma vez ou outra, praticamente todo o mundo em Genebra fizera ou fazia profissão de fé. Portanto, Genebra era um igreja, por assim dizer, à qual todos os cidadãos pertenciam.

Dessa forma, em Genebra a relação entre a Igreja e o Estado era um tanto confusa. A verdade é que na maior parte da sua vida Calvino teve que lutar com essa questão. A certa altura ele foi de fato expulso de Genebra pelo Estado, mas depois o chamaram de volta. Às vezes ele se sujeitava ao Estado – ele realmente ensinava que era dever de todo homem sujeitar-se absolutamente à soberania do Estado, embora fizesse algumas exceções a isso.

Não devo ir a fundo nisto, por tentador que seja. A questão geral do batismo infantil, como Calvino o entendia, está envolvida. Todavia, apenas dou isso como uma prova do fato de que, embora Calvino traçasse uma distinção entre a Igreja e o Estado, na prática tendia a identificá-los.

Mais que isso, porém; Calvino dizia que o Estado, em acréscimo ao seu dever de salvaguardar a paz e a ordem, deveria cuidar para que a correta espécie de doutrina e de culto seja mantida. Dizia também que os pecados contra a primeira tábua da lei mosaica (os quatro primeiros mandamentos do Decálogo) deveriam ser punidos pelo Estado. Vocês podem checar isso pessoalmente no Livro Quatro das *Institutas* de Calvino, onde esse assunto é tratado com toda objetividade e clareza. Calvino acrescentava que o Estado, por sua vez, deveria conformar suas leis à lei divina, e dizia que a Igreja deveria ser o juiz nos negócios do Estado que envolvam religião e moral.

Calvino sustentava que a Igreja poderia mandar no Estado nas questões de religião e de moral e poderia exigir que o Estado a ajudasse a tornar o mundo cristão, fazendo uso da força onde necessário, princípio que também fora expresso por Zwínglio. Comentando isso, um historiador disse com muito acerto: "Assim, a extinta prática católico-romana de

usar o Estado para a concretização dos ideais da Igreja tornou a entrar no protestantismo pela porta dos fundos".

Vimos que é ensino católico-romano que a Igreja deve usar o Estado para propagar o seu ensino e realizar os seus ideais. Pois bem, Calvino realmente voltou a essa posição. Portanto, tendo protestado contra Roma, tendo estabelecido e salientado a diferença entre a Igreja e o Estado, na prática retornou à velha posição católico-romana, afirmando que a Igreja poderia usar o Estado a fim de levar a efeito os seus propósitos. E isso aconteceu no caso de Serveto, que foi levado à morte pelo Estado devido ao seu ensino errôneo.

Esse é, então, na essência, o ensino de João Calvino sobre este assunto, e é muito importante que tenhamos isso em mente, porque ele teve grande influência, não somente na Inglaterra, porém ainda mais na Escócia, nos Países Baixos, Holanda em particular, e eventualmente sobre o presbiterianismo do mundo inteiro.

Permitam que lhes mostre o que quero dizer: a famosa Confissão seguida pela Igreja Reformada Holandesa e por suas várias divisões na Holanda hoje, e nos Estados Unidos, baseia-se na Confissão Belga de 1561, grande e maravilhosa confissão de fé.

Mas eis o que o Artigo trinta e seis diz acerca dos magistrados:

> *Cremos que o nosso gracioso Deus, por causa da depravação da humanidade, designou reis, príncipes e magistrados, querendo que o mundo seja governado por certas leis e ações políticas para que a dissolução dos homens seja reprimida e todas as coisas sejam conduzidas entre eles com boa ordem e decência. Com esse propósito, Ele deu a espada à magistratura para punição dos que fazem o mal e para louvor dos que fazem o bem, e seu ofício não consiste só em olhar e velar pela prosperidade do estado civil, porém também proteger o ministério sagrado e assim remover e impedir toda idolatria e todo falso culto para que, dessa forma, o reino do Anticristo seja destruído e o reino de Cristo seja promovido. Portanto*

eles (os magistrados) devem apoiar a pregação do evangelho em toda parte, para que Deus seja honrado e adorado por todos como Ele ordena em Sua Palavra.

Além disso, é forçoso dever de cada um, qualquer que seja o seu estado, qualidade ou condição, sujeitar-se aos magistrados, pagar tributo, mostrar honra e respeito para com eles e obedecer-lhes em todas as coisas que não sejam incompatíveis com a Palavra de Deus, fazer súplicas em favor deles em suas orações, rogando a Deus que os dirija e os guie em todos os seus caminhos e que nos permita ter uma vida tranqüila e pacífica, com toda piedade e honestidade. Portanto, abominamos o erro dos anabatistas e de outras pes-soas sediciosas, em geral aqueles que rejeitam os poderes superiores e os magistrados e pretendem subverter a justiça, introduzir uma comunidade de bens e confundir a boa ordem que Deus estabeleceu entre eles.

– Confissão Belga, Artigo 36

A Confissão Belga é uma elaborada aplicação do ensino de João Calvino.

Quanto aos primeiros puritanos da Grã-Bretanha, todos eles estavam dentro da Igreja da Inglaterra, como vocês devem lembrar. Eram clérigos, mas também eram puritanos, e se opunham à reforma incompleta da Igreja da Inglaterra quanto à questão do uso de sobrepeliz e de várias vestes, e quanto aos sacramentos, etc. No entanto, quanto à relação de Igreja e Estado, em geral eles simplesmente davam continuidade ao ensino que estava em voga na Inglaterra. E, portanto, as suas idéias vão bem sob o título que consideramos em nosso estudo anterior.

Mas então, por volta de 1570, houve uma divisão nas fileiras dos puritanos. Um homem chamado Thomas Cartwright, que era o Professor Régio* de Teologia em

---

* *"Regius Professor"*, cátedra universitária estabelecida por um rei. Em 1546 Henrique VIII criou diversas cadeiras em Oxford, entre elas as de >>

Cambridge, começou a ensinar idéias presbiterianas, e isso separou um grupo de puritanos dos outros, que aderiam ao conceito anglicano, erastiano.

Bem, o conceito dos presbiterianos quanto a toda esta questão não é matéria de debate porque está exposto com muita clareza na Confissão de Fé, de Westminster. O título do Capítulo 23 é: "Do Magistrado Civil", e é muito parecido com a Confissão Belga:

> *Deus, o Senhor supremo e Rei de todo o mundo, para a sua própria glória e para o bem público, constituiu sobre o povo magistrados civis, a Ele sujeitos, e para este fim os armou com o poder da espada para defesa e incentivo dos bons e castigo dos malfeitores.*

A segunda seção diz:

> *Aos cristãos é lícito aceitar e exercer o ofício de magistrados, sendo para ele chamados; e em sua administração, como devem manter especialmente a piedade, a justiça e a paz, segundo as leis salutares de cada Estado, eles, sob a dispensação do Novo Testamento, e para esse fim, podem licitamente fazer guerra, havendo ocasiões justas e necessárias.*

Mas é a terceira divisão que é do nosso interesse neste ponto:

> *O magistrado civil não pode tomar sobre si a administração da Palavra e dos sacramentos, ou o poder das chaves do reino do céu; contudo,* ele tem autoridade, e é seu dever, para incumbir-se de que a unidade e a paz sejam preservadas na*

<< Hebraico, Grego e Teologia, e estabeleceu a de Teologia e outras em Cambridge. George I estabeleceu a de História Moderna em Oxford, em 1724. Nota do tradutor.

* O trecho que começa com a palavra "contudo" e vai até o fim da citação, não faz parte do texto da Confissão de Fé atualmente adotada pela Igreja Presbiteriana do Brasil.

> *Igreja, a verdade de Deus seja mantida pura e íntegra, todas as blasfêmias e heresias sejam suprimidas, todas as formas de corrupção e de abuso do culto e da disciplina sejam impedidas ou mudadas, e todas as ordenanças de Deus sejam devidamente estabelecidas, administradas e observadas. Para a melhor realização disso, ele tem poder para convocar sínodos, estar presente neles e providenciar para que o que quer que seja decidido por eles esteja em conformidade com a mente de Deus.*
>
> – Confissão de Westminster, Capítulo 23

É nisso que os presbiterianos criam, e no que aqueles que aderem à Confissão de Fé de Westminster ainda crêem. Foi redigida entre os anos de 1643 e 1647, e vocês vêem, o poder dado ao magistrado: ele pode convocar sínodos e assistir a eles, mesmo não sendo cristão. Diz a Confissão (23:4):

> *Incredulidade ou indiferença em questão de religião não invalida a justa e legal autoridade dos magistrados, nem isenta o povo da obediência que lhe deve, obediência essa da qual não estão excluídos os eclesiásticos, muito menos tem o papa qualquer poder de jurisdição sobre eles em seus domínios ou sobre qualquer dos seus súditos.*

Aqui também quero ser justo com a posição presbiteriana. Foi formulada em 1643-1647 e, naturalmente, era uma extensão do ensino de João Calvino e do ensino que John Knox, que tinha passado anos em Genebra, tinha-a absorvido dele e a tinha introduzido na Escócia.

Mas John Knox foi seguido por um grande homem chamado Andrew Melville, e embora, em geral, Melville sustentasse estas idéias, devo ler para vocês uma declaração deveras maravilhosa que ele fez. Ele estava constantemente em dificuldade com Tiago VI, da Escócia, que veio a ser Tiago I, da Inglaterra,* e certa ocasião eles se reuniram para

---

* Convocado em 1606 com outros ministros para conferenciarem com >>

discutir estas questões. Melville assinalava que o rei estava se arrogando excessivo poder e interferindo demais na Igreja, e vejam aqui como ele se dirigiu à Sua Majestade, o rei Tiago VI, da Escócia:

> *Senhor, sempre prestaremos reverência humildemente à Vossa Majestade em público; mas, visto que temos esta ocasião de privar com Vossa Majestade, e visto que correrás extremo perigo de perder tanto a vida como a coroa, e, juntamente contigo, o país e a Igreja de Deus estarão sujeitos a sofrerem naufrágio, se não te for dita a verdade e não te for dado um fiel conselho, devemos desincumbir-nos do nosso dever, ou, do contrário, estaremos traindo a Cristo e a ti. Portanto, Senhor, como eu já disse diversas vezes a ti, há dois reis dois reinos na Escócia; há o rei Tiago, o chefe desta comunidade, e há Cristo Jesus, o Rei da Igreja, de quem o rei Tiago VI é súdito e de cujo reino ele não é rei, nem senhor, nem chefe, mas um membro.*
>
> *Senhor, aqueles a quem Cristo chamou e ordenou para velarem por Sua Igreja, têm poder e autoridade dEle advindos para governar Seu reino espiritual, tanto em conjunto como separadamente; a estes nenhum rei ou príncipe cristão deve controlar nem demitir, mas sim fortalecer e assistir; de outro modo, eles não serão fiéis súditos de Cristo e membros de Sua Igreja... Senhor, quando ainda usavas cueiros, Cristo reinava livremente nesta terra, apesar de todos os Seus inimigos: Seus oficiais e ministros se compraziam em reunir-se em prol do governo e da prosperidade da Sua Igreja, o que sempre foi para o teu bem-estar, defesa e preservação, quando estes mesmos inimigos procuravam a tua destruição e o teu extermínio.*

E esse elemento estava sempre presente. Vê-se outra vez que a dificuldade que todos estes homens tinham era a que eu

---

<<Tiago I, Melville foi aprisionado na Torre de Londres, onde ficou encarcerado até 1611. Nota do tradutor.

indiquei para vocês em nosso estudo anterior – esta questão geral de autoridade. Esse, parece-me, é o ponto em que os cristãos sempre se têm extraviado. Em sua busca de uma autoridade tangível, sempre houve a tendência de dar excessivo poder ao Estado, o que se vê claramente na Confissão Belga e na Confissão de Fé de Westminster. Mas, ao mesmo tempo, vocês têm o admirável discernimento e protesto de um homem como Andrew Melville. Naturalmente, isso tendia a variar de indivíduo a indivíduo, porém demos toda honra a Andrew Melville, que pôde dirigir-se ao rei Tiago VI daquela maneira corajosa. E João Knox fez algo muito parecido, muitas vezes, com a mãe daquele rei, Maria, rainha dos Escoceses.*

Mas talvez seja bom eu concluir este estudo com aquela heróica declaração feita por Andrew Melville. Devemos prosseguir e considerar como os colonos americanos, os pais peregrinos e seus descendentes, gerenciaram esta questão; e eu quero dizer a vocês também como foi que as igrejas livres vieram a existir. Posso fazer isso num breve espaço, espero, e depois posso mostrar-lhes como houve modificações deste conceito e como chegamos à posição atual. E então, à luz disso tudo, podemos voltar a considerar o ensino das Escrituras.

---

* Talvez seja próprio lembrar, neste contexto, a longa, instrutiva e corajosa carta que João Calvino escreveu ao rei Francisco I, da França, apresentando as suas Institutas. Nota do tradutor.

8

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, porém para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

Devemos dar continuidade à nossa visão histórica porque, como estive tentando mostrar a vocês, estes eventos e idéias históricos são relevantes para nós hoje. Gostemos ou não, como cristãos estamos envolvidos nisso tudo. Penso eu que um dos maiores pecados, especialmente do povo evangélico, é dizer: "Não me interesso por nada disso, não posso incomodar-me com isso. Contanto que em nossas igrejas locais possamos continuar evangelizando e mantendo comunhão uns com os outros, que é que importa isso tudo?"

A resposta é que, se você achar que isso não importa, logo, logo vai se achar na igreja de Roma, e depois vai começar a perguntar como foi que foi parar lá. A resposta será que foi

devido à sua ignorância, porque você disse que não se importava com estas coisas. Mas há outros que pensam nisso e que são muito ativos no presente, e que estão tomando decisões que são de interesse da Igreja. Por isso convém que entendamos muito bem estas questões.

Não somente isso, quero sugerir outro motivo muito prático para estudarmos este assunto. Penso que a confusão entre Igreja e Estado foi, e ainda é, um dos maiores obstáculos à verdadeira evangelização, como espero mostrar-lhes. Vocês verão historicamente na Grã-Bretanha, por exemplo, que é esta idéia de Estado-Igreja que geralmente tem resistido ao verdadeiro avivamento e aos esforços dos mais notáveis evangelistas que Deus produziu na Igreja Cristã. É, pois, muito importante que demos continuidade a esta história.

Chego logo a seguir, então, nesta vista histórica – e, quanto me é possível, sigo uma ordem cronológica – ao caso dos pais peregrinos e aos colonos americanos. Desde os primeiros momentos da Reforma Protestante, como já vimos, na Igreja da Inglaterra havia homens insatisfeitos com o que tinha sido realizado. Eles achavam que a Reforma tinha ficado aquém do necessário, que, enquanto questões de doutrina, a doutrina da salvação em particular, tinham recebido o devido tratamento e foram corrigidas, tinha ocorrido falha em não se porem em ação os princípios da Reforma nas questões das cerimônias, do ritual, do governo da Igreja, etc. Estes homens se tornaram conhecidos como puritanos porque achavam que a Igreja precisava ser purificada total e completamente. Depois, no transcorrer do tempo, eles se dividiram em vários grupos.*

Os puritanos da Inglaterra foram ficando cada vez mais

---

* Para mais informações sobre este assunto, ver "Henry Jacob e a Primeira Igreja Congregacional", pelo Dr. Martyn Lloyd-Jones, em *Os Puritanos: Suas Origens e Seus Sucessores, 1966*, pp.159-180, PES, São Paulo, primeira edição em português: 1993.

inquietos e insatisfeitos com a Concessão Elizabetana e com a Igreja Anglicana, mas quando eles falavam, eram perseguidos e aprisionados, muitos sendo levados à morte. Outros fugiram temporariamente para a Holanda, onde foram bem recebidos, obtiveram asilo e formaram igrejas. Foi em conseqüência dessa perseguição que os pais peregrinos cruzaram o Atlântico no *Mayflower*, no ano de 1620.

Lá, vocês vêem, estava aquele grande e novo continente que fora descoberto na década de 1490 por Cristóvão Colombo. Havia lá uma grande oportunidade, e estes puritanos sentiram que, se tão-somente pudessem ir para a América, poderiam começar vida nova e estar livres para prestar culto a Deus da maneira que eles acreditavam ser certa e bíblica. Foi esse o tipo de espírito que animou os pais peregrinos. Saíram da Europa rumo a um novo país, não meramente para fundar um novo Estado, mas primariamente para livrar-se da tirania eclesiástica sob a qual tinham sofrido tanto na Inglaterra. Esse foi o principal motivo que os levou a se exporem, bem como a exporem suas esposas e seus filhos, aos rigores da travessia do Atlântico e a dificuldades inenarráveis. E contudo – coisa quase incrível – tendo lá chegado e tendo começado vida nova naquela colônia, eles, por sua vez, passaram a criar a mesma situação da qual tinham fugido: eles próprios se tornaram tiranos religiosos e eclesiásticos. A história desse fato é, naturalmente, fascinante e muito importante. Há um excelente livro, intitulado *Pilgrims and Strangers* (Peregrinos e Estrangeiros), que lhes fará narrativa disso tudo, como também a fazem as biografias dos diferentes homens.

Pois bem, esta é a espécie de legislação que os pais peregrinos promulgaram: em Massachusetts, local onde se deu a primeira colonização, a cidadania, isto é, o direito de votar e de fazer parte do governo, foi limitado a membros de igreja. Além disso, como Calvino e Knox, eles se utilizavam do Estado para a imposição da disciplina. Noutras palavras, ele foram completamente intolerantes.

Havia grandes vultos entre os primeiros colonizadores. Um deles era um homem chamado John Cotton, que tinha sido pároco anglicano em Boston,* Lincolnshire – foi ele que deu o nome a Boston de Massachusetts. Foi um livro escrito por ele que mudou o grande Dr. John Owen, talvez o mais fino intelecto entre os puritanos, fazendo dele um independente. Mas, se vocês lerem a história da vida de John Cotton, verão que foi um penosíssimo processo ele deixar de ser anglicano em sua maneira de ver a disciplina e tornar-se um verdadeiro independente.

Estes homens não eram mais anglicanos, eram independentes do anglicanismo, e, todavia, impuseram o seu sistema sobre todo o seu povo. Noutras palavras, pode-se descrevê-los como semi-separatistas. Eles se haviam separado do conceito de Igreja Estatal, mas só até certo ponto. Ainda acreditavam que era dever e atividade do Estado, dos magistrados e dos poderes governamentais exercerem a disciplina em benefício da Igreja.

Havia pessoas semelhantes a eles na Inglaterra. O homem de cuja igreja os pais peregrinos saíram a fim de irem para a América, o famoso John Robinson, proferiu um grande sermão de despedida que se tornou muito conhecido. John Robinson, que também tivera a intenção de ir para a América mas nunca foi, era um semi-separatista que acreditava em se terem igrejas separadas da Igreja da Inglaterra, a Igreja oficial, e, contudo, estava igualmente convencido de que o Estado deveria ser utilizado para executar a disciplina da Igreja. Ele não cria em separar-se completamente da Igreja oficial, e ocasionalmente se conformava a ela.

Outro semi-separatista era um homem chamado Henry Jacob. Ele foi o primeiro ministro da primeira verdadeira igreja congregacional a ter continuidade na Grã-Bretanha, igreja que foi fundada em 1616 em Southwark, na zona sul de

* Cidade do condado de Lincolnshire, Inglaterra. Nota do tradutor.

Londres. Embora não tão extremista como John Cotton, Jacob cria no uso do Estado para a administração da disciplina.

Assim, para sumariar, temos considerado o ensino de Calvino e a prática que ocorria em Genebra, e o de Zwínglio antes dele; temos examinado a atitude presbiteriana, adotada, naturalmente, na Escócia e também pelas igrejas reformadas do Continente, e agora vimos a posição dos colonos americanos. Estes últimos são particularmente interessantes porque, mais ou menos, tiveram oportunidade de fazer qualquer coisa que quisessem – certo, eles ainda estavam sujeitos ao governo da Inglaterra, não eram senão uma colônia, e a terra lhes tinha sido concedida pelo governo inglês e pelo rei – entretanto tiveram essa oportunidade. Contudo, continuaram sendo semi-separatistas, e em geral se conformaram ao ensino das confissões Belga e de Westminster sobre toda esta questão.

Mas, passemos agora ao outro grupo, que eu coloco sob o título de "conceito de Igreja Livre". Esse é um título muito bom porque estamos tratando da questão da associação entre a Igreja e o Estado, e a própria expressão "Igreja Livre" revela a vocês a posição essencial a que se refere. É uma Igreja totalmente livre do Estado.

A história da Igreja Livre começou com as pessoas conhecidas como "separatistas", que inicialmente apareceram no reinado da rainha Elizabeth, na década de 1580. Vimos que os presbiterianos se ramificaram dentre os puritanos por volta de 1570, por meio do ensino e pregação de um professor de teologia de Cambridge chamado Thomas Cartwright (ver o Capítulo 7). Mas ali estava um novo grupo que também objetava à atitude presbiteriana. Devido sustentarem que não deveria haver conexão nenhuma entre o Estado e a Igreja, estas pessoas eram chamadas separatistas.

Há muitos nomes aí, e eu vou dar uma olhada nalguns dos importantes. O primeiro é Robert Browne. Por muito tempo os independentes da Inglaterra, ou congregacionais,

eram conhecidos como "brownistas", porque eram seguidores do ensino de Robert Browne, ou ao menos tinham derivado as suas idéias do seu ensino. Ele era um homem estranho, e tinha publicado um livro ao qual dera o título de *A Treatise of Reformation Without Tarryng For Any* (Tratado sobre a Reforma sem Esperar Ninguém), com o que ele queria dizer que não ia perder tempo esperando até que o seu ensino tivesse o efeito de transformar os magistrados em pessoas piedosas que estivessem dispostas a ter uma visão escriturística destas questões. Mas depois, tendo escrito isso, acabou voltando atrás em tudo o que disse e passou muitos anos da sua vida como pároco anglicano muito tranqüilo, obscuro e desconhecido, e morreu nessas condições em 1633.

A obra de Robert Browne foi assumida por três homens admiráveis – Henry Barrow, John Greenwood e John Penry. Em toda a história eclesiástica, e em muitos aspectos também na história secular, não há nada mais heróico do que a história desses três homens. Eles foram caçados e aprisionados, e finalmente foram levados à morte, e morreram alegremente. A última carta de John Penry à sua esposa, escrita pouco antes da sua execução, é, eu acho, um dos documentos mais emocionantes que já li.

Pois bem, estes separatistas diziam que o Estado não deve ter nenhuma ligação com a Igreja, nem a Igreja com o Estado. Eles sustentavam a separação completa dos dois e que não se deve chamar o magistrado para administrar a disciplina nem qualquer outra coisa em favor da Igreja. Eles sofriam forte oposição, claro, não só dos anglicanos, mas igualmente dos puritanos, que, como vocês devem lembrar, eram mormente pessoas que acreditavam em permanecer na Igreja da Inglaterra, mas reformando-a. Os separatistas sofriam também forte oposição dos presbiterianos. Todo mundo estava contra eles e os denunciava com grande violência.

Contudo, esse foi o testemunho deles; reivindicavam completa liberdade de culto, completa liberdade religiosa, e

inteira separação de Igreja e Estado. A princípio eles eram independentes ou congregacionais, mas nos primeiros anos do século dezessete alguns deles começaram a adotar o que agora chamamos conceitos batistas, o que significava principalmente que não se devia batizar crianças, porém somente adultos, com base em sua confissão de fé. Os líderes eram dois homens, um dos quais chamava-se John Smith e o outro Thomas Helwys. Eles realmente foram os fundadores das causas batistas neste país e publicaram uma grande *Declaração* em 1611.

Bem, isso não tem nenhuma relação com o meu tema imediato, mas pode ser que eu não tenha oportunidade de dizer coisas como as seguintes durante a exposição das Escrituras. Estes dois homens acreditavam no batismo por aspersão, não por imersão, e eles se aspergiram mutuamente. A maioria do povo não entende estas coisas, porém desde cerca de 1610 até 1640 os batistas não praticavam a imersão, e sim acreditavam na aspersão, na afusão – um ponto muito interessante.

Assim, até por volta de 1640 e o princípio da Guerra Civil, havia dois grupos separatistas – os independentes e os batistas. Eram poucos em número e cresciam muito vagarosamente, mas, por certo, como veremos, eles foram grandemente ajudados pela Guerra Civil e pelo período da "Commonwealth". Sofreram muito, porém se mantiveram apegados aos seus princípios.

Isso me leva, então, a dizer uma palavra acerca do grande Oliver Cromwell, seguramente, em muitos aspectos, o maior inglês que já viveu; até mesmo a sua ascendência é interessante. Cromwell era independente, e convicto, mas, a despeito disso, ele não foi claro sobre a questão da relação Igreja-Estado de que estamos tratando. Como estive dizendo sobre outros, devo dizer acima de tudo de Cromwell: devemos ter o cuidado de não julgar estes homens; sua situação era quase impossível, particularmente a de Oliver Cromwell. Um rei fora

decapitado, evento desconhecido e muito estranho, e a Igreja da Inglaterra, a Igreja Episcopal, num sentido tinha sido extinta. Que é que se devia fazer?

Bem, afinal de contas, Cromwell era o Lorde Protetor; cabia-lhe governar e ele sentiu que era preciso fazer alguma coisa. Assim, pôs em ordem os negócios da Igreja. Ele acreditava que o Estado tinha que fazer isso, pelo que nomeou "experimentadores" para examinarem os pregadores, nomeou pregadores, e assim por diante. Num sentido, ele continuou exatamente com o mesmo sistema que Elizabeth e os Stuart* haviam sustentado, só que, naturalmente, ele tinha motivos diferentes; ele não era episcopal; era um verdadeiro independente. Não obstante, acreditava em Igreja Estatal, como os outros haviam acreditado antes dele.

Todavia, é nisto que pagamos tributo de honra a Cromwell: na prática, ele achava que tinha que agir como agiu, de outro modo não haveria nada senão o caos. Além disso, ele sempre tinha o argumento de que não somente o clero anglicano na maioria era iletrado, mas também muitos clérigos eram imorais e negligenciavam suas igrejas. Portanto, não havia pregadores; eles tinham que ser encontrados e treinados, e, finalmente, impostos, por assim dizer, ao povo. Eram esses os argumentos de Cromwell. Mas, apesar disso tudo, e apesar de algumas nódoas, talvez, sobre a sua grande realização, ali estava um homem que tinha idéias muito claras sobre a tolerância religiosa e a liberdade de culto. Ele foi, por exemplo, o primeiro homem a dar liberdade de culto aos judeus.

Assim, ao passo que os brownistas e Barrow, Greenwood e Penry tinham lançado uma semente, esta só veio a frutificar realmente, ou ao menos se desenvolveu mais completamente,

---

* Apesar de alguns professores acompanharem o critério inglês de fazer o plural de sobrenomes, mantenho o que aprendi de bons mestres de português. Nota do tradutor.

durante o tempo de Cromwell e da "Commonwealth".

E isso me leva às pessoas mais responsáveis pela idéia de Igreja Livre. Os outros são os antecessores, mostram-nos o fundo histórico, porém tudo veio a ser uma espécie de foco desta maneira: primeiro permitam que eu fale sobre os Estados Unidos da América. E aqui eu devo mencionar um homem deveras extraordinário, cujo nome era Roger Williams. Ele teve um papel importante na história da religião, especialmente da tolerância religiosa, mas foi também o pivô na história geral dos Estados Unidos da América. Em muitos aspectos ele foi mais responsável do que qualquer outro homem pela maneira como os Estados Unidos da América vêem estas questões, e é interessante que ele tem recebido grande honra dos historiadores americanos no século vinte.

Pois bem, no passado Roger Williams não só foi negligenciado, como também foi difamado e incompreendido. Evidentemente, esse foi o destino de muitos reformadores e de muitos grandes vultos. Muitas vezes eles são caluniados em seus dias e em sua geração, e só são devidamente apreciados, talvez, séculos mais tarde. Foi o que aconteceu com Cromwell, claro. Após sua morte e a restauração de Charles II, o nome de Cromwell foi execrado e seu corpo foi exumado e exposto ao ridículo e ao escárnio público. Tudo o que poderia ser feito para manchar o seu nome foi feito. Só quando Thomas Carlyle começou a escrever, na década de 1830, a Grã-Bretanha recomeçou a compreender quão grande homem foi Oliver Cromwell.

Pois bem, coisa parecida aconteceu com Roger Williams. Não o estou colocando precisamente na mesma categoria de Oliver Cromwell porque ele era um clérigo, não um estadista, mas, como pensador eu certamente o juntaria a Cromwell, no mesmo bloco, e, na verdade, talvez o colocasse na frente. E então, quais são os fatos concernentes a esse homem? Ele nasceu na Grã-Bretanha em 1600 – há alguma disputa quanto

a se ele nasceu em Gales ou na Cornualha,* mas isso não faz muita diferença; ambos são celtas! Ele estudou em Cambridge, como ali estudava a maioria destas pessoas naqueles tempos, e foi ordenado ministro anglicano, porém desde o princípio se sentia infeliz nessa posição. O resultado foi que em 1631 ele cruzou o Atlântico e foi para Boston, onde pensava que encontraria liberdade e a atmosfera agradável pela qual ansiava.

Foi feita uma grande recepção a Williams quando chegou a Boston. Ele era um homem muito capaz, e o povo enxergou as suas qualidades e quis nomeá-lo mestre das igrejas. Mas ele ainda se sentiu muito infeliz. Ele viu que mesmo ali estas questões não eram entendidas. Os colonizadores tinham formado igrejas separadas, mas não tinham renunciado aos erros da Igreja da Inglaterra. Eis o que ele escreveu: "Tendo sido unanimemente eleito mestre em Boston, conscienciosamente recusei, porque não me atrevo a oficiar a um povo não separado como, após exame e conferência, vi que esse povo é".

Williams dizia que a separação não tinha ido suficientemente longe. Ele queria que os colonizadores fizessem uma declaração pública do seu arrependimento por terem tido comunhão com as igrejas da Inglaterra enquanto viviam lá. Eles nunca tinham feito isso; ou não falavam nada sobre a Igreja da Inglaterra, ou afirmavam que, afinal de contas, ela era uma verdadeira igreja, mas eles se propunham fazer algo diferente. Ele ensinava também que o magistrado não tinha direito de punir a quebra do sábado nem qualquer outra transgressão por ser quebra da primeira tábua dos Dez Mandamentos.

O resultado desses desacordos foi que Williams não se estabeleceu em Boston, porém foi mais para o norte, para

---

* *"Cornwall"*, região peninsular situada no sudoeste da Inglaterra. Nota do tradutor.

Salem, um lugar famoso e muito interessante no que diz respeito à história destas questões. Tive o prazer de fazer uma visita lá e de falar ao povo local algo sobre todo este assunto; eles nunca tinham ouvido nada a respeito!

Em Salem Williams foi novamente nomeado pastor, entretanto logo teve dificuldade porque o povo de Boston tinha jurisdição sobre toda aquela área. Mudando-se de Salem, ele foi para um lugar chamado Plymouth, onde ficou mais ou menos dois anos, e depois voltou para Salem. Mas, por causa das suas opiniões, em 1636 foram dadas ordens para que ele fosse deportado. Este foi o edito da corte: "Se uma pessoa ou pessoas, dentro desta jurisdição, negarem ao magistrado o direito ou autoridade legal de punir as quebras da primeira tábua da lei, tal ou tais pessoas deverão ser sentenciadas ao banimento".

Roger Williams fez tudo o que fez por causa das suas idéias religiosas. Ele acreditava na completa liberdade de culto e sustentava que o Estado não tinha direito nenhum de ditar crenças religiosas. Sob o governo de Massachusetts você tinha que crer no conceito dominante, do contrário, como já vimos, não poderia nem ser cidadão. Ele objetava a tudo isso primeiramente baseado na religião, mas também desenvolveu certas idéias políticas e, em muitos aspectos, ele é o pai da democracia americana.

Em 1639 Williams adotou idéias batistas. Até então, ele havia sido independente, separatista. Mas nem com os batistas ele se sentiu feliz.

Aqui também quero ser justo com todos os lados. Williams era sem dúvida um gênio, porém, como às vezes é próprio dos gênios, ele tendia a fazer-se difícil – difícil, ao menos, de se conviver com ele. Ele foi amigo pessoal de Oliver Cromwell e de John Milton, o poeta, e de outros líderes da Inglaterra. Esteve várias vezes na Inglaterra, em função dos negócios de Rhode Island, e era muito respeitado. Até os governadores de Massachusetts, que procuraram

bani-lo, pagavam-lhe o maior tributo de honra possível, não somente por seu caráter e sua piedade, mas também por sua capacidade como pregador e mestre. Contudo, ele tinha a tendência de forçar a sua lógica, indo um pouco longe demais, de modo que por fim ele achava difícil concordar com quem quer que fosse. Não obstante, a completa separação entre Igreja e Estado na América deve-se principalmente à influência do ensino de Roger Williams.

Esse é, pois, um ramo dos separatistas. Na Inglaterra, no exército de Cromwell, em seu Exército Novo Modelo, havia muitos homens piedosos que acreditavam que lutar contra Charles I e contra os realistas, era lutar as batalhas do Senhor. Alguns deles, que se tornaram conhecidos como Sectários, desenvolveram conceitos separatistas extremos. Havia muitos grupos entre eles, inclusas certas pessoas chamadas "Escavadores". Outro grupo recebeu o nome de "Niveladores", porque asseveravam a igualdade de todos os homens e a liberdade religiosa.

O maior líder entre os Niveladores foi um homem chamado Lilburne. De novo, é extraordinário como tais pessoas têm sido negligenciadas. Dei-me ao trabalho de revirar o *Dictionary of Religious Knowledge* (Dicionário de Conhecimento Religioso), de Schaff-Herzog,* para ver o que eles dizem sobre os Niveladores e sobre John Lilburne, e vi que também eles não têm nada para dizer a respeito – nem uma palavra, o que é extraordinário.

Foi publicado um livro sobre os Niveladores e sobre John Lilburne por H. N. Brailsford, mas o trágico é que Brailsford era ateu e livre-pensador, assim chamado. Ele não estava interessado na religião destes homens, porém estava tremendamente interessado em suas idéias políticas. Eles indubitavelmente foram pioneiros, não somente em religião

* Phillip Schaff, teólogo suíço; Johann Jakob Herzog, teólogo alemão. Nota do tradutor.

e em liberdade de culto, mas também em governo, desenvolvendo idéias que comprovadamente foram os pensamentos germinais do sistema democrático de governo que gozamos atualmente. A maioria das leis e reformas efetuadas no século vinte pelos governos Liberal e Trabalhista foram antecipadas por estes Niveladores. Levou trezentos anos para a maioria do povo deste país enxergar as coisas que aqueles homens enxergaram.

Permitam que cite para vocês um escritor moderno: "A democracia anglo-saxônica nasceu em junho de 1647 quando, em Newmarket e em Tiplow, o exército puritano se comprometeu a não se dispersar enquanto os seus direitos e as suas liberdades não fossem asseguradas". Esse foi o real início da democracia neste país como a conhecemos agora.

Pois bem, digo isso por esta razão: talvez vocês tenham lido nos jornais que os chamados humanistas estão se tornando muito ativos na Grã-Bretanha. Sua intenção é realizar conferências e requisitar tempo na BBC.* Também tencionam fazer uma petição ao parlamento na tentativa de conseguir que todos os professores que atuam em escolas recebam instrução sobre as idéias do humanismo. Esse movimento está se tornando uma força ativa e agressiva. Não é somente anticristão, é também anti-religioso, crendo só no homem e no poder do homem. Provavelmente, o grande combate que teremos que travar por muitos anos no futuro será o combate contra um humanismo clássico, científico e agressivo.

O humanismo é uma filosofia ateísta preocupada em extinguir completamente a religião. Fala muito em liberdade – liberdade para o homem, liberdade política, etc – mas o que os seus adeptos não sabem, e é muito importante que lhes digamos, é que eles não seriam capazes de fazer o que estão fazendo, e o que querem fazer, não fossem os referidos homens religiosos do século dezessete. Esses escritores humanistas,

* British Broadcasting Corporation, fundada em 1922/23. Nota do tradutor.

como Brailsford, que mostram interesse por estas pessoas, só estão interessados do ponto de vista político, não compreendendo que as idéias políticas deles baseavam-se em suas idéias religiosas. Foi o entendimento que eles tiveram da verdade concernente ao homem ensinada na Bíblia e do ensino bíblico sobre governo, que os levou às suas idéias políticas.

E, como eu disse, outros notam os Niveladores e quejandos, enquanto que os cristãos os esqueceram. Não pesquisamos os fatos. Temos estado tão preocupados em cultivar nossa alma que ignoramos a nossa própria história. Estamos prontos a vender muitas das nossas liberdades simplesmente porque somos ignorantes; não nos damos conta do preço que foi pago pelos nossos antepassados, preço até de sangue. É porque ignoramos os mártires protestantes que sorrimos para Roma, e estamos prontos a receber sorrisos de Roma.

Portanto, estejamos cientes destas coisas, procuremos conhecê-las bem, e digamos a estes pensadores humanistas que todos os benefícios que eles estão gozando e dos quais tanto falam – colocando-os contra a fé cristã – são resultados da fé cristã. Muitas vezes tenho dito deste púlpito que os hospitais começaram a existir pela iniciativa dos cristãos, como também os nossos sistemas educacionais, as Leis dos Pobres, etc. E agora eu acrescento que até a idéia da democracia política teve sua origem em pessoas como Roger Williams, John Lilburne e os Niveladores.

Isso nos leva agora aos anos de 1660 e 1662. Charles II foi trazido de volta em 1660, e essa é a maior mancha que macula o brasão do presbiterianismo, porque realmente foram os presbiterianos os responsáveis pela Restauração. Sei que eles foram enganados; Charles II, como seu pai, era um mentiroso. Ele mentiu para eles, e depois voltou atrás em suas promessas. Mas eles nunca deviam ter confiado nele. Confiaram, porém, a fim de, como pensavam, conseguir seus

próprios fins. Eles achavam que a Igreja da Inglaterra iria tornar-se uma igreja presbiteriana. No entanto essa esperança era pura tolice, e, em 1662, Charles II e seus conselheiros puseram as mangas de fora e expulsaram cerca de dois mil homens, cortando os direitos que tinham na Igreja da Inglaterra.

Depois disso os não conformistas, os chamados puritanos, passaram a ver, todos eles, estas coisas com toda a clareza. Por isso é certo dizer que, a partir de cerca de 1662, os congregacionais ou independentes, ou como queira que prefiram chamá-los, e os batistas, tornaram-se verdadeiros separatistas. Daí em diante todas as suas idéias acerca de uma separação completa ficaram claras, e essa tem sido a situação até a hora presente.

E qual será, então, a situação na presente hora quanto a toda esta questão?* A grosso modo, é a seguinte: claro está que a igreja católica romana, que gostaria de dominar os Estados por toda parte, não consegue fazer isso, nem sequer na Itália. O melhor que ela pode fazer agora é formular o que ela chama de "concordatas" com os estadistas. O papa da época fez uma concordata com Mussolini, outro fez uma concordata com Hitler; é a única coisa que eles conseguem fazer. Mas, embora eles tenham sido privados dos seus poderes, não renunciaram à teoria, e, como lhes fiz lembrar em nosso estudo anterior, o Vaticano ainda se considera um Estado e é considerado como tal por outros Estados. É por isso que estadistas e chefes de Estado vão ter com o papa. Não o visitam tanto como líder religioso quanto como chefe de um Estado e como homem que ainda tem muita influência sobre Estados por todo lado no mundo porque muitos governantes, governadores e pessoas revestidas de autoridade são católicos romanos, Mas, concretamente, a igreja católica romana não está mais em condições de exercer o poder e a

* Este sermão foi pregado em 1967.

autoridade de que ela dispunha desde o tempo de Constantino até à Reforma Protestante, e mesmo depois.

Já descrevi para vocês a situação nos Estados Unidos, onde há uma completa separação entre Igreja e Estado. Os americanos acreditam em liberdade religiosa, mas não existe Igreja Estatal, nem qualquer direta associação entre a Igreja e o Estado.

Que dizer das Ilhas Britânicas? Primeiro, a Escócia. Ali vemos o que se pode descrever como Igreja Estatal modificada. A Igreja e o Estado são completamente distintos, e o Estado não pode interferir nas atividades espirituais da Igreja. Contudo, os cristãos da Escócia continuam sustentando a idéia de Igreja oficial. É por isso que, quando se reúne a Assembléia Geral da Igreja da Escócia, sempre comparece o Lorde Alto Comissário nomeado pela rainha para representá-la nos procedimentos da Assembléia. Essa Igreja Estatal modificada é principalmente algo que está no papel e que não tem realmente nenhum sentido prático.

No caso da Irlanda, outrora a Igreja da Inglaterra era oficial lá, mas a Igreja Irlandesa foi desoficializada no século dezenove.

Em Gales a Igreja Anglicana era a Igreja oficial até o século vinte. A Lei de Desoficialização Galesa, aprovada em 1914, foi suspensa até o fim da Primeira Guerra Mundial, e depois foi posta em execução em 1920. Portanto, não existe Igreja oficial em Gales nem na Irlanda, e somente uma Igreja oficial modificada na Escócia.

Prosseguindo, ainda há naturalmente na Inglaterra uma Igreja oficial, e a seu respeito há uma coisa muito interessante – menciono isso para podermos encerrar completamente esta consideração histórica. Tem havido considerável conversa sobre a desoficialização da Igreja da Inglaterra, porém, interessantemente, isso geralmente vem dos anglicano-católicos. Os maiores opositores da desoficialização na Inglaterra sempre têm sido os evangélicos, e

isso continua sendo verdade no presente.

Ora, vocês esperariam que a situação fosse diferente, não esperariam? Mas é isso que acontece quando você começa a fazer concessões em política eclesiástica e trabalhar partindo da sabedoria humana. Os anglicano-católicos querem a desoficialização a fim de que o partido deles, que no presente predomina no controle da Igreja da Inglaterra, possa fazer o que quiser. Atualmente não pode. Como eu disse anteriormente, em 1928 os anglicano-católicos produziram um novo livro de oração, mas quando foi apresentado ao parlamento, foi derrubado. Os anglicano-católicos ficaram furiosos, claro, e sustentaram que era preciso haver liberdade nas questões espirituais; que era errado eles serem refreados como foram pelo poder do Estado.

Assim, os anglicano-católicos, o atual arcebispo da Cantuária inclusive,* acreditam na desoficialização, mas por essa razão. Ainda querem continuar contando com a dotação, o que significa que recebem dinheiro produzido pelo Estado, porém não querem ser controlados pelo parlamento. Ainda querem as prerrogativas da Igreja oficial, porém querem o que chamam "liberdade espiritual", e têm feito muitas manobras nessa direção.

E então vocês podem perguntar-me: "Nesse caso, por que se opõem a isso os evangélicos, pessoas que esperaríamos estarem a favor da liberdade espiritual da Igreja?"

Exatamente pela mesma razão – mas ao revés. Os evangélicos sabem que, se a Igreja da Inglaterra for desoficializada, o poder será posto nas mãos do bispo, e, como atualmente os bispos são na maioria anglicano-católicos em sua doutrina, isso realmente será mau para os evangélicos. E assim eles se opõem principalmente pela razão pragmática de que isso os colocaria numa situação pior. Como andam as coisas, vejam vocês, toda a esperança e expectativa deles é

* O arcebispo Michael Ramsey (em 1967).

que, quando os anglicano-católicos e outros tentarem apresentar as suas inovações, estas serão postas abaixo pelo parlamento. Portanto, no momento, convém que os evangélicos resistam aos esforços que se fazem para desoficializar a Igreja da Inglaterra.

A posição evangélica é um argumento de conveniência, de utilidade, e a questão para nós é se podemos admitir isso. Por isso espero, Deus querendo, poder prosseguir na consideração desta questão da relação da Igreja e o Estado que temos feito seguindo o curso da história – e que história volumosa, apenas dei a vocês sumários bem concisos – e fazer uma avaliação dela à luz das Escrituras. Faremos a pergunta: como foi que tudo isso se tornou possível, em vista do ensino da Bíblia?

Talvez vocês me perguntem: "Que é que isso tem a ver conosco?" E a resposta é que tudo isso é o tipo de coisa que os cristãos se vêem fazendo quando se deixam governar pela tradição e não pelo ensino das Escrituras. Temos, pois, aí uma grande lição para nós em nossos dias e em nossa geração.

9

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, porém para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

Agora terminamos o nosso repasso histórico, e espero que todos nós pudemos ver que a relação entre a Igreja e o Estado ocupa um lugar proeminente, não só na história da Igreja Cristã, mas também na história de vários países, particularmente nas Ilhas Britânicas.

Portanto, as perguntas que obviamente devem surgir na mente de todos neste ponto são: de onde veio tudo isso? Em que se baseia? E como cristãos devemos perguntar: que relação tem toda essa história com o ensino das Escrituras? Acreditamos que tudo deve ser testado pelas Escrituras, e é certo fazê-lo. Este é o grande princípio protestante, e certamente é um princípio ensinado na própria Bíblia. Assim,

tendo examinado esta grande história – grande no sentido de volumosa e da proeminência que lhe tem sido dada, não grande no outro sentido do termo – fazemos esta pergunta: em vista do ensino da Bíblia, como foi que isso veio a acontecer afinal?

Voltamos então a atenção para as Escrituras, e, ao fazê-lo, vemos que não há nada disso tudo no Novo Testamento – absolutamente nada. Nada consta sobre a unidade de Igreja e Estado, nem da Igreja dominando o Estado (como no caso do catolicismo romano), nem no do Estado dominando a Igreja (erastianismo). Se vocês lerem estes versículos de Romanos, capítulo 13, ou tomarem 1 Timóteo, capítulo 2, ou 1 Pedro, capítulo 2, não verão nada deste ensino.

Os versículos 1 a 7 de Romanos, capítulo 13, são simplesmente uma exortação aos membros da igreja da cidade de Roma, e, portanto, a cristãos individuais, membros de qualquer igreja de qualquer lugar, a se sujeitarem às potestades superiores e a lhes obedecerem pelas razões dadas pelo apóstolo, e não há mais coisa alguma além disso. É a mesma coisa com as outras duas passagens que são sempre citadas quando se trata deste assunto. Todas as três passagens só tratam da atitude do crente individual para com o Estado.

Ora, esse ensino era inevitável porque todos os que liam as cartas de Paulo viviam em terras subordinadas ao poder de Roma. Os cristãos eram pessoas que, tendo nascido de novo, reuniam-se em pequenos grupos em diferentes partes do grande Império Romano. Pois bem, Roma era um poder pagão, e não somente cria em muitas religiões, porém até introduziu a noção geral do culto ao imperador, de modo que o povo era instado a dizer: "César é Senhor". Portanto, nem se podia pensar que houvesse alguma insinuação de alguma unidade entre Igreja e Estado, ou mesmo de alguma aliança ou associação entre Igreja e Estado.

Não somente não há prova direta de nenhum elo, mas também não há nada aqui que sequer abra a porta para essa

idéia – absolutamente nada. Noutras áreas, às vezes acontece que, embora não haja nenhum ensino direto, trata-se de um princípio e depois se pode ver como uma doutrina foi desenvolvida posteriormente; entretanto aqui não há nada que de algum modo prepare a mente para aquilo que vimos no caso da igreja católica romana e no protestantismo.

Pois bem, penso que ninguém pode contestar isso; é o que vemos no Novo Testamento. E, como eu lhes disse no começo daquela resenha histórica, a situação continuou como era no Novo Testamento até quando o imperador Constantino introduziu o Império Romano na Igreja, na primeira parte do século quarto.

Então, como foi que tudo isso aconteceu? Naturalmente, como já vimos, a resposta é que historicamente tudo começou com Constantino. Todavia, é evidente, os cristãos procuraram uma justificativa bíblica para o que estavam fazendo. Os homens que estivemos citando, particularmente os grandes protestantes – por exemplo, as pessoas a que me referi em nosso estudo anterior – eram homens bíblicos que nunca se contentariam em fazer qualquer coisa, a menos que acreditassem que existia alguma comprovação bíblica disso. Qual era, então, o seu principal argumento? A resposta é que eles alegavam que a justificativa para o seu conceito sobre a relação entre o Estado e a Igreja baseava-se no ensino do Velho Testamento.

Isto é um ponto muito importante; permitam-me demonstrar o que estou dizendo. Talvez vocês se lembrem de que citei o capítulo 23 da Confissão de Fé de Westminster, onde ela trata da questão dos magistrados civis. É muito interessante notar, no rodapé, as referências bíblicas ali dadas. Essa é uma característica da Confissão de Westminster. Os homens que a redigiram não estavam meramente fazendo declarações, mas estavam dando referências bíblicas para mostrar que o que eles diziam era deduzido do ensino da Bíblia.

O referido capítulo fala primeiramente sobre o dever dos cristãos de serem obedientes às potestades superiores, e quando se passa a examinar as referências, vê-se que, naturalmente, elas começam com Romanos 13:1-7, e que o texto de 1 Pedro 2:13,14 também é citado.

Na terceira seção os autores passam a tratar do dever do magistrado de interferir na vida da Igreja. Permitam que lhes lembre o que ela diz:

> *O magistrado civil não deve encarregar-se da administração da Palavra e dos sacramentos, nem do poder das chaves do reino dos céus; contudo, ele tem autoridade, e é seu dever, para incumbir-se de que a unidade e a paz sejam preservadas na Igreja, a verdade de Deus seja mantida pura e íntegra,*

– tudo isso é dever do magistrado, lembrem-se –

> *as blasfêmias e heresias sejam suprimidas, todas as formas de corrupção e de abuso do culto e da disciplina sejam impedidas ou reformadas, e todas as ordenanças de Deus sejam devidamente estabelecidas, administradas e observadas.*

Aí também somos remetidos às Escrituras, e o que é realmente interessante é a lista dos versículos citados. São eles: Isaías 49:23; Salmo 122:9; Esdras 7:23, 25-28; Levítico 24:16; Deuteronômio 13:5,6,12; 2 Reis 18:4; 1 Crônicas 13:1-9; 2 Reis 23:1-26; 2 Crônicas 34:33; 25:12,13; 19:8-11. E, finalmente, uma – e somente uma – referência do Novo Testamento para justificar este ensino acerca do dever dos magistrados quanto à preservação da doutrina e da pureza da Palavra, e assim por diante.*

---

* Apenas a título de informação, a versão atualmente utilizada pela Igreja Presbiteriana do Brasil apresenta somente os seguintes textos no rodapé: Mateus 16:19; 1 Coríntios 4:1; João 18:36; Efésios 4:11,12; 2 Crônicas 26:18. Nota do tradutor.

Essa única referência do Novo Testamento é Mateus 2:4,5, que é a narrativa do que aconteceu logo depois do nascimento do nosso Senhor. No versículo 2 somos informados da visita dos magos a Herodes, e o versículo 3 diz: "E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda (a) Jerusalém com ele". Depois, nos versículos 4 e 5, lemos: "E congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E eles lhe disseram: em Belém da Judéia; porque assim está escrito pelo profeta".

Isso foi tudo que os autores da Confissão de Westminster puderam encontrar, e se, com base nisso, vocês puderem argumentar, como eles se satisfizeram em poder fazê-lo, que se deve permitir que os magistrados e o Estado interfiram na obra da Igreja Cristã, então receio que devemos admitir que divergimos. Não posso imaginar coisa alguma tão fraca. Noutras palavras, a própria Confissão de Fé de Westminster deixa claro que aqui não há base para este ensino no Novo Testamento, e que será preciso retroceder ao Velho Testamento.

E então, lembrem-se também da passagem da Confissão Belga. Bem, aí também todas as referências são de passagens do Velho Testamento. Agora observo que recentemente foi publicado um livro que reúne todas as confissões reformadas do século dezesseis (*Reformed Confessions of the Sixteenth Century*, editado por Arthur Cochrane, SCM Press, 1966). E na relevante seção da Confissão Belga, a Seção 36, o referido livro tem uma nota de rodapé que diz: "Esta seção, como as respectivas seções de outras confissões reformadas, foi estruturada com base na teoria de certa união de Igreja e Estado". E, naturalmente, essa é a pura verdade. Elas todas abordam este problema com a pressuposição de que existe tal união, e claro está que aqueles que hoje acreditam em Igreja Estatal são compelidos a fazer exatamente a mesma coisa.

Lembro-me de haver lido um artigo sobre estas questões, escrito por um homem que conheci bem e que é um excelente cristão evangélico. No referido artigo ele emprega

textualmente estas palavras: "Naturalmente, não vamos esperar que o Novo Testamento trate deste assunto". Que declaração! Aí estão os cristãos do século vinte enfrentando todo este problema da relação entre a Igreja e o Estado, querendo saber a verdade sobre isso, e lhes é dito: "Naturalmente, não vamos esperar que o Novo Testamento trate deste assunto". Ele explica que o Novo Testamento não nos ajuda por causa do Império Romano, mas então acrescenta: "Uma vez que Constantino entrou, a situação reverteu-se ao Velho Testamento".

E há um escritor muito conhecido quanto a estas questões, um leigo, membro da Igreja Assembléia *("Church Assembly")*, que virtualmente diz que dá graças a Deus pela entrada de Constantino, porque agora podemos voltar à relação veterotestamentária entre a Igreja e o Estado.

É evidente que só se pode fazer tais declarações quando não se pensou bem nas suas implicações. O que realmente está sendo dito é que o nosso Senhor e os apóstolos não têm nada para dizer sobre isto, não nos ajudam, porém, graças a Deus, somos ajudados por Constantino e pelo Império Romano.

Pois bem, o nosso uso do Velho Testamento é um assunto interessante e importante, não só quanto a esta questão de Igreja e Estado, mas também quanto à questão geral do batismo infantil, doutrina que se baseia mormente no ensino do Velho Testamento sobre a aliança, e quanto à introdução de cerimônias e vestes nos cultos da Igreja, como acontece na igreja católica romana e noutras igrejas episcopais. Naturalmente, há muito disso no Velho Testamento, com suas descrições das vestes e paramentos dos sacerdotes e do sumo sacerdote, todavia essa é a única justificativa para esse tipo de prática. Não há coisa alguma sobre isso no Novo Testamento. E, claro, a mesma classe de questão é levantada sobre se se deve ou não cantar hinos, ou somente salmos – argumento inteiramente baseado no Velho Testamento. Portanto, aqui está envolvido um princípio que

abrange uma variedade de assuntos.

Assim, o único argumento bíblico que pode ser apresentado quanto à associação entre a Igreja e o Estado acha-se no Velho Testamento. O que se diz é que a história de Israel demonstra esta associação e que os reis e os sacerdotes de Israel estavam nesta relação.

Mas a resposta, parece-me, é que no caso dos filhos de Israel, o povo de Deus do Velho Testamento, é naturalmente um fato que a Igreja e o Estado consistiam das mesmas pessoas. Em seu discurso perante o Sinédrio, Estêvão se refere, em Atos 7:38, à nação de Israel como "a igreja no deserto" (VA). Essa é uma coisa acerca da qual todos concordam, mas devemos notar que, mesmo no caso de Israel, havia uma distinção bem definida entre o secular e o religioso, entre os oficiais da Igreja e os oficiais do Estado. Embora o povo fosse o mesmo, havia duas esferas, e isso se mantém em todo o Velho Testamento. Há exemplos de reis que tomaram a si funções só permitidas aos sacerdotes, e eles foram punidos de maneira terrível, o que mostra que mesmo em Israel havia uma distinção.

No entanto, naturalmente, a nossa resposta é que o caso de Israel é único. Deus chamou e formou um povo para Si, começando com Abraão. Era Seu povo; era uma nação, como também era Seu povo, que O servia. Mas tudo o que vemos no Velho Testamento foi por um tempo; foi preparatório. Certamente fica perfeitamente claro, quando chegamos ao Novo Testamento, que agora temos chegado ao cumprimento em Cristo, e aquilo não prevalece mais.

Há um versículo que declara isso explícita e categoricamente. É Mateus 21:43, onde o nosso Senhor diz: "Portanto eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos". Aí está o Seu veredicto sobre aquela nação – o reino de Deus será tirado dela e dado a uma nação "que dê os seus frutos", e esta nação, como todo o Novo Testamento esclarece perfeitamente, outra não é senão a

Igreja Cristã. A nação física de Israel era a nação de Deus, porém não é mais.

Em que consiste a Igreja Cristã? Diferentemente da Igreja sob a antiga dispensação, ela já não se limita a uma só nação, não mais se identifica com um povo natural particular, mas abrange pessoas individuais chamadas de todas as nações, línguas e tribos e inseridas neste novo corpo, nesta nova nação. Essa é a descrição essencial feita pelo Novo Testamento. E desde que todas estas pessoas foram reunidas de várias nações, e foram separadas delas, é evidente que desse ponto em diante não se pode mais pensar na Igreja em termos nacionais. Em todas as nações existem estes agrupamentos, estes grupos de pessoas, que são igrejas.

Portanto, evidentemente é fazer violência às Escrituras voltar ao Velho Testamento e à civilização única da nação de Israel, e transferir isso para as igrejas cristãs, do Novo Testamento, ou, caso vocês o prefiram, da dispensação do Novo Testamento. Fazê-lo não é só causar confusão; certamente é fazer violência às próprias Escrituras. Não se pode simplesmente transferir o Velho Testamento para o Novo dessa maneira particular. A antiga dispensação teve sua função, que supremamente foi apresentar o Messias, que nasceria "da descendência de Davi segundo a carne" (Romanos 1:3), porém no momento em que Ele veio, entrou em ação um novo princípio, redundando em igrejas em todas as diferentes nações do mundo.

Estou estabelecendo o seguinte ponto: desde a vinda do nosso Senhor e Sua obra perfeita, a união entre a Igreja e o Estado vista no Velho Testamento deixou de existir. Isso se pode mostrar de muitas maneiras no ensino do Novo Testamento. Vê-se o ensino do nosso Senhor assim: "Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Lucas 20:25).

Tinham feito a Ele esta pergunta: "É-nos lícito dar tributo a César? ou não?" – essa era a questão.

Disse Ele então: "Mostrai-me uma moeda". Quando lha

mostraram, Ele disse: "De quem tem a imagem e a inscrição?"

"De César", responderam eles.

Muito bem, disse Ele. "Daí pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Lucas 20:22-25). Aquilo se faz com dinheiro; isto se faz com a alma: são duas esferas diferentes.

Contudo o nosso Senhor é ainda mais explícito que isso. Em João 18:36 Ele diz a Pôncio Pilatos: "O meu reino não é deste mundo". A pergunta é clara: "Tu és rei?" E aquela é a resposta do nosso Senhor.

A seguir, em Mateus 20:25-28 lemos: "Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo; bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos".

Na verdade, todo o ensino do nosso Senhor sobre o Seu reino – o reino dos céus, o reino de Deus – estabelece esta diferença essencial; o Seu reino não pode mais ser identificado com o Estado nacional.

Pois bem, nos tempos do Velho Testamento cada pessoa se tornava membro da Igreja, da nação de Israel, por nascimento natural; nascia israelita, e a circuncisão era feita por essa razão. Mas agora estamos numa esfera inteiramente diversa. Você entra no reino de Deus, não por pertencer a uma nação particular, não pelo nascimento natural, nem mesmo porque seus pais são cristãos, mas por um novo nascimento. O nosso Senhor diz isso claramente a Nicodemos: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus... Na verdade, na verdade, te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus" (João 3:3,5). É algo inteiramente espiritual. O Reino, todo ele, tem caráter

espiritual, e, como temos abundante ensino para no-lo mostrar, é governado por seus próprios oficiais.

Ora, se vocês lerem os capítulos 2 e 3 da Primeira Epístola de Paulo a Timóteo, verão esse contraste. No capítulo 2 o apóstolo começa dizendo-nos que oremos "pelos reis, e por todos os que estão em eminência" (ou, VA: "em autoridade"), etc. Isso é o Estado. Depois, no próximo capítulo, ele passa a tratar dos oficiais da Igreja: é algo inteiramente diferente; eles não têm nenhuma relação com aqueles outros. Deve-se pensar nestas coisas e tratá-las de maneira espiritual. Na verdade, em 1 Coríntios, capítulo 6, o apóstolo censura os coríntios por levarem suas contendas pessoais aos tribunais públicos. Eles deveriam ver alguém na igreja, diz ele, até mesmo, se necessário, a pessoa de menor estima da igreja, para tratar destas coisas: "Ousa algum de vós, tendo algum negócio contra outro, ir a juízo perante os injustos, e não perante os santos? Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida? Então, se tiverdes negócios em juízo, pertencentes a esta vida, pondes na cadeira aos que são de menos estima na igreja? (ou, VA: "nomeai para julgar quem é de menos estima na igreja").* Para vos envergonhar o digo" (1 Coríntios 6:1-5).

Este é, pois, o argumento: se nem questões privadas, particulares, de disputa entre cristãos, devemos levar aos tribunais públicos, quanto menos devemos levar a eles questões como livros de oração ou questões de doutrina! A idéia é inteiramente contrária a todo o ensino e espírito do Novo Testamento.

---

*NVI, versículo 4: "Portanto, se vocês têm questões relativas às coisas desta vida, designem para juízes os que são da igreja, mesmo que sejam os menos importantes". A tradução alternativa consta no rodapé. Nota do tradutor.

Permitam que eu lhes dê mais alguns exemplos do ensino de Paulo. Ele fala do "deus deste século" e escreve: "Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos" (2 Coríntios 4:3,4). Depois, no início de Efésios, capítulo 2, ele diz: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados. Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência".

Essa é a vida dos não regenerados, em contraste com a vida dos regenerados, que, quando se tornam cidadãos do reino de Deus, entram numa esfera inteiramente diferente da esfera do Estado. E, naturalmente, no fim de Filipenses, capítulo 3, há uma tremenda declaração nos versículos 20 e 21: "Mas a nossa cidade" – a nossa cidadania – "está nos céus, donde também esperamos o Salvador...". Paulo escreve na qualidade de cidadão romano, porém afirma que a nossa cidadania está nos céus. Pois bem, temos aí Paulo escrevendo na esfera da Igreja. Embora pertença a um reino terreno, ao outro é que se liga a sua cidadania mais essencial.

Essa é, então, a distinção traçada em todo o curso do Novo Testamento. Não se pode pensar na Igreja como sendo uma só coisa com o Estado, não se pode pensar em ambos como consistindo das mesmas pessoas e como tendo os mesmos contornos, ocupando o mesmo espaço, por assim dizer. Não, estas são pessoas coletadas, "chamadas para fora". Paulo diz no começo da sua Epístola aos Gálatas: "O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau" (Gálatas 1:4).

Essa é a atmosfera geral do Novo Testamento, e, evidentemente, no último livro da Bíblia, o livro do Apocalipse, vê-se isto ainda mais claramente. Vejam, por exemplo, os capítulos 13, 17 e 18, onde se vê este grande contraste – o reino de Deus, a Igreja, e opostos e contra ela, do outro lado, os Estados do

mundo. E no capítulo 13, certamente, há uma descrição maravilhosa justamente desta confusão entre Igreja e Estado, onde as palavras "a besta" e "a imagem da besta", etc., referem-se à autoridade secular dando seu poder ao poder espiritual, à Igreja, a qual então se torna "a imagem da besta", exercendo o mesmo tipo de autoridade. Com toda a certeza, essa é uma perfeita descrição do que vimos no caso da igreja de Roma e, em tempos de degeneração, até mesmo no protestantismo. Este grande contraste é de novo desenhado para nós no Apocalipse, capítulos 17 e 18, onde tudo acaba num grande conflito.

Com efeito, o meu argumento é que não só declarações particulares do Novo Testamento contradizem completamente o tipo de ensino que se apresenta entre os católicos romanos e que foi corrente durante os primeiros 150 a 160 anos do protestantismo, mas também que o espírito geral do Novo Testamento é inteiramente oposto a essa idéia. No Novo Testamento sempre se vê um contraste entre o natural e o espiritual, e em todo o conteúdo do Novo Testamento a regeneração é vista como absolutamente vital. É por isso que, se vocês se deixarem guiar pelo Novo Testamento, nunca poderão ter tal coisa como uma Igreja Estatal. A idéia de levar questões da Igreja ou doutrina da Igreja, coisas tais como o Livro de Oração, a um parlamento secular, onde a maioria não é cristã, e permitir que tais pessoas tomem decisões sobre isso, é, repito, uma coisa clara e totalmente impensável para quem é verdadeiramente governado pelo ensino do Novo Testamento. Portanto, como já vimos, o único meio de que dispõem as pessoas para justificar tal idéia é citar várias passagens do Velho Testamento.

Não, não; os incrédulos não podem entender as coisas espirituais; são totalmente incompetentes nesta área. Por mais cultos, por maior que seja a sua grandeza, eles não podem dar opinião sobre questões espirituais. Temos que nascer de novo para entender estas coisas. "O homem natural não

compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). Os príncipes deste mundo não reconheceram o nosso Senhor quando Ele esteve aqui; se O tivessem reconhecido, nunca O teriam crucificado (1 Coríntios 2:8). Portanto, absolutamente não há lugar para uma Igreja Estatal nem para uma nação cristã.

"Mas", vocês poderão dizer, "que dizer da idéia que alguns protestantes tinham sobre o príncipe cristão ou sobre o governante cristão?"

Certo, concedamos que um governante, um rei, um príncipe, um presidente, ou como o queiram, seja cristão. Essa é uma possibilidade, e freqüentemente tem acontecido, graças a Deus. No entanto, ainda assim ele é cristão como indivíduo. Não é cristão como chefe de Estado. Essa é uma função inteiramente diversa. E, se ele usar o seu poder e as suas prerrogativas como chefe de Estado para influenciar a sua própria posição e a de outros membros da Igreja Cristã, estará violando a passagem de Mateus 20:25-28, na qual o nosso Senhor diz que tudo em Seu reino é inteiramente diferente do que há no Estado. No Estado o grande homem governa os outros, mas na Igreja é o servo que conta, e você se torna grande sendo servo.

Assim, se um rei exigir posição especial na Igreja Cristã porque é rei, é dever da Igreja dizer-lhe que tome o seu lugar como todos os demais membros. Todas as divisões e distinções reconhecidas fora da Igreja, não devem ser reconhecidas dentro dela. É por isso que Tiago, no capítulo dois da sua carta, diz-nos que não façamos diferença entre o homem que vem com anel de ouro no dedo e o que vem pobremente vestido. Vocês não devem fazer tais distinções; vocês estão numa esfera diferente. Tudo isso mostra como toda a idéia de união entre a Igreja e o Estado, ou mesmo de uma aliança ou uma associação entre eles, vai totalmente contra o claro ensino do Novo Testamento.

E eu quero esclarecer ainda mais este argumento dizendo a vocês isto: há um argumento prático e muito importante que podemos deduzir da história em apoio deste ensino que é tão claro no Novo Testamento. Quando lhes dei a breve visão histórica, vocês observaram o que acontece quando as pessoas deixam de ser governadas pelo ensino do Novo Testamento? Primeiramente, na Idade Média houve a terrível tirania da igreja católica romana. Nunca houve tirania maior que essa – nem do comunismo – e ainda se encontra onde quer que aquela igreja pode exercer, sem perigo, o seu poder. Se vocês adotarem este ensino sobre a união de Igreja e Estado e derem tal poder à Igreja, o resultado será esse.

Mas, levem o argumento mais adiante: lembrei a vocês que Henrique VIII nunca se tornou um verdadeiro protestante, e morreu católico romano. A mudança que ele fez foi nomear-se a si mesmo o supremo governante da Igreja bem como do Estado, e os seus servos, mesmo pessoas como Cranmer e outros, estiveram prontos a submeter-se a isso. Nunca o deveriam ter feito, e me disponho a acreditar que alguns deles se sentiram muitíssimo infelizes com isso. Todavia se submeteram, e tudo correu bem, até certo ponto, no reinado de Henrique, embora ele tenha perseguido alguns dos mais excelentes protestantes, homens como o bispo John Hooper, de Gloucester.

Foi muito melhor no reinado de Eduardo VI, e, naturalmente, os protestantes que adotaram este princípio o acharam maravilhoso e acreditavam que tudo funcionaria ao modo deles. Mas, desafortunadamente para eles, Eduardo VI morreu muito jovem, e assumiu o trono (sua irmã) a rainha Maria I, católica romana.* Ela teve a capacidade de se ligar

* Mary I, "Maria, a Sanguinária", reinou de 1553 a 1558. Seu reinado foi um dos mais terríveis dos anais da Grã-Bretanha. Durante o seu reinado, ao menos 300 "hereges" foram perseguidos e mortos. Morreu em 1558, desolada pelo abandono do marido, a quem não deu nenhum filho, e desconsolada pela vida que levara. Nota do tradutor.

aos protestantes e de dizer que foram eles mesmos que deram ao monarca autoridade suprema em questões pertinentes à Igreja. Tudo o que Maria fez foi assumir os poderes que Henrique VIII se havia arrogado, com a conivência destes líderes protestantes. E, claro, eles tiveram que sofrer as terríveis conseqüências. Entretanto as pessoas, como Cranmer e outros, não tinham nenhum argumento para apresentar contra Maria nesse ponto particular. Eles vieram a enxergar isso, e, contudo, o erro nunca recebeu o devido tratamento porque, mesmo quando Elizabeth I subiu ao trono, houve conflito sobre esta questão, e toda a honra deve ser prestada aos homens que a combateram. Mas eles foram derrotados, e alguns deles se fizeram culpados de terrível fraqueza.

Pois bem, eu já concedi que havia muita coisa a ser dita do lado político, e estou disposto a admitir as grandes dificuldades enfrentadas por estes líderes da Igreja, mas, oh, se eles tivessem permanecido fiéis ao ensino bíblico, à distinção que o Novo Testamento faz sobre estas questões! No entanto, não permaneceram. Elizabeth tiranizou a Igreja e, em conseqüência, muitas pessoas piedosas sofreram muito. Tiago (James) foi mais longe, Charles mais longe ainda, e tudo isso foi dar na Guerra Civil e na decapitação de Charles. Isso é, pois, o que acontece assim que se abandona o ensino escriturístico, e não só sob o catolicismo romano, mas exatamente da mesma maneira sob o protestantismo. Assim, isso nos ajuda a entender o desenvolvimento do princípio de Igreja Livre. Mas, em acréscimo a isso, confundir a Igreja e o Estado sempre redunda em dano ao evangelho e à sua pregação. Seu efeito é sempre desacreditar a pureza do evangelho.

Pois bem, sejamos justos nestas questões; os homens da Igreja Livre caíram no mesmo erro de confundir Igreja e Estado. Por que vocês acham que os operários, as classes trabalhadoras, como são chamadas, atualmente estão fora das igrejas? Bem, não tenho nenhuma hesitação em responder – e

posso provar o que digo – que elas estão nessa situação porque no século dezenove os não conformistas, os líderes da Igreja Livre, caíram neste mesmo erro, nesta mesma armadilha. Foi de um modo ligeiramente diferente, porém o princípio é exatamente o mesmo.

Por exemplo, o proprietário ou patrão – do moinho ou da fábrica local – ou o gerente de obras, era o principal diácono da capela,* e ele levava para dentro da vida da igreja o que fazia em sua fábrica nos outros seis dias da semana. E assim as classes trabalhadoras começaram a identificar o cristianismo com o capitalismo, com o *status quo*. Eles diziam: "As igrejas estão contra nós", e muitas vezes isso era verdade, simplesmente porque as igrejas, em vez de se manterem firmes na pureza do ensino do Novo Testamento, permitiram a entrada de distinções seculares na Igreja.

Não importa se é um rei ou um príncipe ou um plutocrata ou um milionário ou um administrador, não importa quem ele seja ou que forma tome o seu poder, não deve permitir que essa maneira de ver e essa situação penetrem na esfera da Igreja Cristã. No momento em que o permitir, a pregação do evangelho estará comprometida. E muitas vezes ela foi comprometida, e a Igreja dava a impressão de que só existia para apoiar, sustentar e consolidar o *status quo*, que estava do lado das classes privilegiadas e contra o povo comum. Reitero: não se pode misturar estas coisas sem comprometer o evangelho e a pureza da pregação do evangelho.

Não somente isso; misturar os dois produz hipócritas. Quando todo o mundo da paróquia é considerado cristão, forçosamente haverá hipócritas ali; quando numa nação todo o mundo é considerado cristão, a hipocrisia é totalmente

---

* *"Chapel"*, capela. Termo também empregado para designar templo ou local de culto dos cristãos não pertencentes nem à Igreja da Inglaterra nem à igreja católica romana. Por extensão pode-se traduzir por igreja, dependendo do contexto. Nota do tradutor.

inevitável; e esse tem sido o curso dos fatos através dos séculos. Quando a Igreja não se preocupa com a pureza, mas permite a admissão de pessoas por terem determinados pais, ou por causa de alguma posição terrena, não se vai ter outra coisa senão hipocrisia.

Essa atitude tem ocorrido excessivamente, tanto no protestantismo como no catolicismo romano. Dá-se posição de proeminência às pessoas, ou um homem dá lições das Escrituras, não porque é cristão, mas porque é um magistrado ou um "coronel" local ou porque é profissional de alto nível e é considerado pessoa culta e capaz de lecionar bem. Essa é a única razão pela qual ele vai à frente e dá lições de Bíblia. Seria de admirar que haja hipocrisia e que o povo tenha reagido contra isso e tenha repudiado a igreja e toda a sua mensagem? Esse é o tipo de conseqüência que vocês têm quando deixam de manter esta distinção.

Mas, na atualidade e na presente situação, como tem sido o caso por muitos anos, a idéia de Igreja Estatal neste ou em qualquer outro país tornou-se pura e simplesmente ridícula. Por quê? Porque há uma multiplicidade de denominações e igrejas. No momento em que se tem mais de uma Igreja,* qualquer Igreja Estatal acaso existente evapora-se. Se todos os cristãos pertencessem a uma só Igreja, então, embora errado, superficialmente se poderia ver alguma justificativa para uma Igreja Estatal. Mas, assim que se têm divisões em seitas, denominações e agrupamentos, uma Igreja Estatal não é só algo errado, é um despropósito. Por que uma denominação particular, e não outra, vai ser a Igreja Estatal? Mas essa é a situação à qual descemos em conseqüência do erro dos nossos antepassados em não se deixarem governar pelo ensino do Novo Testamento nestas questões, permitindo-se, em vez disso, continuar com certas tradições herdadas dos seus pais.

---

* Organização eclesiástica ou denominação. Não se refere à igreja local. Nota do tradutor.

Bem, devemos parar aqui por ora. Queira Deus abrir os nossos olhos para estas questões neste período de mudança e transição pelo qual estamos passando, quando todas estas coisas estão de novo, e agudamente, diante de nós. Aprendamos as lições do passado. Acima de tudo, aprendamos esta lição: mantenhamo-nos sempre obedientes ao ensino bíblico.

10

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, porém para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

Nesta altura, antes de tratarmos de quaisquer problemas ou questões que confrontam o cristão individual e a Igreja no presente, penso que talvez seja útil e conveniente eu tentar resumir os pontos que juntos estivemos considerando. Assim, sugiro a vocês as seguintes conclusões:

A primeira é que a Igreja e o Estado, segundo o ensino do Novo Testamento, são inteiramente distintos, e não há autorização nenhuma, procedente do ensino do Novo Testamento, para que um controle o outro. Nada autoriza a Igreja a controlar o Estado, como a igreja católica romana tem feito e sempre gostaria de fazer. Mas, igualmente, nada autoriza o Estado a controlar a Igreja, como acontece sob o erastianismo

e com todas as Igrejas Estatais.

A segunda é que certamente nós vimos algo do perigo de tentar pôr o "vinho novo" do evangelho e da nova dispensação nas velhas garrafas do Velho Testamento e do ensino do Velho Testamento. Esse erro provém da incapacidade de ver o caráter único da posição dos filhos de Israel. Na dispensação do Velho Testamento o Estado e a Igreja compreendiam o mesmo povo, porém essa situação especial não prevalece mais.

A terceira conclusão é : eu espero que ficou claro que o que aconteceu no tempo de Constantino não foi somente um abandono do ensino do Novo Testamento, e sim foi também um abandono da prática da Igreja Primitiva. Isso, penso eu, é um ponto crucial, e o fato de não se compreender isso explica grande parte da história que estivemos considerando.

E então, a minha quarta conclusão geral é que historicamente é claro e patente que a igreja católica romana perpetuou a relação Igreja/Estado iniciada no tempo de Constantino. No princípio o Estado era a parte mais poderosa. Mas o seu poder declinou até que, finalmente, o Império Romano foi dominado pelos bárbaros. A igreja católica romana teve sucesso em inverter a posição, e começou a dominar a vida do Estado. Contudo, quanto ao princípio da unidade dos dois, esse permaneceu constante.

Também está claro, nisso confio, que os reformadores protestantes perpetuaram precisamente este erro. Na verdade eles não o enfrentaram. Apenas o tomaram sem examiná-lo como deviam. E isso é verdade não somente sobre os reformadores protestantes, como também sobre os seus descendentes, estando incluídos nisso até os puritanos da Inglaterra, e demorou até ao que aconteceu em 1662, no tempo da Grande Ejeção, para que as pessoas despertassem para toda esta questão.

Permitam que lhes recomende o livro *The Reformers and their Stepchildren* (Os Reformadores e seus Enteados), de

Leonard Verduin,* que é muito útil e esclarecedor sobre este assunto. Ele mostra com muita clareza como os Reformadores** se desviaram neste ponto, adotando a noção geral da associação Estado-Igreja, noção que se fez visível principalmente quando eles expressaram a sua oposição aos anabatistas. Os anabatistas foram culpados de muitos excessos – ninguém os defenderia por isso – mas, quanto a este princípio, eles se posicionaram a favor de uma coisa que tomou mais de um século para que o povo deste país enxergasse com alguma clareza.

Aí estão, pois, as conclusões gerais, porém o que me interessa é sua relevância para nós. Nesta altura alguém poderia perguntar-me: "Que é que isso tem a ver conosco?" E eu estou tentando mostrar que tem tudo a ver conosco porque, mais uma vez, somos postos numa situação na qual todas estas questões são da mais urgente importância. Gostemos ou não, queiramos ou não, estamos nessa situação. Acontece que estamos vivendo numa época que é um dos grandes pontos decisivos da história, não só do mundo em geral, como também da história da Igreja Cristã. Grandes decisões foram tomadas, estão sendo tomadas, e nos próximos poucos anos serão tomadas com crescente rapidez. E todos nós estamos envolvidos nisto; estas coisas vão acontecer. Se você não fizer nada, as decisões serão tomadas por outros em seu lugar, e você estará encarando um *fait accompli*.*** E isso é uma coisa que todos nós devemos denunciar.

O apóstolo Paulo escreve: "Ora vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular" (1 Coríntios 12:27). É-nos dada

---

* Publicado nos Estados Unidos , em 1964, pela Eerdmans, e na Grã-Bretanha, em 1966, pela Paternoster Press.

** Como no caso de "reino de Deus" e "o Reino", e de "a queda do homem" e "a Queda", também aqui emprego inicial maiúscula quando não há qualificativos que expliquem que se trata dos reformadores protestantes do século XVI. Nota do tradutor.

*** Fato consumado. Em francês no original. Nota do tradutor.

uma posição no corpo de Cristo, e convém que todos nós nos familiarizemos, não somente com o ensino escriturístico, e sim também com os fatos relacionados com o que está acontecendo ao nosso redor e conosco, para que, quando formos chamados para tomar nossas decisões, saibamos o que estamos fazendo. Há algumas lições que nos vêm claramente da história da Igreja nesta questão da Igreja e o Estado, especialmente quando examinada à luz do ensino das próprias Escrituras.

A primeira lição é o perigo do tradicionalismo. Notem, porém, que não estou dizendo perigo da tradição, mas do tradicionalismo. Qual é a diferença entre os dois? Ei-la: a tradição é em si uma coisa boa. Todo aquele que repudia o passado em geral, comporta-se como tolo. Sei que há muita gente que faz isso hoje; na verdade, talvez um dos aspectos mais estultos da vida moderna seja a tendência de pressupor que tudo o que aconteceu no passado é completamente irrelevante e destituído de importância, e que ninguém sabia coisa alguma antes de se chegar à presente geração. Mas – para dizê-lo com franqueza – aqueles que põem de lado o passado manifestam falta de inteligência. Aqueles que pensam e que têm alguma experiência da vida logo começam a perceber que a vida é algo muito grande e muito difícil, e são gratos por qualquer luz ou ajuda ou informação e instrução que possam receber daqueles que viveram antes de nós.

Naturalmente, como cristãos, partimos da pressuposição básica de que o mundo não muda. O mundo pensa que muda, porém uma parte da nossa crença como cristãos é o reconhecimento de que, desde a queda do homem, o mundo não mudou. Na superfície muda, claro, nas roupas, na aparência e nalguns dos seus hábitos e costumes, mas, basicamente, os homens e as mulheres em pecado não mudam nada: em todas as gerações eles cometem os mesmos pecados, caem nos mesmos erros, repetem as mesmas heresias.

Daí, que é que pode ser mais importante do que aprender

do passado? E o fazemos considerando as tradições que herdamos, e devemos dar graças a Deus por todas as tradições e fazer pleno uso delas; devemos familiarizar-nos com elas e tirar lições delas. Muitas vezes fui obrigado a dizer que, para mim, uma das coisas mais espantosas é como os evangélicos ignoram a grande história evangélica dos séculos. Muitos parecem pensar que o movimento evangélico começou neste país com a chegada de D. L. Moody, em 1873. Mas isso é pura ignorância, e muitos dos nossos problemas e dos nossos fracassos na esfera da Igreja decorrem diretamente dessa ignorância. Tratemos, pois, de familiarizar-nos com o passado, como já vimos tentando fazer, e aprendamos dele tudo quanto pudermos. Esse é o correto uso da tradição.

Entretanto o tradicionalismo é uma coisa muito diferente, uma coisa muito perigosa, uma coisa condenada na própria Bíblia. O tradicionalismo, como é certo sobre muitos "ismos", é a tendência de exaltar um ensino fazendo dele algo absoluto que se torna um legalismo e acaba paralisando o nosso pensamento. Posso ilustrar a diferença entre a tradição e o tradicionalismo mostrando uma diferença paralela entre um legítimo orgulho da pátria, de um lado, e, de outro, o nacionalismo. Ter orgulho da nação a que pertencemos não só é legítimo como também é bom. Mas, no momento em que esse orgulho vira um "ismo" – nacionalismo – passa a ser uma fonte de erros e de dificuldades. Muitos dos problemas e tragédias que temos sido obrigados a enfrentar no século vinte devem-se totalmente ao nacionalismo, e pode bem ser que venha a comprovar-se como a maior fonte de problemas no futuro.

No entanto, permitam-me mostrar-lhes a diferença entre a tradição e o tradicionalismo na forma em que os encontramos nas Escrituras. Vejam a denúncia feita pelo nosso Senhor contra o tradicionalismo dos escribas e fariseus em Mateus, capítulo 15. A acusação feita pelo nosso Senhor é: "Assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus"

(versículo 6). Este é um assunto muito importante. Lembrem-se, os fariseus eram pessoas religiosas; eles eram os mestres religiosos, e eram pessoas muito sérias: esta era a sua vida. Eles, dentre todos os homens, acreditavam que estavam honrando a Deus e vivendo para a Sua glória. Como Paulo diz deles: "(Eles) têm zelo de Deus" (Romanos 10:2).

Pois bem, é um grande engano pensar que o fariseu era desonesto ou insincero. Sei que os escritores de obras literárias tendem a dar-nos essa impressão, mas é um erro total.* O problema do pobre fariseu não era que ele deliberadamente se propunha a fazer outros de tolos, mas sim que ele a si próprio se fazia de tolo. Ele não percebia o que estava fazendo. Essa era a sua tragédia.

Essa ilusão é um processo muito insidioso e sutil. Eis o que aconteceu: aqueles homens estudavam as Escrituras e faziam comentários sobre elas, e dessa forma veio a existir um corpo de doutrina e de ensino. Eles não tinham nenhuma intenção de errar. Sua intenção era absolutamente correta e boa; era seu dever explicar e expor as Escrituras. Mas, ao fazê-lo, e conforme foram acumulando o seu ensino, desenvolveu-se uma tradição; e o nosso Senhor disse que eles chegaram ao ponto de passarem todo o tempo com a tradição deles, e que o ensino da Palavra de Deus estava sendo inteiramente obscurecido. Foi essa a acusação que Ele fez

---

* Na década de 1950 escrevi um artigo que foi publicado no Brasil Presbiteriano, intitulado: "O Ministério do Fariseu", no sentido de: o serviço que o fariseu presta. Tese: mostrar que o fariseu era o melhor tipo de homem da sociedade e o melhor tipo de cidadão. Por quê? Porque se esforçava para manter sua imagem de homem piedoso e íntegro. Nesse sentido, era um cidadão melhor do que os libertinos, que se orgulham de não ser hipócritas, põem a descoberto os seus pecados, e contribuem para a subversão da ordem e da decência. O problema da hipocrisia do fariseu era que, como não conseguia viver plenamente de acordo com sua própria imagem, procurava ocultar tudo o que acaso manchasse essa imagem. Nota do tradutor.

contra eles. Praticamente o que ele disse foi: "Vocês têm a pretensão de serem mestres, porém não são mestres da Palavra; vocês estão ocultando a Palavra; com as suas tradições e as tradições dos anciãos, vocês estão se colocando entre a Palavra e o povo. Vocês estão sempre dizendo "Foi dito", e estão sempre citando as suas autoridades".

O resultado foi que as pessoas não eram levadas a pôr-se de frente, face a face, com a lei de Deus e com o ensino das Escrituras. Em vez disso, lá estavam aqueles homens inteligentes, especialistas, comparando esta opinião com aquela, exibindo as escolas rivais entre os fariseus e gastando todo o seu tempo com argumentos abstrusos. E com isso o povo não estava sendo instruído. Foi por isso que, quando veio o nosso Senhor e se pôs a ensiná-lo clara e diretamente, é-nos dito: "E a grande multidão o ouvia de boa vontade" (ou, VA: "O povo comum o ouvia alegremente") (Marcos 12:37). Claro! As pessoas não conseguiam acompanhar aqueles outros, era tudo intelectualismo, e a Palavra de Deus estava sendo encoberta; mas o nosso Senhor a estava revelando e expondo abertamente.

Foi desse modo, pois, que o nosso Senhor tratou deste mesmo assunto. A tradição se transformara em tradicionalismo e estava ocultando a verdade. Este é um perigo deveras terrível. Todos nós estamos sujeitos a ele, e, espero, estamos todos dispostos a aprender esta lição. Caso contrário, não somente estaremos perdendo uma grande oportunidade, que acredito que no presente nos está sendo apresentada, a nós como cristãos – refiro-me aos evangélicos em particular – mas também estaremos cometendo graves erros e impedindo a propagação do evangelho.

O que sempre acontece com o tradicionalismo é que o corpo de ensino que veio a existir da maneira que lhes descrevi torna-se fixo; endurece, fica ossificado, se vocês o preferirem. E os que são influenciados e dominados por ele geralmente são pessoas que se recusam a considerar qualquer

outra coisa. Suas mentes estão cerradas. Ora, foi exatamente por isso que os fariseus não davam ouvidos ao nosso Senhor. Ele não se enquadrava no esquema de coisas deles, em seu ensino ou em sua perspectiva, e, portanto, não se enquadrava em sua tradição. Então se opuseram a Ele, denunciaram-nO e finalmente causaram a Sua queda.

Pois bem, não há nenhuma dúvida em minha mente de que, em muitos casos, os tradicionalistas agem como agem inteiramente movidos por um espírito de temor. Eles têm um sistema estabelecido e fixo, um "quadrado", por assim dizer, de doutrina, e ficam morrendo de medo de que, se for aberto, poderão perder tudo. E assim, de medo, eles dizem: "Tenho que defender isso tudo", e não querem ouvir mais nada.

Lembro-me de um homem, que já faz tempo está na glória, que costumava freqüentar com muita regularidade a Capela de Westminster. Lembro bem que quando eu estava proferindo algumas palestras sobre doutrinas bíblicas e estava tratando da doutrina das últimas coisas, ele veio ouvir. Mas ficou mais que patente que, quando ele ouviu a exposição e os argumentos, começou a ver que a posição que ele sustentara durante cinqüenta anos não era tão infalível como ele pensava. Todavia ele me disse, meio brincando: "Você sabe, estou velho demais para mudar agora". Ele achava que, tendo adotado um sistema e até o tendo ensinado durante muitos anos, não podia mudar, apesar do outro ponto de vista ser correto e verdadeiro.

Graças a Deus, a nossa salvação não depende do nosso entendimento! Mas vejam a situação patética a que podemos chegar por causa desse espírito de temor. Conheci pessoas que ficavam fora das reuniões em que estava sendo apresentado algum ponto de vista que não se harmonizava com o que eles sempre tinham crido e no qual tinham sido criados. Simplesmente tinham medo de ouvi-lo.

E vocês, acaso não conseguem ver quão repreensível é isso? Para nós é fácil acusar o catolicismo romano. Dizemos:

"Aquelas pessoas são tradicionalistas, nada mais. Em vez de irem às Escrituras, perguntam: "Que é que a igreja ensina?" Colocam o ensino e a tradição da igreja antes do ensino das Escrituras". Essa é a acusação protestante contra os católicos romanos, que os pobres católicos romanos não se entregam à verdade, que eles se entregam a todo esse ensino da igreja sobre Maria, os santos, as obras de supererrogação, e sobre todas as coisas que têm sido acumuladas por meio da tradição através dos séculos, e que há muitos católicos romanos ingênuos, ignorantes, que sabem muito mais coisas sobre determinados santos do que sobre as Escrituras. Como é fácil para nós denunciar isso e ver o erro disso. Entretanto, como é difícil para nós ver que muitas vezes nos fazemos culpados de fazer exatamente a mesma coisa, que temos a mesma mente fechada e trancada.

Isso é sempre típico do tradicionalismo. Certamente é tão errado adotarmos a posição que diz "Certa ou errada, é minha denominação", como é dizer "Certo ou errado, é meu país". Não levamos em muita consideração o homem que diz: "Meu país nunca comete um erro". Sabemos que isso gera guerra, que as guerras acontecem quando o povo é bastante tolo para dizer isso. Mas o mundo está cheio de pessoas que vivem dizendo a mesma coisa na esfera da religião. "A denominação em que fui criado – lutarei por ela até o meu último suspiro!" Por quê? Bem, porque é a minha denominação. Esse é exatamente o mesmo espírito; não há absolutamente nenhuma diferença.

O tradicionalismo mostra-se de outra maneira também. Há sempre o perigo de considerarmos os Pais da Igreja como divinamente inspirados e infalíveis. Como protestantes, objetamos à doutrina da infalibilidade papal, como tampouco acreditamos numa igreja infalível. Somos muito fortes nesses pontos. Mas tenho conhecido muitos protestantes que fizeram de João Calvino um papa. Sua atitude é: "Você não deve criticar João Calvino, nem sequer num detalhe.

Calvino nunca pode estar errado". Isso aparece em resenhas. Li duas resenhas do livro que há pouco recomendei, "Os Reformadores e os seus Enteados". Nenhum dos dois autores das resenhas fez algum relato do conteúdo do livro, mas ambos anotaram o fato de que naquele livro havia críticas a Calvino, e se fixaram nisso. Não obstante, fazer de Calvino um papa dessa maneira é fazer-se culpado de tradicionalismo.

E essa atitude não se aplica só aos homens, aplica-se também aos livros e aos documentos. Ora, há pessoas – não se questiona isso, só estou ilustrando o ponto – que, também inconscientemente, têm dado atenção às notas que constam na chamada Bíblia de Scofield, considerando-as tão inspiradas e infalíveis como o texto das Escrituras. Elas argumentam dizendo: "Isto não pode estar errado, está na Bíblia". Conheço pessoas que consideram a Confissão de Westminster como inspirada e infalível e que dizem que ela jamais deve ser criticada. Vocês vêem, por todos os lados, seja qual for o conceito adotado por vocês, há sempre o perigo de caírem sob a tirania do tradicionalismo, de serem inteiramente governados pelo ensino de um homem, ou de um livro, ou de um sistema.

Pois bem, estas são apenas algumas maneiras pelas quais o espírito de tradicionalismo se manifesta, e vocês podem ver a importância e a relevância disso tudo na presente situação. Estamos vivendo numa época em que os defensores do movimento ecumênico, assim chamado, estão convidando o povo a fundir-se numa única grande igreja mundial. Eles concitam as pessoas a que não se prendam rigidamente às idéias com as quais cresceram, e sim que as repensem. E agora, que temos para dizer sobre isso?

Bem, a tragédia é que muitos, ao se defrontarem com esse tipo de situação, em vez de a avaliarem à luz das Escrituras, verificarem a posição evangélica e se juntarem em sua defesa, estão muito mais preocupados em defender a posição na qual já se acham: "Fui criado nisso; pais, avós, todo um passado,

toda a minha família, sempre pertenceram a esta denominação". E assim não se abrem para a verdade, sua mente está fechada, eles não se dispõem a mudar, não se dispõem a admitir que talvez os seus pais estivessem errados e que eles próprios estejam errados.

Tudo o que estou insinuando é que, certamente, à luz do estudo que fizemos da história da relação entre Igreja e Estado, devemos ter captado o princípio geral de que todos e cada um de nós temos a possibilidade de desviar-nos, de errar em certos pontos, e jamais devemos considerar como infalível qualquer coisa que a Igreja tenha feito. Ao contrário, devemos examinar todas as coisas à luz do ensino das Escrituras e, sejam quais forem as conseqüências, devemos estar prontos a agir baseados no que descobrirmos.

Ora, ao fazer esta exortação, faço exatamente o que os próprios Reformadores fizeram. Esta foi a gigantesca realização de Martinho Lutero. Eis aí um homem que, tendo visto a verdade das Escrituras, dispôs-se a se levantar contra quinze séculos de tradição. Mas por certo sabemos que, depois disso, muitos segmentos da Igreja Luterana fizeram de Lutero um papa. No entanto, Lutero e Calvino, e outros Reformadores, não ficaram amarrados a tudo quanto fora decidido nos antigos concílios da Igreja. Eles faziam críticas a esses concílios, e não hesitavam em dizê-las.

E, de igual modo, os Reformadores não vacilavam em criticar os Pais: este era um dos grandes pomos de discórdia entre eles e a igreja católica romana. A igreja romana citava os Pais, mas os Reformadores diziam: "Que dizem as Escrituras?" Até os Pais Primitivos não somente poderiam errar, mas é evidente que erraram. Portanto, não devemos aceitar servilmente tudo o que a tradição nos traz. Devemos dizer: "Isso é útil, porém vamos examiná-lo à luz das Escrituras, e depois decidiremos o que devemos fazer".

Espero que isso tenha ficado claro para todos nós. Não há nada mais lamentável do que as pessoas simplesmente

defenderem a posição em que se acham, se negarem a considerar qualquer outra coisa e temerem manter aberta a sua mente. Os cristãos devem ter mente aberta no sentido de não estarem presos à tradição. Eles estão abertos para as Escrituras, e devem avaliar todas as outras coisas à luz do seu entendimento delas.

Como temos examinado esta questão da relação entre Igreja e Estado, e como já vimos que os nossos antepassados inconscientemente acatavam esta ou aquela tradição, em vez de avaliá-la à luz das Escrituras, é minha esperança que estejamos cientes desse perigo. Se não nos dermos conta disso, e se todos nós simplesmente aderirmos à denominação na qual fomos criados e nos apegarmos a ela custe o que custar, muitos de nós verão que, mais cedo do que pensamos, acabaremos na igreja de Roma, ou então nos dividiremos em fragmentos tão diminutos que não significaremos nada, nem para os que estão na Igreja, nem para os que estão fora dela.

Sinto que este assunto tem uma lição realmente grande para nós no presente. Dizem-nos que tudo está no cadinho; bem, tiremos vantagem disso. Aprendamos das Escrituras, aprendamos do passado, e procuremos tirar nossas conclusões à luz das Escrituras e apegar-nos a elas resolutamente, prontos, se necessário, a sofrer por elas. E, acima de tudo, todos nós juntos, estejamos determinados a pô-las em prática.

São essas, então, as lições gerais que espero que todos nós estejamos dispostos a considerar com seriedade e com oração. Mas agora pergunto: qual é a nossa posição quanto a toda esta questão da relação de Igreja e Estado? E me parece que tudo se funde numa só pergunta fundamental: *qual é a função do Estado?*

Bem, num sentido já consideramos isso, porém devemos voltar e reexaminar a questão à luz dos problemas sobre os quais estivemos pensando. E, ao considerarmos a função do Estado, vemo-nos confrontados por duas perguntas subsidiárias, e estas ajudam a lançar luz sobre essa questão. A

primeira é: o Estado deve ter alguma função positiva, ou ela é inteiramente negativa?

Ora, se vocês consultarem esta passagem de Romanos, capítulo 13, penso que chegarão à conclusão de que o propósito do Estado é inteiramente negativo. Se lerem 1 Timóteo, capítulo 2, verão ali a instrução que o apóstolo dá a Timóteo a fim de que ele, por sua vez, ensine outros. Paulo diz: "Admoesto-te pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade" (versículos 1,2). Essa é a função do Estado. E se vocês examinarem a passagem de 1 Pedro, capítulo 2, penso que verão exatamente o mesmo ensino. Pedro diz que o dever dos governantes, dos reis, do Estado, qualquer que seja a autoridade, é "para castigo dos malfeitores, e para louvor dos que fazem o bem" (versículo 14).

Bem, as três passagens do Novo Testamento que tratam deste assunto parecem ficar nisso, mas isso levanta a segunda questão subsidiária. Não faltam aqueles que dizem: "Mas, seguramente, você não considerou toda a doutrina da graça comum". Seu argumento é que todos os seres humanos são pecadores por causa da Queda, e Deus cuida de alguns por Sua graça especial, salvadora, porém não parou de agir com relação aos demais. Ele cuida deles pela chamada "graça comum". O mundo continua sendo o mundo de Deus, Ele não o abandonou, e, por meio do Espírito Santo, faz alguma coisa até para o mundo não regenerado.

E assim aquelas pessoas perguntam: "Que dizer a respeito? E não somente isso, o Senhor Jesus Cristo é o Senhor do universo. Ele mesmo disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra". É-nos dito: "Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele" (Colossenses 1:16,17); e que Ele está sobre todos, "Acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo

nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" (Efésios 1:21). Daí, que dizer do senhorio de Cristo sobre a vida em geral?"

Essas pessoas sustentam, pois, que o ensino combinado sobre a graça comum e o senhorio do Senhor Jesus Cristo significa que Deus opera mesmo na vida dos não regenerados. E, desde que as potestades que há são ordenadas por Deus, cabe à Igreja ensinar ao Estado que é seu dever fazer que se manifeste o senhorio de Cristo na vida em geral. Portanto, é-nos dito que há um sentido em que o dever do Estado é cristianizar a sociedade, que o Estado deve introduzir o ensino cristão para dirigir todos os aspectos da vida, todas as atividades humanas. Essas pessoas dizem que é errado a Igreja omitir-se a isso tudo. E elas então falam em "conquistar o mundo para Cristo" e em "conquistar a cultura para Cristo". Acrescentam que isso deve ser um processo gradual, que o ensino deve atuar como fermento na sociedade e que, conforme ele permeie a vida do mundo, os diferentes aspectos da vida serão arrebatados do diabo. E assim o senhorio de Deus e do Seu Cristo se tornará cada vez mais evidente.

Bem, esse ensino foi extremamente popular no fim do século dezenove e na primeira parte do século vinte. Na Grã-Bretanha essa doutrina foi ensinada por um mestre anglicano, um grande homem chamado F. D. Maurice, como também por Canon Scott Holland, que pregou nos fins do século dezenove em *St. Paul's Cathedral* (Catedral de São Paulo), e pelo famoso bispo Gore, e, mais tarde, pelo arcebispo William Temple. Contudo isso não ficou confinado a esses pregadores, nem aos anglicanos.

Noutros países houve quem ensinasse quase a mesma coisa. Na Holanda houve um grande homem chamado Abraham Kuyper, famoso por suas preleções sobre o calvinismo. Eis aí um homem que, criado na Igreja Reformada Holandesa, começou a ver que a Igreja Estatal se havia

desviado em certos aspectos e, com outros, começou uma nova denominação, pode-se dizer. Foi ordenado ministro, mas acabou renunciando e entrou na política. Seu ensino essencial era que se deve fazer com que o senhorio de Deus e de Cristo dirija a vida em geral. Ele e também outros deram início a um partido político para a propagação dessas idéias, e de fato ele veio a ser o primeiro ministro da Holanda. Ele acreditava em escolas cristãs e começou uma universidade em Amsterdã, conhecida como Universidade Livre de Amsterdã.

Portanto, esta é a questão: qual destes dois conceitos você adota – o que diz que a função do Estado é quase inteiramente negativa, ou a teoria que dá à função do Estado um caráter muito positivo e afirma que, na verdade, até se pode usar termos como "cristianização" da vida e da sociedade? Pois bem, ao examinarmos isto, quero apresentar-lhes algumas considerações.

Primeiro: quero dizer que é sempre errado falar em "cristianizar" alguma coisa. Isso não é possível, e eu descrevo essa idéia como herética. Ou você é cristão ou não é. Somente o cristão pode viver a vida cristã, é só o cristão que pode entender o ensino cristão. Portanto, seja o que for que você faça para indivíduos não regenerados, e ainda que consiga mudar o modo de viver da sociedade – e eu concordo inteiramente com isso – não deve usar o termo "cristianizar". É bom persuadir as pessoas a viverem de um certo modo, porém você não deve dizer que elas estão vivendo como cristãs, porque elas não podem. Dizer que um homem ou uma mulher pode viver a vida cristã desta ou daquela forma, sem que tenha nascido de novo, sem que se tenha tornado cristão ou cristã, é a essência mesma da heresia cristã.

Segundo, à luz do ensino das Escrituras, seguramente é muito errado dizer que o senhorio de Cristo e o Seu reino vêm "gradualmente". E este é um ponto muito importante. Há os que usam a parábola do Senhor sobre o fermento para

ensinar essa idéia. Por certo vocês se lembram de que o nosso Senhor disse que o Reino é como uma mulher que pega um pouco de fermento, isto é, de levedo, põe-no na farinha, e aos poucos ele faz crescer toda a massa (Mateus 13:33). Nos últimos cento e tantos anos isso tem sido usado como argumento para mostrar que o cristianismo continua a operar na sociedade até finalmente toda ela se tornar cristã.

Mas aqui estou para contestar que isso é um entendimento gravemente errôneo da parábola do fermento, porque essa interpretação faz de fato a parábola contradizer outras afirmações claras do nosso Senhor noutras partes das Escrituras. Vejam, por exemplo, as palavras do nosso Senhor registradas em Lucas, capítulo 17: "Interrogado pelos fariseus sobre quando havia de vir o reino de Deus, respondeu-lhes, e disse: o reino de Deus não vem com aparência exterior. Nem dirão: ei-lo aqui, ou, ei-lo ali; porque eis que o reino de Deus está entre vós. E disse aos discípulos: dias virão em que desejareis ver um dos dias do Filho do homem, e não o vereis. E dir-vos-ão: ei-lo aqui, ou, ei-lo ali; não vades, nem os sigais; porque, como o relâmpago ilumina desde uma extremidade inferior do céu até à outra extremidade, assim será também o Filho do homem no seu dia. Mas primeiro convém que ele padeça muito, e seja reprovado por esta geração. E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os consumiu a todos. Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, e os consumiu a todos. Assim será no dia em que o Filho do homem se há de manifestar" (versículos 20-30).

Com certeza estas coisas estão perfeitamente claras e evidentes. Acresce que o nosso Senhor fez uma tremenda e estonteante pergunta: "Quando porém vier o Filho do

homem, porventura achará fé na terra?" (Lucas 18:8). A descrição que o nosso Senhor faz dos tempos finais, imediatamente antes do Seu reaparecimento, é que as coisas estarão tão mal, mesmo na Igreja, que se pode fazer aquela pergunta. E, se assim vai ser com a Igreja, qual será a condi-ção do mundo? Diz o nosso Senhor que será semelhante ao tempo anterior ao Dilúvio, ou anterior à destruição de Sodoma e Gomorra. Dessa forma, longe de ensinar que o cristianismo terá permeado a sociedade e a vida do mundo não regenerado, o nosso Senhor ensinou exatamente o oposto. E, claro, quando vocês lerem o livro do Apocalipse, terão precisamente a mesma impressão de terríveis condições, de grande sofrimento e do mundo se entregando ao mal. Voltem a ler os capítulos 17 e 18 daquele livro, e verão ali uma situação que é diametralmente oposta à de uma sociedade permeada pelo cristianismo.

Também é muito interessante notar que esse ensino era muito popular nos fins do século dezenove, quando o país estava em paz e gozava prosperidade crescente. Penso que foi isso que fez com que estes bons homens se desviassem. Houve paz, ora mais ora menos, desde a guerra napoleônica, se bem que houve a guerra da Criméia, que foi uma espécie de incidente. Mas houve esse período de paz, com o conhecimento e a educação em progresso, e a ciência se desenvolvendo; todos se encheram de otimismo, afinal o mundo estava realmente progredindo! Viam as atividades das sociedades missionárias e achavam que o mundo ia ser conquistado para Cristo. Os homens proeminentes do Movimento Estudantil Cristão, o movimento pioneiro entre os estudantes, tinham um grandioso lema: "Cristianizar o mundo em nossa geração". Parecia que era o que ia acontecer, mas, naturalmente, só parecia aos que julgavam pelas aparências, e não estavam sendo guiados pelo ensino das Escrituras.

O ensino das Escrituras é que o fim virá súbita e inesperadamente; haverá crise e juízo; será o apocalipse. Os dois reinos – o reino de Deus e o reino do diabo – são eternamente

diferentes. Há um conflito entre eles, e nada lhe porá fim, exceto a segunda vinda e a gloriosa manifestação do nosso grande Senhor e Salvador. Esse é o ensino das Escrituras.

Mas, finalmente, permitam-me mostrar-lhes que este ensino das Escrituras é profusamente confirmado pela própria história. Que é que vocês vêem na história? Acaso a Igreja Cristã e o ensino ministrado pelos cristãos que atuam na política e na sociedade têm agido gradualmente como levedo? Teriam estes princípios e o senhorio de Cristo se imposto mais e mais e se têm tornado cada vez mais evidentes na vida do mundo não regenerado?

Há só uma resposta, historicamente, a essa questão, qual seja: longe de estar havendo um melhoramento gradual, há uma espécie de periodicidade – levantamento e queda. Sempre que se tem um avivamento, vê-se que toda a área compreendida pelo avivamento aufere benefícios dele. Muitas vezes assinalei que toda vez que houve um grande despertamento religioso na Grã-Bretanha, houve melhoramento moral, melhoramento ético, melhoramento em todos os aspectos. A educação recebeu estímulo, como igualmente os hospitais e as boas obras. O período vitoriano deve ser explicado primariamente à luz do grande Despertamento Evangélico do século dezoito. A abolição da escravatura ocorreu como conseqüência direta daquele Despertamento Evangélico, e assim foi também com o movimento sindical. Não há como questionar estas coisas.

Não obstante, os não regenerados não foram cristianizados como resultado desses tempos de avivamento. Seu comportamento foi modificado, e isso durou por algum tempo, porém a mudança nunca foi permanente – nunca![*] É

[*] Não resisto ao ímpeto de registrar o que li uma vez sobre Billy Graham. Perguntaram a ele o que ele achava das decisões em massa – multidões se decidindo por Cristo – nas grandes reuniões em que ele pregava. Sua resposta foi sumamente realista. Disse ele: "Os efeitos de um banho duram pouco, mas o banho faz bem"! Nota do tradutor.

isso que tenho grande desejo de inculcar em vocês; o melhoramento era apenas temporário. Vejam, por exemplo, o período puritano, que levou à Comunidade de Cromwell e àquelas diversas leis do parlamento sobre o sábado etc., que ainda constam no livro estatutário* e sobre as quais há muita discussão atualmente – todas elas resultaram daquele despertamento e avivamento espiritual. Mas isso logo foi seguido por um dos períodos mais dissolutos e perversos da história geral deste país, coisas, todas elas, pelas quais responde a restauração de Charles II.

No entanto, não precisamos ir longe na história – vejam as condições deste país, condições morais, sociais, artísticas e em todos os demais aspectos nos dias atuais. Tudo era tão diferente no início do século vinte, quando tudo parecia elevar-se e o povo estava otimista. Pergunto-me o que esse povo diria, se retornasse agora! Pergunto-me se nos ministraria aquele mesmo ensino otimista. Não, quaisquer que sejam os benefícios sobrevindos ao mundo sem Cristo, sempre são temporários. Os períodos mais brilhantes, mais grandiosos e melhores são seguidos por períodos de degradação, degeneração e, muitas vezes, até de aviltamento abjeto.

Não existe maior falácia que a falácia de pensar que se pode fazer permear a vida geral da sociedade pelo ensino cristão. Essa idéia não só é negada pelo ensino do nosso Senhor e dos apóstolos, particularmente pelo ensino do livro do Apocalipse, mas também pela longa história da humanidade e da civilização.

E aí devemos deixar o assunto por ora. Em nosso próximo estudo continuaremos com mais alguns pontos e princípios gerais, antes de aplicar tudo isso a alguns temas de discussão que estão agitando o povo no presente.

---

* Código de leis; código civil. Nota do tradutor.

11

"Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação. Porque os magistrados não são terror para as boas obras, porém para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal. Portanto, é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo, mas também pela consciência. Por esta razão também pagais tributos; porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." – Romanos 13:1-7

Estivemos considerando o perigo do tradicionalismo, das mentes estreitas que lutam por uma posição estabelecida e não se dispõem a considerar qualquer crítica que se faça dela nem qualquer posição alternativa. Podemos resumir isso dizendo que a lição da história com relação a este assunto é o terrível e freqüentemente trágico perigo de intolerância fanática. O fanático é sempre uma pessoa intratável, que, por causa do seu tradicionalismo, sua cegueira e sua recusa a abrir sua mente, nega a fé que declara ter. Deus nos guarde a todos de nos tornarmos fanáticos!

Temos, pois, considerado isso tudo, e a seguir dissemos que a real questão é o nosso conceito do Estado e sua função.

Examinamos as passagens de 1 Pedro, capítulo 2 e 1 Timóteo, capítulo 2, que, como a de Romanos, capítulo 13, tratam deste assunto, e perguntamos se o Estado tem alguma função além de uma função negativa. Seria sua tarefa mera e unicamente manter o pecado e suas maléficas manifestações dentro de limites?

Vimos que, no momento em que você faz essa pergunta, defronta-se com pessoas que dizem: "Sim, mas, que dizer do senhorio de Cristo? Acaso as Escrituras não ensinam que Ele é o Senhor sobre todas as áreas da vida? Porventura não disse Ele, depois da Sua ressurreição e antes da Sua ascensão, "É-me dado todo o poder no céu e na terra"? Não ensinaria isso o senhorio de Cristo sobre o mundo todo, e não apenas sobre a Igreja? E que dizer da passagem no fim de Efésios, capítulo 1, onde Paulo diz que Deus O colocou "acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro"?"

Que dizer sobre isso tudo? Bem, para concentrar o nosso pensamento, permitam que lhes apresente uma declaração relativamente moderna sobre essa posição. Diz o seguinte:

> *O apóstolo Paulo nos ensina que Deus o Pai confiou todo o poder e autoridade sobre a terra a Seu Filho, por meio de quem Ele agora governa todas as coisas (1 Coríntios 15:24 e seguintes). Ao Cristo ressurreto e assunto ao céu foi confiada pelo Pai a grande tarefa de transformar, não somente vidas individuais*

– notem isto –

> *mas toda a vida cultural, legal, política, científica e econômica. Como o Senhor da história, do tempo e do espaço, Jesus Cristo não pode satisfazer-Se com nada menos que uma organização cristã da sociedade humana como um todo, e,*

> *portanto, é forçoso dever e privilégio e gloriosa tarefa de todos os cristãos lutar por uma condição da sociedade moderna que dê o máximo de oportunidade a outras pessoas, bem como a eles próprios, de viver uma vida humana plena, livre, mais abundante, e assegurar-se de que os cristãos nunca sejam controlados por um mundo apóstata e rebelde, mas que eles controlem esse mundo pela força e poder do onipotente Deus.*

Aí, penso eu, está uma declaração tão boa quanto é possível obter-se do ponto de vista que salienta uma função positiva do Estado como instrumento de Deus. Como já vimos, o apóstolo nos diz em Romanos, capítulo 13, que as potestades que há são ordenadas por Deus, e que é ordenação de Deus que elas funcionem, e é argumentado que isso faz parte dessa função. E, como lembrei a vocês, há pessoas que até falam em conquistar o mundo inteiro e toda a cultura para Cristo, e em "cristianizar" a sociedade e a cultura.

Bem, já começamos a nossa réplica a essa posição, e a primeira proposição, que formulei em meu estudo anterior, é que jamais devemos falar em cristianizar coisa alguma. Em segundo lugar, opinei que nunca devemos falar na vinda gradual do reino do nosso Senhor, exceto num único sentido, qual seja, na Igreja. A obra de salvação é gradual. De época em época, de geração em geração, pessoas têm sido conquistadas do mundo e transferidas, transportadas "para o reino do Filho do seu amor" (Colossenses 1:13). Somente nesse sentido o Reino vem e cresce gradualmente.

Mas já vimos que o teor geral do ensino do Novo Testamento é que o reino de Deus vai chegar subitamente, numa grande crise, na verdade na segunda vinda do nosso Senhor. Não se pode "transformar" gradualmente o mundo e a sociedade. Insinuei ademais que estamos vivendo agora num período em que a sociedade está indo abaixo, indo para trás, devido ao crescente destemor de Deus e ao

decrescimento do poder da Igreja Cristã.

Chegamos então a um ponto em que me disponho a fazer este sumário: o Novo Testamento ensina com muita clareza – e, na verdade, num sentido, este ensino é mais patente ainda no Velho Testamento – que há sempre uma tensão entre os dois reinos, o reino de Deus e o reino deste mundo dominado pelo deus deste mundo, que é o diabo. E nos é dito claramente que o nosso Senhor, longe de transformar a sociedade, está esperando "até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés" (Hebreus 10:13). Ele está esperando. Esta realidade é algo a que aspiramos. Nada senão a segunda vinda do nosso Senhor para julgar o mundo e instalar o Seu reino eterno tornará o Seu reino visível na terra e funcionando "de mar a mar", como diz o hino:

Jesus reinará onde quer que o sol
Seu sucessivo curso siga;
De mar a mar estende-se o Seu reino,
Até a lua não mais crescer nem minguar.
– Isaac Watts

– materialmente, culturalmente e em todos os demais aspectos. "Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Habacuque 2:14). Todavia isso ainda está por vir.

Este é um contraste que percorre as Escrituras todas. Vê-se em Romanos, capítulo 8, onde o apóstolo diz: "Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (versículo 18). E diz mais que "a ardente expectação da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus" (versículo 19). Isso está no futuro e se seguirá à grandiosa segunda vinda do nosso Senhor.

Portanto, devemos ter claro em nossas mentes este ensino essencial das Escrituras quanto à relação do mundo

não salvo – o Estado e todos os que só pertencem aos reinos deste mundo – com o Senhor Jesus Cristo.

Agora estamos em condições de perguntar: quais seriam, então, as implicações deste ensino? Significaria que, por isso, como cristãos, nada temos a ver com o mundo, com a sua política, com a sua cultura e com todas as outras coisas que mencionei? Significaria que não nos interessamos por nada disso? Será que acreditamos que, uma vez que agora fomos transportados para o reino de Deus, não nos preocupamos com os reinos deste mundo aos quais pertencemos? Deveria o cristão interessar-se por questões como a observância do sábado ou pelos vários temas de discussão que estão sobrecarregando a vida na época atual, temas como o da questão geral da educação?

Este é, naturalmente, um assunto sumamente importante, e devemos entendê-lo bem. Começamos formulando o ensino geral das Escrituras, mas devemos ter o cuidado de não o limitar. Há dois versos de um hino de Isaac Watts que expressam isto muito bem:

A criação inteira é Tua incumbência,
Porém, dos santos tens peculiar cuidado.

Essa é a diferença entre a graça comum e a graça especial. Como já vimos, há uma graça especial que só o povo de Deus pode conhecer e experimentar, porém essa não é a única graça de Deus; há também a graça comum. Nunca devemos esquecer que, embora cristãos, não temos direito de deixar de preocupar-nos com os homens e mulheres não cristãos e com o mundo no qual nos achamos.

Isso nos leva de volta à pergunta: como devemos entender a nossa relação com o Estado e sua atividade, e com o mundo não cristão? Sugiro que nos expressemos da seguinte forma: embora devamos preocupar-nos com estas coisas, é vitalmente importante que mantenhamos sempre a distinção

entre o que a Igreja faz como Igreja, e o que os membros individuais da Igreja fazem como cristãos vivendo em sociedade. Este é o primeiro grande princípio e, de novo, devemos entendê-lo bem. Em nosso pensamento devemos sempre traçar uma incisiva linha aqui porque, se não mantivermos esta distinção, estaremos reintroduzindo aquela velha confusão que, como já lhes mostrei, dominou o pensamento de muitos pelos séculos afora. Tanto a Igreja como o Estado são ordenados por Deus, ambos têm as suas funções, que lhes cabe realizar, e vimos quão diferentes elas são, e de quantas maneiras; aí estão as funções de ambos, e jamais devemos confundi-las.

A tendência de confundir as diferentes funções de Igreja e Estado é muito evidente na atualidade. Vemo-la no fenômeno conhecido como "o pregador político". Talvez não seja tão comum hoje como era, mas era de fato muito freqüente nos primeiros anos do século vinte. Penso que este é um ponto no qual o movimento não conformista se desviou no século dezenove. No entanto, deixem que lhes diga o seguinte, a favor do não conformismo – ele só estava fazendo o que os anglicanos já tinham feito. Enquanto houver bispos (anglicanos) na Câmara dos Lordes, digo que o pregador não conformista terá direito de se meter na política. Se você sustentar que os lordes espirituais podem tomar parte nos procedimentos políticos das casas ou câmaras do parlamento, não deverá criticar aqueles ministros da Igreja Livre Não Conformista que passam a maior parte do seu tempo pregando e falando sobre política; em princípio, não há nenhuma diferença. Mas o que estou sugerindo é que ambos estão errados – que o pregador político está errado e que os lordes espirituais estão igualmente errados – e, se havemos de retornar à posição do Novo Testamento, deveríamos pôr ambos fora.

Ai estão as maneiras pelas quais a confusão entra na Igreja, vinda do lado do pregador, do ministro. Entretanto é muito interessante notar como isso tende igualmente a

entrar vindo da arte dos membros da Igreja que não estão no ministério. É uma coisa que venho observando há anos, e tentei chamar a atenção para isso, com bem pouco sucesso, receio. É a situação na qual os homens e as mulheres cristãos, nas diversas profissões, no serviço público, nos negócios ou na indústria, ou em qualquer outra parte, formam sociedades, uniões cristãs, entre eles. E é quase invariavelmente certo dizer que, em vez de fazerem o que deviam estar fazendo e que são competentes para fazer, que é interpretar o ensino cristão em termos da profissão a que pertencem e por meio dela, passam o tempo todo tentando converter seus companheiros de profissão.

Não me entendam mal. É sempre dever de todo cristão preocupar-se com os perdidos, particularmente com os amigos, os colegas, os parentes, etc., e devemos fazer tudo o que pudermos para trazê-los sob o som do evangelho. Mas quando os membros dessas sociedades cristãs passam o tempo de que dispõem tão-somente na evangelização, causam a mesma confusão; eles ficam fazendo a obra da Igreja, dos ministros, em vez de aplicarem o ensino cristão aos diversos caminhos da vida a que pertencem. E penso que vocês concordarão comigo que há muita confusão nisso nos dias atuais.

O que, então, podemos fazer para endireitar a situação? Abordarei esta questão dando-lhes os títulos que descrevem a função real da Igreja, e, em seguida, consideraremos as funções reais de cada cristão em particular.

Qual é o dever da Igreja? Sua tarefa por excelência é pregar o evangelho de salvação. O dever da Igreja é, se posso dizê-lo assim, produzir cristãos. Ela é chamada para isso – somos arautos do evangelho; somos enviados para pregar: "Como ouvirão, se não há quem pregue?" (Romanos 10:14).

Mas não somente isso; o dever da Igreja e do pregador é edificar os que foram convertidos a Cristo. Os cristãos precisam ser edificados em sua santíssima fé (ver Judas,

versículo 20). Eles precisam estar ou ser "arraigados e fundados", estabelecidos e instruídos, para que, como diz Paulo, possam "perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento" (Efésios 3:17-19).

Contudo, ao realizar esse trabalho, a Igreja deve expor e tornar conhecido "todo o conselho de Deus" (Atos 20:27), e então, é aí que muitas vezes ela falha, e particularmente, talvez, é aí que o segmento evangélico da Igreja falha. O perigo que corremos é o de limitar a nossa atenção unicamente à questão da salvação pessoal e só dar alguma edificação aos salvos. Noutros segmentos da Igreja nunca se prega uma mensagem evangelística, mas o tempo todo é dedicado à aplicação, às implicações sociais do evangelho, etc.

O fato é que ambos estão errados. A Igreja deve apresentar e explicar "todo o conselho de Deus". Não temos direito de omitir coisa alguma da Bíblia. Devemos encarar toda ela, cada parte do ensino. Não devemos dizer: "Não estou interessado nisso, o que me interessa é o estado da minha alma". Dizer isso é limitar as Escrituras e tornar-se um promotor da alta crítica. Devemos sujeitar-nos à totalidade das Escrituras, à inteireza do ensino delas, empenhando-nos em entender o sentido de cada passagem, de cada declaração nelas existente. E, quando lemos uma passagem como a que temos diante de nós, somos impelidos necessariamente a fazer isso.

Portanto, se você disser: "Olhe aqui, não estou interessado nisso tudo. Minha alma está com problema, e eu quero um pouco de conforto e alguma ajuda devocional", minha resposta será que você precisa ser corrigido quanto ao ensino das Escrituras. Você não tem direito de abstrair-se da vida, de limitar o ensino das Escrituras fazendo-as adequar-se a si mesmo. Você foi salvo para funcionar sob Deus e da maneira como Deus quer que você funcione, e é seu dever descobrir qual é a sua função. Existe o lado de devoção consoladora da

nossa fé, tivemo-lo em abundância nesta grande Epístola, porém, quando chegamos a uma doutrina como esta, não passemos de liso por cima dela, dizendo: "Isso agora não me interessa, só estou interessado em meus sentimentos pessoais". O capítulo 13:1-7 foi escrito para nós exatamente da mesma maneira como os primeiros oito, ou mesmo os primeiros onze capítulos de Romanos.

Mas, como é que a Igreja expõe todo o conselho de Deus? Além da pregação do evangelho de salvação, e da edificação dos santos, que é que a Igreja deve fazer? Deve preocupar-se com a totalidade da vida, como as Escrituras lhe dizem. Como, porem, ela deve fazê-lo? Bem, aqui está a distinção: deve fazê-lo unicamente em termos de uma formulação de princípios. É aí que a confusão entra. Como vou mostrar-lhes, a Igreja não deve entrar na política, mas deve formular princípios que governem a política e tudo mais. Ela deve dar as definições e formular os grandes princípios gerais que são ensinados tão claramente aqui nas Escrituras.

Quais são esses princípios e definições? Bem, como já vimos, a Igreja define a função do Estado. E, ao fazê-lo, deve salientar que o Estado é ordenado por Deus. E devemos dizer isso porque as pessoas não acreditam mais nisso. Elas pensam que o Estado e o governo são invenções humanas. Mas não são. Foi Deus que os ordenou, e é dever da Igreja dizê-lo. Deve dizê-lo contra uma oligarquia, ou poderá ter que dizê-lo contra uma monarquia, como no tempo da Comunidade. Poderá também ter que dizer isso dirigindo-se a uma democracia, ou a qualquer forma de tirania que apareça. Ela deve persistir em fazer a asserção de que "as potestades que há foram ordenadas por Deus".

Depois, na esfera política, o ensino bíblico é que o Estado deve manter a ordem; ele deve garantir que haja liberdade para os cidadãos do Estado – liberdade política, liberdade religiosa. Quando vocês lerem a história geral, verão que muitas vezes o estado falhou não fazendo isso,

especialmente quando era dominado pela igreja romana, e quando o Estado dominou o anglicanismo – naqueles tempos houve tirania e opressão. E, como lhes mostrei, mesmo os não conformistas dominaram o estado quando tiveram oportunidade, como em Massachusetts. Todavia isso é errado, tem que haver liberdade, e o Estado existe para prover isso. Ele abusa da sua vocação quando tiraniza o povo, e é dever da Igreja deixar isso claro em sua pregação e em seu ensino.

Mas depois chegamos ao que podemos denominar o aspecto cultural da nossa vida. Examinemos agora um tema como o da educação. Aqui também faz parte do ensino das Escrituras guiar-nos e esclarecer-nos. Tomemos a educação na Grã-Bretanha desde 1870 – a educação sob o Estado. O Estado compele os nossos filhos a que recebam educação. Qual é a nossa atitude face a isso? Aqui também me parece que há certos princípios bíblicos claros e nítidos. Nunca é dever do Estado compelir as pessoas a receberem ensino cristão. Mas ele tem feito isso freqüentemente. Quando o Estado era governado por Roma, e quando governou a Igreja Anglicana, as pessoas eram compelidas a receber ensino cristão. No entanto, não está de acordo com o ensino das Escrituras que se exerça algum tipo de pressão, quer física quer monetária, quer de qualquer outra espécie, sobre estas ou aquelas pessoas para torná-las cristãs. Uma das nossas críticas ao islamismo é que ele se propagou pela ponta da espada. As pessoas são compelidas a tornar-se islamitas pela força física dos exércitos e das lanças. Condenamos isso, porém devemos condenar isso igualmente quando cristãos tentam fazer a mesma coisa.

Mas – e isto talvez seja o que devemos ressaltar hoje em dia – o Estado não deve forçar as pessoas a se tornarem ateístas. Poder-se-ia negar honestamente que a presente educação estatal na Grã-Bretanha traz consigo uma certa dose de pressão sobre as crianças, induzindo-as a adotarem uma visão ateísta da vida? Parece, por exemplo, que ela está

fazendo isso em seu ensino do evolucionismo. Não ensinar cristianismo não significa necessariamente que você está numa espécie de posição neutra. Isso não é neutralidade; o que há é um ensino anti-Deus, muito dele influenciado pela psicologia freudiana. Não se reconhece isso, mas o efeito é esse. Dá-se às crianças pequenas a impressão de que não existe Deus nenhum, que nunca houve uma obra de criação, e esta idéia é dada com autoridade, a autoridade de um professor que pode exercer pressão sobre uma mente jovem.

Assim, como por uma lado dizemos que não temos direito de forçar as pessoas a se tornarem cristãs, assim também, por outro lado, devemos asseverar que jamais é função do Estado tentar impedir que as pessoas se tornem cristãs, nem forçá-las a entrar numa camisa-de-força de algum ensino ateístico concernente à vida. É parte integrante do ensino do Novo Testamento dizer que é errado tanto o Estado como a Igreja tentarem fazer esse tipo de pressão.

Há ensino nas Escrituras relacionado com a generalidade da vida cultural da sociedade. Por isso a Igreja tem o que dizer sobre a arte, por exemplo. Não estou falando em crítica detalhada, não estou dizendo que a Igreja deve comentar cada quadro artístico particular. Minha tese é que a Igreja pode mostrar que, embora haja um tipo de arte que presta serviço à glória de Deus, há um tipo de arte que é blasfemo e que contradiz totalmente a idéia de glória e de senhorio de Deus. Existem artistas que têm a pretensão de que são filósofos e de que apresentam uma visão da vida. Portanto, a Igreja tem direito de lhes perguntar que visão da vida eles estão apresentando. E ela pode mostrar que por meio da arte você pode glorificar a Deus ou negá-lO.

Exatamente a mesma coisa acontece com a música. Há um tipo de música não cristã, até anticristã, que por vezes não é meramente pagã, mas é pior, é blasfema. E a Igreja pode destacar isso. Permitam-me repetir que a Igreja não deve entrar em muitos detalhes. Não é essa a sua função:

nem sempre está tecnicamente qualificada para isso. Ela pode simplesmente assinalar que existe música que sugere harmonia, a harmonia da criação, a harmonia de Deus, e há música que é puro motim ou rebelião, que deliberadamente quebra todas as regras e não passa de barulho, de cacofonia. Isso faz parte da exposição deste ensino geral de Romanos, capítulo 13.

Naturalmente, a mesma coisa se aplica à ciência. Assim que a ciência se torna filosófica, sai do seu domínio, e a Igreja tem o dever de mostrar isso. Na esfera da moral a função da Igreja é ainda mais manifesta e clara. Esta é, talvez, uma das questões mais urgentes com que se defronta o mundo em geral nos dias atuais. Como as coisas estão na Grã-Bretanha, por exemplo, é a voz da maioria que decide os problemas da moralidade. E isso é muito grave; grave na teoria, e ainda mais grave na prática.

A idéia controladora que está por trás de grande parte do ensino sobre a lei neste país é que, na elaboração de alguma legislação, o parlamento nunca deve propor coisa alguma que seja contrária à vontade do povo. A vontade do povo é suprema. Noutras palavras, as questões morais são resolvidas em termos de contagem de cabeças, em termos da maioria, do consenso da opinião geral. Isso está na raiz da atitude geral moderna face a toda a série de perversões sexuais, do homossexualismo, etc.; é esse raciocínio que está por trás do famoso Relatório Wolfenden.*

Eis como corre o argumento: houve tempo em que as pessoas ficavam horrorizadas diante do comportamento homossexual, pelo que foram aprovadas leis que o proibiam e faziam disso um crime, mas a opinião pública mudou, e agora que as pessoas não pensam mais daquela maneira, não temos o direito de impor tais leis. Assim, os padrões de moral mudam

---

* Relatório publicado em 1957, que faz recomendações sobre as leis que tratam do comportamento sexual.

de século em século, conforme os caprichos do povo.

Pois bem, a Igreja tem muito a dizer sobre estas questões. Ela ensina que a opinião da maioria é um meio muito falso de decidir o que é certo e o que é errado, que isso não é bom nem para a humanidade nem para o mundo, e que se baseia num entendimento falho da verdadeira natureza do homem e da capacidade humana. Noutras palavras, na esfera da moralidade devem ser levantadas algumas questões, a primeira das quais deve ser: será que a vontade da maioria das pessoas decidir estas questões profundas deixa você feliz?

E a Igreja existe para mostrar que, em consonância com o ensino bíblico, o consenso da opinião geral não é a base sobre a qual se deve chegar às decisões morais, quer com relação ao homossexualismo, quer com relação ao divórcio, ou ao aborto, ou ao controle de natalidade, quer com relação a qualquer das questões de moral. Não se contam cabeças para então dizer que, se a maioria está a favor de alguma coisa, esta só pode ser certa. Não pode ser, porque se vê que a maioria muda de opinião, até mesmo numa mesma geração, e quase certamente na geração subseqüente. Sempre fez isso no passado. Logo, quanto à opinião pública, o que é confiável? E, todavia, é aí que está a base geral sobre a qual as pessoas estão encarando estas questões profundas no presente, e isso é coisa muito séria.

Por isso, a Igreja deve dar instrução nestas linhas. Claro está que a Igreja e o pregador devem ter o cuidado de manter o equilíbrio. Já mostrei a vocês o perigo da falta de equilíbrio na pregação, o perigo de ser totalmente evangelístico, ou totalmente social. Ambos estão errados. Há equilíbrio nas Escrituras. Devemos dar a certa e devida proporção a estas coisas. E – como tentei mostrar a vocês, não sei se com sucesso – na verdade, muitas vezes na evangelização o pregador pode preparar o caminho para a mensagem do evangelho com uma introdução geral que fale justamente destas

questões. Lembro que uma vez fiz isso em termos de alguns destes edifícios modernos que estão sendo erigidos. Não falei como arquiteto – não tenho conhecimento técnico nesse campo – porém sou capaz de dizer que há um tipo de arquitetura que é errado em princípio. Mas repito que não devemos ser unilaterais.

Dessa forma, a Igreja se mantém na esfera dos princípios, não em programas detalhados. Ela não entra, digamos, na arena, nem da pregação política, nem de assento na Câmara dos Lordes, nem em qualquer outro lugar. Não deve fazer isso porque esse procedimento traz de volta a velha confusão e, como já vimos, também prejudica a pregação do evangelho e as perspectivas de uma evangelização feliz em seus efeitos.

Isso, naturalmente, leva-nos ao segundo título: se é isso que a Igreja deve fazer, quais cristãos individuais devem fazê-lo?

À luz do que estive dizendo, a função dos cristãos, penso eu, é bastante clara. É dever dos membros individuais da Igreja desenvolver e aplicar estes princípios, em detalhe, em cada aspecto da vida. Os cristãos não devem confinar o seu cristianismo limitando-o à sua vida pessoal, à sua piedade e aos seus atos de culto. O cristianismo absorve a personalidade toda. Se os homens e as mulheres realmente crerem no evangelho, ele governará toda a sua perspectiva e todo o seu pensamento. É inevitável. Eles passam a ter nova mentalidade, e ela se mostrará em todas as esferas da vida. É, pois, muito importante que descubram os princípios que haverão de guiá-los. Devem ir à Igreja, devem procurar ajuda e orientação para isso, mas cabe a eles desenvolver e aplicar os princípios em detalhe e na prática. Portanto, o objetivo deles deve ser, quanto puderem, tentar influenciar as potestades que há nos países a que eles pertencem, mostrando o que eles consideram como a direção certa. É seu dever fazê-lo, e não devem abdicar da sua responsabilidade.

Mas, como fazê-lo? Bem, não me cabe entrar nisso; realmente os cristãos, homens e mulheres, é que devem efetuar isso. Todavia podem fazê-lo das seguintes maneiras: podem ter associações de cristãos das diferentes carreiras e profissões, e então devem dar atenção a esta pergunta: como médicos, advogados, arquitetos, homens de negócio, sindicalistas, etc., como devemos aplicar o nosso entendimento e a nossa visão da vida nesta área? Devem reunir-se para isso. Se querem que os seus amigos sejam convertidos, levem-nos a uma igreja onde se prega o evangelho. Como eu disse, não é seu dever evangelizar nem realizar cultos evangelísticos. Sua tarefa é desenvolver as implicações do fato de serem cristãos em suas esferas de trabalho. Esse pode ser o verdadeiro meio de atrair outros para a fé. Eles vêem os cristãos se comportando ou pensando diferentemente, e indagam: "Por que vocês são diferentes?" Os cristãos podem responder-lhes, e isso produz um interesse pelo evangelho. Esse é um curso de ação.

Eis outra maneira: seria uma boa coisa se todas estas várias associações pudessem reunir-se às vezes e expressar uma opinião comum relacionada com certas questões urgentes do momento, ou os cristãos poderiam entrar na política local ou nacional. Não falo dos pregadores e ministros, mas dos membros da Igreja. A idéia de que o cristão nunca deve entrar na política é completamente antibíblica, e naturalmente é negada pelos grandes e proeminentes homens que fizeram isso no passado e foram benfeitores de toda a raça humana. Contudo – e é isto que eles precisam lembrar – é sempre seu dever expressar o seu entendimento cristão destes diversos assuntos em termos da política prática.

Portanto, penso que, além e acima do fato de os cristãos individuais entrarem no parlamento ou no conselho ou câmara local, eles devem juntar-se, seja qual for o partido a que pertençam, e expressar o ponto de vista cristão, o modo de ver cristão. Há alguns que vão mais longe e dizem que deveriam

formar um partido político cristão, como noutros países europeus. Isso nunca ficou claro para mim. É algo que vocês devem desenvolver pessoalmente.

Isto se aplica à idéia de haver escolas e universidades cristãs para que, quando os filhos dos crentes forem para a escola ou para a faculdade, não fiquem sujeitos ao cientificismo ateu de hoje, mas lhes seja apresentada uma visão balanceada. A teoria da evolução será apresentada, porém também serão dadas as respostas. Não estou me comprometendo com isso, mas estou simplesmente dizendo que estes são meios e maneiras possíveis pelos quais os cristãos podem aplicar os princípios bíblicos à sua vida diária.

Entretanto vocês precisam entender claramente os seus motivos e saber qual é o seu objetivo. Vocês não devem impor o cristianismo às pessoas, mas devem mostrar a superioridade dos seus conceitos em relação a todos os demais. Vocês devem tentar, por meio do voto e de discursos públicos, de escritos e de qualquer coisa que queiram, desde que seja realmente válida – por todos os meios legítimos vocês podem tentar persuadir as potestades que há a que vejam as coisas como vocês as vêem. Essa, sugiro-lhes, é a função, não (oficialmente) da Igreja, mas dos cristãos leigos, quanto a estas coisas.

Isso foi tentado de muitas maneiras no passado. Formaram-se sociedades religiosas na década de 1670, e isso continuou direto até o tempo de Whitefield e dos Wesley. Fizeram grande benefício, mesmo naquele período degenerado. Os homens cristãos diziam que era preciso fazer alguma coisa acerca do declínio da moral, e por isso formaram estas sociedades. Houve depois a famosa Seita Clapham, na virada do século dezoito e no começo do século dezenove, estando nela incluídos homens como Wilberforce, o lorde Shaftesbury e outros, os quais se envolveram com a questão da escravidão e outras. Toda a honra a eles.

Bem, aí estão apenas meios pelos quais se pode realizar

esta obra, mas permitam que eu repita que vocês jamais deverão perder de vista a meta, jamais deverão ser demasiado positivos. Vocês jamais criarão um estado cristão – é impossível. Muita gente tem falado e escrito sobre isso. Lembro-me de que durante a última guerra li um livro sobre este assunto, livro escrito pelo finado Sr. T. S. Eliot, o poeta – tanto escritores católico-romanos como protestantes, muitas vezes têm escrito da mesma maneira. Mas a sociedade cristã jamais poderá ser uma realidade. Só se compreende o senhorio de Cristo quando se reconhece que Ele é o Senhor. Vocês não podem reconhecer o senhorio de Cristo na prática sem também O reconhecerem na teoria.

O que os cristãos leigos, homens e mulheres, podem fazer é procurar conseguir que as pessoas vejam a excelência das suas idéias e as adotem. Mas as pessoas não querem adotá-las porque os seus proponentes não crêem em Deus ou no Senhor Jesus Cristo, pois, se cressem, se tornariam cristãs. Logo, vocês não devem falar em "cristianizar" isto ou aquilo, porém devem fazer o máximo que puderem para que estes princípios sejam reconhecidos na prática pelo Estado ou pelo país em que acaso vocês vivam.

Mas eu termino como comecei. Façam vocês o que fizerem, a função do Estado continua sendo negativa. Ele existe para manter a ordem e governar, para restringir os efeitos do pecado. Procurem torna-lo positivo como puderem, entretanto reconheçam que, em última análise, nunca vão conseguir muita coisa além da sua função negativa. É esse, seguramente, o principal propósito da graça comum. Ela assevera o senhorio de Deus e de Cristo. Assevera que, apesar do mundo não crer nEle, não deve receber licença para fazer o que quiser; ele (o mundo) não foi abandonado.

Este continua sendo o mundo de Deus, e, quando Cristo voltar, destruirá finalmente todos os que não O reconheceram, não creram nEle, e não se sujeitaram a Ele pela totalidade

de suas personalidades. Ele os destruirá "pelo assopro da sua boca" (2 Tessalonicenses 2:8), e estabelecerá o Seu reino eterno e perfeito, no qual Ele reinará supremo como o Senhor em todas as esferas e em toda a amplitude da vida; e tudo quanto se opõe a Ele será entregue à destruição eterna.

12

"A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros: porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não darás falso testemunho; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De forma que o cumprimento da lei é o amor." – Romanos 13:8-10

Em nosso estudo anterior, chegamos ao fim da nossa consideração desta importante divisão, os sete primeiros versículos de Romanos, capítulo 13. Necessariamente eu tive que tratar disso de forma esboçada, mas me pareceu que aqueles são os princípios que governam esta questão do ensino bíblico sobre as funções da Igreja e do Estado.

E agora chegamos aqui a uma nova subdivisão deste capítulo. Não é só uma nova subdivisão do capítulo 13; é também uma nova subdivisão dos dois capítulos, 12 e 13. Permitam-me lembrá-los mais uma vez de que em toda a divisão da Epístola, do começo do capítulo doze até o fim, o apóstolo faz a aplicação prática da doutrina e do ensino formulado nos capítulos anteriores. E nos capítulos 12 e 13 ele está particularmente interessado no cristão em sua relação com outras pessoas, primeiro com outros cristãos, e depois com outras pessoas em geral. Como estivemos vendo, nos primeiros sete versículos ele se havia dedicado a este assunto em termos da relação do cristão com o Estado, e nós examinamos as suas diversas ramificações e implicações.

Agora o apóstolo dá continuidade ao mesmo tema geral,

e é muito importante que nos lembremos disso, porque a minha interpretação dos versículos 8 a 10 é que aqui o apóstolo está arrematando, por assim dizer, o que vinha dizendo desde o versículo três do capítulo doze. Os versículos 1 e 2 do capítulo 12 – lembram-se?* – são uma introdução geral da divisão toda, até o fim da Epístola; e Paulo se ocupa deste tema da nossa relação com os outros na Igreja e no mundo no versículo três do capítulo doze. Ele o elaborou em detalhe, como já vimos, e agora, aqui, opino, ele o conclui. Dessa forma, estes três versículos são, não somente uma conclusão da divisão imediatamente anterior (versículos 1 a 7) mas são uma conclusão e um sumário do ensino que ele nos estivera ministrando desde o capítulo 12.

Portanto, eis o que o apóstolo está fazendo: tendo desenvolvido o seu ensino em detalhe, diz ele que é muito importante que tenhamos isso tudo em nossas mentes numa perspectiva correta. Por isso ele coloca todos estes detalhes num determinado cenário e nos mostra como os cristãos devem considerar os diversos deveres aos quais ele se havia referido.

Aqui também devo fazer uma digressão para assinalar como isso é típico do método do apóstolo. Geralmente ele faz as coisas da mesma maneira; ele não faz as coisas de diferentes maneiras nas diferentes Epístolas ou divisões das Epístolas. Isso é um sinal do pensador e mestre metódico: isso é verdade a respeito de todo aquele que pensa de maneira ordenada. Há um estilo no método de raciocínio da pessoa, como há um estilo no seu método de falar ou de escrever, e para mim é sempre fascinante observar o estilo característico do grande apóstolo.

Pois bem, é característico do apóstolo que ele nunca deixa de agrupar o que diz. Muitas vezes ilustrei isso comparando-o

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre o Capítulo 12: O Comportamento Cristão*, Publicações Evangélicas Selecionadas, São Paulo, 1ª edição 2003.

com um compositor como Beethoven, que, em sua música, tem uma espécie de introdução antes de iniciar os seus temas. Depois ele toma os temas individuais e os elabora, mas sempre, no fim, reúne-os de novo e exibe a totalidade da obra. E o grande apóstolo faz isso aqui. Contudo, estes versículos são de interesse, não meramente como indicação do modo como a mente do apóstolo funciona, mas também, como espero mostrar a vocês, porque o ensino deles é de grande valor e importância para todos nós quando encaramos os deveres da vida cristã.

Ora, espero que ninguém pense que, em minhas observações sobre o método do apóstolo, eu estava negando a doutrina da inspiração das Escrituras. Não estava. Essa doutrina não ensina que a inspiração das Escrituras significa ditado passivo. A inspiração é um processo muito ativo; faz uso dos diferentes poderes e faculdades dos escritores escolhidos por Deus. Por isso vocês podem detectar o estilo do apóstolo Paulo e notar o óbvio contraste com o estilo do apóstolo João, e como estes dois contrastam com o apóstolo Pedro. Deus usa o homem e as faculdades das quais ele já havia sido revestido.

A inspiração significa que Deus controla o homem e suas faculdades de um modo que garante que a mensagem que Ele quer dar é comunicada aos outros sem nenhum erro. Mas isso é compatível com variantes de estilo – o que é maravilhoso acerca das Escrituras. Vocês sabem que a verdade vem toda do Espírito e que Ele guiou infalivelmente todos os escritores, porém há uma variedade, porque Ele não anula as faculdades naturais, mas as melhora e as controla. Não é um ditado mecânico. Se fosse, não haveria nenhuma das diferenças que nós observamos. E aqui só temos que expressar a nossa admiração face ao tipo particular de raciocínio que caracteriza este grande apóstolo Paulo.

Observemos, então, o apóstolo e vejamos o que ele está fazendo. Ele começa dizendo: "A ninguém devais coisa

alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros". Bem, naturalmente, ele retoma aqui uma coisa que tinha acabado de dizer no versículo anterior – é como ele em geral passa de uma subdivisão a outra. No fim da subdivisão anterior ele lança uma idéia, por assim dizer; depois a toma e lhe dá continuidade. Outra vez me vem ao pensamento a analogia dos musicistas: isso é bem típico deles. Eles desenvolvem um tema, e depois, quando vão chegando ao fim dele, lançam uma nova idéia, que será o *leitmotiv** da próxima divisão, e será tomada e levada à conclusão. É exatamente o que o apóstolo faz.

Permitam que lhes mostre isso. No versículo 7 lemos: "Portanto dai a cada um o que deveis". Então o apóstolo destaca essa frase e a coloca aqui: "A ninguém devais coisa alguma". No grego (e em Almeida) a mesma palavra é empregada: "deveis", no versículo 7, e "devais", no versículo 8, um substantivo ali (no grego) e um verbo aqui, mas essencialmente a mesma palavra. É como se ele dissesse no versículo 7: "Portanto, dai a todos tudo o que é devido". Noutras palavras, ele diz: eu lhes falei sobre o que vocês devem aos outros e lhes disse que devem dar isso de todas as maneiras (ou, em todos os aspectos). O princípio é: seja o que for que é devido aos outros, tratem de ver que eles o tenham.

Assim, agora, no versículo 8, Paulo toma isso e põe numa forma negativa o que previamente expressara positivamente: "Não devais a ninguém coisa alguma". Noutras palavras, ele diz: cumpram as suas obrigações com todo o mundo. Mas a questão é: que é que o apóstolo quer dizer com isso? Alguns têm afirmado que aqui se trata de um ensino sobre honestidade no sentido de que os cristãos nunca devem pedir dinheiro emprestado, nunca devem fazer empréstimo, e que, portanto, nunca devem fazer hipoteca, por exemplo. Hipoteca é empréstimo, e, se você tem uma casa hipotecada,

* Motivo condutor. Em alemão no original. Nota do tradutor.

então você deve dinheiro, e é a mesma coisa quanto a compras a prestações ou a crédito.

Não há necessidade de tomar tempo com isto. Não pode significar isso porque noutras passagens somos instruídos pelas Escrituras a conceder empréstimos. No Velho Testamento, como no Novo, trata-se da questão da usura e também da do pagamento de juros sobre dinheiro emprestado, e essas coisas não são proibidas. Um empréstimo feito dentro da lei e combinado corretamente não é errado, desde que se cumpram os termos do acordo.

Mas o que Paulo quer dizer é que nunca devemos ser descuidados nesta questão de emprestar e tomar emprestado. E, no momento em que vocês pararem para pensar nisso, verão como esta injunção é importante. Quantas vezes quanto mal tem sido feito a pessoas, e na vida da igreja cristã, pela negligência nesta questão! Isso acontece não só com dinheiro, mas também com livros* e outros bens emprestados. De repente você precisa de algo, e então procura um amigo ou um parente e lhe pede aquilo emprestado, e isso é feito. Então, muito freqüentemente, em vez de devolvê-lo, você fica com o que lhe foi emprestado, e quando lhe pedem que o devolva, você diz: "Oh, sim, vou devolvê-lo". Mas não o devolve.

Ora, não é preciso demorar-me nisto. É quase um provérbio dizer que, se é burrice emprestar a membros da sua família, quanto mais a outros! Isso é fonte de muita briga e infelicidade. Devemos ter experimentado isso muitas vezes. É falta muito grave. É um mal não devolver tão logo quanto possível qualquer coisa que se tenha tomado emprestado. É um mal ser negligente ou relaxado quanto a devolver dinheiro

---

* Quando seminarista, comprei livros usados de um "sebo" de Londres. Num deles o dono original tinha carimbado esta frase: *"Please, return"* – "Por favor, devolva" – o que me chamou a atenção para o caráter internacional, senão mundial, do problema. Nota do tradutor.

ou artigos emprestados, porque logo você se verá numa situação em que ficará perguntando por que tal pessoa está tão aborrecida e braba com você. Mas você não tem direito de pensar isso; é seu dever devolver o que não lhe pertence.

E, obviamente, o problema estava presente também na Igreja Primitiva. Por isso o apóstolo trata dessa questão e diz que nunca devemos fazer-nos culpados nesse aspecto; devemos ser ultracuidadosos. O mundo não é escrupuloso, porém vamos mostrar que somos diferentes do mundo. E se algum de nós somos naturalmente distraídos ou esquecidos, anotemos tudo num caderno de anotações ou num diário (ou numa agenda). O apóstolo se preocupa com essas coisas porque elas transtornam a vida cristã e são um péssimo testemunho para aqueles que nos observam de fora.

Mas, naturalmente, as palavras de Paulo vão além disso; não param aí. Esse é o ponto imediato, prático, porém Paulo o amplia e o coloca num cenário maior. Praticamente ele diz: "Não somente nesta questão particular, mas em todas as suas relações, paguem o que devem. Não devam nada a ninguém – entendam bem isto". Ele supera o conselho dado por Polônio em *Hamlet*: "Não empreste nem peça emprestado". Ele diz: Vocês têm obrigações para com todos os homens; cumpram-nas plenamente.

Pois bem, eu sempre achei que o melhor comentário sobre isto é o que o apóstolo já havia escrito antes na Epístola. Para meu espanto e interesse, não consigo encontrar um só comentador que o tenha enxergado e o tenha mencionado, pelo que chamo a atenção para isso. É o que ele diz logo no capítulo primeiro, versículo catorze. No versículo 13 ele fala sobre o seu desejo de visitar os cristãos em Roma, e informa que muitas vezes tinha feito o propósito de ir mas que fora impedido – "(mas até agora tenho sido impedido)". Então, no versículo 14, ele diz: "Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes". E a palavra traduzida por "devedor" ali é esta palavra que já vimos no

versículo 7, e agora, de novo, no versículo 8. E penso que ele quer dizer aqui exatamente a mesma coisa que quis dizer ali. Efetivamente ele diz: "Devo isso a todos, seja qual for a sua cultura".

Todavia, que será que o apóstolo quer dizer com as palavras "Eu sou devedor"? Bem, eu me lembro de que, há anos, tratando desse versículo catorze do capítulo primeiro, eu disse a vocês o seguinte: houve um famoso pregador – F. W. Robertson – que viveu e prosperou em Brighton no século dezenove, e ele tendia a dar a explicação popular de Romanos 1:14. Num famoso sermão sobre esse versículo, ele disse que o que o apóstolo quer dizer é isto: "Recebi muito da cultura grega, e lhe estou devendo muito por isso. Tenho apreciado a leitura dos poetas gregos" – pois obviamente o tinha feito e disso deu prova em sua visita a Atenas – "e fui muito beneficiado pela filosofia, pela arte, pela escultura, pela cultura grega em geral. Recebi muito de Roma, do seu sistema jurídico e da sua maneira de ver as coisas, e, devo dizer, também recebi muito dos bárbaros. Não da mesma maneira, é claro, mas recebi muita ajuda e muita bondade deles. E assim, tendo recebido tanto, sinto que devo procurar pagá-lo de volta e mostrar-lhes a minha gratidão".

Pois bem, eu rejeito totalmente essa interpretação. Ela erra inteiramente o alvo e, na verdade, empobrece a glória do que o apóstolo está dizendo. Ele não está dizendo apenas que deseja pagar-lhes o que eles lhe haviam dado; ele está dizendo uma coisa muito mais maravilhosa. Ele está dizendo: desde quando me tornei cristão, vejo que tenho algo que outros não têm; e penso nisso tão fortemente que me sinto como se estivesse em débito para com eles.

Paulo não está de fato em débito no errôneo sentido em que Robertson e outros interpretaram as suas palavras. Paulo quer dizer que ele tem posse deste bem maravilhoso, e seu efeito sobre ele é tão forte que, quando vê a necessidade de outros, sente que não deve privá-los desse bem. Ele acha

que eles têm direitos sobre ele e podem fazer-lhe exigências. É por isso que ele pregava. Vejam o contexto daquele capítulo primeiro: "Desejo ver-vos" – em Roma – "para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejam confortados" (versículo 11). E então vem esta grande declaração: "Eu sou devedor". Paulo está dizendo: eu posso comunicar dons espirituais. Eu sou apóstolo, fui revestido desta maneira, e entendo que vocês têm direito de reivindicar algo de mim.

Permitam-me resumir o ponto usando uma ilustração que penso que já usei, mas que expressa isto muito bem. Na primeira parte do século vinte, um homem descobriu, examinando um documento do século primeiro, no Egito – um dos antigos papiros – que a palavra traduzida por "poder" em Romanos 1:16 também era empregada com o sentido de "prescrição" ou "receita". Uma receita! "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é a *receita* de Deus para salvação de todo aquele que crê".

Pois bem, eu acho que isso nos ajuda a interpretar o que Paulo quer dizer aqui com esta palavra "devedor". Ele está dizendo algo como o seguinte: é assim que me sinto como cristão. Sou como o homem que uma vez sofreu uma doença penosa e que aleija, como a artrite, por exemplo, uma doença das juntas. Ele padecia dores terríveis e por fim mal podia mover-se. Naturalmente, foi consultar o seu médico, que fez o melhor que pôde por ele, mas o doente não melhorou. Consultou muitos outros, que também fizeram o melhor que puderam, porém com o mesmo resultado. Depois experimentou diversos balneários e outros recursos, mas tudo em vão.

Finalmente, alguém lhe falou de um maravilhoso médico de algum lugar do continente, que havia obtido magníficos resultados tratando do mesmo mal de que ele se queixava. Então o doente foi vê-lo, e depois de breve exame, o facultativo disse: "Oh, sim, sei exatamente qual é o problema, e posso resolvê-lo". Depois, sentou-se à mesa e redigiu a receita,

a prescrição, e disse: "Agora, tome isto e você ficará livre da sua dor. Após algum tempo, as suas juntas vão ficar novamente soltas e flexíveis e você ficará perfeitamente bem".

O enfermo fez isso e, de fato, como o médico lhe dissera, a dor se foi e logo as suas juntas começaram a soltar-se, e daí em diante ele se sentiu perfeitamente bem. Entretanto, vejam como ele fica: ele vai para cima e para baixo pelas veredas da vida e certa tarde vê um pobre homem no outro lado da rua. Não o conhece, mas num relance pode dizer que esse está padecendo do velho mal de que antes eu me queixava. Pode dizê-lo pelo modo como o pobre homem procura manter-se, pela maneira como arrasta os pés e pela dor expressa em seu semblante. Ele sabe que o homem está sofrendo, porém sabe também mais uma coisa – que, obviamente, aquele homem nunca tinha ouvido falar da tal receita. Ele a tem em seu bolso, ele sempre a leva consigo, desde quando se recuperou. Ele possui um remédio eficaz, que o pobre homem desconhece.

Que faz ele então? Bem, não há hesitação. Só lhe cabe fazer uma coisa. Atravessar a rua, cumprimentar aquele homem e dizer-lhe: "Desculpe-me, o senhor não me conhece, e eu não o conheço, mas eu sei o que lhe acontece. Diga-me, ouviu falar disto?" E mostrar-lhe a receita.

Sabem, diz Paulo, se ele não fizesse isso, seria um cafajeste. Ele tem um remédio eficaz e pode dá-lo àquele homem. O homem tem direito a isso. O enfermo tem direito sobre ele, e ele se sente seu devedor. Não o conhece, nunca recebeu nada dele, mas tem este remédio e o homem precisa dele; por isso sente este constrangimento, esta obrigação, e se sente compelido a lhe falar sobre o remédio.

Certamente é essa a exposição, a explicação de Romanos 1:14. "Eu sou devedor." Vejo que todos os que estão padecendo desta terrível enfermidade chamada pecado têm um direito a reclamar de mim. Devo falar-lhes disso, tenho que falar-lhes. Fora e acima das dívidas reais e concretas nas

quais incorremos e que precisamos pagar, além disso tudo, há este senso de débito para com todas as pessoas.

Pois bem, penso que isso é essencial como explicação aqui, em Romanos, capítulo 13, porque essa é a única explicação que leva à próxima declaração. "A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros". O que Paulo está dizendo é isto: saldem todas as suas dívidas, no máximo da sua capacidade e do seu poder, mas há um aspecto no qual vocês nunca poderão fazê-lo plenamente, qual seja, o amor pelas outras pessoas. Essa é uma obrigação perpétua, um débito perpétuo. Concordo, pois, com os que sugerem que a tradução dessa frase deveria ser: "Não devais a ninguém coisa alguma, exceto amar-vos uns aos outros".*

Assim, o apóstolo está desenvolvendo o seu tema sobre o que cada um deve aos demais. É movido pelo mesmo sentimento que tivera ao redigir o capítulo primeiro, e aqui ele diz: "Lembrem-se de que vocês são sempre devedores a todos os homens neste sentido particular de amá-los". E o apóstolo toma este tema, expande-o e o elabora da maneira que sugeri no princípio. Sigamo-lo, pois, em seus argumentos e vejamos como a sua mente funciona.

Paulo nos dera uma série de ensinamentos sobre o que se deve e o que não se deve fazer. Agora ele diz, com efeito: "Lembrem-se de que todas estas questões fazem parte da lei de Deus e dos mandamentos de Deus; temos que tornar isso uma realidade em todas as nossas relações". A declaração completa é: "A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros: porque quem ama aos outros cumpriu a lei". Para o apóstolo e seu modo de pensar, todas estas coisas estão entrelaçadas, e a lei é o elo, o caminho que ele segue indo de uma a outra.

---

* NVI: "Não devam nada a ninguém, a não ser o amor de uns pelos outros". Nota do tradutor.

Ora, no caso do Estado, como já vimos demoradamente, o apóstolo deu grande importância à lei. Diz ele: eis aqui a questão da sua relação com estas potestades superiores. Por que o cristão deve sujeitar-se a elas? Por que deveria o cristão observar as leis do país a que pertence? Há só uma resposta: "Não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus. Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus". Paulo o dissera explicitamente ali. Faz parte da santa lei de Deus para nós, de fato para todos, que nos sujeitemos às potestades superiores. E aqui Paulo nos lembra que todas estas outras injunções, exatamente de igual modo, constituem lei de Deus para nós, lei de Deus para a vida. É assim que Deus quer que todos nós vivamos em nossas relações uns com os outros.

Portanto, estes pontos e estas formas de comportamento não são questões de opinião pessoal, e sim da santa lei de Deus. Vimos isso quando tratamos das questões do Estado, da observância do sábado, etc. O argumento de Paulo é que Deus expressou a Sua vontade e os Seus mandamentos quanto a todas estas questões. Não falemos, pois, sobre as nossas opiniões pessoais e as nossas predileções; não é isso que importa. Como Deus deixou a Sua vontade explícita em Suas leis, assim nós, em nossa conduta e em nosso comportamento, devemos deixar-nos governar por estas normas.

Mas agora – e aqui está o ponto fascinante nesta altura – tendo estabelecido que estas questões fazem parte da lei de Deus, o apóstolo assinala a vital importância de entendermos claramente a natureza desta lei. Por isso ele agora faz uma declaração importante. Aqui está, numa só frase: "Quem ama aos outros cumpriu a lei". Depois, no versículo 9, ele explica isso: "Com efeito: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não darás falso testemunho; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: amarás ao teu próximo como a ti mesmo". E então vem a declaração final deste princípio: "O amor não faz mal ao

próximo. De forma que o cumprimento da lei é o amor".

Pois bem, o apóstolo está preocupado em propiciar-nos um verdadeiro entendimento da natureza da lei de Deus. E, ao fazê-lo, ele simplesmente sumaria o que o nosso bendito Senhor e Salvador dissera no Sermão do Monte, desde Mateus 5:17 até ao fim do capítulo. O apóstolo o faz mostrando a relação existente entre a lei e o amor. Temos a tendência de colocar a lei e o amor como opostos entre si. Um dos grandes problemas da vida atual é que as pessoas não gostam da lei e a contrastam com o amor, e, quando falam em amor, o que querem dizer é ilegalidade, licença, luxúria; essa é a confusão geral do pensamento moderno. Mas aqui o apóstolo nos mostra a relação íntima entre os dois, e se as pessoas não captaram isso, entenderam completamente mal a natureza e o propósito da lei.

Daí, negativamente, podemos dizer: sempre devemos estar preocupados, não meramente com a letra da lei, e sim com o espírito da lei. "A ninguém devais coisa alguma", diz Paulo, com referência aos detalhes, porém então continua, "a não ser o amor com que vos ameis uns aos ouros." Mas por que ele fala sobre o amor? Bem diz ele, "quem ama aos outros cumpriu a lei". Isso é questão de lei; sim, mas a lei é cumprida plenamente pelos que amam. Portanto, não devemos pensar só na letra da lei, há uma coisa nela que é infinitamente mais importante, qual seja, o espírito.

Paulo gostava de dizer isso. Em 2 Coríntios 3:6 ele diz: "A letra mata, e o espírito vivifica". Eis aí o grande contraste. Vocês o verão na Epístola aos Gálatas e noutros lugares. Ele praticamente diz: "Estive dando a vocês estes detalhes, mas não permita Deus que eu só fique na letra do que estive dizendo. O que importa é o espírito". E assim ele introduz o elemento do amor.

Ou digamos: devemos lembrar sempre que a lei não tem o propósito de ser mecânica, mas, sim, *viva*. Essa é outra distinção muito importante. A intenção não é que

cumpramos a lei mecanicamente – um, dois, três, tique-os. Isso é perder a ênfase geral do ensino. É algo vivo, uma questão de vida, não mera questão de regras e regulamentos. Fomos destinados a cumprir a lei inteligentemente.

Já vimos uma referência à inteligência.* No versículo primeiro do capítulo 12 Paulo escreve: "Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" – isto é, inteligente, espiritual, com reflexão, não mecânico. E aqui Paulo repete essa distinção.

Depois, em segundo lugar, não devemos pensar na lei como mera coleção de um certo número de detalhes separados ou singulares. Devemos ter sempre em mente a totalidade, a completude,** o elemento pessoal disso tudo. A lei não é simplesmente como um homem que, por assim dizer, se assenta e diz: "Digam-lhes que não façam isto ou aquilo". Não se trata de enfeixar itens díspares e desconexos. Não, não; há uma totalidade, uma completude, e cada injunção particular é parte integrante, e uma parte inevitável, do grande todo.

E, finalmente, nunca devemos conceber a lei e sua função de maneira negativa, mas sempre de maneira positiva. A lei não é uma coisa que só nos diz o que não devemos fazer. Ela nos diz isso, porém seu objetivo, ao fazê-lo, é positivo, é dizer-nos o que devemos fazer. O aspecto negativo sempre leva ao positivo. Nós não devemos ser apenas uma coleção de negações ou vetos ou proibições ou restrições; antes, devemos ser positivos.

São esses, pois, os elementos negativos; e então eu expresso o ponto positivamente, assim: sempre devemos aperceber-nos de que os detalhes particulares da lei, que Paulo expõe nestes

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre o Capítulo 12: O Comportamento Cristão*, Publicações Evangélicas Selecionadas, São Paulo, 1ª edição 2003.

** Neologismo que há anos tomei a liberdade de cunhar. Nota do tradutor.

dois capítulos, são apenas expressões particulares de uma atitude geral para com o nosso próximo, atitude que deve ser de amor. Permitam-me mostrar-lhes a perfeição do pensamento do apóstolo. Lembro que tomamos bastante tempo, quando estávamos estudando o capítulo 12, para expor-lhes os versículos 9 e 10: "O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente us aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros". Eu disse que esses princípios são controladores de todos os detalhes deles decorrentes. E aqui, tendo-nos dado todos os detalhes, Paulo retorna àqueles princípios. Portanto, devemos lembrar que estes detalhes são apenas expressões da atitude total de amor que, como cristãos, sempre devemos ter para com todas as outras pessoas.

Contudo, até neste ponto as pessoas entram em dificuldade. Sempre estamos prontos a sair pela tangente, não estamos? E um desses casos é que as pessoas têm a tendência de dizer: "Muito bem, pois, contanto que amemos, não precisamos incomodar-nos com esses detalhes. Paulo diz: "Quem ama aos outros cumpriu a lei... O cumprimento da lei é o amor". Portanto, não vejo por que você tem que passar todo este tempo tratando destes detalhes. Contanto que amemos, tudo estará bem". É exatamente isso que em geral as pessoas tentam dizer no presente, não é? Elas não gostam dos detalhes da lei. "Nós cremos no amor", dizem elas. "Não queremos toda essa instrução." E dessa forma elas colocam o amor contra a instrução detalhada da lei.

Mas o erro desse argumento é demonstrado pelo fato de que o apóstolo se dá ao trabalho de dar-nos todos os detalhes, como também o demonstra a declaração geral sobre o amor. Ele não declara aqui que o amor substitui as detalhadas injunções da lei. Não, ele diz que nunca devemos imaginar que estarmos mecanicamente corretos nalguns pontos nos faz corretos no todo. Ele argumenta contra a fatal tendência de dizer que, contanto que eu não faça isto e

aquilo, sou perfeito. A tese geral do apóstolo é que você pode estar negativamente certo e quase perfeito e, contudo, estar totalmente errado porque, no final das contas, a lei é completamente positiva.

Para dizê-lo doutra forma,vejam o argumento de Tiago sobre "fé e obras". Tiago resume tudo nestes termos: "Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma". Há alguns, declara Tiago, que dizem: "Ah, mas vejam a minha fé: eu tenho fé, não me incomodo com esses detalhes". Outros vão ao extremo oposto; estão sempre mostrando as suas obras, porém não têm fé. E, como Paulo, Tiago afirma que ambos os extremos estão errados. A fé e as obras estão indissoluvelmente entrelaçadas.

E é igualmente certo dizer isso a respeito do amor e a lei. A fé sem as obras é morta; assim também o amor que não se manifesta numa detalhada observância e prática da lei nada é, senão puro sentimentalismo, e deixa de ser verdadeiro amor. O amor é ordeiro, o amor coaduna-se com a lei, o amor é o cumprimento da lei.

Temos necessidade das injunções detalhadas. Elas são um padrão e um auxílio. Faz parte do amor de Deus dizer-nos em detalhe o que devemos fazer. É Seu modo de ensinar-nos e treinar-nos, como fazemos com os nossos filhos. Todos nós já descobrimos que não basta dizer a uma criança: "Agora vá e seja um bom menino!" Se você ficar nisso, provocará um desastre. Você tem que dizer a ele em detalhe o que ele deve fazer; tem que fazê-lo saber o que é um bom menino. E é exatamente isso que Deus faz conosco na lei. Esta não é uma coisa mecânica ou legalista; é uma manifestação de amor. O amor ensina a criança; o amor nos dá os detalhes da lei. Jamais devemos separar estas coisas; o todo e as partes são um no sentido orgânico, não mecânico.

Agora vocês vêem a importância disso tudo. Foi justamente neste ponto que os fariseus se extraviaram irremediavelmente. Eles eram os tais que se interessavam

pela lei, eram os mestres da lei, estavam sempre falando sobre a lei e tinham orgulho dela. Gloriavam-se no fato de que eles, como povo e como nação, eram os únicos que tinham recebido a lei de Deus. No entanto, tinham entendido de maneira completamente errônea o objetivo geral da lei. Quantas vezes o nosso Senhor teve que dizer-lhes isso! Disse Ele: "Dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé" (Mateus 23:23). Toda a tragédia deles foi que ele reduziram a santa lei de Deus, que é uma lei de amor, a numerosas regras legalistas. Tinham feito uma classificação e as tinham numerado, discutiam sobre elas e eram especialistas em detalhes e minúcias, mas estavam fora do rumo. O propósito geral do Sermão do Monte foi fazê-los lembrar-se disso.

E em todos os debates do nosso Senhor com os escribas, os fariseus e os doutores da lei, Ele continuou a bater exatamente naquela mesma tecla – que eles nunca tinham entendido que a real função da lei não era produzir meros moralistas negativos, e sim produzir personalidades positivas, cheias do amor de Deus, que mostrassem esse amor em sua vida diária. E foi por causa do entendimento errôneo que os fariseus tinham da lei que por fim eles O levaram à morte. Diziam que Ele era blasfemo inteiramente por sua incapacidade de ver este elemento espiritual e amoroso na lei.

Mas, assim como isso era verdade então, assim também é verdade hoje, e esta é a condenação que os cristãos sempre devem lançar contra os moralistas, contra os humanistas modernos, e outros. O fracasso final dos moralistas é que eles são sempre negativos, nunca são positivos; eles não fazem certas coisas. Podem ter boa vida moral, podem ser modelos de virtude, porém são duros, frios e intelectualistas, não o tipo de gente a quem você recorre se está em dificuldade. Os moralistas são fechados em si mesmos; eles não podem ajudar ninguém; não passam de uma coleção de vetos, restrições

e proibições. O pobre pecador nunca chega perto deles. Os pecadores nunca "se chegavam" aos fariseus e aos escribas, mas sobre o nosso Senhor lemos: "E chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir" (Lucas 15:1). As pessoas que tinham caído e fracassado na vida sentiam-se atraídas por Ele. Sentiam que Ele tinha alguma coisa para dar, que, neste sentido, Ele era um seu "devedor".

E, naturalmente, a moralidade, por sua própria natureza, interessa-se mais pelas ações do que pelas pessoas, e é por isso que, num sentido, ela sempre nos insulta. É um insulto à personalidade humana porque se interessa mais pelo que eu faço do que pelo que eu sou. O ensino moral nunca produz personalidades completas, sinceras, positivas, amorosas; não tem como. E é por isso que devemos estar sempre prontos a opor-nos ao mero ensino moral, quando ele se oferece como um substituto da fé cristã.

Todavia a glória do evangelho é que ele se interessa mais por mim como pessoa do que por minhas ações; e não se contenta em que eu seja apenas mecanicamente ou moralmente e eticamente correto. Ele quer me levar a esta posição na qual eu tenho uma personalidade plena, manifestando algo do amor de Deus e de Cristo em minha vida pessoal.

Tudo isso está dentro das palavras de Paulo: "A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros: porque quem ama aos outros cumpriu a lei" – síntese maravilhosa de tudo o que verdadeiramente diz respeito a Deus em todos os Seus caminhos e em todos os Seus procedimentos para conosco.

13

"A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros: porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De forma que o cumprimento da lei é o amor."
– Romanos 13:8-10

Estive mostrando a vocês que, embora os fariseus fossem mestres da lei e se orgulhassem de si mesmos como especialistas na lei, seu real problema era que eles tinham um entendimento completamente errôneo da lei. Esse tinha sido o problema do próprio Paulo, como ele nos diz em várias passagens autobiográficas. Devemos, pois, entender bem esse erro dos fariseus, e não só dos fariseus mas também dos moralistas, que, como os fariseus, tendem mais a interessar-se pela letra que pelo espírito e, na verdade, falham, não percebendo que sem o espírito não se pode cumprir nem a letra. A letra e o espírito estão interligados fortemente, e jamais devemos separá-los.

Tiago diz que "a fé sem as obras é morta" (Tiago 2:20), e da mesma forma podemos dizer que o amor sem a manifestação do amor é igualmente morto. O amor não é mero sentimento. É a coisa mais prática e mais ativa do mundo. E, se o amor não é ativo, não é amor; há alguma coisa errada nalgum ponto do nosso entendimento dele. Vimos, porém, que isso não significa que o pregador cristão nada tem a fazer senão falar sobre o amor. Como o apóstolo Paulo, devemos

indicar o caráter dos mandamentos e mostrar em detalhe como o amor age. Mas, tendo dito isso, devemos concentrar-nos no fato de que o apóstolo, na última declaração do versículo oito, afirma que quando verdadeiramente amamos o nosso próximo, necessariamente estamos cumprindo a lei e levando a efeito a sua real intenção e o seu objetivo.

Passemos então ao versículo nove, onde o apóstolo expõe e explica aquela declaração do versículo 8. O versículo 9 diz: "Com efeito: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não darás falso testemunho; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: amarás ao teu próximo como a ti mesmo".

Não devemos demorar-nos analisando a mecânica, porém notem que a ordem em que o apóstolo coloca estes mandamentos difere da de Êxodo. Este é outro caso do uso da tradução da Septuaginta – um ponto de interesse dentro dos seus limites próprios. Não há nisso nenhuma significação doutrinária, claro, mas, como já vimos em muitas das citações de Paulo, é isso que ele faz geralmente. E quando aqui ele diz "e se há algum outro mandamento", não quer dizer com isso que se esqueceu de quais são os outros mandamentos! Ele está dizendo: só lhes estou dando exemplos e ilustrações. Todos e cada um dos mandamentos entram sob este título geral. Todos os mandamentos estão brevemente compreendidos ou sumariados nestes dizeres: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo".

As palavras "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" são uma citação direta de Levítico 19:18. Claro está que Paulo não é o primeiro a citar essas palavras. O nosso bendito Senhor e Salvador fez exatamente isso quando o jovem rico foi ter com Ele. Há diferentes relatos desse incidente. Em Mateus, capítulo 19, lemos: "E eis que aproximando-se dele um mancebo, disse-lhe: bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna? E ele disse-lhe: por que me chamas bom? Não há bom senão um só que é Deus. Se queres,

porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. Disse-lhe ele: quais? E Jesus disse: não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo" (versículos 16-19).

Noutra ocasião, quando um hábil advogado se aproximou dEle e Lhe perguntou "Qual é o primeiro de todos os mandamentos da lei?", o nosso Senhor lhe respondeu: "Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás ao teu próximo como a ti mesmo". Isso se acha em Marcos 12:28,30,31 e na passagem correspondente de Lucas 10:25-27.

Acresce que isso fez parte da argumentação geral de Paulo com os judeus; por isso me dou ao trabalho de passar a vocês todos estes detalhes. Diz ele também em Gálatas 5:14: "Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: amarás ao teu próximo como a ti mesmo". E Tiago faz exatamente a mesma citação no capítulo dois da sua carta: "Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: amarás a teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis" (Tiago 2:8).

Temos então aí um assunto muito importante. Naturalmente só pode ser importante, em si e por si, porque é o sumário da lei nos termos em que nos é dado pelo nosso Senhor. Todavia, também é de excepcional importância pela maneira como o apóstolo usa esta citação no capítulo treze de Romanos, onde com a maior facilidade e freqüência ela é mal entendida. Em geral as pessoas sempre cometem erro crasso aí, a começar pelos fariseus e outros da Igreja Primitiva, como também depois, através dos séculos, e talvez mais que nunca na atualidade. Vivemos numa época em que, dada a obsessão pelas relações humanas, em vez de pela relação com Deus, estas palavras não somente são mal entendidas como também a declaração toda é invertida. Assim é o

errôneo entendimento moderno da fé cristã e da mensagem cristã.

Permitam que eu lhes mostre o que quero dizer. Fazem-se no presente algumas declarações – só na semana passada topei com uma. Dificilmente se lê um jornal religioso hoje em dia sem encontrar esse tipo de declaração num lugar ou noutro. Estive lendo sobre um dignitário que fizera um discurso, e ele dizia o seguinte: "Naturalmente Martinho Lutero estava empenhado na busca do Deus gracioso". Esse era o problema no século dezesseis, disse ele. Por causa do ensino errôneo do catolicismo romano, e porque viera a estar sob a convicção de pecado e sob o terror da lei – terrível palavra, "a justiça de Deus" – o pobre Lutero procurava encontrar "o Deus gracioso". E afinal O encontrou, teve sua grande experiência e tudo mudou.

"Mas", continuou o tal homem, "a busca já não é essa. Agora o que se busca é o próximo gracioso."

Lembro que uma vez li sobre um congresso religioso realizado na cidade de Glasgow, e, como de costume nestes dias degenerados, convidaram o então Lorde Prefeito de Glasgow para falar na reunião – não por ser cristão, e sim por sua posição cívica. E me lembro muito bem do que ele falou. Ele disse à assembléia que se sentia grandemente honrado por lhe terem solicitado que se dirigisse a uma tão augusta platéia, e disse que ele era apenas um homem modesto, simples e comum do mundo, que nada entendia de teologia e que não se interessava por teologia. Disse ele que, tão-somente como o homem médio atual, o que ele queria saber era isto: como posso amar o meu próximo?

Vocês vêem o contraste que as pessoas fazem? "Não quero conhecer a sua teologia", elas dizem. "Não quero a sua doutrina. Não a entendo. Não estou interessado nela. Sou um homem prático, de ação, e o que me preocupa é o seguinte: como posso amar o meu próximo?"

Bem, não há nada de novo nessa atitude. No século

dezenove o poeta Leigh Hunt a expressou em seu famoso poema, Abou Ben Adhem. Este homem, Abou Ben Adhem, tem um sono no qual tem a visão de um anjo que escreve algo num livro. E o poema prossegue e diz:

E à presença no quarto ele disse:
"Que escreves?" – a visão ergueu a cabeça
E com um olhar de suave aquiescência
Respondeu: "Os nomes dos que amam o Senhor".
"O meu é um deles?", disse Abou. "Não, não é",
Replicou o anjo. Abou falou mais baixo,
Mas ainda em tom alegre; e disse: "Eu te rogo, então:
Inscreve-me como alguém que ama seus semelhantes".
O anjo o inscreveu e se foi. Na próxima noite
Ele voltou, trazendo uma reanimadora luz,
E mostrou os nomes que Deus abençoara,
E, salve!, o nome de Ben Adhem liderava os outros.
– Leigh Hunt

Esse homem pede que o seu nome seja inscrito "como alguém que ama seus semelhantes", e, embora o anjo lhe tenha dito que seu nome não está entre os nomes dos que amam a Deus, assim que ele declara que ama os seus semelhantes, é posto no topo da lista. Pois bem, isso é típico deste ensino; o que importa é você amar o próximo. É por aí que você começa. Isso acerta tudo.

Li de alguém que teve uma entrevista com um famoso ministro americano, o Dr. Fosdick, e ele estava dizendo exatamente a mesma coisa – "Onde quer que você encontre amor, encontra Deus". Não devemos adotar os velhos conceitos e as velhas declarações teológicas acerca de Deus. Não, não; já ultrapassamos tudo isso. Outro homem, um professor de teologia, escreveu concretamente que tinha encontrado mais amor de Deus nos bordéis e nos salões dos bares da Algéria do que jamais encontrara na Igreja. A esse

tipo de coisa é que me refiro. Talvez as pessoas digam que são ateístas, mas, se estão manifestando amor, isso é Deus. "Deus é amor", dizem, e com isso querem dizer: "O amor é Deus". Vocês vêem, pois, a importância do nosso estudo destes versículos.

Noutras palavras, o ponto de discussão que nos confronta é que tudo o que devemos fazer é amar o nosso próximo, e então estaremos amando a Deus, "o que quer que Deus seja". Não devemos começar pela nossa teologia, doutrina e definições – isso é totalmente desnecessário. Na verdade, pode haver um "cristianismo irreligioso". O que se diz é que não necessitamos da Igreja, porém só necessitamos sair ao mundo sabendo que, onde acharmos amor, ali acharemos Deus.

Toda a nossa interpretação desta passagem de Romanos, capítulo 13, depende da nossa atitude para com este ensino. Daí, que diremos em resposta a ele? Podemos fazer muitos comentários, e o primeiro é que ele é uma completa inversão da ordem das coisas nos Dez Mandamentos. Costuma-se dividir os Dez Mandamentos em duas "tábuas" – a primeira tábua (os primeiros quatro mandamentos, que tratam da nossa relação com Deus), e a segunda (os mandamentos cinco a dez, que tratam da nossa relação com as outras pessoas) – e, se vocês disserem que nada importa senão os mandamentos, "Não adulterarás"; "Não furtarás", etc., os quais estão resumidos na ordem, "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo", estarão excluindo a primeira tábua dos Dez Mandamentos.

O segundo comentário é igualmente óbvio: esse conceito inverte completamente a ordem em que o Senhor Jesus Cristo colocou estes mandamentos. Hoje há pessoas que não se referem a Ele como "o Senhor Jesus Cristo", mas como "Jesus", e que dizem que Ele é o maior mestre religioso de todos os tempos, um homem inspirado. Se vocês conversarem com esse tipo de gente, poderão dizer: "Bem, se a autoridade na qual você se baseia é o ensino de Jesus, deve saber que está realmente invertendo o que Ele disse. Disse Ele: "Amarás,

pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento". E depois vem o segundo: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Marcos 12:30,31).

Ainda mais gravemente, porém, vocês não perceberiam que colocar qualquer coisa antes de Deus é um insulto ao glorioso Deus? Não se deve colocar nada nem ninguém antes dEle. Seres humanos? Claro que não! Até o Filho Se inclina diante dEle e diz: "Pai santo". A glória de Deus! Qualquer ensino que tente desfazer-se disso e que diga "O seu próximo é que é de supremo interesse", faz-se culpado de blasfêmia contra o Deus eterno e todo glorioso.

No entanto, em quarto lugar, este ensino sucumbe e se pode provar que é completamente errôneo porque tem uma idéia muito falsa sobre o ser pessoal do homem. Dizem as Escrituras que você deve amar o seu próximo *como* ama a si mesmo. Ora, se você tirar isso do seu contexto e o puser em primeiro lugar, ou puser de lado completamente o primeiro mandamento, estará revelando uma dolorosa e lamentável ignorância da verdade concernente aos homens e às mulheres em conseqüência da Queda.

Que foi que a Queda fez com a humanidade? Que é que ela fez com o "ser pessoal", com o ego? Ela nos tornou, a todos nós, egocêntricos e egoístas. Na verdade, isso faz parte essencial da pregação; é a mensagem geral da Bíblia. A coisa terrível que o pecado fez conosco foi fazer com que déssemos toda a atenção a nós mesmos, e com isso corrompeu a nossa visão de todas as coisas. É por isso que ocorrem guerras. "De onde vêm as guerras e pelejas entre vós?", pergunta Tiago (Tiago 4:1), e responde: "Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam?"

Qual é a explicação de todo o imenso problema do mundo atual? Luxúria, imoralidade, vícios, furtos, assaltos, estes problemas que enchem os nossos jornais e que estão

aumentando tão depressa que os políticos estão realmente esgotando os seus recursos nas tentativas de descobrir o que se pode fazer a respeito deles, e, por cima disso tudo, toda a tensão internacional – qual será a causa dessas coisas? A resposta é o ego, o egoísmo, o eu fazer-se central. Portanto, se vocês disserem ao homem moderno, homem ou mulher: "Você deve amar o seu próximo como a si mesmo", estarão dizendo que ele deve fazer uma coisa que não é capaz de fazer. O seu egoísmo o torna incapaz disso.

Assim, se vocês disserem a um homem que ame o seu próximo como ama a si mesmo, ele vai entender exatamente o oposto das palavras do apóstolo aqui, e das palavras do nosso Senhor nas passagens que já citei. Ele vai pensar que vocês lhe estão dizendo que seja egoísta e que trate de conseguir para si tudo o que puder; e então, sendo assim, não poderá ser bom para o seu próximo; na verdade, vai incitar seu próximo a se portar da mesma maneira. Daí serão inevitáveis as brigas, as guerras e todas as coisas deste gênero. Essa é a quarta resposta a esse popular ensino moderno.

A quinta resposta me parece muito interessante e importante. Todas elas são interessantes, claro, mas, penso eu, esta merece mais atenção que a que muitas vezes recebe. Esse ensino moderno sobre você amar o seu próximo como ama a si mesmo falha completamente em não entender o sentido da palavra "amor". Uma das trágicas características da vida atual é o rebaixamento do "amor" à "luxúria". É uma contradição do verdadeiro amor e mostra uma clamorosa ignorância da maneira como a Bíblia trata a palavra "amor".

A nossa palavra "amor" *("love")* é empregada para traduzir três diferentes palavras gregas. A primeira, *eros,* refere-se à carne, ao desejo carnal, ao amor sexual. É amor erótico.

A segunda palavra é *phileo.* Aqui está uma palavra que significa amizade e afeto humano natural, o amor dos membros de uma família uns aos outros.

A terceira palavra é *agape.* É a grande palavra do Novo

Testamento, e é a que Paulo emprega aqui, em Romanos, capítulo 13. No fim do seu comentário do *Gospel of John*[*] (Evangelho Segundo João), William Hendriksen tem uma nota muito interessante sobre este assunto. Ele vai a fundo nisso, com a sua completude costumeira, e fala sobre a discussão que tem atravessado os séculos sobre se as duas palavras, *phileo* e *agape*, significam a mesma coisa ou não. Ele cita as autoridades de ambos os lados e chega à conclusão – com a qual estou inteiramente de acordo – de que essas palavras têm sentidos diferentes.

Hendriksen trata deste assunto como parte do seu comentário sobre o último capítulo do Evangelho Segundo João, onde lemos sobre as palavras que o nosso Senhor disse a Pedro durante uma das Suas aparições pós-ressurreição. A ocasião foi quando, depois que os discípulos tinham passado a noite toda pescando, o nosso Senhor Se deu a conhecer e eles tomaram juntos o desjejum.[**] Então lemos: "E, depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? E ele respondeu: sim, Senhor, tu sabes que te amo." (versículo 15). Nesse versículo a palavra "amor" ocorre duas vezes, mas, no primeiro caso, a palavra grega empregada é *agape*, e no segundo, *phileo*. É como se o nosso Senhor dissesse a Pedro: "Tu realmente me amas, num sentido profundo, mais do que estes outros?" e Pedro respondesse: "Senhor, tu sabes que gosto de ti".

O relato continua: "Disse-lhe: apascenta os meus cordeiros. Tornou a dizer-lhe segunda vez: Simão, filho de João, a mas-me?" – de novo a palavra *agape* – "Disse-lhe: sim, Senhor, tu sabes que te amo" – que gosto de ti. – "Disse-lhe: apascenta as minhas ovelhas. Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de João, amas-me?"

Sim, mas desta vez o nosso Senhor empregou a palavra

---

[*] Publicado pela Banner of Truth Trust.

[**] Ver João 21.4. Nota do tradutor.

que Pedro tinha empregado – *phileo.* Desceu ao nível de Pedro. E o texto nos diz: "Simão entristeceu-se por lhe ter dito terceira vez: amas-me? E disse-lhe: Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo".

Concordo plenamente que Pedro ficou contrariado porque o nosso Senhor mudou de palavra e desceu ao nível dele, indicando com isso que Ele aceitou o fato de que o amor de Pedro realmente não era o que deveria ser. Pedro havia reivindicado muito; praticamente havia dito: "Ainda que os outros te neguem, eu nunca te negarei; o meu amor é maior". Entretanto, com sua negação na prova, tinha demonstrado que o seu amor não era maior.

Pois bem, tudo isso é muito interessante. Mas Hendriksen, mesmo com o trato exaustivo deste assunto, não assinala algo que penso que seria um forte argumento quanto a esta questão, um argumento que foi assinalado por outros. É de considerável significação que a palavra *agape* nunca foi utilizada no grego clássico, nunca foi empregada pelos filósofos e poetas gregos, apesar de terem escrito muito sobre o amor, e foi utilizada muito raramente na Septuaginta. Todavia, no Novo Testamento e nos escritos cristãos primitivos, era a palavra habitual. Paulo, por exemplo, só emprega *phileo* duas vezes, mas *agape* trinta vezes.

E há outro elemento de prova que Hendriksen deixa de aduzir, mas que, para mim, é crucial em toda esta argumentação acerca do sentido de *agape*. Por que foi que o apóstolo Paulo escreveu o capítulo treze da Primeira Epístola aos Coríntios – aquele grande capítulo sobre o amor? Por que se aprofundou em todas aquelas definições dizendo: "O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade; não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses",* etc.? Teria sido necessário tudo isso? Por que não falou simplesmente sobre o amor?

---

* ARC, edição utilizada pelos Gideões Internacionais. Nota do tradutor.

A resposta é muito simples. Aqui temos algo novo, algo sobre o que com toda a sua cultura, a sua filosofia e as suas idéias maravilhosas, os gregos nada sabiam. Era uma palavra nova, em certo sentido, porém a idéia era mais nova ainda. Era um tipo de amor a respeito do qual os homens e as mulheres, por natureza, nada sabiam, nem mesmo naquele período da florescente cultura e civilização grega. Contudo, é a grande palavra do ensino cristão, e é a grande palavra da vida cristã.

Portanto, quando hoje as pessoas começam dizendo "amarás o teu próximo como a ti mesmo", tirando-o do contexto do amor a Deus, estão simplesmente desfraldando a sua ignorância da novidade de toda esta concepção do amor como se acha, não somente nesta pequena passagem, mas também no ensino geral do Novo Testamento.

O sexto argumento, um argumento que num sentido já insinuei, é que o errôneo ensino em foco pede aos homens e às mulheres que façam uma coisa que por natureza lhes é impossível, devido aos efeitos do pecado e da Queda. Ele espera que a pessoa natural faça algo que só o cristão pode fazer, e isso é uma consumada heresia, a heresia do pelagianismo. Jamais devemos permitir tal erro.

Aí estão, pois, as minhas seis razões para rejeitar esse especioso ensino moderno sobre "a busca do próximo gracioso", etc., o conceito que nos diz que não nos interessemos por teologia, doutrina e definições. Isso me habilita a passar à exposição positiva. Há somente uma maneira pela qual os homens e as mulheres podem chegar a amar seu próximo como a si mesmos. Qual será? Bem, obviamente, primeiro, você precisa ter um correto conceito de si próprio; você tem que entender bem como amar a si mesmo. Que é este ser pessoal, este ego? Como descobrir a verdade sobre si próprio? E aqui você se depara com a profundidade do ensino bíblico, tão-somente considerado do ponto de vista psicológico.

Na Bíblia toda, o ensino é que os homens e as mulheres não podem conhecer a si mesmos enquanto não se põem na presença de Deus. O mundo está como está por causa do conceito errado que o homem tem de si mesmo. Por que é assim? Por causa da queda original, da rebelião original contra Deus. A astúcia do diabo! Ele coloca as coisas em termos do ego: Deus disse isso? Você não consegue ver que Deus está contra você? Ele não permite que faça uso das grandes qualidades e propensões que há em você. Não Lhe dê ouvidos. Coma daquele fruto, e então você será como Deus!

Um conceito errado de si mesmo! Isso foi aceito por Eva e por Adão; daí a Queda, e daí todo o nosso problema.

Portanto, isso é básico. Você jamais terá um verdadeiro entendimento de si próprio enquanto não se vir sob Deus e à luz de Deus. Então, e só então, você chegará a saber a verdade a seu próprio respeito. Tem havido muitos outros conceitos sobre o homem, e nós poderíamos tomá-los um por um e mostrar como são falsos; poderíamos mostrar como eles quase se eliminam uns aos outros. Mas não devemos desperdiçar tempo. O próprio mundo está provando que cada um deles é falso – seja o conceito marxista, ou os conceitos e idéias materialistas, ou humanistas, ou científicos, ou biológicos. Todos eles se comprovaram errados na prática.

É por isso que, nos Dez Mandamentos, a primeira tábua trata do homem em sua relação com Deus, e a segunda tábua trata do homem em sua relação com seus semelhantes. Por isso o nosso Senhor, ao fazer um sumário da lei, disse: "Este é o primeiro e grande mandamento". E depois acrescentou: "E o segundo, semelhante a este, é: amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:38,39). Portanto, a única maneira pela qual você pode amar o seu próximo é conhecer a verdade sobre si próprio.

Pois bem, a lei – e isto é precisamente o que o apóstolo está dizendo – deveria dar-nos este conhecimento de nós mesmos. Por isso ela foi dada. Como Paulo diz aos gálatas:

"A lei nos serviu de aio" (Gálatas 3:24). Para quê? Para nos ensinar a amar o nosso próximo? Não! "A lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo", o que significa, para nos mostrar a necessidade que temos de Cristo, para mostrar-nos como somos falhos, mostrar-nos a nossa incapacidade, fazer-nos ver com toda a clareza que até nos negamos a sequer tentar olhar para Cristo. A lei nunca teve o propósito de salvar-nos, nunca poderia fazê-lo porque, como Paulo diz, aí está o que "era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne" (Romanos 8:3).

É um entendimento totalmente errôneo da lei, um mal entendido do qual não só os fariseus, mas também seus representantes modernos são culpados, pensar que tudo o que é preciso é dizer aos homens e às mulheres "Ame o seu próximo", e tudo estará bem. Essa é precisamente a coisa que eles não podem fazer, e a lei, citada como que para dar apoio àquela idéia, é justamente a coisa que foi dada para mostrar a sua impossibilidade, para mantê-los num fracasso completo, para agravar a situação deles, como o apóstolo o expressara anteriormente em Romanos. "Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse" (Romanos 5.20). Ela nunca teve propósito salvador. Ela foi destinada a estabelecer claramente a ofensa para fazê-la sobressair. Vemos tudo isso em Romanos, capítulo 7, como também no capítulo 5.

Devido às pessoas torcerem e perverterem essa verdade, a lei não teve êxito em fazer-nos ver a nossa necessidade de Deus, mas veio o evangelho, e o evangelho faz isso com maior eficiência. Anotem isto – é vital – a primeira parte da pregação do evangelho consiste em pregar a lei. Isso é inevitável, não é? Eis aí Cristo! Cristo veio. Entretanto, por que veio? Diz o evangelho que Deus enviou Seu Filho ao mundo, mas por quê? Vocês são obrigados a fazer essas perguntas. Não adianta dizer às pessoas: "Venham ao Salvador, tudo está bem. Não se incomodem com teologia. Não se incomodem com o arrependimento". Mas, por que alguém deve vir ao Salvador?

Bem, no momento em que vocês fizerem essas perguntas, estarão introduzindo a lei. Assim como a lei foi o aio, o preceptor, para levar-nos a Cristo, assim também Ele, por Sua vez, veio fazer o que a lei não pôde fazer por nós, por causa da nossa incapacidade de cumpri-la. Portanto, se vocês crêem que o Senhor Jesus Cristo é o Filho de Deus, que Ele teve que morrer na cruz, que Ele levou sobre Si os nossos pecados, estarão dizendo que os homens e as mulheres são pecadores. Não há ninguém que mais nos revele o nosso pecado do que o Senhor Jesus Cristo. O fato de que Ele teve que vir ao mundo, viver, morrer e ressuscitar é a maior manifestação concebível do nosso pecado e da nossa culpa.

Uma vez que tenhamos entendido a lei, ela nos revela o nosso pecado, como Paulo veio a entender, pela influência do Espírito Santo. Paulo pensava que estava bem, que era perfeito e completo "sem a lei". No entanto, diz ele, no momento em que verdadeiramente entendi a lei, "reviveu o pecado, e eu morri" (Romanos 7:9). Mas a cruz de Cristo é a maior exposição do pecado e da culpa do homem. É só quando você "contempla" a cruz que você começa a conhecer a si próprio.

Quando contemplo a horrível cruz
Na qual morreu o Príncipe da glória

– que acontece com você?

Meu ganho mais rico, perda considero,
E desprezo derramo em meu orgulho.
– Isaac Watts

E derrame desprezo sobre toda a sua louca jactância e sobre tudo o que você sempre pensou a seu próprio respeito. Você é levado a humilhar-se até ao pó:

Meu pecaminoso ser é minha real vergonha.
– E. C. Clephane

A cruz revela essa realidade como nenhuma outra coisa o faz.

Mas não é só isso; o nosso Senhor, tudo o que Ele fez e tudo o que Lhe aconteceu, não somente estabelece o nosso pecado e a nossa culpa, porém também, ao mesmo tempo, estabelece a nossa condição de mortos, a nossa morte espiritual. "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados" (Efésios 2:1). E não somente isso; Ele estabelece acima de tudo mais a nossa condição de completo desvalimento. A lei tinha sido dada, mas ninguém pode cumpri-la; os mestres tinham ministrado os seus ensinos, como o fizeram também os filósofos e outros, porém em nada ajudaram. É como se eles nunca tivessem vivido. Por quê? Porque o homem está no mais completo e irremediável desamparo.

E assim, a situação chega a este ponto: o evangelho de Jesus Cristo não somente estabelece que eu estou tão corrompido por natureza que preciso nascer de novo. Ele me diz que não tenho a mínima possibilidade de amar meu próximo porque a minha natureza é má. É uma natureza que odeia; é uma natureza que ama a si própria. É totalmente má! Portanto, não há propósito algum em começar por mim e por meu próximo, e dizer: "Não estou interessado em doutrina. Não se preocupe em encontrar Deus, vá encontrar o seu próximo". Eu estou tão corrompido, como igualmente corrompido está o meu próximo, que não podemos de forma alguma amar-nos um ao outro. Tudo o que está envolvido na vinda de Cristo e todas as coisas que Ele fez e ensinou ressaltam o fato de que é preciso que sejamos feitos novas criaturas.

Pois bem, é vitalmente importante entender isso porque agora o evangelho nos vai dizer que no amor e na graça de Deus o nosso renascimento se torna possível. Mas o evangelho sempre dá ênfase a que somos salvos unicamente pela graça de Deus. "Pela graça sois salvos, por meio da fé" – nada em nós; é tudo dado; é tudo recebido – "e isto não vem de vós, é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Efésios 2:8,9). Não há lugar para jactância. Vimos o

apóstolo dizer isso muitas vezes; ele o diz em toda parte em todas as suas Epístolas. "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gálatas 6:14). "Somos feitura sua" (Efésios 2:10) – inteiramente, do princípio ao fim.

No entanto, graças a Deus que este é um ensino que nos diz que podemos tornar-nos "novas criaturas", que podemos ter uma nova mentalidade e uma nova perspectiva sobre todas as coisas. Em sua carta aos coríntios, ao tratar deste mesmo ponto, sobre amar o próximo, Paulo diz: "Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos deste modo. Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:16,17). No passado, o parâmetro de julgamento de Paulo era: este homem é judeu ou gentio? Se era judeu, tudo bem; se era gentio, era um cão. Os gregos tinham uma classificação parecida – gregos e bárbaros, sábios e não sábios – sempre havia divisão, o oposto do amor. Mas agora, porque tem esta perspectiva inteiramente nova, Paulo vê os homens e as mulheres com outros olhos.

Repito que, sem esta nova natureza de amor, as pessoas jamais serão capazes de amar seu próximo. Nunca verão verdadeiramente as outras pessoas, mas as verão em termos de uma cortina de ferro, ou de cor, ou de mil e uma outras divisões. Aqui está o único caminho para o amor – tornar-nos novas criaturas, nova criação, nascer de novo e com novo coração, nova natureza, nova perspectiva, novo tudo!

E não apenas isso, pois temos habitando em nós o Espírito Santo de Deus, e o Espírito produz fruto. Somos vazios de amor, "odiosos, odiando-nos uns aos outros", diz Paulo a Tito (Tito 3:3). Preciso de amor; onde obtê-lo? Oh, unicamente o Espírito me pode dá-lo! "O fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé,

mansidão, temperança." (Gálatas 5:22)* – justamente as coisas das quais necessitamos em nosso trato uns com os outros.

Essa é, pois, a declaração positiva. Eu posso amar o meu próximo como a mim mesmo quando sou "nascido do Espírito", "nascido de novo", "nascido de cima", quando "o sentimento" ou "a mente de Cristo" está em mim e o fruto do Espírito se manifesta em todas as minhas relações. Então posso fazê-lo – e só então. Contudo isso é apenas o começo; tenho outras razões mais para dar-lhes, o que farei à medida que desenvolvermos isto juntos no próximo estudo.

* VA (inglesa), ARA e NVI: versículos 22 e 23. Nota do tradutor.

14

"A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros: porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: não adulterarás; não matarás; não furtarás; não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De forma que o cumprimento da lei é o amor."

– Romanos 13:8-10

Estamos tratando da declaração do versículo nove, onde o apóstolo diz que todos os mandamentos estão concisamente compreendidos no dito: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo". Vimos que esses dizeres são uma citação de Levítico, e que eles foram citados mais de uma vez por nosso bendito Senhor e Salvador, e também foram citados por Tiago. Também vimos que essa declaração é muito importante no presente.

Permitam-me explicar o que quero dizer. Fundamentalmente, claro está que as Escrituras são sempre exatamente da mesma importância. Faz parte da nossa pregação da Bíblia ficar repetindo esse fato, diferentemente daqueles que não a consideram como a inspirada e infalível Palavra de Deus e que, por isso, tendem a dizer que a sua mensagem muda de época em época e de geração em geração. Dizem eles que na verdade ela deve mudar em consonância com as descobertas científicas e com o progresso do conhecimento, etc., ao passo que nós dizemos que a verdade, sendo a verdade de Deus, dada uma vez e para todo o sempre, é perenemente a mesma e fala a cada geração de homens e mulheres exatamente da mesma maneira. Essa é a nossa proposição fundamental. Mas,

ao mesmo tempo que afirmamos isso, devemos igualmente ter o cuidado de assinalar que é dever do pregador e do mestre mostrar a particular relevância desta mensagem inalterável para cada particular época e geração.

Quando vocês examinarem a longa história da Igreja, verão que, em diferentes épocas, aspectos particulares do ensino desta verdade imutável e inalterável foram de incomum e excepcional significação. O exemplo óbvio, claro, é a doutrina da justificação pela fé no tempo da Reforma Protestante. Igualmente, no século dezoito, a doutrina da regeneração foi a verdade que recebeu ênfase especial entre os metodistas.

Este é, pois, um princípio importante, um princípio que o apóstolo formula uma vez por todas em 1 Coríntios, capítulo 9, onde ele diz que quando fala com um judeu, fala como judeu; quando fala com um gentio, fala como gentio; quando fala com alguém que está debaixo da lei, fala como estando "debaixo da lei"; quando fala com alguém que não tem a lei, fala como ele próprio não tendo a lei (versículos 20,21). A mensagem é a mesma, porém ele a assinala, aplica-a e mostra a sua relevância de diferentes maneiras conforme as diferentes circunstâncias. Não proceder desta forma é cometer gravíssimo engano. É falhar na função de pregadores e mestres, ou como pessoas em suas conversas umas com as outras sobre a fé cristã. Isso faz parte integrante da evangelização. Conheci homens que, tendo lido os puritanos, pregavam neste século exatamente como se pertencessem ao século dezessete, até na maneira de expressar-se. E só se pode dizer uma coisa sobre essa espécie de conduta – é patética. Não é só um fiasco, é um fiasco patético.

Não, não; devemos mostrar como certos aspectos da verdade têm incomum importância em dados pontos da história da humanidade; e por isso voltamos agora ao fato de que o assunto do qual estamos tratando é de particular relevância na atualidade.

Eis aí um ensino que precisamos entender bem. Como

já vimos, há aqueles que entendem mal as palavras que estamos estudando, interpretando-as no sentido de que, se você amar o seu próximo, não precisará incomodar-se acerca do seu amor a Deus, porque o caminho para amar a Deus é amar o seu próximo. Ora, este é um erro muito especioso e sutil, razão pela qual começamos dando respostas detalhadas a ele. Já mostramos que esse ensino inverte o que a lei diz, e que igualmente inverte o ensino do nosso Senhor. Não somente isso, mostramos que ele ignora a real grandeza do conteúdo da palavra "amor" no Novo Testamento. Além disso, argumentamos no sentido de que o ensino é herético porque o homem natural não pode amar o seu próximo.

Vimos depois, positivamente, que o amor ao próximo começa vendo-nos a nós mesmos como realmente somos, pecadores destituídos de recursos diante de Deus. E vimos que o próprio Deus nos dá uma nova natureza: "tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17). Dessa forma, não temos somente um verdadeiro conceito sobre nós mesmos; temos também um verdadeiro conceito sobre as outras pessoas. Deixamos de pensar nos outros como judeus ou gentios ou britânicos ou não britânicos, deste ou daquele lado da cortina de ferro:* não são essas as categorias nas quais pensamos. O homem ou a mulher natural pensa nesses termos, não pode pensar de outro modo; esse é todo o seu problema, e é por isso que o mundo é como é e está como está. Mas isso não se aplica a nós.

E assim resumimos o nosso estudo deste importantíssimo assunto com a pergunta: como, então, devemos pensar? Bem, algo que marca os homens e as mulheres cristãos é que agora eles vêem todas as pessoas como almas aos olhos de Deus. O nosso Senhor vai longe, ao ponto de dizer que isso se aplica até às relações humanas mais delicadas e mais ternas. Diz Ele que Ele vai causar divisão entre pai e filho, mãe e

---

* Lembre-se o amável leitor de que os sermões deste volume foram pregados em 1966/67. Nota do tradutor.

filha, e sogra e nora. A espada trazida por Ele causa divisão dessa maneira, e todo cristão sabe como isso é verdade. Não significa que você pôs fim às relações naturais, mas significa, sim, que você não é mais controlado por elas, que você vê até os seus parentes antes como almas que como seus parentes.

Temos aí a essência do novo entendimento dado ao cristão. Aqui está um modo de pensar que transcende todo pensamento natural, e, no que se refere ao cristão, elimina todas as distinções humanas. Colossenses 3:11 diz: "Onde não há grego, nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre". Isso é extirpado; esse modo de pensar é natural, não cristão. Noutras palavras, os cristãos não somente vêem a si mesmos diferentemente, vêem também o seu próximo diferentemente, e o ponto geral é que os dois novos modos de pensar são absolutamente essenciais antes de que alguém possa amar o seu próximo como a si mesmo.

Na prática, funciona desta maneira, não é? Você se viu como nulo, e, se você é nulo, não tem mais do que se orgulhar; você não tem nada do que se gabar, absolutamente nada. E agora você vê o seu próximo, não somente como uma alma, mas também como pecador, como alguém que é exatamente como você era, que está sob condenação, que está destinado ao inferno e absolutamente desvalido. E assim você não sente nenhuma superioridade sobre ele.

Ora, se você se julgar e julgar os outros em termos da capacidade humana ou da posição social ou do saldo bancário, então haverá superioridade e inferioridade porque, nesses termos, somos todos diferentes; porém aqui não há nenhuma diferença. Não podemos ser piores do que somos, não podemos estar mais perdidos; mas, nem eles tampouco. "Não há um justo, nem um sequer" (Romanos 3:10). Vê-se tudo isso em Romanos, capítulo 3, mas o tema percorre a Epístola e é o argumento envolvido aqui. Você vê o seu próximo exatamente como se vê; você vê o seu próximo e a si mesmo como completamente sem esperança, inteiramente

dependentes da graça e da misericórdia de Deus. E assim começamos a ter pena desse próximo.

Talvez possamos colocar a questão nestes termos: com este discernimento você vê as pessoas como almas que são tolas vítimas do diabo. Assim, quando as vê fazerem coisas de que você não gosta e que o ofendem e o ferem, não veja tanto o que elas estão fazendo, nem o fato de que são elas que as estão fazendo; veja antes o diabo por trás delas, instigando-as a fazerem tais coisas; e você sente dó dessa pobre gente que está fora de si e se comporta de maneira irracional. Você não se irrita com o homem que extrapolou a si mesmo, que perdeu o domínio próprio, que padece fraqueza mental; você tem piedade dele porque ele não pode evitar isso.

Portanto, quando você contempla os seus semelhantes (não cristãos), você sente grande tristeza em seu coração por tais pessoas e tem compaixão delas. Há em você um desejo de ajudá-las, de ajudar a libertá-las, como você o foi. Esta é a única maneira pela qual você pode chegar a amar seu próximo como a si mesmo. É completamente impossível de outra maneira. Essa parece uma declaração muito forte, porém eu a faço, não só porque a Bíblia ensina isso em toda parte, mas também porque a vida humana prova que a Bíblia diz a verdade; e isso é verdade hoje como sempre foi.

Depois, naturalmente, se tais pessoas forem convertidas e se tornarem cristãs, teremos razões ainda maiores para amá-las como a nós mesmos. Agora compartimos a mesma natureza, somos membros da mesma família; estamos agora amarrados uns aos outros com faixas e cordas que são algo mais grandioso do que qualquer coisa que jamais se pode conhecer no nível humano. Temos os mesmos interesses, enfrentamos o mesmo inimigo, temos os mesmos problemas e a mesma gloriosa esperança à frente de nós, encarando-nos a todos. Nascemos do mesmo Espírito, temos o mesmo Pai, e o mesmo Salvador; tudo igual. Compartilhamos tudo juntos. Tudo concorre para fazer-nos um. Naturalmente, assim

amamos os nossos semelhantes como a nós mesmos. É desse modo que a declaração que temos aqui deve ser interpretada.

Mas a seguir, por cima disso tudo, há diversos apelos nas Escrituras que nos ajudam a ver esta verdade ainda mais claramente. Um dos mais gloriosos deles todos é a grande declaração que consta no capítulo dois de Filipenses: "Nada façais por contenda ou por vanglória, porém por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu mas cada qual também para o que é dos outros" (versículos 3,4). E já tivemos o mesmo ensino em Romanos, capítulo 12. Todavia, como podemos fazer isso? E por que devemos fazê-lo?

Eis a resposta: "De modo que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Filipenses 2:5). Então o apóstolo nos relembra o que o nosso Senhor fez por nós; como não Se apegou à Sua posição e às Suas prerrogativas, mas as pôs de lado, e deliberadamente Se humilhou. Façam o mesmo, diz Paulo: "Haja em vós o mesmo sentimento" (ou, VA: "a mesma mente"). Este sentimento, esta mente, está em você. "Nós temos a mente de Cristo" (1 Coríntios 2:16). Sim, porém, exercite-a, deixe-a operar em você, deixe que ela governe o seu pensamento. Como já vimos na preleção anterior, podemos resumir tudo com as palavras de 1 João: "Se Deus assim nos amou, também nos devemos amar uns aos outros" (1 João 4:11) – lógica irrefutável! Se agora você conhece algo do amor de Deus, isso se torna inevitável.

Essa é, então, a nossa réplica a esse ensino moderno, especioso, que diz: "Não se incomode com Deus, comece por seu próximo". Oh, que mentira! Que negação do evangelho! Justamente dessa maneira os fariseus negaram o evangelho. Se vocês disserem que os homens e as mulheres, como são por natureza, podem amar seu próximo e que, portanto, tudo o que eles têm que fazer é ajudar os seus semelhantes, vocês estarão dizendo que nunca houve nenhuma necessidade de que o Filho de Deus viesse a este mundo, que a cruz era

completamente desnecessária, como também a regeneração.

Esta espécie de ensino assume muitas formas. Lembro-me de que antes da última guerra, enquanto havia luta entre o Japão e a China, um homem que era um típico expoente desse ensino florescia aqui em Londres. Ele fez a sugestão de que ele e outros fossem lá e "se pusessem entre os dois exércitos", e com isso pusessem fim à guerra. Afortunadamente não fizeram isso, mas, se o fizessem, não teriam sucesso. Não há maior negação do evangelho que essa. É muito mais grave que a embriaguez e o uso de drogas, ou que qualquer outro pecado particular. E isso ainda está sendo pregado como sendo o evangelho, e tem muita popularidade.

Esse ensino não é só completamente errado; não funciona. Torno a lembrar-lhes que não passa de prosa, e prosa sentimental, prosa não realista, porque não encara os fatos. É apresentado por pessoas que passam o tempo sentadas em gabinetes nas universidades, talvez passando por algum estágio das suas carreiras, desligadas da vida, nada sabendo das praticabilidades da vida. Parece bastante maravilhoso, mas no momento em que você desce para a vida e se mistura com os homens e as mulheres, vê que é pura impossibilidade.

E o que é ainda mais extraordinário é o fato de que as pessoas que mais gostam de falar desse modo, e que interpretam o evangelho dessa maneira, são – não infreqüentemente, lamento dizê-lo – algumas das pessoas mais difíceis, e, certamente, algumas das mais amargas que já encontrei. E elas expressam o seu amargor nas críticas que fazem àqueles que não concordam com elas. São intolerantes e alegam justiça própria, o que é precisamente o oposto do espírito do qual o apóstolo fala. Isso mostra a falácia desse ensino. Vejam, vocês podem ser contra a guerra, contra combater e contra coisas como essas, sim, mas se o seu espírito é amargo, vocês estão cometendo muito maior transgressão do que o homem que luta por seu país; se o seu espírito é amargo, esse é um pecado maior, é ódio.

Portanto, repito que não devemos interpretar o mandamento "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" num sentido que repudie a teologia e a doutrina; é exatamente o oposto. Veremos isso conforme prosseguirmos no estudo desta passagem.

Vejam o versículo dez: "O amor não faz mal ao próximo". Bem, tendo dito no versículo oito, "A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros: porque quem ama aos outros cumpriu a lei", e no versículo nove, "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo", por que será que de repente o apóstolo desce a uma negativa no versículo 10?

Não penso que haja alguma real dificuldade quanto a isso. No versículo 9 Paulo cita a segunda tábua da lei, que apresenta injunções negativas, e esse é o seu interesse neste ponto. Ele se acha agora no nível das praticabilidades, dos detalhes da vida diária, e nesse nível a própria lei opera com negativas. "Não matarás; não adulterarás; não furtarás; não darás falso testemunho contra o teu próximo; não cobiçarás." Assim, lidando com negativas, Paulo faz um resumo disso dizendo com efeito: "Ora, o amor não faz essas coisas, pelo que, se você ama, nunca fará nenhum mal ao seu próximo". É assim que se interpreta este versículo. Paulo está mostrando que o amor inclui as injunções negativas: se você estiver amando, não se fará culpado de transgredi-las.

Mas, naturalmente, o conceito sobre o amor é acentuadamente positivo. E assim o apóstolo termina o versículo dez com as palavras: "De maneira que o cumprimento da lei é o amor". Vocês não devem dizer que a expressão "de maneira que" (ou, VA: "portanto") só faz ligação com a primeira parte desse versículo dez. Não devem dizer que o amor é o cumprimento da lei porque o amor não faz nenhum mal a seu próximo; não é essa a conexão. A última parte do versículo dez é um resumo da declaração toda, desde o começo do versículo oito, e, na verdade, do trecho todo que vai até o

princípio do capítulo doze. Paulo está dizendo que, quando amamos verdadeiramente o nosso próximo, de jeito nenhum vamos poder fazer-lhe, ao mesmo tempo, qualquer mal, e assim cumprimos a segunda tábua da lei.

Aqui, porém, há mais que isso. Quando Paulo diz que o amor é o cumprimento da lei, ele não quer dizer que você deve amar o seu próximo apenas num sentido negativo. Você não pára aí, vai além. As palavras "o cumprimento da lei é o amor" significam que unicamente o amor o habilita a preencher a lei até às bordas, por assim dizer. Noutras palavras, ao cumprir meramente as injunções particulares da lei, você está pondo em prática a lei, mas não plenamente, porque a lei não se detém nos aspectos negativos. A lei quer que você ultrapasse o não fazer nenhum mal ao seu próximo, quer que ame o seu próximo como a si mesmo.

Portanto, o apóstolo diz que não devemos pensar na lei como um mero agregado de regras e regulamentos. Não devemos pensar nela como algo que deve ser executado mecanicamente, examinando os seus preceitos – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez. Ela inclui estas coisas, mas podemos guardá-las todas e, ainda assim, não cumprir a lei propriamente dita, porque o fazemos mecanicamente. E é dessa forma que Paulo conclui este argumento particular.

Aí está, pois, a exposição, porém surgem aqui algumas questões que devemos anotar de passagem. A primeira é: quem é meu próximo? Estará o apóstolo dizendo tudo isso apenas com referência à nossa relação com os nossos companheiros cristãos? A resposta é não. Inclui os companheiros cristãos, mas não fica nisso; refere-se a todos. Sobre isso temos uma abalizada declaração em Lucas, capítulo 10, onde lemos: "E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? E ele lhe disse: que está escrito na lei? Como lês? E, respondendo ele, disse: amarás ao Senhor teu Deus de todo

o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. E disse-lhe: respondeste bem; faze isso e viverás. Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: e quem é o meu próximo?" (versículos 25-29).

É desse jeito que as pessoas procuram cair fora, e a resposta que o nosso Senhor dá é a parábola do bom samaritano. O nosso Senhor diz ao doutor da lei: esse é o seu próximo! O fato dele ser samaritano e você judeu não o impede de ser seu próximo. Você não conhece o homem que foi roubado e maltratado, mas ele também é seu próximo, ele é aquele a quem você ama como a si mesmo. E este é o ensino que se encontra em toda parte nas Escrituras. Como cristãos, devemos amar todos os homens e mulheres como a nós mesmos. Lembrem-se, o nosso Senhor vai tão longe que chega a dizer: "Amai a vossos inimigos" – amai os vossos inimigos! – "bendizei os que vos maldizem, fazei (o) bem aos que vos odeiam" (Mateus 5:44).

Seria possível? Eis a minha resposta: se Deus não amasse os Seus inimigos, nunca haveria sequer um cristão. Deus nos amou quando éramos inimigos. "Se Deus assim nos amou, também nos devemos amar uns aos outros" (1 João 4:11), e, com a mente de Cristo em nós, somos capazes de amar, porque, como temos visto, não vemos o homem, mas sim o diabo e o inferno. Amamos os nossos inimigos e fazemos o bem aos que nos odeiam. Se não agimos assim, provavelmente nada mais somos que religiosos sentimentalistas. Eis o teste – "Amai a vossos inimigos"!

E não se deve interpretar "inimigos" simplesmente em termos de países. É muito mais fácil amar um país do que amar um indivíduo! Não é? É muito mais fácil dizer "Ah bem, aquelas pessoas são isto e aquilo, mas não devem ocorrer conflitos entre as nações", do que amar o seu próximo, que no momento está concretamente aí, perto de você, e que tem sido muito difícil, grosseiro, malicioso e cruel. Mas o cristianismo

é isso. É sempre mais fácil amar as pessoas quando elas estão longe, porém você tem que amar o homem ou a mulher que está perto de você. Ame o seu próximo como a si próprio: é totalmente inclusivo.

Mas a pergunta realmente importante que deste ou daquele modo é feita aqui é a seguinte: o apóstolo está se dirigindo a crentes cristãos, mas cita a lei; daí, qual é a relação do cristão com a lei?

Esse tem sido um grande tema de debate e discussão na Igreja através dos séculos. Permitam-me dizê-lo assim: como devo viver a vida cristã? Como posso agradar a Deus? Entendi a verdade, a doutrina, mas, como devo vivê-la na prática real e concreta? Aí está o problema para todos nós.

Bem, houve duas principais escolas de pensamento quanto a isso. Elas têm subsistido em diferentes formas e modos através dos séculos, e ainda existem. Uma delas pode ser designada sob o título de *misticismo*. Significa contemplação de Deus, cultivo e nutrição da alma, busca do amor. O místico reconhece que o nosso real estado e condição é de vital importância e assevera que devemos ter o amor de Deus e o amor de Cristo em nós. E se concentra nisso, buscando o conhecimento de Deus, a experiência dEle, e, especialmente, o Seu amor.

A segunda escola de pensamento às vezes é chamada *rigorismo*. Não põe sua ênfase tanto na contemplação, na meditação e na experiência, como na atividade. Diz ela: não é tanto uma questão de cultivar um espírito de amor como de realmente saber o que fazer em detalhe e na prática, e em passar a fazê-lo.

Podemos, pois, apresentar a alternativa como, ou misticismo ou rigorismo, mas podemos igualmente expressá-la como sendo amor ou lei. E aqui, nesta passagem, ambos os elementos da alternativa são postos juntos – "O cumprimento da lei é o amor". Todavia, apesar do apóstolo dizer isso e de encontrarmos a mesma declaração noutros lugares, tem

havido grande confusão a esse respeito, tanto antes como depois da Reforma Protestante, e ainda há confusão na atualidade. Assim, que posição se deve assumir?

Bem, há alguns princípios que podemos firmar como absolutos e acerca dos quais todos nós concordamos. Todos nós entendemos bem, espero, que não mais estamos "debaixo" da lei. Vimos muitas declarações nesse sentido nos capítulos 6 e 7 desta Epístola. Claro está que, por natureza, todos nós estamos "debaixo da lei". Essa é a razão pela qual nos é dito que o nosso Senhor foi "nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gálatas 4:4). Estamos todos sob a lei de Deus: não só sob a lei como "aio" ou "preceptor", ensinando-nos a viver, mas, e com maior importância, a lei como condenação.

A lei nos condena a todos. Isso é declarado categoricamente no capítulo três de Romanos, e devemos ter constantemente isso em mente. "Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado" (Romanos 3:19,20) – e ela nunca pode fazer mais que isso. É isso que a lei foi destinada a fazer, e é o que ela faz.

Contudo, como cristãos, como crentes, como aqueles que estão em Cristo, não estamos mais debaixo da lei. Estamos "mortos para a lei" – esse é o grande argumento do capítulo 7. Estamos "mortos para o pecado" (capítulo 6); "mortos para a lei" (capítulo 7). Terminamos com a lei. "A lei do Espírito* de vida em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte" (Romanos 8:2). Significa que não estou mais sob a condenação da lei. Não só isso, significa também que não fico mais tentando cumprir a lei e falhando. Terminei com isso também.

E então, qual é a minha situação? Bem, como Paulo nos

---

* Inicial maiúscula: VA, ARA, NVI. Nota do tradutor.

diz constantemente, estamos "debaixo da graça" (Romanos 6:14). Mas, significaria que por isso eu não tenho mais nada a ver com a lei? Muitos o têm interpretado dessa maneira, não é? Muitos dizem: "Você não nos deve falar sobre a lei; como cristãos, terminamos com ela". Estou certo de que vocês conhecem bem esse argumento.

Mas, se vocês disserem que não têm nada a ver com a lei, estarão contradizendo o apóstolo Paulo. Ei-lo aqui, neste capítulo 13, falando sobre a lei, dando-nos alguns dos detalhes da sua segunda tábua, e aplicando-a ao povo cristão. Portanto, obviamente, devemos ser muito cautelosos no manejo dessa asserção.

Ora, nós terminamos com a lei na questão de inutilmente tentarmos justificar-nos por ela. Também terminamos com a condenação pronunciada pela lei contra nós. Mas ainda podemos receber mensagens e apelos em termos da lei porque ela continua sendo a expressão perfeita do modo como Deus quer que vivamos. Ela ainda se aplica a nós nesse sentido.

Noutras palavras, você não se acomoda numa poltrona, desenvolve belos pensamentos sobre o amor e diz que isso é tudo o que é necessário. Não, você nunca vai aperfeiçoar os Dez Mandamentos como uma declaração da maneira pela qual Deus quer que vivamos. Paulo afirma que o amor é o cumprimento da lei, e, em sua réplica ao doutor da lei, o nosso Senhor a resume como o amor a Deus e o amor ao nosso próximo – estas duas partes. Assim é que, como cristãos, estamos relacionados com a lei.

Devemos então descartar-nos da idéia de que o amor é um mero sentimento emocional. O amor se expressa em ação. Permitam-me oferecer-lhes uma comparação. Em Gálatas, capítulo 5, Paulo declara que já não há circuncisão nem incircuncisão, "mas sim a fé que opera por amor" (versículo 6). É isso! É exatamente a mesma coisa. A lei opera pelo amor, como a fé opera pelo amor. E, portanto, é certo dizer

que, se amarmos a Deus e amarmos ao nosso próximo, estaremos pondo em prática os mandamentos de Deus concernentes a nós.

Nós não observamos os mandamentos *a fim de* fazer-nos cristãos, porém os observamos, isto é, observamos os detalhes da lei, *porque* somos cristãos. Vocês vêem a diferença? O problema do fariseu, do moralista, dos que negam o evangelho, é que eles procuram fazer-se cristãos tentando guardar os mandamentos. Não se pode fazer isso. Isso foi um jugo que não pudemos suportar (Atos 15:10). Era gravoso. Ninguém podia fazê-lo. Não, é o contrário.

Foi assim que interpretamos Romanos 8:3,4, onde nos é dito: "O que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito" (VA: "Espírito"). E aqui, em Romanos, capítulo 13, Paulo tem um modo ligeiramente diferente de dizer a mesma coisa.

Portanto, temos que estar advertidos quanto ao ensino que nos diz que tudo o que precisamos fazer é concentrar-nos no amor. O apóstolo contradiz isso especificamente aqui, nesta mesma passagem, como o faz amplamente nos capítulos 12 e 13, e em todas as suas Epístolas. Em Efésios 4:17 ele diz: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido". Depois ele diz aos seus leitores os tipos de coisas que eles não devem fazer; ele desce a detalhes e diz: "Pelo que deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo... Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira. Não deis lugar ao diabo. Aquele que furtava, não furte mais" (versículos 25-28). Isso é cristianismo. Os cristãos não são pessoas que andam fazendo castelos no ar, absortas em belos pensamentos de amor; é-lhes dito que não furtem mais. Temos necessidade destes detalhes práticos.

Em Colossenses, capítulo 3, Paulo desce a detalhes e particularidades de maneira a mais extraordinária. "Mas agora despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca" (versículo 8). E ele tinha acabado de dizer, no versículo 5: "Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza...". O quê?! É preciso dizer tais coisas ao cristão? Sim é! Não se lhes deve pregar tão-somente o amor, é preciso dizer a eles, em detalhe, o que eles não devem fazer.

Esse é um lado, mas há outro. Há uma extraordinária transição do fim do capítulo 2 de Colossenses ao começo do capítulo 3. No fim do capítulo 2 Paulo diz: "Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados" – não deis atenção aos que vos venham dizer "Agora, olhe aqui, como cristão você não deve comer isto ou aquilo, não deve observar este dia especial" – que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo. Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos... por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies?" – não deis ouvidos a tais pessoas – "...segundo os preceitos e doutrinas dos homens; as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne" (versículos 16-18, 20-23).

Ali está, pois, Paulo, no fim do capítulo 2, dizendo aos cristãos de Colossos que não dêem atenção às pessoas que vêm com suas regras e seus regulamentos, e que não se liguem a essas coisas de modo algum. Depois, no capítulo 3, ele prossegue e diz: "Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência..." (versículo 5). Estaria ele se contradizendo? Não. Como de costume, ele mantém um

equilíbrio perfeito. Ele expõe claramente o perigo de uma espécie de contemplação mística do amor desligado dos fatos da vida. Mas, de igual modo, ele expõe claramente o perigo do legalismo e de ficarmos tão perdidos e absortos em detalhes que o espírito é ignorado.

Muitos caem num ou noutro destes erros. Freqüentemente penso que um dos maiores perigos com que se defrontaram os grandes puritanos foi o perigo do legalismo. Constantemente as pessoas lhes perguntavam: "Que faremos neste caso?" E eles faziam longas listas de coisas que a consciência decretava que deviam e que não deviam ser praticadas; quase uma série completa de regras para a vida. Davam a isso o nome de "casuística". O homem que lhe deu início chamava-se William Perkins, homem de grande valor, porém eu sempre achei que ele pendeu demais na direção do legalismo, perigo do qual, até certo ponto, ele próprio tinha consciência.

É muito interessante rastrear o conflito que surgiu entre os puritanos. Alguns – Walter Cradock e outros semelhantes a ele – tinham a tendência de colocar toda a ênfase no espírito; são chamados puritanos radicais. E não nos esqueçamos de que, mesmo antes deles, o grande bispo John Hooper, de Gloucester,* e John Bradford, queimado vivo em Smithfield, Londres, deram ênfase ao lado espiritual, sem contudo negligenciarem o outro lado. Mas então, Perkins e muitos outros ficaram tão preocupados com o perigo do antinomismo, e de se falar em amor e em doutrina sem sua prática, que tenderam a ir ao outro extremo e a dar longas e detalhadas listas, que virtualmente caem sob a condenação feita por Paulo no fim de Colossenses, capítulo 2.

Em última análise, é preciso ver a importância absoluta de se manter equilíbrio. Ambos os lados são necessários. Vocês não devem só falar acerca do espírito, a letra também é vital.

---

* Queimado vivo em Gloucester. Nota do tradutor.

Entretanto, não devem só falar sobre a letra, "porque a letra mata, e o espírito vivifica"(2 Coríntios 3:6). Não, necessitamos da letra e do espírito, e é isso que o apóstolo está ensinando aqui. Letra e espírito; lei e amor: "O cumprimento da lei é o amor". Como Paulo o expressa em 1 Coríntios 13:1, "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine". Você tem dons, sim, mas, se eles não forem acompanhados pelo amor, se não forem manifestações do amor, de nada valerão.

Paulo continua: "E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres" – será certo que o homem que faz isso está cheio de amor? Não! Ele pode ser uma pessoa muito egoísta, agindo por orgulho. Eu poderia "entregar o meu corpo para ser queimado" – mas, se não o fizesse por amor, e não tivesse amor – "nada disso me aproveitaria". Temos aí o equilíbrio perfeito. Você se concentra no espírito, mas também cuida dos detalhes. O amor o ajudará a realizar os detalhes, e sem os detalhes o amor é completamente inútil.

Para empregar uma ilustração, a diferença a respeito da qual estou falando é similar à diferença que existe entre um desempenho mecânico e uma arte real. Um músico pode tocar piano de forma absolutamente correta, sem uma única nota errada, e, todavia, estar inteiramente vazio da verdadeira arte. O toque das notas não é suficiente; a peça musical tem alma e o artista é alguém que, enquanto tecnicamente correto, manifesta a alma da música. O grande artista, naturalmente, não deve cometer erros. O pianista não deve dizer: "Ah, bem, eu tenho o toque. Sou um artista. Não me aborreço fazendo ensaios. Não me importo se cometo um erro aqui, outro ali". Todo grande musicista dá atenção absoluta aos detalhes, a

cada única nota; sim, mas não somente isso, porque ele sabe que, sem a alma, a música é sem vida e francamente imprestável.

E me permito dizer aos meus colegas pregadores que isso é igualmente importante na pregação e no ensino. Não existe maior erro do que pensar que, se um homem prega a doutrina certa, necessariamente está pregando. Você pode levantar-se e vocalizar as palavras e as expressões corretas, e não ajudar ninguém. É preciso haver vida; é preciso haver poder. A mera declaração de crenças e pontos de vista – isso não é pregação. Tem que haver algo extra, algo que vá além disso. Só o espírito dá vida. Tenhamos cuidado com uma ortodoxia morta, que no fim acaba sendo um legalismo sob o qual ninguém jamais é convertido ou ninguém vai se sentir estimulado a viver a vida cristã.

Nesta conexão, muitas vezes penso que Wordsworth expressa esta verdade muito bem. Em seu poema "To a Skylark" (A uma Cotovia), ele descreve a cotovia* como um

Tipo do sábio que voa, mas não divaga.

O místico é o homem que "divaga"; muitas vezes ele se perde em mística contemplação e perde o contato com a vida, tendo experiências maravilhosas, porém sem valor para ninguém. À semelhança de Pedro, ele quer permanecer no Monte da Transfiguração e armar tendas. Mas há problema no sopé da montanha.

Tipo do sábio que voa, mas não divaga,
Fiel aos pontos afins do Céu e do Lar!

Bem está que você tenha sua cabeça nas nuvens, contanto que

---

* A cotovia executa o seu canto em vôo vertical. Nota do tradutor.

seus pés estejam na terra. Esse é o equilíbrio. Assim você não fala só sobre o amor, e não fala só sobre a lei. Não a execução mecânica, mas a execução plena. A arte! A glória! O espírito! O ingrediente vital! "O cumprimento da lei é o amor." Queira Deus encher-nos de amor.

15

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Chegamos a uma das mais eloqüentes passagens da Bíblia inteira, e vamos examiná-la agora porque ela constitui uma nova subdivisão deste capítulo treze de Romanos. É introduzida, como vocês podem ver, pelas palavras "E isto", e é importante que compreendamos o significado dessas palavras. Seu sentido é, "além disso", "em acréscimo a", "acima disso"; elas introduzem um pensamento extra. No contexto do argumento de Paulo, elas indicam que ele está inserindo uma circunstância adicional com o fim de aumentar a força do que ele tinha acabado de dizer. A mesma expressão encontra-se em Efésios 2:8: "Pela graça sois salvos, por meio da fé; *e isto* não vem de vós; é dom de Deus". Paulo está acrescentando algo à declaração; ele a está levando mais adiante e a está elevando a um ponto mais alto.

As palavras têm exatamente a mesma significação aqui, neste versículo onze. Noutras palavras, nesta passagem no fim do capítulo 13, o apóstolo dá mais uma razão para fazermos as coisas que ele nos vem chamando para fazermos desde o

princípio do capítulo doze. Como já vimos, essa foi a grande divisão, o ponto divisório de toda a Epístola, o ponto no qual o apóstolo muda da doutrina para a aplicação, e emite um certo número de exortações. Muito bem, tendo feito isso nos versículos 8, 9 e 10, ele vai resumir tudo.

Já consideramos o primeiro argumento empregado pelo apóstolo a fim de animar-nos a cumprir todos estes mandamentos e injunções: é a questão geral do amor como o cumprimento da lei. E ele deixa isso perfeitamente claro. Mas agora Paulo nos apresenta o seu segundo grande argumento.

Como é natural, esta passagem é sempre associada à conversão final daquele grande homem, Agostinho, de Hipona. Ele estava em profunda aflição, em agonia, sob convicção de pecado pela ação do Espírito, vendo as coisas com toda a clareza com sua mente, porém com sua carne presa a uma vida de pecado. Já fazia algum tempo que ele vinha passando por esse processo, e lá estava ele, empurrado para trás e para diante e se sentindo na mais completa miséria. Não existe estado mais miserável que o de estar sob a convicção de pecado sem visualizar um meio de alívio.

Agostinho nos conta que estava no jardim certa tarde quando, de repente, ouviu a voz de uma criança que dizia: "Tolle lege" – "Pegue e leia". Então, entrando em casa, apanhou "o livro do apóstolo", e aqui está o que ele leu: "A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz". Num lampejo, toda a glória do evangelho e do caminho da salvação tornou-se clara para ele. Foi a grande linha divisória da sua vida.

Isso nada acrescenta às Escrituras, mas todos nós estamos na carne e estas associações (de idéias e fatos) às vezes são de grande valor para nós. Uma passagem que foi utilizada dessa forma na conversão de um gigante como esse, obviamente merece atenção incomum da nossa parte. Fato semelhante se deu no caso de Martinho Lutero – "O justo viverá da fé"

(Romanos 1:17),* e lembro que dei ênfase a isso quando estivemos estudando o capítulo primeiro desta Epístola.

Daí, por todas essas razões, esta é uma passagem que deveria comover todos os cristãos até às profundezas do seu ser. É literatura magnífica, e é uma das passagens mais emocionantes e eloqüentes que vocês poderão encontrar em toda parte da ampla gama das Escrituras. Mas há sempre um perigo especial em torno destas grandes passagens, e o perigo é de nos deixarmos levar de tal maneira pela eloqüência que deixamos escapar o sentido. Lembro-me de que eu disse isso quando chegamos ao fim do capítulo 11, e diversas vezes durante o nosso estudo do capítulo oito. Sentimos tanto prazer, numa espécie de sentimento estético, que deixamos de parar e examinar o que exatamente tais passagens nos estão dizendo. Portanto, devemos ter muito cuidado, procurando certificar-nos de que sabemos o que o apóstolo está dizendo aqui. E, naturalmente, o seu propósito é dar-nos a sua grande e final razão para prestarmos atenção em suas injunções.

Pois bem, embora em muitos aspectos me desagrade fazer isso, devemos analisar esta passagem. Se vocês quiserem realmente apreciar uma grande peça musical, uma coisa boa é analisá-la. Ainda que vocês comecem pelo efeito geral sobre si, não devem pensar que isso lhes diz tudo; por vezes essa é uma reação mais ou menos emocional. Não, vocês a analisam; empenham-se em entendê-la. Depois, quando vocês ouvirem de novo a peça toda, verão que recebem muito mais dela. É exatamente assim com uma passagem das Escrituras como esta. Aventurando-nos a dissecá-la, não vamos destruí-la, não vamos, por assim dizer, pôr mãos sacrílegas numa coisa que é bela demais para ser tocada: isso nunca é verdade com relação às Escrituras. Dá-se sempre o caso de que, quanto mais vocês a dissecam – com a condição de que

* VA, ARA e NVI: "O justo viverá por fé" (ou: "pela fé"). Nota do tradutor.

se lembrem do todo depois de feita a dissecação – mais vocês obterão dela. Portanto, temos que analisar esta grande declaração, e vemos que ela recai naturalmente em duas partes.

Bem, não há nada de novo quanto às duas partes. Elas consistem de doutrina e prática; argumento e aplicação; razão ou motivo e exortação. É isso que temos aqui, e devemos desenvolvê-lo. Paulo começa dizendo: "E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono". E imediatamente vemos os dois elementos: a declaração – "conhecendo o tempo", e a aplicação – "é já hora de despertarmos do sono".

Depois, Paulo continua: "porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé" – isso é declaração, doutrina. "A noite é passada" – a mesma coisa, "e o dia é chegado" – isso também é doutrina. E então: "Rejeitemos pois...", aí está a aplicação.

Quero, pois, considerar isto com vocês, e, repito, é muito importante que o façamos. Sugiro ademais que um teste do nosso cristianismo verdadeiro, um teste da vida de Cristo em nós, é se gostamos deste tipo de análise. Sempre achei que uma porção das Escrituras como esta em muitos aspectos pode ser comparada com comida. Há algumas pessoas que engolem sua comida sem mastigá-la. Elas aproveitam algo dela, é claro, aproveitam suas calorias, mas perdem o saboreio do gosto e do aroma. Muitos são assim com as Escrituras. Passam às pressas pela passagem; fizeram o que deviam, pensam eles, porém, oh, o que perderam!

Por isso me proponho a mastigar bem este trecho com vocês e ficar um bom tempo com ele na boca, antes de tragá-lo. Não percam o prazer de saborear as Escrituras. Mastiguem-nas completamente, triturem-nas, e verão que ali há coisas que nunca imaginaram.

Procedamos então desta maneira: imediatamente, parece-me, quando examinamos a passagem em geral, vemos que o apóstolo apresenta alguns princípios básicos

e fundamentais para a nossa consideração. Eis o primeiro: somos levados a lembrar que a abordagem de Paulo é típica do modo como o Novo Testamento trata de toda a questão do comportamento. Em primeiro lugar, o Novo Testamento nunca trata da conduta e do comportamento em si mesmos – nunca! Desafio vocês a me darem um único exemplo. E isso é importante porque é nesse ponto que se vê que seu ensino pertence a uma classe só sua e que se distingue dentre os sistemas de moralidade.

Em segundo lugar, aqui somos levados a lembrar-nos novamente de que não seguimos estas injunções morais a fim de nos tornarmos cristãos ou de sermos cristãos; vivemos desta maneira porque *somos* cristãos – e que mundo de idéias ocorrem aí! Voltamos a travar todo o combate da Reforma – justificação pela fé, contrariamente à justificação pelas obras – e a doutrina popular hoje em dia é a doutrina da justificação pelas obras em várias formas. Essa expressão não é empregada, mas o ensino é esse; você se faz cristão fazendo certas coisas. Essa é a heresia moderna. E é exatamente o oposto do ensino do Novo Testamento.

Para colocar isso numa terceira forma, segundo o Novo Testamento, não poderemos entender este ensino concernente ao nosso comportamento se não entendermos perfeitamente bem a nossa posição, a verdade a nosso respeito, pois o nosso comportamento é uma expressão do que somos.

E assim, em quarto lugar, o nosso comportamento baseia-se, e sempre deve basear-se, em nosso entendimento dessa situação. Notem como Paulo o expressa: "E isto digo, *conhecendo o tempo*...". Ora, se ele não pode presumir este conhecimento da nossa parte, seu argumento cai por terra. Vimos isso muitíssimas vezes. Em Romanos 8:18, por exemplo, lemos: "Porque para mim tenho por certo" – sabemos – "que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada". Similarmente, no fim daquele capítulo Paulo escreve: "Estou

certo de que...". Suas ações baseiam-se em seu conhecimento.

O segundo princípio básico que nos confronta quando examinamos esta passagem é a vital importância da doutrina, da verdade que Paulo pressupõe. O apóstolo sempre segue o mesmo método – o que é deveras maravilhoso acerca das Escrituras – e invariavelmente mostra que a doutrina e o viver prático diário estão sempre intimamente associados e inextricavelmente entretecidos. Esta passagem é um exemplo perfeito. Nesta divisão da Epístola é de supor que o apóstolo concluiu a doutrina e está tratando da aplicação prática, porém a doutrina continua presente! É como a cabeça do rei Charles, vocês não podem mantê-la fora. E aqui, nesta grande declaração, a doutrina e a prática se entremesclam, de modo que vocês passam de uma à outra e voltam. Mais uma vez somos levados a lembrar que não se pode separar as duas.

Compreender a inter-relação de fé e obras, doutrina e prática, é o melhor meio de evitar os grandes perigos com que sempre se defrontam os cristãos, os perigos do antinomismo e do legalismo. O antinomismo – tratado com freqüência nas Escrituras – é a fé em que você não tem nada a fazer com a lei moral. Portanto, o homem que sustenta essa idéia não se preocupa com o seu comportamento. Ele é contra (*anti*) a lei (grego: *nomos*); não a reconhece. E essa é uma condição que muitas vezes produziu estrago na longa história da Igreja.

Assim, vamos considerar este assunto, não somente por causa da passagem que está diretamente diante de nós, como também para completar a nossa consideração da subdivisão anterior (versículos 8-10) e mostrar a relação daquela divisão com esta, que é a subdivisão final da passagem toda e de todo o movimento do pensamento neste ponto particular. Paulo já havia tratado do amor e da lei, e continua fazendo isso.

Examinemos, então, primeiramente, o antinomismo, esse terrível perigo de dar as costas para a lei e terminar com ela,

por assim dizer. Como é que ele surge? Bem, é assombroso quão sutil é esse perigo. Aqui vão alguns dos meios – não seguindo nenhuma ordem de importância – pelos quais todos estão sujeitos a cair presa dele.

O primeiro é que nos tornamos intelectuais, só interessados na formulação e no entendimento intelectual das doutrinas das Escrituras. Um dos grandes perigos que confrontam todo cristão verdadeiro é o perigo de viver baseado, firmado, tão-somente na ortodoxia. Certamente vocês vêem como surge o perigo. A ortodoxia é absolutamente essencial, pelo que recomendo a vocês que leiam livros de doutrina de Dabney, ou qualquer outra obra produzida por algum grande teólogo tais como Hodge ou Warfield ou Calvino. A doutrina é vital. No entanto, se vocês disserem "Contanto que eu entenda bem a doutrina e tenha a minha cabeça atulhada dela, não preciso me incomodar com mais nada", vocês estarão sendo culpados de antinomismo.

Como eu disse, essa atitude tem produzido muito estrago na história da Igreja. Tem havido homens tão ávidos por contender pela ortodoxia que não se davam conta do modo como o faziam; não se preocupavam em como se conduziam em seu viver. Em conseqüência, a sua conduta contradizia gritante e flagrantemente tudo o que eles declaravam crer. Eles expunham a doutrina perfeitamente e falavam fluentemente sobre a justificação etc., todavia, sem nenhuma evidência de santificação em sua vida, causaram grave dano à doutrina. Conheci homens que ostentavam o seu conhecimento da doutrina e defendiam a ortodoxia quando não estavam sóbrios – empolgados com este assunto quando bebiam muito. Esta é uma maneira pela qual se manifesta o antinomismo.

Outra maneira – uma espécie de subdivisão do que acabei de dizer – é que o antinomismo é sempre um perigo para os chamados calvinistas, que sustentam as grandes doutrinas da predestinação e eleição, e especialmente a

doutrina da perseverança final dos santos. Essa é a acusação sempre feita contra eles, e, naturalmente, tem havido algum elemento de verdade nessa acusação, embora nem sempre tanto como os seus antagonistas alardeiam – já examinamos isso em nossa consideração de Romanos, capítulo 8.

O diabo pode vir como um "anjo de luz", e tem feito isso com tais pessoas. Ele diz a elas: você está salvo, nada pode abalar isso, nada pode fazer qualquer diferença – nada. "Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:38,39). Logo, não importa muito o que você faça. Mesmo que caia em pecado grave, está tudo bem.

Ora, essa declaração bíblica é verdadeira, mas, se vocês quiserem tirar proveito dela e transformá-la numa desculpa para o relaxamento e a licença, serão culpados dessa coisa terrível conhecida pelo nome de antinomismo. E esse erro tem-se manifestado muitas vezes entre as pessoas que defendem as chamadas doutrinas da graça. Não se deve tomar nada como ponto certo e pacífico na vida cristã; o diabo está sempre aí. Por isso vocês devem vigiar e orar sempre, empenhados em não cair no perigo de que ele transforme até uma grande doutrina como a da perseverança final dos santos numa escusa para a licença e o pecado.

Contudo, o antinomismo não se restringe aos calvinistas. Os que estão no pólo extremo oposto estão igualmente sujeitos a ele. Na verdade, se me fosse solicitada a opinião quanto à maior causa de antinomismo no presente, eu não hesitaria em dizer que é o "fideísmo".

Bem, o fideísmo tem assumido muitas formas. Outrora conhecido como sandemanianismo, é um ensino que diz que você não precisa preocupar-se com os seus sentimentos, não precisa preocupar-se com coisa alguma, contando que diga que crê no Senhor Jesus. É isso que importa. Em apoio

a essa idéia são citadas palavras de Paulo em Romanos: "Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Romanos 10:8). Palavras de Paulo aos coríntios são mal empregadas exatamente da mesma maneira: "Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Coríntios 12:3). Afirma-se que, se você disser isso, tudo estará bem com você.

Vocês estão familiarizados com esta abordagem. Ela diz: "Não se incomode se sente alguma coisa ou não. Se você diz que crê que Jesus é o Filho de Deus, que Ele morreu por seus pecados, você está salvo". A sua declaração disso é o que o salva. E você pode fazer o que quiser, sempre que o quiser". E tem havido centenas de pessoas que acreditam que essa profissão de fé os fez cristãos; mas continuam vivendo a mesma velha vida.

Muitas vezes tenho tido que me encontrar com pessoas que entraram em dificuldade por causa desse ensino. Uma vez tive uma conversa muito interessante com um jovem que veio me ver porque de repente se dera conta de que não havia nenhuma correspondência entre o que ele dizia que era e o que de fato era. Disse ele: "Não há nenhuma mudança em mim". Noutras palavras, ele compreendeu que se fizera culpado de antinomismo.

Outra forma que o fideísmo pode tomar é o ensino às vezes conhecido como o ensino do "tome posse disso pela fé". "Não se incomode com os seus sentimentos", dizem. "Tome-o pela fé." E a resposta é: "Bem, eu o tomei". Esse ensino tem prevalecido na questão da santificação. Às vezes, tendo sido ministrado esse ensino, os inquiridores (ou seja, os interessados) são interrogados: "Você crê nisso?"

"Sim", eles respondem.

"Então, graças a Deus por isso", vem a resposta, "porque você o tomou pela fé."

"Mas", dizem eles, "não sinto nada diferente."

"Não se preocupe com isso", lhes é dito. "Você o recebeu, e então dê graças a Deus por isso."

Entretanto a vida deles não mostra que eles "o têm" ou que "o receberam", e isso leva a uma condição miserável. Tais pessoas procuram persuadir-se de que receberam a santificação quando, na realidade, não a têm. Não estão dando nenhuma atenção às suas obras – na verdade lhes é dito que não se examinem porque fazê-lo é pecado, é uma negação da posse da santificação pela fé. Não devem olhar para si mesmos, e sim inteiramente para o Senhor: ela está toda no Senhor, eles a receberam toda. Por isso não lhes é permitido que examinem sua vida, embora seja isso que o apóstolo nos vem dizendo que façamos.

Isso é antinomismo, e há muito dessa forma dele no presente. Há pessoas que afirmam que receberam a santificação pela fé, mas são culpadas de esnobismo, mesquinhez, ciúme, inveja, e, na verdade, cada vez mais, desafortunadamente, até de pecados pertencentes à carne: bebedeira, etc. O antinomismo é uma ameaça muito sutil e pode vir até nós de qualquer direção ou de qualquer setor teológico.

Outra causa muito prolífica de antinomismo é o misticismo – termo que estou empregando num sentido muito geral, abrangendo toda a concentração em temperamentos ou disposições, sentimentos e estados internos. Há pessoas que dizem que nada importa, exceto o que a gente sente: experiências, sensações. Isso é tudo para elas. Estão sempre em busca de alguma experiência mística e são negligentes quanto à vida que levam, embora possam até ter mau gênio, ser rancorosos e ter muitos outros defeitos. A vida delas não dá prova nenhuma da sua relação com Deus ou da sua união com Ele, embora seja este o seu grande interesse. É sempre muito perigoso dar toda a atenção aos próprios sentimentos, disposições e estados.

E outra manifestação deste perigo de antinomismo, manifestação cada vez mais comum, é a preocupação com

fenômenos. Esse foi o problema da igreja de Corinto, onde os cristãos estavam interessados nos dons do Espírito – e na verdade se deixaram consumir por eles. O apóstolo teve que repreendê-los porque, enquanto ficavam obcecados por esses dons e se gabavam deles, negligenciavam a própria verdade. Em 1 Coríntios, capítulo 5, lemos: "Geralmente se ouve que há entre vós fornicação, e fornicação tal, que nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais inchados, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido tirado dentre vós quem cometeu tal ação" (versículos 1,2). Estavam tão preocupados com os dons, e se concentravam tanto neles, que estavam tolerando essa vil forma de imoralidade. Sua desconsideração para com a lei estava tomando também muitas outras formas, como a de se embebedarem antes de virem ao culto da Ceia. "Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela" (2 Timóteo 3:5).

Pois bem, o antinomismo, em suas diversas formas, é corrigido por esta grande passagem de Romanos, capítulo 13. Foi para livrar estas pessoas que viviam em Roma desse tipo de perigo que o apóstolo vem escrevendo como escreve desde o início do capítulo 12, e aqui ele está agora esclarecendo o seu ensino com este seu grande apelo.

Mas depois há o perigo do outro extremo, o perigo do legalismo, que diz que a doutrina não tem a mínima importância, nem tampouco a experiência, que nada importa senão a maneira como se vive a vida prática diária. Não preciso demorar-me neste ponto; já tocamos nele quando estudamos a subdivisão anterior. Todavia ele aparece porque, em seu temor do antinomismo, há pessoas que oscilam e se desviam tanto que inconscientemente se tornam legalistas, colocando-se de novo debaixo da lei.

Aí estão, pois, esses perigos gêmeos – ambos errados e ambos muito perigosos. Contudo, se dermos ouvidos ao ensino deste grande apóstolo, estaremos sempre livres dos

dois. Mas, como Paulo o faz? Bem, como já vimos, em seu ensino Paulo faz isso nunca tratando destas questões separadamente. Ele nunca fala sobre conduta e comportamento sem prover-nos de razões e motivos.

Quando examinamos esta subdivisão, vimos, primeiro, que Paulo segue a abordagem empregada em todo o Novo Testamento. Segundo, vimos a vital importância de ligar doutrina e prática. Isso é importante porque nos livra tanto do antinomismo como do legalismo. Agora vamos passar a um terceiro princípio básico, que sobressai nesta passagem e que é a aplicação prática deste ensino à nossa vida e ao nosso modo de viver diário.

Como devemos viver esta vida cristã? Aqui, mais uma vez, Paulo nos dá o ensino típico do Novo Testamento. Permitam que primeiro eu lhes dê os argumentos negativos. O apóstolo nunca ensina o que se chama "vida vitoriosa" – desafio vocês a contradizerem o que estou dizendo ou a me darem prova contra! Tampouco ministra o que se conhece como "ensino vencedor". Nesses ensinos nos é dito que vivemos miseravelmente porque falhamos, porque estamos caindo em certos pecados particulares, mas que podemos ser felizes, podemos ser libertados, podemos ter uma vida vitoriosa, uma vida vencedora. E depois nos é dito como obter uma experiência que nos libertará de imediato. É-nos apresentada a pergunta: "Você realmente quer esta vida vitoriosa?" E se faz uma tentativa para levar-nos a uma grande crise. Esta promessa nos é feita: "Se você quiser esta vida, poderá tê-la aqui e agora. Você poderá obter libertação completa numa só experiência, e então será mais que vencedor".

Bem, esse tipo de ensino esteve amplamente em voga a partir de cerca de 1873, porém eu assevero que ele não se encontra no Novo Testamento, na verdade, afirmo que o Novo Testamento ensina exatamente o oposto. Digo isso pelas seguintes razões:

A primeira é que, como vocês podem notar, o ensino sobre o viver vitorioso sempre começa com "eu". "Você se sente infeliz?", perguntam. "Você está com problema? Está falhando? Algo o mantém por baixo? Agora ouça, nós temos justamente a coisa que você quer e precisa." É dessa forma que o ensino é acobertado. Contudo é antibíblico. O Novo Testamento nunca começa por nossa felicidade, mas sempre por Deus e Sua santidade. E, se não fizermos isso, já estamos nos desviando, inevitavelmente. Nunca devemos começar por nós mesmos – nunca. O cristianismo não é um sistema cujo propósito é fazer-nos felizes.

Que é salvação? Qual o sentido da cruz? Qual o sentido da ressurreição? Por que o Filho de Deus veio a este mundo? Por que morreu na cruz? Por que suportou tudo o que suportou? Por que foi que Ele venceu a morte e o sepulcro? Qual é o objetivo da salvação? Por que Deus enviou Seu Filho para fazer tudo isso? E há somente uma resposta: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19). Naturalmente você fica imensamente alegre com isso, porém não deve dizer que isso foi feito para deixá-lo alegre. Se é isso que você diz, sua ênfase seguiu rumo errado, suas posições relativas estão erradas, você está reduzindo a fé cristã ao nível das seitas. Na verdade, o evangelho afana-se em dizer-nos que, como cristãos, podemos muito bem ter neste mundo um tempo muito pior que os não cristãos. "Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, mas também padecer por ele" (Filipenses 1:29), e às vezes os cristãos tiveram que sofrer mais que ninguém. O propósito do cristianismo não é primariamente fazer-nos felizes e dar-nos alívio e conforto. O objetivo primário da salvação é reconciliar-nos com Deus. Sempre devemos pôr isso em primeiro lugar.

Esse outro ensino nos apresenta o motivo errado para a fé. Meu motivo não deve ser tornar-me feliz tanto como saber que sou um dos que pertencem a Deus, e curtir o

privilégio de ser um deles. Esse é o ensino do Novo Testamento. Vemo-lo aqui em Romanos e noutras passagens, em toda parte.

E o método escriturístico de ensinar santificação é precisamente o que temos nesta grande passagem que está diante de nós. Ela não me diz: "Agora, vamos lá, você quer isto? Tudo o que você tem que fazer é render-se e crer. Tome-o pela fé, e o terá". O que vejo aqui é que Paulo está apresentando um argumento. Diz ele: você sabe certas coisas e, à luz delas, segue-se isto. Ele faz uma declaração que tem que ser posta em prática, uma verdade que tem que ser posta em ação. O Novo Testamento sempre começa pela verdade objetiva, não por minha condição subjetiva. É isso que devemos compreender. Você começa pela grande verdade e depois a aplica a si mesmo.

O apóstolo pressupõe que temos este conhecimento. Eis o que ele escreve: "E isto digo, *conhecendo* o tempo...". Se não temos esse conhecimento, ele não tem nada para nos dizer. E, que é que ele pressupõe que conhecemos? Tudo o que ele tinha dito nos primeiros oito, ou nos primeiros onze capítulos. Noutras palavras, o ensino do apóstolo é que, a menos que tenhamos uma idéia e uma compreensão geral do caminho da salvação, e do plano e propósito da salvação, nunca seremos capazes de viver esta vida, porque todos os motivos reais se baseiam nestas grandes doutrinas, nestes aspectos da verdade. Portanto, se não tivermos alguma compreensão deles, não poderemos ser santificados. Não recebemos a santificação num pacote, numa experiência. Não, não; Paulo praticamente diz: "Vocês têm certa compreensão da verdade que eu estabeleci diante de vocês; portanto, ponham-na em prática". É dessa forma que o Novo Testamento trata do tema geral da santificação.

Este assunto é urgente e vital. Já o temos visto ilustrado de maneira fascinante nos dez primeiros versículos deste mesmo capítulo. Vocês notaram o tipo de gradação por

meio da qual o apóstolo nos leva? Tratando da questão geral das "potestades superiores" e da nossa relação com outras pessoas, seu primeiro argumento é o argumento do temor. "Toda alma esteja sujeita às potestades superiores" – por quê? – "porque não há potestade que não venha de Deus, e as potestades que há foram ordenadas por Deus." Muito bem. "Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação". É assim que Paulo prega a santificação! Diz ele: se você resiste a estas potestades, você se coloca sob juízo, e será punido.

Tendo inserido o temor como motivo, o apóstolo continua a repeti-lo. "Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade?". Portanto, se você não quiser ter medo, "Faze o bem, e terás louvor dela. Porque ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme". Isso não é tomar a santificação pela fé, não é recebê-la numa experiência; Paulo está raciocinando com os seus leitores. Diz ele: procure dar-se conta do que você está fazendo. Você tem que defrontar-se com Deus no juízo. "Se fizeres o mal, teme, pois não traz debalde a espada; porque é ministro de Deus, e vingador para castigar o que faz o mal".

Dessa forma, quando Paulo prega santificação, o motivo que ele dá é o temor. Mas não fica nisso. No versículo cinco ele prossegue: "Portanto é necessário que lhe estejais sujeitos, não somente pelo castigo" – essa é a primeira razão – "mas também pela consciência". E nós interpretamos isso como querendo dizer que o cristão não vive uma vida moralmente boa só por medo do juízo. Vocês devem usar esse argumento, porém depois há mais este motivo: o cristão tem mente esclarecida e entende o que é certo e o que Deus quer e espera dele. Assim por essa razão, "pela consciência", como Paulo diz, o cristão deve viver uma vida moralmente boa. Paulo passou do nível do temor para o nível da

consciência, da razão e do entendimento.

Mas depois, vocês se lembram, o apóstolo nos leva ao topo da montanha. Ele faz um resumo enquanto sobe, e diz: "Por esta razão também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo sempre a isto mesmo. Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra". Temor! Consciência! No entanto ele não deixa a coisa nesse pé. Finalmente: "A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros: porque quem ama aos outros cumpriu a lei". Mas vocês notam que o tempo todo ele está raciocinando, está apresentando a sua causa, e a está colocando em diferentes níveis a fim de que nós, enxergando a verdade, passemos a pô-la em prática.

E aqui, nesta última divisão, o apóstolo chega ao seu grande e final argumento. Vocês poderão chamá-lo de argumento escatológico, argumento apocalíptico, argumento dos últimos tempos, da vinda do Filho de Deus.

E assim vemos que o apóstolo é incapaz de tratar da questão do comportamento e da prática sem introduzir todas as grandes doutrinas essenciais deste glorioso plano de salvação. Esse é o meio, e o único, pelo qual podemos crescer na graça e no conhecimento do Senhor, e tornar-nos verdadeiramente santificados. É dessa maneira que evitaremos os perigos gêmeos do antinomismo e do legalismo, e seremos habilitados a andar pelo caminho que na Epístola aos Gálatas Paulo caracteriza como: "a fé que opera pelo amor" (Gálatas 5:6).

16

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Já estivemos acentuando o ensino do Novo Testamento segundo o qual o comportamento é sempre o resultado e a aplicação da doutrina e da verdade, e é exatamente isso que Paulo está demonstrando aqui. Neste argumento final ele realmente só coloca diante de nós uma grande doutrina, e esta, para usar o jargão, o termo técnico, é a doutrina da escatologia, ou, se o preferirem, a doutrina das últimas coisas, a doutrina do supremo propósito de Deus. Paulo usa a doutrina aqui para reforçar o apelo que tinha começado nos primeiros dois versículos do capítulo doze: "Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus".

É isso que devemos fazer, e aqui Paulo nos dá esta grande razão para que o façamos. Naturalmente, ele tinha

argumentado sobre isto em detalhe conforme fora avançando, e tinha aduzido as suas razões, como temos visto. Mas agora ele resume tudo num grande clímax – "E isto digo...". Paulo está efetivamente dizendo: "Façam isso tudo, especialmente em vista de...". É desse modo que ele introduz esta grande doutrina das últimas coisas.

Aqui, de novo, temos algo que é único no cristianismo, algo que diferencia a nossa fé cristã de todas as outras formas de ensino. Temos assinalado com freqüência que existem muitos sistemas de moral no mundo. O cristianismo não tem o monopólio dos ensinamentos éticos, e nunca teve. Mesmo antes do nosso Senhor vir a este mundo, lá estavam os filósofos gregos; eles tinham os seus sistemas de ética e de moral, e falavam sobre utopias. Sêneca, um contemporâneo de Paulo, tinha muitas máximas morais, e os críticos têm tentado mostrar que não há nada de novo ou único no cristianismo, porque muito do ensino moral do Novo Testamento pode ser encontrado em Sêneca.

Mas esses críticos sempre ignoram o fato que diferencia o ensino cristão concernente ao comportamento de todos os outros ensinos morais ou sistemas éticos, e de todas as formas de humanismo, quer antigos quer modernos. É isso que esses sistemas ignoram e no que eles não estavam interessados: a grande doutrina das últimas coisas. Falta-lhes a motivação que esta doutrina propicia, e é por isso que eles sempre falham na prática.

A marca particularmente diferenciadora da fé cristã é que ela coloca tudo sob a luz da escatologia. Na verdade, seria muito simples mostrar que essa é a nota dominante do ensino bíblico, do começo ao fim. É um grande argumento no Velho Testamento, como também no Novo. A Bíblia examina tudo à luz da meta apical e suprema, o destino final que espera, não somente cada um de nós como indivíduos, mas também o mundo todo, e, na verdade, todo o cosmos. Portanto, obviamente, devemos prestar cuidadosa atenção

nesta doutrina porque, se não a compreendermos, não só deixaremos de ver o maior de todos os motivos para o viver cristão, mas também não conseguiremos entender grande parte do ensino bíblico.

Os dois versículos no começo do capítulo 12 dão-nos uma idéia deste ensino – o apóstolo o repete constantemente, como se vê impelido a fazer, em vista da importância do assunto. Romanos 12:2 diz: "E não vos conformeis com este mundo". É isso: "*este* mundo". Essas duas palavras sugerem desde logo que existe outro mundo: há este mundo, e há o mundo vindouro, mundo invisível e espiritual. Essa é a nota que percorre a Bíblia toda, e aqui, nesta subdivisão no fim do capítulo treze, temos uma das melhores, e certamente uma das mais comoventes declarações desta doutrina das últimas coisas e da sua íntima conexão com a vida e o comportamento neste mundo.

Esta passagem, como acontece quase invariavelmente, divide-se em duas partes. Às vezes o apóstolo as mantém separadas, porém aqui ele se inclina a mesclá-las. Mas isso não tem importância, cabe a nós notar as duas partes desta grande declaração. Claro está que a primeira parte é a doutrinária, porque o motivo sempre se deve achar na doutrina. Depois, a segunda, é a execução dessa doutrina em nossa vida e em nosso viver diário. Foi como analisamos a passagem na preleção anterior.

Novamente devo lembrá-los de que as palavras do apóstolo, "E isto digo, conhecendo o tempo" indicam que ele pressupõe que nós sabemos o que ele vai dizer. Seu argumento, toda a sua causa, depende do nosso conhecimento destas coisas. João expressa isso ainda mais explicitamente. Diz ele: "Não vos escrevi porque não soubésseis a verdade, mas porque a sabeis" (1 João 2:21). Bem, para mim isso é maravilhoso. Nunca me canso de dizer que a arte de ensinar é a repetição. Cristãos tolos dizem: "Já sei isso!" Entretanto é preciso que você seja lembrado do que sabe, e é isso que João está fazendo.

Pedro também defende exatamente o mesmo ponto. Há pessoas que abordam as Escrituras com uma espécie de mentalidade de turista; não gostam de passar pelo mesmo terreno e acham que devem sair correndo. Sempre às pressas! Querem conhecer a Bíblia toda, e acabam não conhecendo coisa alguma dela, porque não compreenderam este ponto sobre a repetição. "Pelo que não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas", diz Pedro, "ainda que bem as saibais, e estejais confirmados na presente verdade" (2 Pedro 1:12). Ele não está escrevendo algo que eles ignoram. Aqueles que estão sempre em busca de alguma novidade põem à mostra que eles não são cristãos – "E isto digo, conhecendo...".

Por isso faço algumas perguntas nesta altura: vocês sabem estas coisas? Conhecem-nas bem? Compreenderam a vital importância da doutrina? Aperceberam-se de que há um sentido em que nós nunca entenderemos o ensino prático do Novo Testamento, a menos que já "saibamos" estas coisas, estas doutrinas? E aqui, em particular, naturalmente, está a grande doutrina da escatologia, das últimas coisas.

Então, para imitar o apóstolo, vou lembrar-lhes o que já sabem! Que é esta doutrina? De novo, podemos dividi-la. Se tomarmos os termos empregados pelo apóstolo, eles nos levarão ao ensino do Novo Testamento sobre as últimas coisas: "E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada". A primeira coisa é, pois, esta: se conhecermos esta doutrina, compreenderemos a significação e a importância do tempo em que vivemos.

Alguns preferem traduzir a expressão, "o tempo", por "ocasião", tradução igualmente boa. Paulo não fala do tempo em geral, mas obviamente se refere a algum tempo específico – este particular tempo ou ocasião em que vivemos.

Isso, então, levanta a questão: Paulo estaria se referindo a algum evento contemporâneo? Estaria dizendo: "Em vista

das presentes circunstâncias, vocês devem viver assim, assim"? Às vezes encontramos isso no Novo Testamento. Se vocês lerem 1 Coríntios, capítulo 7, por exemplo, verão que naquele tempo havia circunstâncias especiais que o apóstolo usou como argumento em conexão com a sua exortação. Lemos também que houve ocasiões de perseguição, etc., e foram ministrados ensinamentos especiais para aqueles períodos. Mas eu penso que lhes posso mostrar com muita facilidade que o apóstolo não emprega "tempo" dessa maneira aqui. Antes, temos aqui um grande princípio, uma declaração grandiosa. Vemos a palavra empregada neste contexto em muitas passagens desta mesma Epístola.

Em Romanos 3:24,25, por exemplo, lemos: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus". E a seguir, no versículo 26, Paulo diz: "Para demonstração da sua justiça *neste tempo presente*". Ele está falando sobre a morte do nosso Senhor na cruz, um evento que era relativamente recente. E, com isso em mente, ele praticamente diz: "Agora Deus está declarando, neste tempo, a sua justiça, passando por alto os pecados do povo no passado, quando traziam as suas ofertas e os seus sacrifícios ao templo".

Esta expressão também é empregada em Romanos 5:6: "Porque Cristo, estando nós ainda fracos, morreu *a seu tempo* pelos ímpios". Obviamente há algo especial nisso. Mas um exemplo ainda melhor acha-se no capítulo 8, começando no versículo 18: "Porque para mim tenho por certo que as aflições *deste tempo presente* não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada". É isso. Esse é um versículo muito importante, como também muito emocionante.

A palavra reaparece em Romanos 9:9, que é realmente uma citação do Velho Testamento: "Porque a palavra da promessa é esta: por *este tempo* virei, e Sara terá um filho" –

Deus está indicando um tempo especial. E a temos de novo em Romanos 11:5: "Assim pois também *agora neste tempo* ficou um resto, segundo a eleição da graça".

Essas passagens claramente se referem a um tempo especial. Contudo, de que modo? Podemos responder melhor a isso colocando-o na forma de uma declaração. Não há nada que diferencie tanto os cristãos dos que não são cristãos como o seu ponto de vista sobre o tempo e sobre a história. É disso que o apóstolo está tratando aqui. Diz ele: "Vocês conhecem este tempo; vocês entendem o tempo, o período no qual estão vivendo". Os cristãos têm uma maneira especial de ver o tempo e a história que ninguém mais possui.

Pois bem, a questão do tempo e da história tornou-se muito importante neste século vinte.* Desde o começo da Segunda Guerra Mundial, tem havido mais interesse por este assunto do que houve por muitos e muitos séculos. Por causa da precariedade da vida, por causa das guerras, as pessoas têm sido levadas a repensar o sentido da vida e do tempo. Esse foi o problema dos chamados "grandes" vitorianos: num sentido, tudo era muito sossegado e seguro. Foi isso que levou muitos a se desviarem, até mesmo muitos dos teólogos. Foram influenciados pela calma, pela tranqüilidade e pela aparente durabilidade interminável das coisas como eram. Mas nós vivemos num século marcado por calamidades e catástrofes, numa espécie de terremoto do século, e fomos forçados a reconsiderar o sentido geral da história. Conseqüentemente, muitos livros têm sido escritos sobre o tema da história e do tempo.

Ora, para os incrédulos, o tempo é em grande parte uma questão de calendários – isso é comum a todas as idéias sobre o tempo – e eles têm muitas teorias diferentes e conflitantes. Alguns acreditam que o tempo é linear, como

---

* Outra vez é prudente lembrar que este sermão foi pregado na década de 1960. Nota do tradutor.

uma linha que se estende sempre para a frente, e eles dizem que o tempo e a história indicam progresso e desenvolvimento. Esse conceito foi especialmente popular no século dezenove, e as teorias evolucionistas se adequaram a ele muito bem. Elas faziam parte da perspectiva geral segundo a qual tudo estava se desenvolvendo e se movendo para cima, rumo a algum tipo de perfeição, se bem que havia considerável falta de clareza sobre quando essa perfeição viria e em que consistiria.

Todavia, muitos historiadores (continuo falando sobre os que não são cristãos), governados mais pelo estudo da história do que pelo estudo da biologia ou pelos seguidores de Darwin, não defendiam muito o conceito linear da história; de fato, consideravam-no absurdo. Eles conheciam muito bem o fato de que tinham existido grandes civilizações no passado, na China, na Pérsia, no Egito, na Grécia e em Roma: grandes dinastias, grandes impérios, grande conhecimento. Mas foram reduzidos a nada. Elevaram-se, porém depois caíram. Eles subiam, e subiam, mas depois chegavam a um planalto, e começavam a descair. E muitos diziam que toda a história era, afinal, tão-somente uma questão de círculos. Esse também foi um conceito muito popular.

Não precisamos aprofundar-nos nessas teorias, mas é muito importante conhecê-las. Às vezes me ocorre que seria possível fazer uma obra evangelística muito boa com pessoas inteligentes seguindo justamente esta linha. É sempre uma boa abordagem com tais pessoas, porque elas serão levadas a defrontar-se com os fatos que colocamos diante delas.

São essas, pois, as duas principais teorias, porém há uma coisa acerca da qual todos os não cristãos concordam – especialmente, de novo, os historiadores – e é que eles não conseguem detectar nenhum real propósito na história. Uma grande declaração disso foi feita pelo finado Sr. H. A. L. Fisher, professor de história em Oxford e, na Primeira Guerra Mundial, membro do governo, Ministro da Educação. Ele foi também uma grande autoridade em história, e, no

prefácio do seu livro (sobre a história européia, segundo penso) diz ele que, tendo estudado história a vida toda, chegou à conclusão de que não se pode discernir nela nenhum propósito, que as coisas acontecem, mas não há nenhum plano, nenhuma linha.

Muitos humanistas científicos, homens como o professor Julian Huxley, costumam dizer a mesma coisa. Defendendo a idéia de que tudo é efeito do acaso, diz Huxley que não consegue discernir nenhum propósito definido em coisa alguma. O homem pode elevar-se, pode vir abaixo, não sabemos. Temos aí uma espécie de agnosticismo. E, naturalmente, vocês estão familiarizados com o fato de que os físicos estão de acordo no que falam sobre o que eles chamam "a segunda lei da termodinâmica", que significa simplesmente que o mundo está lentamente perdendo as forças e se esvaindo, está se esfriando.

Tudo isso é muito interessante. Há uma grande contradição aqui. Há os que dizem que tudo está progredindo, mas igualmente grandes cientistas estão dizendo que tudo está perdendo energia e perdendo a corda. Parece que os fatos estão inteiramente do lado destes últimos.

No entanto, tudo isso se reduz ao fato de que esses historiadores, filósofos e cientistas não entendem a história e não entendem o tempo. Alguns deles dizem que haverá um fim por causa desta perda de energia, outros dizem que tudo vai continuar indo avante, mas eles não sabem onde, ou o que, ou como, ou se ele vai ficar melhor ou pior. Por isso o interesse deles por história tende a ser um interesse pela história dos grandes homens – pela história de personalidades, de pessoas que influenciaram o mundo – e pela história das guerras, das conquistas. Claro está, porém, que isso é obsoleto hoje, as pessoas não gostam mais disso, apesar de ser de tremenda importância, se se tem um conceito meramente secular.

A moda atual é o interesse pela história do comércio e

da economia. O que importa não são as guerras, mas oferta e procura, o conceito marxista. Tenta-se explicar tudo em termos disso. Foram escritos recentemente vários livros que pretendem poder explicar todo o movimento puritano em termos da economia e de fatores desse gênero. Mas depois há, naturalmente, outras pessoas que não vêem nada de importante na história, exceto na história da ciência e das descobertas científicas, coisas que, para elas, pertencem à essência mesma da história.

Entretanto, que diferença, quando nos voltamos para o conceito bíblico, o conceito cristão! "E isto digo, conhecendo o tempo..." – que tempo? É o tempo no qual vivemos. Nós entendemos o nosso tempo presente, diversamente dos historiadores seculares, que não têm nenhuma idéia dele, donde surgem as suas teorias rivais. Nós conhecemos. Nós sabemos. Mas, que sabemos? Qual é o ensino bíblico a respeito do tempo e da história?

Em geral, podemos expressá-lo assim: a Bíblia nos diz que existem dois tipos de história. Existe a espécie de história à qual estive me referindo e que podemos descrever como história do homem, ou, ainda melhor, como a história que Deus permite. Não somos máquinas ou autômatos, e Deus nos permite fazer certas coisas, porém sempre sob o Seu controle supremo. A este aspecto da vontade de Deus chamamos "vontade permissiva".

Posso ilustrar isso com muita simplicidade. Há na Bíblia ensino acerca do poder do diabo. O diabo tem permissão de fazer muitas coisas – sim, mas está sob o controle de Deus. Vê-se isso no capítulo primeiro de Jó. A mesma idéia aparece nas palavras do nosso Senhor: "Agora será expulso o príncipe deste mundo" (João 12:31), ditas com referência à morte do nosso Senhor na cruz. O diabo ainda está em atividade, sim, mas está bem preso com correntes. Portanto, Deus permite a história do homem, porém, não obstante, tudo está sob o Seu controle. Esse é o primeiro tipo de história.

O segundo tipo é a história do plano e do propósito de Deus com respeito a este mundo. Esta não é uma história que Deus meramente permite; Ele a produz. Esta é a história realmente importante e significativa, e na qual a Bíblia está interessada. É história de Deus, história santa, ou sagrada, ou, se vocês o preferirem, história da redenção. A Bíblia inclui o primeiro tipo de história. Contém muita coisa sobre a história doutras nações, muita coisa sobre reis, nascimentos, casamentos, mortes e guerras, sobre todo esse tipo de coisa. Todavia isso é apenas o pano de fundo, por assim dizer, é apenas o cenário, o palco no qual Deus apresenta a *Sua* história mediante Suas intervenções, Suas irrupções no tempo. Esta é a história que realmente importa, e é isto que Paulo tem em mente quando emprega esta expressão: "o tempo".

Quais seriam então as características da história da redenção? A primeira é que, obviamente, esta é uma história predeterminada por Deus. Ele planejou-a completamente. Não tenho necessidade de reter vocês com isto. Se vocês crêem em profecia no sentido de predição, é exatamente isso que significa. A profecia* só é possível porque Deus predeterminou que certas coisas acontecessem em dado tempo. É isso que a Bíblia ensina do começo ao fim. Vocês o vêem, num sentido negativo, em frases como esta: "a medida da injustiça dos amorreus não está ainda cheia" (Gênesis 15:16). A punição não virá, enquanto a iniqüidade dos amorreus não estiver completa. Vê-se numa forma bem mais positiva em versículos tais como "Mas, vindo *a plenitude dos tempos*, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gálatas 4:4). Ou, novamente, "Cristo... morreu *a seu tempo* pelos ímpios" (Romanos 5:6).

O cumprimento das profecias não é algo só fascinante; é também uma das mais maravilhosas provas da inspiração

* O singular, em contextos como este, indica o elemento profético presente na revelação de Deus; não se refere a *uma* profecia em especial. Nota do tradutor.

das Escrituras. É um dos mais gloriosos argumentos em prol da veracidade da fé cristã. No Novo Testamento são dados muitos detalhes acerca da vinda do nosso Senhor: o tempo, o lugar e a maneira. Dá-se a mesma coisa com relação à Sua morte, à Sua ressurreição, etc. E tudo isso é apenas uma parte da história produzida e apresentada por Deus. Ele predeterminou toda ela, e Ele conhece tudo com a exatidão só possível ao próprio Deus.

A segunda notável característica desta história que Deus produz é que ela é progressiva, está sempre levando a um fim predeterminado. "Conhecida do Senhor desde os tempos antigos é a sua obra". E Deus conhece o fim, como também o princípio. Assim é que a Bíblia usa constantemente frases como estas: "Então virá o fim"; "Depois virá o fim" (Mateus 24:14; 1 Coríntios 15:24). Deus não age fortuitamente; Suas ações não são reações ao que o homem faz. Devemos livrar-nos dessa idéia uma vez por todas.

Deus é sempre o iniciador; Ele é sempre a força motriz, a grande causa. Ele planejou totalmente esta história desde a fundação do mundo e a está levando a efeito como eventos ocorridos neste mundo limitado pelo tempo. Tudo está acontecendo progressivamente e está levando ao fim predeterminado. Este é o fato que sobressai muitíssimo claramente e em forte contraste com as declarações dos historiadores, dos humanistas científicos e de outros, que dizem que não vêem o fim ou o propósito nisso tudo. Mas é só o cristão que está ciente disso.

A terceira característica é de todas a mais importante. Esta história que Deus produz e o fator tempo desta história sempre devem ser considerados, primária e essencialmente, em relação ao Senhor Jesus Cristo. Como se divide o tempo? Bem, o mundo, mesmo em sua ignorância, faz a coisa certa. Mesmo o mundo incrédulo divide a história em a.C. e a.D.*

* *"Anno Domini"* (latim), "no ano do Senhor". Ou: d.C. Nota do tradutor.

Ele não sabe por que faz isso, na realidade não crê nisso, mas essa divisão ainda persiste.

A Bíblia, que sempre divide o tempo em termos do Senhor Jesus Cristo, revela três divisões do tempo – o tempo anterior à Sua vinda ao mundo; o tempo no qual Ele veio, viveu no mundo e voltou para a glória; e depois a Sua volta final. Permitam que eu lhes dê alguns exemplos. Tomemos as palavras do nosso Senhor em Marcos 1:14,15: "E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus, e dizendo: o tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no evangelho". Sua vinda cumpriu o tempo. O tempo anterior a isso esperava ansioso por este tempo, por Sua vinda. Ele chegou, assim o Reino está "próximo", está conosco.

Há outros exemplos. Em 1 Coríntios 10:11 Paulo, referindo-se ao passado, diz: "Ora tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos". Isso foi escrito no século primeiro, mas Paulo pôde referir-se àquele tempo como um tempo no qual "os fins dos séculos" chegaram sobre nós. Ele quer dizer que agora vivemos no período de tempo, na era subseqüenteà vinda do Senhor Jesus Cristo a este mundo.

Já citei Gálatas 4:4: "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei". O tempo anterior chegara ao fim. Tinha se cumprido, tinha sido completado. Chegamos à plenitude daquele outro tempo de expectação, de profecia e de ansiosa espera. Estamos no começo de um novo tempo.

Há depois uma grande e comovente declaração na Epístola a Tito: "Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens. Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente. Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande

Deus e nosso Senhor Jesus Cristo (Tito 2:11-13) – "neste presente mundo" (VA), ou "neste presente tempo". Essa é a idéia.

Depois a mesma coisa reaparece em 2 Pedro 3:14: "Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz". O apóstolo escreve isso depois de ter dito: "Mas nós, segundo a promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça". E continua no versículo 15: "E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor; como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada" – provavelmente referindo-se a este mesmo assunto que estamos estudando juntos neste momento.

Assim Paulo diz: "Conhecendo o tempo". É isso que eu e vocês conhecemos. Não são as guerras mundiais que determinam o tempo para nós. Não, não; vivemos na era, no tempo, que transcorre entre a Sua primeira vinda e a Sua segunda vinda. Esse é "o tempo". É disso que Paulo está falando. Ou, para dizê-lo de outro modo, "o tempo" é o intervalo entre o que Ele fez e o que ainda vai fazer. Ou também – e as Escrituras o expressam desta maneira – eu e vocês, como estes cristãos romanos, estamos vivendo no derradeiro período da história do mundo, na última divisão do tempo, porque, quando Ele voltar, "o tempo não mais existirá". É por isso que vocês constatam freqüentemente os apóstolos no Novo Testamento, em suas Epístolas, dizerem ao povo – e eles dizem a mesma coisa a nós – que estamos vivendo nos "últimos dias". Vejam, por exemplo, 2 Timóteo 3:1: "Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos". A referência não é a certos últimos dias futuros; estes últimos dias estão em existência desde quando o Filho de Deus voltou para o céu. Contudo, o nosso Senhor mesmo nos ensinou que haverá um agravamento quando o fim estiver chegando. Diz Ele: "E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem" (Lucas 17:26) – imediatamente

antes do fim. Mas isso será apenas um clímax do que já está acontecendo.

Ou vejam o mesmo ensino também no princípio da Epístola aos Hebreus: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos *nestes últimos dias* pelo Filho". Essa expressão ocorre também em 1 Coríntios 10:11: "Ora tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, *para quem já são chegados os fins dos séculos*". Este é o período do fim. É "para" nós (ou, VA, está "sobre" nós). Estamos na última fase, na última parte da história humana. João também repete constantemente isso em sua Primeira Epístola, especialmente no capítulo dois: "Filhinhos, é já a *última hora*; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos, por onde conhecemos que é já a *última hora*" (1 João 2:18).

Portanto, o apóstolo está dizendo que eu e vocês "conhecemos" este tempo no qual estamos vivendo, nós o entendemos. Sabemos tudo acerca dos reis e príncipes, dos nascimentos, dos casamentos, das mortes, das guerras, das aquisições, das descobertas científicas... Tudo certo! Não estamos aqui para depreciar nada disso. Mas, para nós, essa não é a maneira de ver a história; não é isso que tem real significação. O incrédulo vive por e para esse tipo de coisa, não conhece nada mais, porém temos conhecimento diferente. Sabemos que o que realmente importa é o que Deus realizou neste mundo na pessoa do Seu Filho unigênito, do Seu Filho amado. Cristo veio; Ele viveu; Ele ensinou; Ele levou sobre Si os nossos pecados; Ele morreu; Ele ressuscitou; Ele venceu o último inimigo; Ele ascendeu ao céu; Ele está assentado à destra de Deus e está esperando "até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés" (Hebreus 10:13). Estamos vivendo no último período, na última fase da história deste mundo.

Pois bem, essa é apenas a primeira declaração de Paulo nesta passagem e, naturalmente, ela é vital porque certas coisas decorrem dela. Veremos que, sustentando essa visão do tempo e da história, devemos também sustentar uma visão bem clara e definida da vida neste mundo, e, mais importante ainda, do futuro e da vida posterior a este mundo. O comportamento cristão é governado por este entendimento, e, se não começarmos pelo conhecimento de que estamos vivendo neste extraordinário tempo entre a primeira e a última (ou a segunda) vindas, o argumento do apóstolo não somente não terá nenhum apelo para nós, mas também ela não nos ajudará, e seremos privados do ponto realmente importante de uma das grandes exortações das Escrituras.

17

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Na ocasião anterior vimos que Paulo pressupõe que conhecemos o tempo no qual estamos vivendo, tempo que nós definimos como o que transcorre entre as duas vindas do Senhor Jesus Cristo. Passemos agora ao segundo assunto que o apóstolo toma como certo e líquido em seu argumento, qual seja, o nosso conceito sobre a vida neste mundo.

Também é essencial ao entendimento e à prática do comportamento cristão que tenhamos o conceito correto sobre a nossa vida aqui e agora. Essa é outra maneira de examinar este "tempo", e decorre necessariamente do primeiro postulado. É porque concebemos o tempo desse modo que, inevitavelmente, temos um conceito sobre a vida neste mundo inteiramente diferente do conceito sustentado pelos incrédulos.

E assim o apóstolo nos lembra aqui o conceito cristão. Ele o faz empregando duas palavras chaves: "noite" e "trevas". A noite é passada, e o dia é chegado" – quando olhamos para este mundo, vemo-lo como ele é: "noite". E então

Paulo continua: "Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz". Depois desenvolve o tema em detalhe.

Isso é tremendamente importante para nós. O mundo está muito conosco, demasiadamente conosco, e, apesar do fato de que somos cristãos, temos forte tendência de deixar-nos governar em nosso pensamento pelas noções e idéias que prevalecem e que são comuns no mundo que nos cerca. Isso é verdade especialmente no presente tempo. Houve períodos na história do mundo em que a vida era muito difícil e cruel, quando os homens e as mulheres em geral tinham que trabalhar por salários muito magros, quando havia pestes e calamidades naturais, e todo o mundo via que a vida era horrível. Mas, por várias razões, como resultado do chamado "progresso", em geral não acontece mais isso. Por isso as pessoas tendem a ter uma visão diferente da vida neste mundo. Freqüentemente sua visão é expressa com a frase: "Acaso a vida não é maravilhosa!?" Falam em viver a vida com "V" maiúsculo, e lamentam os que viveram em tempos passados.

Ora, falando em termos amplos, esse é o conceito do incrédulo, mas o do cristão é exatamente o oposto. Os cristãos observam a vida como ela é hoje e a vêem como "noite", como "trevas". Além disso, eles têm essa visão da vida quando ela se apresenta em seus melhores níveis, não somente nos piores. O incrédulo de boa moral, ético, o "bom pagão", assim chamado, o homem bom, como o mundo o vê, naturalmente considera certas coisas como "trevosas", como "das trevas", mas os cristãos vêem a totalidade da vida desse modo.

O apóstolo já nos dera uma idéia disso. Vimo-la no começo do capítulo doze, versículo dois, onde ele diz: "Não vos conformeis com este mundo". E nos dera idéia disso noutros lugares. No capítulo 8, versículo 23, ele nos diz: "E não só ela (a criação), mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos,

esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo". É a mesma verdade colocada de diferente maneira.

Na verdade, este ensino está implícito nos sete primeiros versículos deste capítulo treze, e já tratamos deles extensamente. Por que você tem necessidade das "potestades que há"? Por que tem necessidade de governo? Por que tem necessidade de magistrados? Por que tem necessidade de uma espada? Por que é que estas coisas são necessárias? A resposta é óbvia: é por causa da natureza da vida neste mundo, por causa da maneira pela qual os homens e as mulheres em pecado se comportam. Não fossem a "noite" e as "trevas", você não precisaria das potestades que há. Por isso não nos surpreendemos quando nos deparamos com este ensino, nesta sua forma explícita, nos versículos 11 a 14.

Este ensino não se restringe ao grande apóstolo – é o ensino da Bíblia inteira. Os filhos de Deus são "estrangeiros" neste mundo, são "peregrinos". Isto se nos apresenta em seus termos mais claros no Novo Testamento. João 3.19, por exemplo, diz: "E a condenação é esta" – qual? – "Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más". Outra vez, o nosso Senhor Se levanta, por assim dizer, no mundo, no meio dos homens, e faz esta grande proclamação, esta reivindicação: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (João 8:12). Isso é tão claro como é possível ser! E mais adiante Ele exorta a multidão: "Enquanto tendes luz, crede na luz" (João 12:36).

Eu poderia passar-lhes muitas outras declarações do ensino do nosso Senhor, e das Epístolas de Paulo. Em 1 Coríntios 4:5 o apóstolo diz o seguinte: "Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações". Mas uma das mais gloriosas e comoventes declarações deste ensino acha-se em Colossenses: "Para que possais andar dignamente diante do

Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus; corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da sua glória, em toda a paciência, e longanimidade com gozo; dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz; o qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Colossenses 1:10-13). Que maravilhosa declaração deste mesmo princípio!

Mas Pedro não pode ser superado nesta questão. Ele tem seu próprio modo de falar sobre ela: "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pedro 2:9). Outra vez, que gloriosa declaração do contraste – "das trevas", "para a sua maravilhosa luz"!

João igualmente se interessa por esta verdade e igualmente se regozija nela: "E esta é a mensagem que dele ouvimos, e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 João 1:5-7). Ele continua no capítulo dois: "Outra vez vos escrevo um mandamento novo, que é verdadeiro nele e em vós; porque vão passando as trevas" (ou, VA: "as trevas já passaram") – essa é a verdade a nosso respeito – "e já a verdadeira luz alumia. Aquele que diz que está na luz, e aborrece" (VA: "odeia") "a seu irmão, até agora está em trevas" (versículos 8,9).

Todo o Novo Testamento está repleto deste ensino, e, no caso do apóstolo Paulo, talvez não seja de admirar que ele trate tanto dele porque, quando foi comissionado para pregar, foi comissionado nestes mesmos termos. Quando estava sob julgamento perante Agripa e Festo, ele explicou que o nosso Senhor lhe dissera: "Levanta-te e põe-te sobre

teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te deste povo, e dos gentios, a quem agora te envio" – para quê? – "para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão dos pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim" (Atos 26:16-18).

Pois bem, essas passagens colocam a salvação explicitamente em termos do contraste entre trevas e luz, ou noite e dia. Há muitos outros lugares onde este ensino está implícito e onde obviamente ele constitui a base geral do argumento, e é importante que também nos lembremos dessas passagens e as levemos conosco quando explicarmos as palavras de Paulo aqui, em Romanos, capítulo 13. Vemos, por exemplo, este contraste em 2 Coríntios 5:1-4: "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida".

E, de novo, o apóstolo lembra aos gálatas, no começo de sua Epístola a eles: "Graça e paz da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nossos pecados" – por quê? – "para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai" (Gálatas 1:3,4). Depois, em Efésios 2:1,2, ele diz: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Esse é o ensino típico do Novo Testamento sobre a vida neste mundo.

João o expressa claramente: "Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre" (1 João 2:15-17). E mais tarde ele diz: "Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno" (1 João 5:19).

Aqui, em Romanos 13:12, Paulo pressupõe que nós entendemos muito bem este ensino, e que este é o nosso conceito sobre a vida neste mundo. Contudo, que é que ele quer dizer com "noite" e "trevas"? Bem, ele emprega estes termos para fazer-nos saber qual é o estado fundamental da humanidade fora de Cristo. Do ponto de vista intelectual, são as trevas da ignorância. Aí está, naturalmente, o tema que é bem elaborado em toda parte nas Escrituras. Foi isso que a Queda fez com os homens e as mulheres: cortou-lhes o conhecimento vital e mais essencial.

Noutras passagens o apóstolo coloca isto numa forma bem mais elaborada. Uma das afirmações mais claras feitas por ele sobre estas trevas acha-se em Efésios 4:17-20: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios" – sois cristãos, diz ele, e não deveis continuar vivendo como vivíeis e como os gentios não convertidos ainda vivem. Por que não? Eis a resposta – "na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza" (VA: "cegueira") "do seu coração". E então ele explica o tipo de vida que, em conseqüência, eles viviam – "os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda impureza. Mas vós não aprendestes assim a Cristo". O conhecimento que vós tendes é diferente.

E é assim que o apóstolo descreve o mundo em seu

melhor nível, em suas condições mais cultas, mais esclarecidas. Em todas as coisas realmente importantes, ele está cego, está na noite. Primeiramente e acima de tudo, ele está nas trevas quanto ao próprio Deus. No fim da Sua grande oração sacerdotal, diz o nosso Senhor: "Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste a mim " (João 17:25). Esse é o problema geral do mundo hoje. Ele não conhece a Deus – é ignorante, cego, alienado pelas más obras. Ele tem necessidade da luz. Até os filósofos gregos, em sua busca de Deus, "se porventura, tateando, o pudessem achar" (Atos 17:27), não O acharam. Eram como homens andando às apalpadelas no escuro em pleno dia.

O mundo é igualmente ignorante em seu entendimento do homem. Estava tudo muito bem para os filósofos gregos que se fizesse promoção da sua máxima: "Conhece-te a ti mesmo". Mas, haveria coisa mais difícil que isso? É aí que falhamos, todos nós. Não conhecemos a verdade sobre nós mesmos.

E a humanidade está nas trevas também quanto à vida e ao propósito geral da vida e do viver. A morte também nada mais é que trevas impenetráveis, "sem uma esperança que possa alegrar o sepulcro". Na morte, tudo parece entrar em colapso; são trevas finais. O mundo não continuaria vivendo como vive nem um segundo, se soubesse algo sobre o juízo vindouro. No entanto, nada sabe dele, não está ciente dele; ignorância aqui, e o juízo além.

E é a mesma coisa quanto à eternidade e quanto a tudo o que jaz além da morte e do juízo. Isso foi expresso em muitos dos nossos hinos:

Sobre longes terras pagãs
Densas trevas ainda pairam.
– Lewis Hensley

E isso é tão certo e verdadeiro quanto a este país como quanto a qualquer "país pagão", assim chamado. É certo e verdadeiro quanto a todos os nossos países civilizados: "Densas trevas ainda pairam". No século dezenove dois livros foram publicados quase ao mesmo tempo. Um deles se intitula *In Darkest Africa* (Na Negríssima África), e o outro, de autoria do general Booth,* traz o título de *In Darkest England* (Na Negríssima Inglaterra). "Negríssima África"! Todos estavam mais ou menos dispostos a usar essa expressão, mas não conseguiam ver que a Inglaterra estava igualmente nas trevas, no vital sentido espiritual.

Então, com "trevas" Paulo se refere às trevas da ignorância, da ignorância intelectual, da falta de percepção das coisas que realmente contam. Mas a palavra é igualmente uma descrição das condições morais da humanidade. Em 1 Tessalonicenses, capítulo 5, Paulo expressa essa verdade clara e vividamente, usando a mesma linguagem de Romanos, capítulo 13. Diz ele: "Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão; porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas. Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios". Então ele descreve pessoas que estão nas trevas: "Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embebedam, embebedam-se de noite. Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios" (1 Tessalonicenses 5:4-8).

O apóstolo está fazendo uma descrição da espécie de vida levada por pessoas às quais falta a luz deste conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo. Elas pertencem à noite, às trevas. Elas se entregam ao que Paulo chama "as obras infrutuosas das trevas" (Efésios 5:11). Muitas descrições desse estado são dadas a nós pelo apóstolo. Em Efésios 5:8 ele diz:

---

* William Booth (1829-1912), natural de Nottingham, Inglaterra, fundador do Exército de Salvação. Nota do tradutor.

"Porque noutro tempo éreis trevas" – houve tempo em que vós éreis trevas – "mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz". Depois ele continua e diz: "E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as" – por quê? – "Porque o que eles fazem em oculto* até dizê-lo é torpe! Entretanto todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz, porque a luz tudo manifesta. Pelo que diz: desperta, ó** tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá" (versículos 11-14).

Mas, se vocês querem uma descrição forte e cabal, leiam a segunda parte de Romanos, capítulo 1, ou de 1 Coríntios, capítulo 6. É o que são as trevas: trevas morais, vida entregue ao mal e ao pecado. Pedro conclama: "Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios" (1 Pedro 2:11,12). Essa é a descrição desta "noite" sobre a qual o apóstolo está falando. A perspectiva geral e todo o comportamento dos homens e mulheres não cristãos pertencem a essa esfera.

Depois, às trevas intelectuais e às trevas morais vocês podem acrescentar as trevas, a noite, e a melancólica escuridão do desespero e da falta de esperança.

Morrem homens nas trevas a teu lado,
Sem uma esperança que possa alegrar o sepulcro.
– H. Bonar

Absolutamente nada! A falência final quando se aproximam da morte! Eles a odeiam; odeiam sequer pensar nela. Todo o mundo tenta permanecer jovem e parecer jovem. Não se pode falar em morte; dizem que isso é morbidez. Tudo por causa deste completo e final desespero, as "trevas" quanto ao seu destino final.

---

* E hoje fazem abertamente! Nota do tradutor.

** Nesta interjeição, ARA e NVI. Nota do tradutor.

E este ensino, que o apóstolo coloca diante de nós aqui, é, como temos visto, o ensino essencial do Novo Testamento. Vejam outro exemplo, desta vez tomado do Sermão do Monte: "A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!" (Mateus 6:22,23). Que texto para os dias atuais! Essa é a descrição da vida neste mundo como essa vida é sem Cristo.

O mundo evidentemente fala em "eras de iluminação", e afirma que agora estamos vivendo uma delas. O mundo se gloria no século dezoito, quando a chamada "iluminação"* entrou e, dizem eles, tem tido continuidade dali em diante, com todo o conhecimento acumulado e com todas as maravilhosas descobertas dos séculos dezenove e vinte. Estamos vivendo num mundo iluminado, e lamentamos os nossos rudes e ignorantes antepassados, a quem faltava todo este esplêndido conhecimento e toda esta iluminação. Mas a Bíblia olha para tudo isso e diz: é noite. São trevas.

Tudo aquilo de que o mundo se gaba está totalmente na superfície. Não há absolutamente mudança alguma concernente aos assuntos de suprema importância a que me tenho referido; não existe mais luz hoje do que jamais existiu. De fato, uma das coisas mais animadoras para o pregador cristão na atualidade é que autoridades cultas estão concorrendo umas com as outras com suas autobiografias e entrevistas para dizer-nos que na realidade elas estão nas mais completas trevas sobre si mesmas, sobre a vida e a morte, e, acima de tudo, sobre Deus. Toda a dita iluminação não lhes deu nenhuma luz. "Se a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!" (Mateus 6:23). Esse é o veredicto escriturístico sobre o artificialismo, a iluminação e a cultura da era presente.

---

* Nesta interjeição, ARA e NVI. Nota do tradutor.

E esse é o mundo em seu melhor nível, em sua mais elevada condição. A luz que ele produz e na qual se gloria é inteiramente artificial. Com relação a tudo quanto é de vital e eterna importância não há nada senão trevas, e a prova é que os homens e as mulheres cometem os pecados que sempre cometeram através de todos os séculos sucessivos, e que, acima de tudo, continuam ignorando as questões supremas.

Pois bem, cristão é alguém que compreende isto, que sabe disso, que entende o caráter do mundo e que, por isso, jamais confia na cultura humana, jamais se entusiasma com ela, jamais se fia nela nem se gloria nela nem diz que ela é maravilhosa. Mas, esclareçamos bem isto; como vimos anteriormente, os cristãos não descartam nem desprezam a cultura nem dizem que ela é inútil: ela tem seu lugar. Sim, mas é um lugar subordinado, enquadrando-se sob o título de "graça comum". É como uma flor artificial; tem sua beleza e pode mostrar algumas das faculdades e propensões dos seres humanos, porém não tem vida, não é real. Estas coisas podem ser utilizadas para a glória de Deus, mas em si mesmas pertencem à esfera da noite e das trevas, e os cristãos sempre enxergam os limites delas.

Assim, posso resumir tudo isso da seguinte maneira: como cristãos, pertencemos à luz e sempre estamos cientes de que somos estrangeiros e peregrinos neste mundo, combatendo o mundo, a carne e o diabo. "Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados" (2 Coríntios 5:4). Lembremo-nos de que o nosso Senhor disse: "No mundo tereis aflições" (João 16:33). Nossa visão do presente mundo é que é um mundo tenebroso e perdido, um mundo condenado, sob a ira de Deus. E todos os esforços dos políticos de todos os partidos nunca o mudarão; deixam meras rugas na superfície e não afetam em nada a situação real. Mas não ficamos deprimidos quando dizemos isso porque sabemos que "não temos aqui cidade permanente,

mas buscamos a futura" (Hebreus 13:14).

Bunyan entendeu a verdade sobre este mundo transitório. Que é a nossa vida neste mundo? É um *Pilgrim's Progress* (Progresso do Peregrino)! Não nos estabelecemos fixamente aqui, nem sequer desejamos ficar aqui para todo o sempre; não seria satisfatório para nós. Compreendemos que estamos passando, digamos assim, pela Feira da Vaidade, com todas as suas pomposas cores e pretensa iluminação, mas continuamos em viagem, a caminho da eternidade.

Esse é, pois, o segundo princípio: visto que somos o que somos em Cristo Jesus, sabemos a verdade acerca da vida neste mundo.

Depois, em terceiro lugar, o apóstolo pressupõe que temos uma particular visão do futuro. Isso também é algo que é único, é singular, quanto ao povo cristão. Paulo o expressa com duas palavras: "salvação" e "dia". "Porque", diz ele, "a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado." Aqui também, claro, temos um assunto crucial. É a essência mesma do argumento do apóstolo. Se vocês só observarem este mundo, poderão terminar deprimidos, mas isso nunca acontece com o cristão. "Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura" (Hebreus 13:14). Tudo certo, a porta está aberta, este mundo não é tudo o que existe.

Examinemos, pois, este primeiro termo, "salvação", e especialmente a frase de Paulo aqui: "a nossa salvação". Concordo com os que dizem que essa não é a melhor tradução aqui. Num aspecto está certa, mas tende a ocultar o verdadeiro sentido. Uma tradução literal diz: "mais perto está de nós a salvação", e eu prefiro essa. As palavras "a nossa salvação" são enganosas, uma vez que podem ser interpretadas num sentido subjetivo, experimental, ao passo que a tradução literal nos lembra que o apóstolo está falando sobre "a salvação", sobre esta salvação objetiva, a salvação

que está fora de nós e para a qual estamos nos movendo. Deixando-se como significando "a nossa salvação", as pessoas imediatamente se apressarão a interpretá-la em temos dos sentimentos, disposições, estados e experiências. Tudo bem, isso faz parte da vida cristã, mas não é do que o apóstolo está falando aqui. Aqui ele está dizendo que, no que se refere a nós, a salvação está mais perto do que quando cremos.

Que será, então, que o apóstolo quer dizer com "a salvação"? Estaria insinuando que ainda não fomos salvos? Estaria ele negando a doutrina da segurança da salvação? Estaria dizendo que ninguém tem direito de dizer, "Estou salvo", porque os cristãos são pessoas que vão indo "para" a salvação?

Este ponto tem sido levantado, e as pessoas se dispõem a dividir-se sobre ele. Conheço excelentes cristãos que não gostam da doutrina da segurança da salvação. Dizem eles: "Não me agrada dizer que estou salvo. Só posso dizer que espero ser salvo". Consideram quase uma presunção alguém dizer que está salvo, e eles estão sempre prontos a citar as palavras de Paulo: "A nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé". Esses dizeres se acham muitas vezes entre pessoas que sustentam uma doutrina hipercalvinista e elas vivem uma espécie de vida deprimida, nunca estando seguras da posição que ocupam, mas esperando.

Não, entendamos bem isso: esse entendimento é completamente errôneo. Se vocês falarem desse modo, estarão fazendo o apóstolo Paulo contradizer-se. Ele afirma que ele próprio está salvo, e tem frases como: "para nós, que somos salvos" (1 Coríntios 1:18). Mas não há realmente dificuldade sobre isso. É apenas uma questão do que se pode denominar "os tempos da salvação", sendo evidente que são três. É certo dizer que *nós fomos salvos*; isso aconteceu conosco. Contudo também é certo dizer que *estamos sendo salvos*. E há um terceiro sentido em que corretamente dizemos que *seremos salvos*.

Permitam-me explicar. Quanto à culpa do pecado, já estou salvo. Digo isso pela graça de Deus, mas não tomo só a minha palavra para dizê-lo. Vejam como Paulo se expressa a respeito: "Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8:1), e nós interpretamos esse versículo assim:* não somente não há condenação nenhuma, nunca haverá. "Porque a lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou" – Ele já me livrou, tempo aoristo, grego – "da lei do pecado e da morte" (Romanos 8:2). Não estou mais debaixo da lei, mas sim, debaixo da graça. Estou salvo. Estou morto para o pecado. Fui crucificado com Cristo. Morri com Ele para o pecado: "Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado" (Romanos 6:6). Isso aconteceu. Assevero isso, e devo asseverá-lo, e, como cristãos devemos asseverá-lo e regozijar-nos nisso e gloriar-nos nisso. Fomos salvos da maldição e da condenação da lei. No que se refere à culpa do pecado, já fui absolvido; isso se foi, uma vez por todas.

Mas, quando considero a questão da minha relação com o poder do pecado, e da corrupção do pecado, não posso dizer que estou salvo; não é verdade. Existe a corrupção restante; resta ainda a queda em pecado. Leiam os capítulos um e dois da Primeira Epístola de João e verão isso ali – a luta, o conflito, a falha. "E, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1 João 2:1,2). Isso é progressivo; é contínuo; é santificação. Estou sendo progressivamente salvo do poder e da corrupção do pecado. Cristo está sendo formado em mim. Esse é, pois, o segundo tempo, a segunda maneira de ver a nossa salvação.

---

* Ver *Romanos: Exposição sobre o Capítulo 8:5-17: Os Filhos de Deus;* e *Romanos: Exposição sobre o Capítulo 8:17-39: A Perseverança Final dos Santos.* Publicações Evangélicas Selecionadas, São Paulo, primeira edição dos dois volumes: 2002.

Mas depois há, igualmente, esta terceira maneira, e o apóstolo trata disso aqui. Aqui ele está contemplando a salvação absoluta, final e completa. Ele expressa isso de diferentes maneiras. Vejam, por exemplo, 1 Coríntios 1:30: "Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça" – aí está a primeira – "e santificação" – aí está a segunda – "e redenção". Já fui redimido, sim, mas a redenção final, que inclui a glorificação e tudo quanto a acompanha, e que está no futuro.

E aqui, repito, o apóstolo está tratando deste tempo futuro. Permitam-me lembrar-lhes as palavras que ele já tinha escrito. Nestes capítulos finais, e particularmente no fim deste capítulo, ele resume tudo, mas já dissera tudo isso no capítulo oito, com estas palavras: "Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada". Então prossegue e diz: "Porque a ardente expectação da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora" – e isso é igualmente verdade agora – "E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos, esperando" – há algo que estou esperando. Fui redimido, fui perdoado, fui justificado, minha culpa se foi, estou sendo santificado, mas estou "esperando", o quê? – "a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (versículos 18-23).

O autor da Epístola aos Hebreus mostra muito interesse pela mesma verdade. No fim do capítulo primeiro, ele pergunta: que são os anjos? E responde: "Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" (versículo 14). Isso nada tem a ver com este mundo; a salvação é "o mundo

futuro, de que falamos", como ele diz no versículo cinco do capítulo subseqüente. É inteiramente futuro. Ou vejam o que ele diz no fim do capítulo nove: "E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação" (Hebreus 9:27,28). Isso é supremo, é absoluto.

E, finalmente, ouçam o apóstolo Pedro: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós, que, mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo" (1 Pedro 1:3-5). No mesmo capítulo ele diz: "Ao qual, não havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso; alcançando o fim da vossa fé" – qual será? – "a salvação das vossas almas" (versículos 8,9).

Meus caros amigos, vocês sabem estas coisas? Têm certeza delas? Entendem o tempo no qual estão vivendo? Entendem a natureza da vida neste mundo? Porventura vocês têm esta perspectiva, esta visão da sua salvação absoluta, plena, final, e vivem sua vida diária à luz destas coisas? É isso que o apóstolo nos está exortando que façamos.

18

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Estamos examinando as doutrinas subsidiárias envolvidas nesta grande doutrina geral concernente às últimas coisas, e o apóstolo presume que sabemos certas coisas. Já consideramos algumas delas. Ele pressupõe que sabemos a real relevância do sentido deste "tempo", o tempo em que estamos vivendo. Que transformação isso produz em nossa concepção geral da história!

Vimos depois que Paulo também toma como ponto pacífico o nosso conhecimento e entendimento da vida neste mundo, que o que o mundo chama iluminação, nós chamamos trevas. Isso não quer dizer que nos afastamos dele, ou que não vemos nenhum valor na cultura, mas, atribuindo a todas estas coisas o máximo que elas contêm, é um mundo mau, e nós fomos libertados dele, fomos transportados para o reino do amado Filho de Deus.

Começamos agora a considerar a terceira verdade que Paulo diz que nós sabemos, qual seja, a nossa perspectiva do futuro. Aqui, de novo, o nosso conceito é único. O apóstolo o

coloca em termos da "salvação", e já vimos que a salvação tem três aspectos – passado, presente e futuro. Aqui, no versículo 11, é mais que certo e está perfeitamente claro que o apóstolo está empregando a palavra no terceiro sentido; está falando sobre a salvação final que nos aguarda. Estamos muito familiarizados com isso porque as expressões "o dia", "aquele dia", "o dia do Senhor", etc., são empregadas muitíssimas vezes nas Escrituras.

O nosso Senhor tratava constantemente deste tema em Seu ensino. Em Marcos 13:30-32, por exemplo, Ele diz: "Na verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas estas coisas aconteçam. Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai".

Houve grande controvérsia acerca disso na primeira parte do século vinte. Nos fins do século dezenove tinha havido um movimento para que se ensinasse o que se chamava "o Jesus da história", isto é, que o nosso Senhor era apenas homem, um grande mestre religioso, muito pouco interessado no sobrenatural e no futuro, etc. Fora feita uma tentativa de reduzi-lo a um mestre de moralidade e ética, e até de política. Esse movimento se tornou popular, porém foi demolido por um homem cujo nome é muito conhecido, o Dr. Albert Schweitzer. Não quer dizer que ele estava certo em seu pensamento, porque não estava, mas ele fez explodir aquela particular teoria por mostrar que não havia nada mais característico do ensino do nosso Senhor do que a Sua constante ênfase ao que iria acontecer, ao que Ele ainda haveria de fazer, ao elemento apocalíptico em Seu ensino.

Ora, Albert Schweitzer considerava o ensino escatológico do nosso Senhor como um sinal de que Ele era uma criatura da Sua época, e até insinuou que Ele era um pouco anormal em que estava obcecado pela idéia de que ia voltar. Todavia o que Schweitzer pôde estabelecer foi o fato de que, se se tirar o elemento apocalíptico dos Evangelhos não sobrará nada, e certamente não ficará nada para explicar a influência

do nosso Senhor sobre os Seus contemporâneos. Assim é que, se não mantivermos este elemento numa posição muito proeminente em nosso pensamento, não estaremos sendo fiéis ao ensino do nosso Senhor.

Depois que o nosso Senhor morreu, o elemento escatológico é notavelmente evidente no ensino dos apóstolos. É interessante ver que, logo no princípio da Igreja, quando Pedro pregou à multidão que se juntou após a cura do coxo, ele concluiu o seu sermão desta forma: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os seus pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor. E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio" (Atos 3:19-21). Essa é uma declaração surpreendente. Pedro pôde mostrar que "a restauração de tudo" tinha sido pregada o tempo todo por meio do Velho Testamento. E agora ei-lo aqui, como o primeiro porta-voz da Igreja Cristã, dando grande proeminência a este ensino.

É um tema que percorre todo o conteúdo de Atos dos Apóstolos. Em certo sentido, o apóstolo Paulo fez dele a parte central da sua mensagem em Atenas. Quando ele estava pregando na Colina de Marte, este foi o ponto importante da sua mensagem: Deus "tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos" (Atos 17:31). Paulo estava pregando a estóicos e epicureus, filósofos inteligentes, conhecedores profundos das coisas, e foi isso que ele lhes pregou. Sabia que eles iam ridicularizá-lo; não obstante, pregou este ensino por ser uma parte essencial desta mensagem cristã.

E a volta do nosso Senhor é um tema proeminente da Segunda Epístola de Paulo aos Tessalonicenses. No capítulo primeiro ele fala sobre aquele "dia", e volta a isso no capítulo

2: "Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo" – melhor, "o dia do Senhor"* – "estivesse já perto" (2 Tessalonicenses 2:1,2).

Depois, quando escreve o que todos concordam que foi a sua última carta, sua segunda carta a Timóteo, o apóstolo diz: "Desde agora, a coroa da justiça me esta guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia" (2 Timóteo 4:8). Ele já havia dito algo parecido no capítulo primeiro: "O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias. Antes, vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou. O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor" (2 Timóteo 1:16-18). E nessa mesma carta ele já havia escrito também que, embora na prisão, não se envergonhava: "Por cuja causa padeço também isto, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia (2 Timóteo 1:12). E em Tito 2:13 ele diz: "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo". Esse é o tema constante da pregação e do ensino do grande apóstolo.

Contudo este ensino não se limita a Paulo. É um dos grandes motivos, um dos grandes apelos, da Epístola aos Hebreus. No capítulo 6:11,12 o escritor diz: "Mas desejamos que cada um de vós mostre o mesmo cuidado até ao fim, para completa certeza da esperança; para que vos não façais negligentes, mas sejais imitadores dos que pela fé e paciência herdam as promessas". Depois, no versículo 18, ele diz: "Para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível

* Assim ARA e NVI. Nota do tradutor.

que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta".

Tiago defende o mesmo ponto. No último capítulo da sua Epístola, por exemplo, ele diz aos ricos corruptos: "Chorai e pranteai" – por quê? – "por vossas misérias, que sobre vós hão de vir" (versículo primeiro). E Pedro diz: "Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo" (1 Pedro 1:13). João usa exatamente o mesmo argumento em sua primeira carta, e, naturalmente, todo o livro do Apocalipse restringe-se a este tema. Este ensino está em toda parte! Todos estes homens o utilizaram como um grande argumento. Tudo deve ser visto à luz do ensino sobre a salvação que ainda está por vir.

Portanto, está claro que em Romanos, capítulo 13, Paulo não se refere a nenhuma outra coisa, senão à grande doutrina concernente à segunda vinda do nosso Senhor, Seu novo aparecimento neste mundo. Ele esteve aqui uma vez; Ele virá novamente. O autor de Hebreus expressa esta verdade desta maneira: "E como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado" – desta vez não em conexão com o pecado – "aos que o esperam para a salvação" (Hebreus 9:27,28). E este ensino é geralmente utilizado, como Paulo o faz aqui, em termos de um grande apelo em favor do comportamento por parte dos cristãos, que conhecem estas coisas e nelas crêem.

Permitam-me relembrá-los de que, obviamente, estamos lidando com algo que é único e que é unicamente restrito ao ensino cristão. Ninguém mais sabe coisa alguma sobre esta doutrina. Aqueles que não são cristãos não somente não crêem nela; eles a ridicularizam. Para eles é uma piada, uma idéia tola na qual acreditam estes obscurantistas que se denominam cristãos. No entanto, como já vimos, é doutrina

integrada plenamente no ensino do Novo Testamento.

Para que possamos juntar o peso total desta doutrina, devemos entender bem o que ela ensina. "Conhecendo...", diz Paulo, e isso inclui conhecer algo da forma pela qual se dará este grande evento. E quanto a isso não há dificuldade, pois nos é fornecido abundante ensino. Somos informados de que, quando os apóstolos estavam no Monte das Oliveiras e olhavam para o céu, "junto deles se puseram dois varões, vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Este Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir" (Atos 1:10,11). É isso!

A segunda vinda do nosso Senhor não será uma vinda espiritual, como muitos a têm procurado explicar, porém será vista a olho nu. Será num corpo, num corpo glorificado, mas, ainda assim, um corpo. O nosso Senhor ensinou isso pessoalmente. Disse Ele: "Vereis em breve* o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu" (Mateus 26:64).

O livro do Apocalipse está repleto deste ensino: "Todo olho o verá" (Apocalipse 1:7). Quando Ele aparecer novamente, será o evento mais extraordinário que o cosmos jamais conheceu e jamais conhecerá. Ele não virá como da primeira vez – não virá como um bebê, e sim como o grande "Senhor dos senhores, e Rei dos reis" (17:14), "vitorioso, e para vencer" (6:2).

Entretanto, qual será o propósito da Sua vinda? Isso também está igualmente claro. Ele virá completar a obra. Quando eu digo "completar" não falo da obra de expiação – essa já está completa. Ele virá completar a obra para a qual originariamente veio, a obra para cuja realização Ele foi enviado. João nos diz qual é. Ele veio "para desfazer as obras do

---

* VA: "No futuro vereis"; NVI: "Chegará o dia em que vereis". Nota do tradutor.

diabo" (1 João 3:8). Ele veio destruir, anular tudo o que o diabo fez. Essa declaração descreve a Sua obra em geral, porém eu vou referir-me a outros elementos à medida que prosseguirmos.

Mas imediatamente, quando o nosso Senhor voltar, ocorrerá a ressurreição geral, de bons e maus. O nosso Senhor ensinou que haverá uma ressurreição dos mortos tendo como propósito o julgamento que Ele virá executar. É a isso que Paulo estava se referindo em Atenas, quando disse que Deus "tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou" (Atos 17:31). No ensino do nosso Senhor vê-se isso em João 5:24,25 e também em Mateus, capítulo 25, nas três figuras ou parábolas do nosso Senhor. Em cada uma delas Ele acentua este elemento de juízo – que Ele voltará para julgar e pronunciar sentença – e depois, tendo feito isso, Ele estabelecerá o Seu reino eterno de glória. No dizer de Pedro, "Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13).

Aí está, pois, em termos gerais, porém vamos examinar um pouco mais de perto as conseqüências, porque, se devemos receber o argumento de Paulo em todo o seu peso e se ele há de influir em nós, devemos conhecer este ensino em detalhe. O primeiro aspecto – e devemos colocar isto em primeiro lugar, em vista das palavras do apóstolo no versículo 13 – é que "já não haverá demora" (Apocalipse 10:6, ARA). Essa é uma grande declaração. Ainda estamos vivendo neste tempo particular – "conhecendo o tempo". Mas então, quando Ele vier, o tempo terá fim. Deus começa o tempo e o termina.

Que mais? Pedro nos diz que "os elementos, ardendo, se desfarão" (2 Pedro 3:10). Sempre devemos compreender, como o apóstolo nos fizera lembrar em Romanos, capítulo 8, que não foi tão-somente o homem que caiu; toda a criação caiu com ele. Assim, para descartar-se de todas as obras do diabo, do mal e do pecado, e de todos os seus efeitos, os próprios

elementos vão se desfazer no fogo. Haverá uma dissolução que expurgará o mal e todas as suas influências e toda a corrupção do cosmos inteiro. E, naturalmente, isso é apenas uma ação preliminar, que antecipa uma espécie de imensa e total reconstrução do universo.

O nosso Senhor ensinou isso em Mateus, capítulo 19. Lemos nos versículos 27 e 28: "Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos? E Jesus disse-lhes: em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel".

Bem, a palavra interessante ali é "regeneração". Estamos familiarizados com o termo no contexto do que acontece conosco, quando nascemos de novo, quando nos tornamos cristãos. Ele tem o mesmo sentido geral aqui, porém agora não se refere a nada do que acontece conosco, e sim a algo que acontecerá com o cosmos inteiro. Todo o universo foi afetado pela Queda, de modo que não o vemos agora como ele era originalmente. Mas ele será restaurado quando ocorrer a grande regeneração, após o retorno do nosso Senhor.

Mas, em muitos aspectos, a melhor exposição sobre a referida restauração total é a que estudamos em Romanos, capítulo 8: "Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada. Porque a ardente expectação da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora" (versículos 18-22).

Essa é a explicação da palavra regeneração no ensino do

nosso Senhor. A palavra traduzida por "criatura" significa "criação" – não somente os animais, mas tudo – as rochas, as flores, as árvores – tudo tem a marca da queda do homem. Quando o homem caiu, parte do castigo foi que Deus amaldiçoou a terra (Gênesis 3:17). Houve o Dilúvio, com todos os cataclísmicos eventos nele envolvidos. Entretanto, tudo isso será extirpado, e o universo será restaurado à sua condição original, como foi criado por Deus.

O apóstolo sustenta o mesmo ponto em Efésios: Deus, "descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; nele..." (Efésios 1:9-11). É isso que vai acontecer quando o Senhor Jesus Cristo voltar a este mundo. Não só a humanidade, porém o cosmos inteiro será envolvido.

Mas, voltando aos seres humanos, devemos deixar bem claro que o mundo ignora a verdade – quanto ao mundo, tudo isso vai significar condenação e entrega às penas eternas. O diabo e todos os anjos caídos, e todos quantos lhes deram ouvidos, foram ludibriados por eles e os serviram e não a Deus, todos eles serão lançados fora da presença do Senhor, à destruição eterna. É evidente que o mundo considera isso monstruoso, impossível e ridículo, mas é o claro ensino presente em toda parte das Escrituras.

Na Segunda Epístola aos Tessalonicenses o apóstolo faz terrificante descrição deste juízo. Diz ele: "...quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que crêem..." (2 Tessalonicenses 1:7-10). Mas o mundo não sabe nada

disso; por isso está como está e vive como vive.

O nosso Senhor ensina isso de igual maneira. Ele fala sobre o lugar "onde o seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga" (Marcos 9:44,46,48). É Ele que fala sobre Dives* (o rico) e Lázaro, e assinala que "está posto um grande abismo", de modo que, se pertencermos ao lado onde se acha o rico, não poderemos esperar nada, senão um castigo terrível (Lucas 16:19-31). E em Suas três parábolas de Mateus, capítulo 25, Ele trata de novo deste mesmo desfecho. Diz Ele que o Filho do Homem vai dizer "aos que estiverem à sua esquerda: apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos... E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mateus 25:41,46).

Ora, se vocês crêem que as Escrituras são as palavras inspiradas de Deus, dadas mediante homens, então vocês crêem que todo o conjunto da Bíblia leva a este julgamento final. E claro está que isso é inevitável porque, de outro modo, o diabo terá derrotado a Deus. Esse terá que ser o fim, como nos é dito claramente pelo próprio Senhor e pelos apóstolos, como anteriormente já nos fora dito pelos profetas que previram a Sua vinda e que em geral interligaram, pode-se dizer, a primeira e a segunda vindas – "o dia da vingança" (*e.g.***, Isaías 34:8).

Mas o pensamento que eu quero deixar acima de tudo na mente de vocês é a importância que tem para os cristãos a segunda vinda do nosso bendito Senhor e Salvador, porque é sobre isso que, afinal de contas, o apóstolo está falando aqui,

---

* "Dives", estritamente, não é nome, é um adjetivo latino (*"dives, divitis"*) que significa "rico". Ocorre na Vulgata. Na literatura inglesa ocorre desde o tempo de Chaucer (c. 1340-1400), em suas obras *Sompsnoure's Tale* e *Piers Plowman.* Passou a ser de uso popular. Em seu comentário do NT grego, Nicoll, por exemplo, dá ao rico o nome "Dives" sem nenhuma explicação a respeito. Nota do tradutor.

** *Exempli gratia* – "por exemplo" (latim). Nota do tradutor.

em Romanos 13:14. Ele está se dirigindo a membros da igreja e, conquanto lhes lembre que os tinha instruído sobre as conseqüências gerais da vinda do nosso Senhor e sobre as conseqüências para os incrédulos, está particularmente preocupado com tudo isso em relação aos crentes. Diz ele: vocês sabem deste grande dia que há de vir.

Então, que é que sabemos sobre isso, e como isso vem a ser um motivo para um viver santo? Qual será sobre os crentes o efeito da volta do Senhor em juízo para concluir completamente a salvação? Bem, vocês podem dividir o assunto da seguinte maneira: primeiro, haverá alguém, pergunto, que se surpreenda quando eu digo que quando o nosso Senhor voltar haverá um julgamento dos crentes? Esclareçamos o ponto – não será um julgamento no sentido de pôr em questão a nossa salvação. Não, trata-se do chamado "juízo dos galardões".

Aqui vai a prova – João diz o seguinte: "E agora, filhinhos, permanecei nele; para que, quando ele se manifestar tenhamos confiança, e não sejamos confundidos por ele na sua vinda" (1 João 2:28). Pois bem, João não diz que todos nós vamos estar perdidos quando Cristo vier. "Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Romanos 8:1). Isso está estabelecido.

Contudo, embora salvos, vocês podem "ser confundidos" ou "ser envergonhados diante dele em sua vinda" (VA). E esse é o motivo apresentado por Paulo aqui. Ele diz, com efeito: vocês sabem que Ele vem; portanto, lembrem-se disto: cuidem para não passar vergonha quando Ele vier.

Vemos este ensino expresso perfeitamente em 1 Coríntios, capítulo 3, onde Paulo trata das respectivas posições dele e de Apolo. Aqueles tolos de Corinto haviam posto um contra o outro, pelo que ele diz: "Porque nós somos cooperadores de Deus: vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um

como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha" – e então – "a obra de cada um se manifestará: na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia como pelo fogo" (1 Coríntios 3:9-15).

Em 1 Coríntios, capítulo 3, Paulo mostra que no juízo a questão da nossa salvação não está envolvida, porém o que está envolvido é a questão da nossa recompensa, do nosso galardão. O homem ou a mulher pode sofrer detrimento ou perda, e tudo o que fez pode ser inútil, digamos assim; não obstante, ele ou ela ainda será salvo, "todavia como pelo fogo".

Estas coisas é que temos que ter em mente. Isto é da própria essência do argumento que Paulo nos apresenta: um juízo das nossas obras, um juízo de galardões. Ele repete isso em 2 Coríntios 5:8-11: "Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor. Pelo que muito desejamos também ser-lhe agradáveis, quer presentes, quer ausentes. Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal" – Paulo está escrevendo unicamente acerca dos cristãos aqui – "Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor, persuadimos os homens à fé, mas somos manifestos a Deus; e espero que nas vossas consciências sejamos também manifestos". Não há dúvida sobre isto – como Pedro diz: "Já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus" (1 Pedro 4:17), e é esse o tipo de julgamento que começará ali.

Portanto, a primeira coisa que devemos compreender acerca desta segunda vinda do Senhor, no que se refere a nós, é que ela nos julgará. Dou ênfase a isto. Conheço muitos

que se interessam muito pela questão geral da segunda vinda e, embora se considerem peritos nisso e sobre os tempos e estações, nunca mencionam este julgamento dos cristãos. Eles não falariam tão levianamente, se compreendessem que o primeiro aspecto que se deve salientar é que todos e cada um de nós teremos que comparecer ante o trono de juízo, ou diante do tribunal, de Cristo.

Em segundo lugar, na vinda do nosso Senhor nós O veremos, e O veremos como Ele é. Esse é o prospecto que nos aguarda como cristãos. Vou além. "Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus" (Mateus 5:8), mas, se vocês quiserem realmente entender a plenitude desta salvação, o ponto a ser captado é que ela envolve o corpo bem como o espírito e a alma.

Ouçam Paulo em Romanos 8:11: "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita". E no versículo 23, após ter dito no versículo 22 que "toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora", ele diz: "E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo". O corpo será redimido; será glorificado.

"Amados, agora somos filhos de Deus", diz João, "e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (1 João 3:2). Isso é "glorificação"! A pessoa toda será completa e perfeitamente redimida, não haverá nenhum traço em parte alguma de nós – corpo, alma ou espírito – dos efeitos do pecado e do mal. Todas as obras do diabo serão tiradas de nós, como também de todo o cosmos, e seremos perfeitos e íntegros, "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante" (Efésios 5:27), na presença de Deus.

E, em acréscimo a isso – e se isto não é um motivo que

opera em nós, que outra coisa o será? – não somente isso tudo nos acontecerá, mas também teremos o privilégio de ouvir palavras proferidas pelo próprio Deus. O nosso Senhor nos diz estas palavras: ouçam-nas em Mateus, capítulo 25. Nessa passagem o nosso Senhor está tratando de pessoas a quem foram dados certos talentos por seu senhor, e este, quando regressa, diz: "Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor" (versículo 21). E no versículo 23: "Disse-lhe o seu senhor" – a outro servo – "Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor". O nosso Senhor está falando sobre a Sua vinda futura, e eis aí como Ele Se expressa sobre ela.

Depois, no versículo 34, lemos: "Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo". E, finalmente, no versículo 46: "Os justos para a vida eterna". Aí estão algumas das coisas que nos aguardam, a nós, que sabemos estas coisas.

Deixemos que outra vez o apóstolo expresse esta verdade, naquela declaração sumamente emocionante em sua última carta: "Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda" (2 Timóteo 4:6-8). É isso que esperamos; estas são as coisas que sabemos. Vamos receber uma coroa de justiça de Suas benditas mãos; seremos coroados. "O dia da coroação pouco a pouco vem chegando"!

E então, como Paulo conclui tão gloriosamente em 1 Coríntios 13:12, "Agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido". Pleno conhecimento, pleno entendimento, pleno gozo.

Pois bem, o apóstolo comprime tudo isso, e infinitamente mais que isso, nesta breve declaração que estamos examinando juntos: "A nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé". É isso! E isso é verdade a nosso respeito! Aqui estamos nós, na carne, mas é rumo a isso que estamos indo. Este é o motivo, este é o apelo, este é o argumento.

Sabemos isto? Estamos vivendo por isto? Seria este o grande motivo da nossa vida? Esta é a posição cristã; esta é a realidade pela qual e baseado na qual devemos viver. Foi isto que habilitou o apóstolo a enfrentar todas aquelas possibilidades que se lêem no fim do capítulo oito desta grande Epístola aos Romanos. Como ovelhas levadas para o matadouro, sofrendo e sendo esmurrados todo dia, mas não importa, pois sabemos: "Porque estou certo" – estou persuadido – "de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:38,39).

Em Romanos 8:30 Paulo deu um grande salto: "Aos que justificou a estes também glorificou". Vocês estão vivendo à luz da sua glorificação? Vocês sabem algo da salvação, do dia, "aquele dia", "o dia do Senhor", o dia do Filho de Deus, o dia da Sua glorificação e – final e plenamente – da nossa própria, com o diabo com tudo o que lhe pertence destruído e banido para todo o sempre? Queira Deus, por Seu Espírito, mediante a Palavra, trazer estas coisas ao nosso conhecimento de maneira vívida.

Você está vivendo à luz da sua glorificação?

19

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Estamos examinando o último argumento que o apóstolo apresenta para animar os cristãos da cidade de Roma, e a nós, a que vivamos a vida cristã como ele vem delineando desde o começo do capítulo 4. Vimos que nestes versículos Paulo funde argumento doutrinário com aplicação prática, como sempre faz. Jamais se deve isolar o viver cristão da doutrina. Estão ligados indissoluvelmente, e para risco nosso os separamos. E o apóstolo aqui, bastante tipicamente, não os mantém separados nem quando os enuncia – ele os mescla. Contudo, vê-se aí clara doutrina e uma aplicação. Assim, primeiro estamos concluindo o argumento doutrinário, e esse nos levará ao ensino prático.

Já vimos três aspectos. O primeiro é que o apóstolo pressupõe que conhecemos e entendemos o tempo em que estamos vivendo. Segundo, vimos que, devido termos essa visão do tempo, obviamente temos uma visão especial da vida neste mundo. E depois, em terceiro lugar, vimos que temos também uma visão do futuro.

E assim chegamos agora ao quarto princípio, que o apóstolo tem igual interesse em lembrar-nos, qual seja, a grande mudança que se deu conosco. Isso está implícito nos três pontos que já consideramos: essa é a razão pela qual temos um conceito do tempo, da vida neste mundo e do futuro diferente da imensa maioria das pessoas. Não é que somos inerentemente diferentes das outras pessoas, ou que temos mais capacidade. Não, isso se deve inteiramente ao fato de que se deu esta mudança em nós.

Paulo expõe isso com duas palavras. Primeiro ele diz: "A *nossa* salvação está agora...". Vocês certamente se lembram de que isso significa, "a salvação, no que se refere a nós", e a palavra "nossa" resume o ponto muito bem. A segunda palavra é o pequeno vocábulo "nós": "A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos (nós) pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos (nós) honestamente, como de dia".

Pois bem, "nós" é uma palavra diferenciadora. O mundo está dividido em "nós" e "eles", e Paulo não dirige o seu apelo a eles, e sim somente a nós. Isso é inteiramente básico, claro, e é onde surge tão grande parte da confusão moderna. Há uma aguda e fundamental distinção entre a Igreja e o mundo, e este apelo só pode ser feito aos que estão na Igreja, aos crentes. Portanto, os escritos do Novo Testamento não estão interessados em apelar ao mundo que se comporte bem. Não lhes cabe ocupar-se disso.

Ora, nunca se deve pensar primária ou essencialmente em termos de sentimentos ou experiências. Eles estão envolvidos, porém em muitos aspectos são a parte menos importante da nossa salvação. A grande realidade é que não pertencemos mais a "eles". Esta mudança em nosso estado, em nossa condição, e, ainda mais importante, esta mudança em nossa posição, é um dos principais aspectos da nossa salvação. Os nossos sentimentos vêm e vão, mas, graças a Deus, eles não fazem qualquer diferença para a nossa posição, para a nossa real condição e para a nossa relação com Deus.

Permitam-me usar uma ilustração simples. Imaginem uma criança pertencente a uma família importante, à família real, digamos, e depois pensem noutra criança, não dessa família. Bem, a criança da família real pode estar se sentindo uma pobre coitada num dado período, enquanto que a de fora está cheia de felicidade porque tudo lhe vai bem. Todavia essa variação de sentimentos não faz qualquer diferença para a relação, para a posição. Apesar daquela criança da realeza achar que está passando por um duro período, continua sendo membro da família real. E a felicidade da outra criança não produz mudança em sua posição; continua pertencendo à família no seio da qual nasceu. E essa é a grande verdade salientada por todo o Novo Testamento. Sejam quais forem os seus sentimentos, a grande pergunta que você deve fazer a si mesmo não é "Como me sinto?", mas "Quem sou eu?"

Lembro-me da história concernente ao conhecido evangelista escocês, John McNeil. Quando pregava sobre a segurança da salvação, ele usava esta ilustração para mostrar quão traiçoeiros os sentimentos podem ser. Na qualidade de evangelista, muitas vezes ele ficava longe de casa, e em certa ocasião ele voltou sentindo-se deprimido por vários motivos. Disse à esposa que se sentia como um estranho e achava que realmente não pertencia à família. Contudo, ela voltou-se para ele e lhe disse: "Seja como for que se sinta, você é meu marido e o pai destas crianças. Esta questão não é determinada por sentimentos; a relação é um fato".

Seja como for que nos sintamos, graças a Deus não é isso que importa em última instância; o que somos é que constitui o fator decisivo. Acaso pertencemos a este "nós", a esta "nossa", ou ainda estamos com o mundo e pertencemos a "eles" – aos que estão fora? Esta é uma tremenda interrogação porque o que o Novo Testamento nos diz sobre "nós" é que fomos tirados das trevas e introduzidos na luz. Não pertencemos mais à noite; pertencemos ao dia. Este é o fato que o apóstolo diz que sabemos, e é por isso que ele pode fazer seu apelo a nós.

"Eu sou a luz do mundo", diz o nosso Senhor; "quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (João 8:12). É assim que Ele expressa esta verdade. Quando o apóstolo recebeu sua comissão, sua incumbência, no caminho de Damasco, esta, como já vimos, foi lhe dada nestes mesmos termos. O Senhor ressurreto lhe disse: Eu "te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te deste povo, e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de satanás a Deus" – e então – "a fim de que recebam a remissão dos pecados, e herança entre os santificados pela fé em mim" (Atos 26:16-18). Mas a grande realidade é esta mudança: "das trevas à luz", "do poder de satanás a Deus".

Como temos visto, não é surpreendente que o apóstolo expresse constantemente a nossa salvação em termos de trevas e luz. Assim fala ele aos colossenses: "Dando graças a Deus Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz; o qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Colossenses 1:12,13). É a isso que devemos agarrar-nos, e é isso que o apóstolo está salientando aqui.

Naturalmente, como assinalei, Paulo está resumindo aqui o que ele diz em muitos lugares diferentes. Ele disse tudo isso em Romanos, capítulo 6, onde começa perguntando: "Que diremos pois? Permaneceremos (nós) no pecado, para que a graça abunde? Notem o "nós". A resposta é: "De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?" Pois bem, só se pode dizer isso acerca do cristão. Quem quer que não seja cristão não pertence a este "nós". A seguir Paulo continua: "Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De forma que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos

mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado" (Romanos 6:1-6).

Mas, visto que esta grande mudança é um ponto fundamental para o apóstolo, ele a fica repetindo no capítulo 7. No começo desse capítulo ele lembra às pessoas o que elas sabem da lei, e usa a ilustração da mulher que está ligada a seu marido pela lei enquanto ele viver, porém que, no momento em que ele morre, pode casar-se outra vez. E, se o fizer, não será adúltera. Porque ele morreu, ela está livre da lei.

No versículo 4 o apóstolo aplica a ilustração: "Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro (marido), daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus". Isso é uma coisa que ninguém pode fazer, a menos que tenha ocorrido a referida mudança interior. O homem natural não pode produzir fruto para Deus. Ele só é capaz de realizar o que as Escrituras chamam de "obras mortas", sem vida, sem fruto. "Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, estavam em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra" (Romanos 7:5,6). É o mesmo argumento o tempo todo.

E no capítulo oito o apóstolo torna a repeti-lo: "Porque a lei do Espírito* de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte" – ele está falando sobre si mesmo, mas está representando todos os demais cristãos – "Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne,

---

* Em todo este contexto, "Espírito", com inicial maiúscula, acompanhando a VA. Nota do tradutor.

Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne" – por quê? – "para que a justiça da lei se cumprisse em nós" – quem são estes "nós"? – "que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito".

Depois Paulo põe em destaque este grande contraste: "Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito" – aí está – "é vida e paz" (Romanos 8:2-6). Todos nós estamos num ou noutro destes dois grupos, e Paulo está dizendo que, como cristãos, não estamos mais na carne, não estamos mais debaixo da lei, não seguimos mais a inclinação da carne. Estamos em Cristo. Pensamos nas coisas do Espírito e andamos segundo o Espírito.

Ora, isso é apenas outra maneira de expressar a grande doutrina do novo nascimento, do renascimento – e essa é a essência do cristianismo. Jamais conseguiremos dizer vezes demais que os cristãos são homens e mulheres renascidos. É por isso que eles são essencialmente diferentes dos que não são cristãos. Não são apenas um pouco melhores: o ponto acerca deles é que eles são absolutamente diferentes. Há uma diferença na natureza e uma diferença na relação.

Tomemos a ilustração das duas crianças, uma das quais é membro da família real. Ora, esta pode ser muito menos capaz que a outra, pode ser-lhe inferior em todos os aspectos – nascimento real não garante nem inteligência nem qualquer outra capacidade. No entanto, o que importa não é a capacidade, e sim o fato do nascimento.

E é exatamente a mesma coisa na vida cristã. Esta é a explicação de algo que freqüentemente causa muita confusão entre as pessoas em geral. Elas não entendem como é que um homem do mundo, um homem incrédulo, às vezes parece ser uma pessoa muito melhor, tendo uma vida muito melhor, do que algum cristão que elas conhecem. Dizem

elas: "Este homem não é cristão e este outro é, porém vejam a vida deles!"

Mas isso é um completo erro de entendimento da doutrina do novo nascimento. Julga-se se as pessoas são cristãs ou não, não pelo comportamento delas, e sim por sua natureza. E a verdade é que o cristão é nascido de novo, com uma nova natureza. Os cristãos são participantes da natureza divina. Ora, eles deveriam ser imensamente melhores do que os incrédulos, e esse é justamente o argumento que o apóstolo está utilizando aqui. Nós! O que devemos ser por causa do que somos! Isso é algo a que devemos agarrar-nos diligentemente.

E este tipo de argumento não se restringe ao apóstolo Paulo; os outros escritores do Novo Testamento também fazem uso dele. Pedro o coloca em termos como estes: "Purificando as vossas almas pelo Espírito na obediência à verdade, para o amor fraternal, não fingido; amai-vos ardentemente uns aos outros com um coração puro" (1 Pedro 1:22). Ele apela no sentido de que se amem com "amor fraternal", e o próprio termo "fraternal", "de irmãos", atinge o objetivo. Somos membros da mesma família. Mas Pedro não toma isso como coisa líquida e certa. Ele no-lo diz claramente. Por que faz ele esse apelo? A resposta está no próximo versículo: "Sendo" – tendo sido – "de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre" (1 Pedro 1:23). Você se tornou um dos irmãos unicamente por ter nascido de novo, da semente incorruptível; ninguém, homem ou mulher, é membro da família de Deus, se não lhe aconteceu esse nascimento.

João ensina a mesma coisa: "Toda iniqüidade é pecado, e há pecado que não é para morte. Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca. Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno"

(1 João 5:17-19). Vocês vêem a distinção? João diz, "nós somos de Deus", o mundo não, o mundo não é de Deus – ele "está no maligno". E o diabo não só lhes toca como também os tem nas suas garras; ele os controla completamente.

E aqui, em Romanos, capítulo 13, o apóstolo presume que conhecemos este ensino. "Conhecendo isto" – sabendo que estamos nesta posição especial, que isto se aplica a nós, que isto só é verdade a respeito das pessoas que estão na nossa posição. Isso não é farisaísmo porque se deve inteiramente ao novo nascimento, não a qualquer coisa que tenhamos produzido. Os fariseus modernos são os incrédulos. Eles são os homens e mulheres fechados em si mesmos, satisfeitos consigo mesmos, homens e mulheres do mundo, que acreditam em moralidade e ética e dizem que não precisam do novo nascimento e não gostam do que isso significa. Os fariseus jamais gostam da doutrina do novo nascimento porque eles garantem que podem fazer o bem por si mesmos. Contudo nós dizemos que somos o que somos pela graça de Deus.

O apóstolo pressupõe que sabemos isso tudo; mas neste ponto ele introduz uma declaração com a qual a princípio parece que se contradiz. No versículo 12 ele diz, "o dia é chegado", ao passo que no versículo 13 diz ele que devemos andar honestamente, "como de dia". Como conciliar estas duas declarações? Como é que podemos andar de dia, se o dia ainda está por vir, se ainda está esperando por nós?

Sabemos que não há nenhuma real contradição nas Escrituras. Cremos que isso é impossível porque ela foi inspirada por Deus, e, na prática e de fato, nunca pode haver nela nenhuma contradição. Se a sua interpretação de uma passagem das Escrituras as fazem contradizer outra, podem estar certos de que a sua interpretação desta ou daquela, ou talvez de ambas, está errada. Sabemos que a contradição aqui é só aparente. Como, então, devemos tratar disso?

Bem, isso de novo abre diante de nós os portais de uma

doutrina maravilhosa – a doutrina concernente à nossa posição como cristãos. Resolve-se a aparente contradição desta maneira: "o dia" está no futuro, Paulo deixou isso bem claro. Mas o fato maravilhoso é que nós, cristãos, já pertencemos ao "dia", mesmo enquanto ainda vivemos neste mundo. Apesar de ser verdade que o dia ainda está por vir, estamos lá em espírito.

A explicação mais clara desta verdade acha-se nas próprias Escrituras. O apóstolo já tratara deste ponto no versículo dez do capítulo oito. No versículo 9 ele diz: "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" – simplesmente não é cristão. E no versículo 10 continua: "E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive" (ou, VA: "o Espírito é vida") "por causa da justiça". O apóstolo nos adverte de que já estamos salvos como para sempre estaremos quanto ao espírito, não porém quanto ao corpo. Por isso ele continua, dizendo: "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita".

Chamemos Pedro para nos ajudar a entender Paulo. Pedro, que era um homem mais simples, fala desta maneira: "Porque por isto foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em" (VA: "no") "espírito" (1 Pedro 4:6). É exatamente a mesma distinção. Ainda teremos que morrer – o corpo terá que morrer – porém, no sentido espiritual, passamos pela morte para a vida no espírito. Por isso é certo dizer que os cristãos realmente nunca vão morrer. O corpo morre, mas eles não; eles adormecem (Atos 7:60).

Vejamos novamente as palavras de Paulo no capítulo 6 desta grande Epístola. Nele o apóstolo nos lembra que

estamos ligados a Cristo; morremos com Ele, fomos sepultados com Ele, mas também, diz ele, ressuscitamos com Ele: "Ora, se já morremos com Cristo" – e quando ele diz "se" quer dizer "quando", ou "porque já morremos" – "cremos que também com ele viveremos, sabendo que, havendo cristo ressuscitado dos mortos, já não morre: a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado, mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor" (versículos 8-11). Essa é a nossa posição. Estamos "mortos com Cristo" e "vivos para Deus". O apóstolo expressa essa verdade ainda mais fortemente no versículo 14: "Porque o pecado não terá domínio sobre vós" – por quê? – "pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça". Isso já aconteceu. Já pertencemos à esfera do dia, apesar de ainda estarmos neste mundo limitado pelo tempo.

E depois, como repetidamente lembrei a vocês, o apóstolo expõe isto magnificamente no capítulo oito, onde ele faz para nós um sumário de todo este processo de salvação: "Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou" (Romanos 8:29,30). Ora, isso fala de nós. Espiritualmente falando, já fomos glorificados, embora estejamos ainda neste mundo e o nosso corpo ainda não tenha sido glorificado. Aos olhos de Deus, isso tudo já aconteceu, e estamos ali, na esfera do Espírito.

O apóstolo explora constantemente esta idéia porque é a mais cativante idéia que se pode ter. Vejamos, por exemplo, como ele a elabora na famosa passagem de 2 Coríntios 6:14: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis" – por que não? As pessoas geralmente gastam tanto tempo

discutindo sobre o que isso significa que esquecem as razões, que são muito mais importantes. Eis o argumento de Paulo: "Porque", diz ele, "que sociedade tem a justiça com a injustiça?" Diz ele aí que eu e vocês somos justos.

"Mas eu ainda peco", você dirá. "Estou ciente da minha injustiça, da minha falta de retidão."

Isso é perfeitamente verdadeiro. Mas a realidade é que você é justo. Deus "justifica o ímpio", como Paulo nos lembra em Romanos, capítulo 4, declarando-o justo em Cristo (versículo 5). "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21).

Mas, continuemos com o argumento de Paulo em 2 Coríntios, capítulo 6. "Que sociedade tem a justiça com a injustiça?", pergunta ele. "E que comunhão tem a luz com as trevas?"

"Bem", vocês dirão, "mas agora nos metemos na filosofia. É evidente que não se pode misturar a luz com as trevas."

Entretanto isso não é nem um pouco filosofia. Paulo nos está dizendo por que não devemos prender-nos a um jugo desigual com os infiéis, e a razão que ele dá é que nós somos luz e eles são trevas. Num sentido, a luz ainda está por vir, porém nós já estamos nela.

Depois: "E que concórdia há entre Cristo e Belial?" Bem, "Cristo", neste ponto, realmente significa cristãos, e Paulo afirma que nós não temos "concórdia com Belial". E continua: "Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Pelo que" – à luz destas coisas que verdadeiramente dizem respeito a vós – "saí do meio deles, e apartai-vos" (2 Coríntios 6:14-17).

Mas isto é exposto ainda mais clara e vividamente em Efésios 2:4,5, que é uma das passagens mais estupendas que

o apóstolo escreveu: "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos)" – isso está claríssimo para nós, não está? – fomos vivificados, nascemos de novo, não mais estamos mortos em ofensas e pecados, estamos vivos: isso nós sabemos.

No entanto, depois Paulo passa a dizer: "E nos ressuscitou" – vocês ainda concordam nisto, não concordam? É a pura verdade. Sabemos que fomos "ressuscitados" da morte que caracteriza o pecado; estamos vivos. Somos pessoas espirituais – do contrário não estaríamos estudando esta passagem. Logo, aqui não há nenhum problema. E então – "e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus". Isso é igualmente verdade a nosso respeito, e, contudo, temos a tendência de esquecê-lo. É isso que o apóstolo quer dizer em 1 Tessalonicenses 5:8, quando diz: "Mas nós, que somos do dia...". O dia ainda está para chegar. Sim, mas nós, embora ainda neste mundo, pertencemos àquele dia. Exatamente da mesma maneira, neste momento, visto que somos cristãos e que estamos "em Cristo", Ele nos fez "assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Efésios 2:6). É nisso que por vezes tropeçamos e do que não nos apercebemos.

Isso é tão emocionante que o apóstolo continua a repeti-lo. Em Efésios, capítulo 5, onde ele de novo faz apelo para um reto comportamento, ele diz: "Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Portanto não sejais seus companheiros. Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor" – por isso – "andai como filhos da luz" (Efésios 5:6-8).

Vocês agora vêem o que ele está dizendo? Essencial e espiritualmente já somos "luz no Senhor". Mas isso só é verdade a nosso respeito espiritualmente; ainda há restos e resíduos das trevas em nós: é a velha natureza, e isso é

verdade com relação ao corpo.

E depois Paulo fala de novo sobre isso quando escreve aos Filipenses. Ele aí trata mais uma vez da questão do comportamento, e diz: "Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam. Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição, cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas. Mas" – aí está! – "a nossa cidade" – a nossa cidadania – "está nos céus" (Filipenses 3:17-20). É ao céu que eles pertencem, esse é nosso lar, apesar de estarmos longe dele por algum tempo. Apesar de sermos cidadãos de países deste mundo, a nossa cidadania como cristãos está no céu. Todavia os que não são cristãos só são cidadãos de reinos terrenais.

Desta mudança que ocorreu o apóstolo fala ainda mais claramente ao se dirigir aos tessalonicenses. Eis o seu argumento: "Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações" – deste grande dia – "não necessitais de que se vos escreva; porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; pois que, quando disserem: há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão". Notem a seguir o contraste: "Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão; porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas" – e, por causa disso, ele diz – "Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos e sejamos sóbrios" (1 Tessalonicenses 5:1-6). Não seria isso maravilhoso? Vocês já estão lá, vocês já estão "no dia" e "na luz", e, todavia, isso ainda está por vir.

Isto é constantemente ressaltado no Novo Testamento. Todos os escritores do Novo Testamento se regozijam em proclamá-lo. Eis aqui Pedro a dizê-lo a seu modo: "Amados,

peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem" (1 Pedro 2:11,12). Estamos no mundo porém não somos dele; somos "peregrinos e forasteiros" – pessoas que estão longe de casa.

E este é o grande argumento do capítulo onze da extraordinária Epístola aos Hebreus. Esse era o grande segredo daqueles homens e mulheres de fé. O escritor o expressa tão claramente quanto é possível expressar alguma coisa: "Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra" (Hebreus 11:13). Eles sabiam! Em antecipação –adiantadamente – eles já pertenciam ao lugar para onde estavam indo.

De tudo quanto jamais possamos apropriar-nos, esta é a coisa mais gloriosa!

Há um velho hino que diz: "Sou estrangeiro aqui, o céu é o meu lar".* Tenho ouvido pregadores ridicularizarem esse hino, mas, ao fazê-lo, estão confessando a sua ignorância da doutrina do Novo Testamento. Pode ser que estejam certos quando dizem que não se deve ensinar as crianças a cantarem hinos como esse sem saberem o que estão cantando, e na verdade entoamos tais palavras tão levianamente, não é?! Mas, para os cristãos, isso não é nada senão a pura e simples verdade.

Pela graça os homens encontram
A glória aqui na terra já iniciada;
Celestes frutos em solo terreal,
Da fé e esperança crescem.
– Isaac Watts

* Faz pensar no inspirador hino: "Sou forasteiro aqui, em terra estranha> >

Estamos indo para a glória! Estamos "esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8:23). Estamos à espera da glorificação, e, contudo, é absoluta e igualmente certo dizer que a glória já teve início para nós. Ela está em nós, e nós, num sentido espiritual, já estamos lá.

E eis o que experimentamos juntos, quando contemplamos estas coisas maravilhosas e gloriosas: prelibações do céu! Não entretenimento terreno, nem mesmo quando este é limpo e se apresenta no melhor nível, mas sim "A glória aqui na terra já iniciada". A glória já começou para nós e, todavia, aguardamos a glória na qual entraremos plenamente quando formos libertados completamente dos restos e resíduos das trevas, da noite e do mundo, restos e resíduos que ainda se apegam a nós.

Agarremo-nos, pois, a estes grandes pensamentos: "A noite é passada, e o dia é chegado... Andemos honestamente, como de dia" (Romanos 13:12,13). "Considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 6:11).

< <estou,/Celeste Pátria, sim, é para onde vou" – hino presente em vários hinários, entre eles, o hinário *Novo Cântico*, N°. 288. Nota do tradutor.

20

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Historicamente, e sob todos os outros pontos de vista, esta é uma das magníficas e emocionantes passagens que estão amplamente disseminadas nas Epístolas deste extraordinário apóstolo Paulo. Aqui ele nos está dando o grande e final motivo para o viver cristão. Já consideramos as doutrinas essenciais que ele nos relembra nesta passagem, e agora passamos ao argumento que inevitavelmente surge em decorrência do conhecimento destas doutrinas.

Desejo salientar o fato de que Paulo está elaborando um argumento, e que esta é a maneira pela qual o Novo Testamento sempre apresenta o seu ensino sobre santificação. Jamais conseguiremos exagerar na ênfase a isto. Existem muitos outros conceitos sobre a santificação. Algumas pessoas lhes dirão, por exemplo, que vocês podem recebê-la como uma experiência. Mas isso me parece completamente incompatível com declarações como a que estamos examinando. Estes versículos nos propiciam o método típico do Novo Testamento de pregar santificação – é sempre este

"portanto", este argumento. O ensino sobre a santificação sempre decorre diretamente da verdade, da doutrina, de tudo quanto temos sido lembrados concernente a nós mesmos.

Quais serão, então, as deduções que inevitavelmente devem ser extraídas desta doutrina? Vejamos algumas delas: obviamente, a primeira é que pertencemos ao dia. Temos considerado isso em sua forma doutrinária, e nela temos, por assim dizer, a base do argumento prático que nós mesmos devemos elaborar. À semelhança de todos os demais escritores do Novo Testamento, quando Paulo trata desta questão de comportamento, o que ele realmente diz é que façamos isto: pois bem, não se esqueçam do que vocês eram, mas tratem de compreender que não são mais isso.

É bom nos lembrarmos do que éramos e de qual era a nossa condição. Estávamos sob a ira de Deus. Isso diz respeito a toda a humanidade: "E todo o mundo seja condenável diante de Deus" (Romanos 3:19). "Do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça" (Romanos 1:18). O apóstolo começou esta Epístola lançando estas duas grandes proposições.

O perigo que corríamos era terrível. Estávamos face a face com nada menos que a perdição e o inferno, e éramos completamente desvalidos. Mas esta é a mensagem na qual viemos a crer, é isto que nos faz cristãos, que fomos libertados pela ação do próprio Deus. "Não me envergonho do evangelho de Cristo", Paulo já dissera no capítulo primeiro. Por quê? "Pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (versículo 16). Ou, como ele o diz a seu modo favorito no capítulo três, onde, tendo dito que todos nós estamos sob condenação, continua: "Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado. Mas agora" – e aqui está toda a diferença, aqui está algo novo, só conhecido dos cristãos – "se manifestou sem a lei a justiça de Deus, tendo o testemunho da lei e dos profetas... Porque todos pecaram e

destituídos estão da glória de Deus; sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus" (Romanos 3:20,21, 23,24).

É dessa forma que os cristãos, homens e mulheres, encaram o problema de viverem num mundo como este. Não apenas olham para ações e possibilidades, mas começam por lembrar-se de que eles eram pecadores sem esperança, sob a ira de Deus e não tendo diante de si nada senão o inferno, pecadores que Deus, por Sua infinita graça, bondade, amor, misericórdia e compaixão, libertou, e isso à custa da morte e do sangue derramado do Seu amado Filho unigênito. É isso que Paulo está dizendo.

Noutra passagem Paulo escreve: "Não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço" (1 Coríntios 6:19,20). Pedro usa exatamente o mesmo argumento: "Não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais" – então, com quê? – "mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado" (1 Pedro 1:18,19). Essa é a razão pela qual vocês devem viver desta maneira: "Sede santos, porque eu sou santo" (1 Pedro 1:16). E este foi o grande objetivo da vinda do Filho de Deus ao mundo.

O nosso Senhor não veio meramente para nos libertar do castigo e do inferno. Ele fez isso, esse foi o Seu primeiro objetivo, porém a obra realizada pelo Senhor não foi meramente negativa. Embora isso esteja implícito na passagem que estamos estudando, Paulo o expõe explicitamente em muitos outros lugares. Não há, por exemplo, nenhuma declaração melhor do propósito positivo da expiação do que a de Tito 2:14: "O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras".

Quantas vezes paramos no perdão e consideramos a cruz meramente como uma mensagem de perdão! Alguns levam

isso a um extremo ridículo dizendo que você pode receber a Cristo como seu Salvador e talvez só depois de muitos anos O receberá como Aquele que o santifica, ou como o seu Senhor. Que violência às Escrituras! Que terrível maneira de torcer as Escrituras e manuseá-las erradamente! Não se pode separar estas doutrinas. Nas palavras de Cecil Frances Alexander, Cristo morreu não somente para que "fôssemos perdoados", mas também "morreu para fazer-nos bons". Esse é o objetivo pleno e geral de tudo o que Ele fez. De fato, o anjo que anunciou Sua vinda disse a José: "Ele salvará o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:21). Não do pecado, mas dos pecados.

Ademais, o objetivo supremo de Deus é que nós venhamos a "participar da herança dos santos na luz" (Colossenses 1:12). Pedro declara que o nosso Senhor veio e fez tudo o que fez, "para levar-nos a Deus" (1 Pedro 3:18); para levar-nos à glória. João defende a mesma tese. O Filho de Deus veio, diz João, "para desfazer" – destruir, anular – "as obras do diabo" (1 João 3:8). Isso não é negativo, é positivo. Ele veio para restaurar todas as coisas, para que todas as coisas voltassem a ministrar à glória de Deus.

Portanto, isso faz parte do argumento de Paulo, e é dessa maneira que o Novo Testamento nos apresenta o ensino sobre a santificação. Paulo havia dito: "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus" – aí está – "que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo" (Romanos 12:1). E aqui ele resume tudo novamente, mas eu e vocês devemos elaborar o argumento. A dificuldade para muitos de nós é que, em vez de encararmos o problema do viver cristão desta maneira, temos a tendência de encará-lo em termos de pecados e problemas particulares. Com muita freqüência, quando as pessoas falam comigo, vejo que não seguem uma linha de argumento, como o apóstolo nos diz que façamos, mas examinam as coisas em si mesmas. Isso é reduzir o cristianismo e o viver cristão ao nível da moralidade. Não, este é o

método cristão; vocês devem ver a sua inevitabilidade pela grande doutrina na qual já dizem que crêem.

Mas, deixem que eu o coloque de novo em termos dos argumentos que vocês devem elaborar. Tendo visto que o grande objetivo da redenção é libertar-nos do cativeiro do pecado e de satanás, e das trevas e da noite, vocês então prosseguem e vêem que, por conseguinte, o segundo argumento é a incoerência de continuarmos vivendo da antiga maneira.

Parece tão simples – não parece? – e deveria ser óbvio. Sendo assim, por que alguém dentre nós há de estar com problema? Por que experimentamos remorso e arrependimento, e por que nos sentimos em condição miserável, deprimidos e derrotados? É porque não captamos como deveríamos, ou por que esquecemos temporariamente algo que é muito simples. "Conhecendo o tempo, que...". Sim, mas nós não temos esse conhecimento; por isso Paulo teve que escrever sua carta, e por isso a pregação continua sendo necessária. Paulo diz: "Andemos honestamente, como de dia; não..." – é uma incoerência total comportar-nos de qualquer outra maneira. "Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz."

Em sua carta aos efésios Paulo desenvolve minuciosamente o argumento para nós: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios". Por quê? Porque vocês já não pertencemos a eles. Vocês eram: vocês eram gentios e viviam a vida dos gentios, porém agora são algo diferente. Eles andavam "na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda impureza" – e então – "Mas vós não aprendestes assim a Cristo" – foi isso que aprenderam dEle? Seria essa a verdade na qual afirmam que crêem a respeito do

Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, como o Salvador de suas almas? – "se é que o tendes ouvido, e nele fostes ensinados, como está a verdade em Jesus" (Efésios 4:17-21).

Paulo está dizendo: vocês realmente precisam enfrentar isto. Seria Cristo o autor do pecado? Teria Ele vindo ao mundo meramente para habilitá-los a continuar pecando porque Ele garante que serão perdoados quando pecarem? Foi isso que aprenderam, seria esse o evangelho que receberam, que Cristo tão-somente lhes fornece um meio seguro de continuarem pecando, desde que, pequem quanto pequem, sabem que Ele morreu por vocês e foram cobertos, foram protegidos por Seu sangue? Se assim pensam, vocês O estão negando. Isso nada mais é que antinomismo, e, como já vimos, não há coisa mais perigosa. "Não aprendestes assim a Cristo"!

O apóstolo João o diz em termos ainda mais fortes. O povo chama João de apóstolo do amor, e ele o é, como todos os apóstolos também o são. Mas neste aspecto João é muito mal compreendido; ele é muito mais severo que o apóstolo Paulo. Eis como João fala sobre esta verdade: "E esta é a mensagem que dele ouvimos, e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas. Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade" (1 João 1:5,6). Ele emprega termos ainda mais fortes no capítulo dois: "Aquele que diz: eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade" (1 João 2:4).

Isso é ensino escriturístico, e é muito diferente de chamar o povo à frente para receber a bênção da santificação. Não é? Donde veio tal ensino? Não está nas Escrituras; ele as contradiz. As Escrituras ensinam que, se você diz que conhece a Deus, e vive nas trevas, a única coisa que se pode dizer é que você é um mentiroso, um mentiroso descarado, e a verdade não está em você. "Não aprendestes assim a Cristo."

Pedro também fala sobre a total incongruência de dizer

que sabemos estas coisas ao passo que vivemos como se não as soubéssemos. Ele diz: "Ora, pois, já que Cristo padeceu por nós na carne, armai-vos também vós com este pensamento, que aquele que padeceu na carne já cessou do pecado; para que, no tempo que vos resta na carne, não vivais mais segundo as concupiscências dos homens, mas segundo a vontade de Deus. Porque é bastante que no tempo passado da vida fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, borrachices, glutonarias, bebedices e abomináveis idolatrias; e acham estranho não correrdes com eles no mesmo desenfreamento de dissolução, blasfemando de vós" (1 Pedro 4:1-4). Desenvolvam no argumento: é uma total e completa incoerência continuar vivendo e nos comportando da maneira como vivíamos e nos comportávamos antes de nascermos de novo. Jamais conseguiremos exagerar na ênfase a isso.

Entretanto, devemos compreender também o perigo de viver como se pertencêssemos à noite e como se ainda estivéssemos nas trevas. O apóstolo apela para nós no sentido de que "andemos honestamente" porque agora pertencemos ao dia, e depois nos diz o que não devemos fazer. Ele o diz com toda a clareza a Timóteo: "Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas" – foge delas para tão longe quanto puder – "e segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a paciência, a mansidão. Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna..." (1 Timóteo 6:8-12). Por quê? Porque você é um "homem de Deus".

"É grande ganho a piedade com contentamento" (1 Timóteo 6:6). A alternativa é sempre uma vida de perdição

que guerreia contra a alma. Em sua Segunda Epístola a Timóteo o apóstolo fala sobre um pobre homem chamado Demas: "Demas me desamparou, amando o presente século" (2 Timóteo 4:10). Demas não tinha tencionado errar ou retroceder, porém sucumbiu à sutil influência do mal, à vida da noite e das trevas.

Pedro, se fosse possível, expressa este perigo ainda mais claramente. Em sua primeira carta, vemos exatamente a mesma abordagem, o mesmo método de primeiro expor a doutrina e depois fazer a dedução. "Mas vós" – primeiramente Pedro lembra a seus leitores quem eles são – "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido" – um povo "peculiar" (VA), para ser uma propriedade especial de Deus, mas, com que propósito? – "para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" – é o que sois – "vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia" (1 Pedro 2:9,10). Isso é cristianismo, é dessa maneira que o cristianismo apresenta a doutrina da santificação. Vocês eram isso, mas não são mais; agora, procuram dar-se conta positivamente de quem são.

E então Pedro continua, em termos bastante práticos: "Amados, peço-vos" – a palavra que Paulo emprega – "como a peregrinos e forasteiros" – o que, como já vimos, é apenas outra maneira de nos dizer que não somos mais o que habitualmente éramos, que não pertencemos mais a este mundo, mas somos viajores, pessoas que estão fora de casa, cuja cidadania está no céu. Isso é argumento puro e simples. Lembrem-se de que a honra da pátria e da sua família está em suas mãos, e que vocês estão aqui para revelar Cristo e anunciar as Suas virtudes. "...como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais" – por quê? – "que combatem contra a alma".

Pois bem, Pedro está escrevendo a cristãos, lembrem-se.

Vocês enxergam o artificialismo que se introduziu com o falso ensino sobre a santidade? Vocês precisam compreender que ainda têm que enfrentar essas forças que "combatem contra a alma", e elas são perigosas. João Bunyan demonstrou isso uma vez por todas em sua obra O Progresso, ou A Marcha, do Peregrino ("The Pilgrim's Progress"), na qual ele fala sobre Cristão e Fiel passando pela Feira da Vaidade. O mundo é isso. Releiam Bunyan, e verão que muitos, deixando de lembrar-se de que são peregrinos e estrangeiros, passam a interessar-se pelo mundo e se desviam. Por isso metem-se em problemas e precisam desembaraçar-se.

O ponto que estou sustentando é que não devemos examinar estas "concupiscências carnais" em si mesmas. Constantemente digo isso porque vejo que as pessoas geralmente me procuram preocupadas com o problema em si. E tudo o que eu tenho que fazer é dizer: "Olhe aqui, relacione tudo isso com a sua alma; não é tanto sobre a tentação particular que você deve orar – fazendo isso você se sugestiona a si próprio com ela – mas trate de aperceber-se da verdade acerca de si próprio, seja positivo em toda a sua maneira de ver". É assim que se vence o pecado. Não fique sempre lidando com o pecado em si, mas veja a si mesmo como você é ou como está. E, entre outras coisas, você verá que não importa quão santo você é, o pecado é sempre perigoso: ele combate contra a alma.

E depois, no versículo 12, Pedro passa a mais um argumento: "Tendo o vosso viver honesto entre os gentios". Você vive como alguém que pertence a Deus, não só para a sua própria salvação, mas também porque outras pessoas o estão observando, e você causará má reputação à glória de Deus, se falhar. Por outro lado, se fizer o que é certo e viver como deve, jamais saberá que efeito vai produzir noutras pessoas. Bem pode ser que elas "glorifiquem a Deus no dia da visitação" pelo que viram em você e por seu intermédio.

Este é um grande argumento. Estas coisas – "o mundo, a

carne e o diabo" – são, positivamente, um perigo para nós. Portanto, não brinquemos com elas, não vivamos tão perto delas quanto pudermos. Parece que muitos são os que fazem isso hoje em dia. Ao que me parece, penetrou nos círculos evangélicos um novo pensamento, que diz: "Fique tão perto quando puder destas coisas". E os que dizem isso se acham inteligentes! Logo verão que tais coisas combatem contra a alma. Na verdade, a prova já vai chegando; há um deslizamento, um rebaixamento dos padrões, até na abordagem da Bíblia, e em tudo mais.

Se vocês começarem a fazer concessões em sua prática, logo se verão fazendo concessões em suas crenças – em sua maneira de ver as Escrituras, por exemplo. E penso que estamos testemunhando muitíssimas concessões dessas, simplesmente porque não nos damos conta do perigo da noite e das trevas. Por que havemos de querer ser de algum modo semelhantes ao mundo? Oh, conheço o especioso, o enganoso argumento que afirma que isso ajuda a conquistar pessoas para Cristo. Todavia essa abordagem é exatamente o oposto do ensino do Novo Testamento.

A seguir, outro argumento, ou outra solene dedução, é o terrível perigo da presunção. Com efeito, devo manusear isto com cautela porque pode ser mal compreendido, e muitas vezes o é. Refiro-me ao perigo de leviandade, o perigo de desvirtuar as Escrituras para nossa própria perdição, para usar a linguagem de Pedro (2 Pedro 3:16). É falsa a certeza que só se baseia numa espécie de dedução intelectual. Já nos referimos a isso. Há aqueles que perguntam: "Você crê no Senhor Jesus Cristo?" E quando você lhe responde: "Sim, eu creio", tais pessoas dizem: "Muito bem, então você está salvo". E deixam a coisa nesse pé. Não fazem uso dos argumentos da Primeira Epístola de João, dos testes sobre se você é cristão de verdade ou não – e, lembrem-se, em conformidade com aquela Epístola, o cumprimento dos mandamentos é um teste muito proeminente.

A presunção é um terrível perigo, e, para o devido trato desse perigo há algumas terrificantes passagens nas Escrituras. Vejam a parte inicial de Hebreus, capítulo 6: "Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificaram o Filho de Deus, e o expõem ao vitupério" (versículos 4-6).

E há uma passagem paralela no capítulo dez de Hebreus: "Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectação horrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários. Quebrantando alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia, só pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do testamento com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça? Porque bem conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu darei a recompensa, diz o Senhor" (versículos 26-30). Depois, no versículo 31, ele continua com esta tremenda declaração: "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo".

Não estamos interessados em fazer uma exposição completa dessas passagens. Eu creio na perseverança final dos santos, como Paulo a ensina no capítulo 8, e assim, por que foram escritas essas passagens de Hebreus? Foi para advertir-nos do perigo da presunção. Os cristãos jamais devem viver só na esfera do intelecto. Não é permitido que o façam. Vocês podem discutir intelectualmente sobre a segurança, porém se só fizerem isso, podem estar indo para o inferno. Os cristãos precisam ser coerentes. Os homens e as mulheres realmente cristãos preocupam-se tanto com o seu

coração e a sua vontade como com a sua mente. Os teóricos, que vivem exatamente ao contrário do que alegam crer, estão no maior perigo possível, e sempre devem ser encaminhados a Hebreus, capítulos 6 e 10.

Existem outras passagens das Escrituras que nos dão o mesmo ensino: "De modo que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com tremor e temor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:12,13). Não, "Tome-o pela fé"; não, "Deixe tudo com o Senhor". Não, opere-o você mesmo, mas, lembre-se, "com temor e tremor".

"Mas", você perguntará, "onde foi parar a fé do apóstolo Paulo? Como pode ele dizer uma coisa dessas? Eu estou salvo. Tudo está feito e comprovado. Não tenho nem dúvidas nem problemas. Por que o apóstolo fala em "temor e tremor"?

É porque os cristãos têm algum conhecimento da santidade de Deus. É por isso que eles sempre andam e sempre se aproximam de Deus "com reverência e santo temor" (Hebreus 12:28, VA). Parece-me que o apóstolo Paulo sabia mais sobre isso do que ninguém. Ele pregava e vivia com temor e tremor. Mas isso não é medo covarde. É o temor de fazer ofensa a um Deus e Pai tão cheio de amor, o temor de, de algum modo, levar o evangelho a ter má reputação, o temor de cair à beira do caminho. Como diz Paulo: "...para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado" (1 Coríntios 9:27), ou a ser desqualificado.

"Seja a vossa eqüidade* notória a todos os homens" (Filipenses 4:5). Por quê? "Perto está o Senhor". É o mesmo argumento. Conquanto seja fato que aos cristãos é dada a certeza da sua salvação, eles andam no temor do Senhor. É isso que os nossos pais costumavam denominar qualidade de

* VA e ARA: "moderação". Nota do tradutor.

ser temente a Deus,* mas muito pouco se ouve falar nisso hoje em dia. Ao invés disso, o que vemos diante de nós é a segurança leviana e os métodos comerciais próprios do mundo. Mas tudo isso é alheio ao Novo Testamento: tudo nele é temor e tremor. Nele temos "a alegria do Senhor", porém é alegria santa. Nunca é presumida; nunca leviana; nunca escorregadia; nunca superficial.

Tiago expõe isso com perfeita clareza, a seu modo: "Sede pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações, porque já a vinda do Senhor está próxima. Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados. Eis que o juiz está à porta. Meus irmãos, tomai por exemplo de aflição e paciência os profetas que falaram em nome do Senhor. Eis que temos por bem-aventurados os que sofreram" (Tiago 5:7-11).

Tiago já se havia dirigido aos ricos: "Eia pois agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e os vossos vestidos estão comidos de traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos. Deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes; cevastes os vossos corações, como num dia de matança. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu" (Tiago 5:1-6). E então ele diz àqueles que sofreram que sejam pacientes, mas tudo isso em termos da "vinda do Senhor".

Pedro faz uso do mesmo argumento: "Já está próximo o

* "Godliness". Nota do tradutor.

fim de todas as coisas; portanto sede sóbrios e vigiai em oração" (1 Pedro 4:7). E mais adiante: "Que nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou malfeitor" – lembrem-se, ele está escrevendo a cristãos autênticos! – "ou como o que se entremete em negócios alheios; mas, se padece como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus nesta parte. Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus? E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?" (1 Pedro 4:15-18)* Não preciso dizer mais nada. Todas estas advertências são contra a presunção.

Mas permitam que eu passe a outro assunto. As citações acima são de advertências; examinemos agora o ensino positivo. Pensem na glória que está para vir, que nos espera – este "dia" sobre o qual Paulo escreve. Vimos no capítulo anterior de que maneira maravilhosa João se expressa sobre isto no capítulo três da sua primeira carta. Também o tivemos em todo o capítulo 8 de Romanos, quando Paulo se refere à "manifestação dos filhos de Deus" (versículo 19). "Porque para mim tenho por certo", diz ele, "que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (versículo 18). Refere-se a nós! E logo vem!**

Então, o argumento final é a brevidade do tempo que temos para preparar-nos para esta glória que nos aguarda. A Epístola está repleta desta espécie de exortação: "Portanto, se

---

* NVI (versículo 18): "...se ao justo é difícil ser salvo, que será do ímpio e pecador?" Nota do tradutor.

** Evito aqui uma tradução que se tornou amplamente divulgada com um conseqüente erro referente à segunda vinda de Cristo. Até em letreiros afixados em automóveis se vê a frase: "Jesus está vindo!" Como alhures o autor desta obra salienta, a vinda será repentina, "todo olho o verá", será como o relâmpago que se vê do Ocidente ao Oriente. Em português a expressão "Jesus está vindo" dá a impressão de que Ele saiu do céu e ainda não chegou aqui! Absurdo total! Nota do tradutor.

já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória" (Colossenses 3:1-4). Vocês sabem o que vem depois disso? "Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a terra" (versículo 5) – pela glória que vem. Vem para vocês! Vocês serão manifestados, aparecerão com Ele em glória, e serão glorificados por Ele.

E Pedro diz: "Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pedro 1:10,11). Não temos muito tempo, o dia está às portas. Temos que preparar-nos! "Havendo pois de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz" (2 Pedro 3:11-14). Esse é um apelo baseado num argumento; façam a dedução direta dele. Como João diz: "E qualquer que tem esta esperança purifica-se a si mesmo" (1 João 3:3).

Deixemos que o livro do Apocalipse nos diga a última palavra sobre este assunto. É uma grandiosa descrição: "Ouvi como que a voz de uma grande multidão, e como que a voz de muitas águas, e como que a voz de grandes trovões, que dizia: Aleluia! pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina. Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se

aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são" – o quê? – "as justiças dos santos" (Apocalipse 19:6-8).

A Igreja é a noiva de Cristo, e o apelo é este: prepare o seu enxoval, as vestes próprias para a festa de casamento. Aprontem-se para a cerimônia matrimonial. Fiquem prontos para as grandiosas bodas que vão ser realizadas. O linho fino é a justiça. Sejam diligentes! Logo vem! "O dia está às portas." Preparem-se para estas gloriosas bodas do Noivo e Sua noiva, a Igreja, da qual, pela graça de Deus, eu e vocês somos membros, tendo sido chamados por Ele das trevas para a Sua maravilhosa luz, transportados do reino de satanás para o reino do Seu bem-amado Filho.

21

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Vimos que, para podermos dar atenção à exortação que Paulo nos vem fazendo desde o princípio de Romanos, capítulo 12, temos que conhecer, fixar e entender estas doutrinas que temos considerado juntos. E então, conhecendo-as, podemos tirar juntos as deduções.

Mas, antes de passarmos ao que descrevi como a segunda divisão desta subdivisão final – a aplicação prática – há um ponto do qual devemos tratar, uma espécie de ponto residual que vem sob o título de doutrina. Refiro-me à questão geral do que o apóstolo realmente cria acerca da proximidade da vinda do Senhor.

Pois bem, notem algumas frases empregadas por Paulo. "A nossa salvação está agora mais perto do que quando aceitamos a fé". Essa frase não é difícil, porém introduz as outras. As declarações difíceis são: "A noite é passada" e "O dia é chegado". Sabemos que a expressão "o dia", que ocorre tantas vezes no Novo Testamento, geralmente é associada à vinda do Senhor, e aqui, na superfície, o apóstolo parece

ensinar que esse dia está muito próximo, "às portas". Ora, muita atenção tem sido dado a isso, e, portanto, devemos considerá-lo.

Há um ensino que começou no século dezenove mas que se tornou popular no século vinte e que diz que, no princípio da sua vida como apóstolo, Paulo esperava que o Senhor voltaria quase que imediatamente. Sustentava igualmente que essa era a opinião de todos os cristãos primitivos. Na verdade, alguns dos expoentes desse ensino vão mais longe e dizem que o nosso Senhor mesmo pensava assim. Essa foi a conclusão a que chegou o Dr. Albert Schweitzer, que, como já vimos, usava esse argumento para tratar do problema dos teólogos liberais, que estavam tentando reconstruir o que eles denominavam "o Jesus da história".

Schweitzer mostrou que uma das principais ênfases do ensino do nosso Senhor era o Seu retorno para vencer os Seus inimigos e estabelecer o Seu reino eterno. Todavia, conquanto rejeitasse o Jesus liberal da história, também rejeitava o Cristo do Novo Testamento, que é o Salvador do mundo. Ele alegava que o nosso Senhor estava apenas numa espécie de condição extática, de êxtase, e como homem tinha exagerado as idéias da Sua própria importância. É com esse tipo de ensino que estamos lidando agora. Ele sustenta que os apóstolos e outros estavam confiantes em que o regresso do nosso Senhor era iminente.

Aqueles que sustentam essa idéia vão adiante e dizem que, como se passaram os anos e o nosso Senhor não voltou, o apóstolo mudou de opinião e chegou à conclusão de que a sua primeira idéia era errônea. Além disso, ele achou que devia preparar os cristãos e a Igreja Cristã para um longo período de tempo antes da segunda vinda. Eles assinalavam que por isso não se encontra o ensino sobre a volta iminente nas últimas cartas de Paulo. Mas eles ficam em dificuldade quanto a este capítulo treze de Romanos

porque aqui, dizem eles, Paulo ensina que o retorno do Senhor está às portas. Por isso afirmam que Paulo se tornou uma espécie de apóstata intelectual neste ponto, retrocedendo ao seu ensino errôneo anterior. Eles dizem que este é o único lugar em que Paulo menciona isso nesta Epístola e em qualquer das suas últimas cartas, de modo que, por assim dizer, ele teve um deslize.

Pois bem, isso é importante para nós porque é uma das sutis maneiras pelas quais é atacada a inspiração das Escrituras. Se se pudesse estabelecer que o apóstolo Paulo cometeu um engano, e que o ensino das suas primeiras Epístolas é errôneo, não mais se poderia afirmar que as Epístolas de Paulo são resultantes da inspiração única e especial do Espírito, que o guiou infalivelmente. Esse falso ensino afirma que os apóstolos foram inspirados como os poetas podem ser inspirados, mas que, evidentemente, eles não só podem cometer enganos como de fato os cometem, e aqui está um exemplo evidente. Portanto, no interesse da nossa fé, não somente na confiabilidade, porém também na infalibilidade das Escrituras, é essencial que tratemos deste argumento.

O caso apresentado é essencialmente que nalgumas das primeiras Epístolas, particularmente em 1 e 2 Tessalonicenses, há inequívoca evidência de que o apóstolo acreditava na volta iminente do nosso Senhor. Tomemos, por exemplo 1Tessalonicenses 4:15, onde Paulo se refere ao fato de que nós, que estivermos vivos por ocasião da vinda do Senhor, não iremos antes ("não precederemos") aos que estiverem mortos ("os que dormem"). Alega-se que essa é uma prova de que, obviamente, Paulo acreditava que a segunda vinda iria acontecer no seu próprio tempo. Também se diz que Paulo afirma virtualmente a mesma coisa em 1Tessalonicenses, capítulo 5 e em 2 Tessalonicenses 1:6,7, onde, escrevendo para consolar e fortalecer os que estavam sendo perseguidos, ele diz: "Se de fato é justo diante de Deus que dê em paga

tribulação aos que vos atribulam, e a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder". Imagina-se que o que está por trás disso é a crença na iminência do retorno do nosso Senhor.

Alega-se que há uma evidência similar em 1 Coríntios 7:29-31: "Isto, porém, vos digo, irmãos, que o tempo se abrevia; o que resta é que também os que têm mulheres sejam como se as não tivessem; e os que choram, como se não chorassem; e os que folgam, como se não folgassem; e os que compram, como se não possuíssem; e os que usam deste mundo, como se dele não abusassem, porque a aparência* deste mundo passa". Um versículo importante, sempre citado, é 1 Coríntios 15:51: "Eis aqui vos digo um mistério: na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados".

Depois, em Filipenses 4:5, há uma declaração que parece dar peso ao referido argumento: "Seja a vossa eqüidade notória a todos os homens" – por quê? – "Perto está o Senhor". No entanto, isso não ajuda os que dão tanto apoio à teoria que estamos analisando como eles gostariam, porque Filipenses é uma das últimas Epístolas!

Outros escritores do Novo Testamento também são citados. Vejam Hebreus 10:37: "Porque ainda um pouco-chinho de tempo, e o que há de vir virá, e não tardará". Também o capítulo 5, versículo 8, de Tiago – uma carta primitiva – diz: "Sede vós também pacientes, fortalecei os corações; porque já a vinda do Senhor está próxima". E Pedro escreve: "E já está próximo o fim de todas as coisas; portanto sede sóbrios e vigiai em oração", versículo similar aos versículos de Romanos, capítulo 13, que estamos considerando agora.

E então, finalmente, no Apocalipse, capítulo 22, lemos: "E disse-me: não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo... E, eis que cedo venho, e o

* VA: "moda", "forma"; NVI: "a forma presente". Nota do tradutor.

meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra" (versículos 10, 12).

Essa é a prova comumente aduzida para dar suporte a esta particular controvérsia. Qual será, então, a resposta? Bem, já lhes dei o que em si deveria ser suficiente: essa tentativa de traçar uma aguda distinção entre as primeiras Epístolas de Paulo e as últimas cai totalmente por terra em face do fato de que alguns dos versículos que citei estão em Epístolas mais recentes, como podemos ver na passagem de Filipenses e desta de Romanos.

Em segundo lugar, o próprio ensino do nosso Senhor nos fornece evidências importantes. Em Mateus, capítulo 25, diz Ele que o reino dos céus é como um homem que vai a um país distante, e o nosso Senhor Se refere a uma longa ausência: "E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos" (versículo 19). Nesse ensino parabólico o nosso Senhor dá uma clara indicação de que haverá um intervalo de tempo antes do Seu regresso. Ele na verdade diz especificamente isso em Mateus 24:14 e nas passagens paralelas: "E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim".

Ora, se não tivéssemos nada mais que isso, já seria o suficiente. Isso, lembrem-se, foi antes da crucifixão, quando o evangelho estava confinado às "ovelhas perdidas da casa de Israel", como o nosso Senhor Se expressa ao dirigir-Se à mulher siro-fenícia* (Mateus 15:24), mas Ele esclarece muito bem que, antes de chegar o fim, o evangelho terá que ser pregado a todas as nações, do mundo inteiro.

No fim do Evangelho Segundo João há uma espécie de nota de rodapé muito interessante relativa ao ensino do nosso Senhor sobre este assunto. Em João 21:20-23 lemos: "Pedro, voltando-se, viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava... Vendo Pedro a este, disse a Jesus: Senhor,

* Ver Marcos 7:26. Nota do tradutor.

e deste que será?" – que tens a dizer acerca deste homem? – "Disse-lhe Jesus: se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu. Divulgou-se pois entre os irmãos este dito, que aquele discípulo não havia de morrer. Jesus, porém, não lhe disse que não morreria, mas: se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti?"

Ora, João escreveu nos fins do século primeiro. Seja como for, o seu Evangelho é um dos últimos escritos do cânon do Novo Testamento. Ele toma a questão da volta do nosso Senhor e diz que as pessoas tinham entendido mal as Suas palavras. O nosso Senhor não disse que João iria viver até quando Ele voltasse, porém simplesmente havia dito a Pedro que tratasse do que era da conta dele. Isso estava fora da área de Pedro, e ele não devia preocupar-se a respeito.

Essa é a maior prova quanto ao nosso Senhor. Que dizer, então, a respeito do apóstolo Paulo? Bem, isso é particularmente interessante. Vemos aqui quão longe tiveram que ir os próceres da chamada alta crítica, e até que ponto eles torceram e forçaram as Escrituras com o fim de solapar a autoridade delas, porque 2 Tessalonicenses trata desta questão definitivamente. Ali o apóstolo adverte as pessoas de que não dêem ouvidos a ninguém que ensine que o Senhor vem imediatamente: "Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo" – melhor, "o dia do Senhor"* – estivesse já perto" (versículos 1,2).

Noutras palavras, alguns dos tais mestres diziam que haviam tido uma revelação ("por espírito"), outros, que tinham recebido um ensino ("por palavra"), de que o dia do Senhor era iminente. Na verdade, alguns até afirmavam

* Assim ARA, NVI e ARC, edição de "Os Gideões Internacionais". Nota do tradutor.

falsamente que o próprio apóstolo Paulo ("por epístola, como de nós") estivera ensinando isso. Paulo diz: "Não acreditem nisso. Não é verdade". E ele dá os argumentos para a refutação desse ensino. Havia, então, pessoas que estavam ensinando essas coisas, entretanto Paulo não. E mais adiante, nesse capítulo dois de 2 Tessalonicenses, Paulo se empenha em assinalar isso. "Não vos lembrais", diz ele, "de que estas coisas (eu) vos dizia quando ainda estava convosco?" (versículo 5). Quando primeiramente estivera com eles, o apóstolo lhes tinha dado o evangelho completo, como fazia por onde ia.

E, no fim do capítulo primeiro da sua primeira carta aos tessalonicenses, Paulo coloca o assunto em termos como estes: "Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco" – isto é, quando foi lá pela primeira vez para pregar – "e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura". Quando o apóstolo pregava, sempre pregava o evangelho completo. Não se limitava a fazer apelos para decisão e a dizer: "Venham a Jesus". Paulo evangelizava pregando "todo o conselho de Deus" (Atos 20:27). Freqüentemente ele leva as pessoas a se lembrarem disso, e aqui ele lembra aos cristãos de Tessalônica que, quando estivera com eles, tinha-lhes dito "estas coisas", e explica o que são estas coisas.

Que são elas? Aqui, de novo, temos uma importantíssima peça de prova. Paulo tinha assinalado para os tessalonicenses que aquele dia não viria antes de acontecerem certas coisas. "Ninguém de maneira alguma vos engane", escreve ele, "porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora" (2 Tessalonicenses 2:3,4). Pode-se considerar o "homem do pecado" como o Império Romano, ou entender que ele ainda está por vir, mas, quanto aos propósitos

deste argumento, qualquer que seja a interpretação que se dê, não importa. Tudo o que precisamos fazer é mostrar que o apóstolo está interessado em dizer que o retorno do nosso Senhor não é iminente.

Passemos então aos versículos 6 e 7: "E agora vós sabeis o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado. Porque já o mistério da injustiça opera: somente há um que agora resiste" – aquele que agora o detém, ou retém, ou reterá – "até que do meio seja retirado". Tem havido considerável discussão sobre o sentido desses versículos. Alguns dizem que as palavras "há um que agora resiste" (ou, VA: "aquele que agora o retém") refere-se ao Espírito Santo; outros dizem que a referência é ao Império Romano e que Paulo está visualizando o dia em que esse império não estará mais no controle. Contudo, novamente, quanto ao propósito do nosso argumento, isso não importa, pois o Império Romano durou vários séculos depois de ser escrita esta passagem. O que está claro é que o apóstolo está dizendo que, quando pregou pela primeira vez aos tessalonicenses, pregou a segunda vinda de Cristo, mas deixou claro que esta não aconteceria imediatamente porque primeiro aconteceriam certas coisas.

Portanto, se não tivéssemos mais nada para guiar-nos, isso seria mais que suficiente. Todos os que se dizem eruditos concordam que as cartas aos tessalonicenses, especialmente a primeira, são as primeiras de todas as cartas de Paulo. Temos, pois, aqui uma prova de que desde muito cedo, até mesmo antes de ter escrito 1 Tessalonicenses, o apóstolo tinha ensinado com toda a clareza que a volta do Senhor não aconteceria de imediato porque certas coisa iriam acontecer primeiro.

Mas, certamente, de maneira muito interessante, nesta Epístola aos Romanos também temos um argumento que refuta completamente esta acusação feita contra Paulo e os demais apóstolos. Vocês se lembram do grande ensino do

capítulo onze? O apóstolo, tratando da situação dos judeus, escreve: "Digo pois: porventura tropeçaram, para que caíssem? De modo nenhum, mas pela sua queda veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação. E, se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude! Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério; para ver se de alguma maneira posso incitar à emulação os da minha carne e salvar alguns deles. Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?" (Romanos 11:11-15).

E depois, perto do fim do capítulo, Paulo diz: "Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento" (versículos 28,29). E nos versículos 31 e 32: "Assim também estes agora foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada. Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia". E anteriormente ele havia falado sobre "todo o Israel" ser salvo (versículo 26), acrescentando: "E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados (versículo 27), e assim por diante.

Pois bem, quando examinamos esse texto,* vimos que o apóstolo nos ensina explícita e claramente que algum tempo antes do fim haverá um grande ajuntamento de judeus convertidos no reino de Deus, na Igreja. Portanto, como poderia ele afirmar, ou sequer imaginar por um momento, que a segunda vinda de Cristo seria iminente, visto que na mesma carta ele escreve que parte o seu coração ver que os judeus estão crescentemente rejeitando o evangelho e

* Ver Romanos: *Exposição do Capítulo 11: Para a Glória de Deus*, Publicações Evangélicas Selecionadas, São Paulo, 2003.

que tem que se afastar deles? "Desde agora", disse Paulo quando estava em Corinto, "parto para os gentios" (Atos 18:6). Sacudiu o pó dos seus pés e veio a ser o grande apóstolo dos gentios.

Temos, pois, claro ensino, não somente em 1 e 2 Tessalonicenses, mas também aqui mesmo, em Romanos, que mostra que quando o apóstolo escreve: "A noite é passada, e o dia é chegado", não pode, de maneira nenhuma, querer dizer que o retorno do Senhor é iminente. Se quisesse dizer isso, não só estaria sendo um apóstata intelectual, como também deveria estar em péssimas condições, porque não foi capaz de lembrar, ainda no fim do capítulo 13, o que tinha afirmado num longo argumento no capítulo 11! Essa é uma insinuação monstruosa, do princípio ao fim.

E não somente isso; temos mais outra prova. Em Filipenses, capítulo primeiro, o apóstolo nos diz como vê sua própria vida. Ele é prisioneiro em Roma, e não sabe em que momento será morto, mas vejam como ele se expressa a respeito: "Para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho" – ele pensa em termos da sua morte – "Mas, se o viver na carne me der fruto da minha obra, não sei então o que deva escolher. Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor" (versículos 21-23). Esse é seu modo normal de pensar.

E em sua derradeira carta consta claramente o mesmo pensamento: "Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo" (2 Timóteo 4:6). Paulo não está pensando tanto na vinda do nosso Senhor como em sua própria morte e em sua partida deste mundo.

E este ensino não se restringe ao apóstolo Paulo. O apóstolo Pedro fala de igual maneira. "Pelo que não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas, ainda que bem as saibais, e estejais confirmados na presente verdade. E tenho por justo, enquanto estiver neste tabernáculo, despertar-vos com

admoestações. Sabendo que brevemente hei de deixar este meu tabernáculo, como também nosso Senhor Jesus Cristo já mo tem revelado" (2 Pedro 1:12-14). Ele também não imagina que o retorno do Senhor se dará logo, a qualquer momento; ele fala em termos da sua morte.

Depois, em sua próxima carta, Pedro usa um argumento mais tremendo. Apareceram escarnecedores, e ele escreve que tinha advertido os seus leitores a respeito deles: "Amados, escrevo-vos agora esta segunda carta, em ambas as quais desperto com exortação o vosso ânimo sincero; para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos. Sabendo primeiro isto" – tinha sido ensinado isso a eles – "que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: onde está a promessa da sua vinda?" – vejam vocês, são os escarnecedores que ensinam isso, os apóstolos nunca ensinaram isso, porém os inimigos ficam sempre a repeti-lo – "porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Eles voluntariamente ignoram isto..." (2 Pedro 3:1-5).

Depois Pedro desenvolve o argumento, e esta é sua chave: "Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite" (versículos 8-10). Essa é a real resposta de Pedro. Essas pessoas não têm conhecimento. Pensam que Deus é controlado pelo tempo da mesma forma que elas são. Diz ele que não se deve pensar nestas coisas dessa maneira material, a modo de calendário. Não, "Um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia".

Por conseguinte, eu gostaria de resumir a questão em termos como estes: quando tratarmos do tema da segunda

vinda do nosso Senhor, sempre devemos lembrar-nos de que estamos lidando com o que se pode chamar de "tempo profético", que, como já vimos quando definimos as palavras de Paulo, "o tempo", é algo muito especial e particular. O tempo profético sempre trata dos acontecimentos importantes; não se interessa por eventos menores. Vejam as profecias do Velho Testamento, por exemplo; vocês já notaram quantas vezes elas parecem escorçar ou sintetizar a história e fundir a primeira e a segunda vindas de Cristo, como que obliterando o intervalo entre elas? Isso é "fazer escorço profético".

Um exemplo clássico é a declaração do nosso Senhor na sinagoga da sua cidade. Lucas escreve: "Então, pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galiléia... E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. Em Atos, capítulo 2, há outro exemplo interessante. No dia de Pentecoste, quando Pedro estava pregando em Jerusalém e perguntaram qual era o sentido de tudo aquilo, Pedro disse: "Estes homens não estão embriagados, como vós pensais... Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também, do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima, no céu; e sinais embaixo na terra, sangue, fogo e vapor de fumo. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes de chegar o grande e glorioso dia do Senhor; e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo" (Atos 2:15-21).

Toda essa passagem teria sido cumprido no dia de Pentecoste? Obviamente não. Uma parte sim, mas uma parte se refere ao fim definitivo. O profeta Joel, como Pedro, funde ambas numa só porque, como já vimos quando

interpretamos o sentido de "o tempo", do ponto de vista da profecia, o intervalo entre a primeira e a segunda vindas não é nada. Sempre devemos ter isso em mente.

Outro princípio importante é que às vezes, ao estudarmos algumas destas passagens, é quase impossível dizer se o escritor está falando sobre a nossa morte ou sobre a vinda do Senhor. Há um sentido em que podemos entender facilmente isso, pois, no momento em que morremos e partimos deste mundo, já estamos inteiramente naquela outra esfera. Os dois fatos são diferentes, e devemos manter a diferença, mas são tão entrelaçados que às vezes elas como que se fundem, e o escritor parece estar pensando em sua morte e na segunda vinda do Senhor. Afinal de contas, a morte é tão-somente uma espécie de ensaio ou de antecipação do que irá acontecer em sua plena perfeição no tempo da segunda vinda.

Assim, finalmente, eu resumo o assunto da seguinte maneira: os cristãos já estão vivendo em "o dia"; eles já conhecem algo das glórias da eternidade que os esperam. O resultado disso deve ser que toda a sua maneira de ver a vida neste mundo seja controlada por esse pensamento, de modo que eles digam a respeito da sua vida: "Que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece" (Tiago 4:14). É assim que o cristão vê a nossa vida no tempo. Para o que não é cristão ela é extensa e vai continuar indefinidamente, porém para os homens e mulheres cristãos tudo o que acontece antes da glória que os espera não passa de um vapor.

Ouçam Paulo expressar essa verdade. Aqui está ele, na carne, cercado de provações, dificuldades e tribulações, mas eis como ele descreve a situação: "A nossa leve e momentânea tribulação" (2 Coríntios 4:17) – "momentânea"; um momento! Isso é tudo! "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória muito excelente; não atentando nós nas coisas que se vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas"

(2 Coríntios 4:17,18). Isso é típico do pensamento cristão acerca da vida neste mundo.

Não significa que os cristãos não são realistas, e sim que, quando eles contemplam o que os espera, a vida neste mundo parece um nada; ela é relativamente curta. Pensar nas coisas que se não vêem faz tudo mais parecer algo evanescente e passageiro, uma coisa "momentânea". Como Paulo diz, escrevendo a Tito, os cristãos são pessoas que estão aguardando e esperando "o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tito 2:13). Ou, como diz Pedro, o cristão não somente espera, mas também apressa "a vinda do dia de Deus" (ARA e NVI) (2 Pedro 3:12).

Portanto, para nós, como cristãos, essa é a nossa visão geral do tempo. Naturalmente, a nossa salvação está "agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé", e, num sentido, está realmente muito perto. Todas estas coisas existem por um momento, pelo que, ela está "às portas". Começamos a entender o que significa mil anos serem apenas como um dia. Não pensamos em termos de reis e príncipes, de nascimentos, casamentos e mortes, guerras e eleições. Não, não! Pensamos nestes grandes eventos ...A primeira vinda! A segunda vinda! Todas as outras coisas nada mais são que um sopro de ar, um mero vapor.

É por isso que vocês verão este ensino percorrendo todo o Novo Testamento. Somos chamados para estar sempre prontos, sempre à espera, sempre tendo "cingidos os (nossos) lombos" (Efésios 6:14). Não é que pensamos que ele virá logo, a qualquer momento – sabemos que certas coisas terão que acontecer primeiro – mas significa que, considerando o conceito profético de tempo, sabemos que está às portas. Sempre esteve às portas, para todas as gerações de cristãos, desde o princípio, e está às portas para nós.

E essa, parece-me, é a resposta dada pelas Escrituras a essa tentativa moderna de solapar ou de pôr em dúvida a autoridade e a infalibilidade dos apóstolos e das Escrituras

que eles escreveram para nós. Não houve mudança na opinião do apóstolo Paulo; ele não estava laborando em erro nesta ou naquela ocasião. Seu ensino é um todo coeso; é coerente.

O que é importante para nós é o seguinte: podemos nós, com o apóstolo, olhar para a vida como ela é no tempo presente, seja o que for que estiver acontecendo conosco, e dizer: "a nossa leve e momentânea tribulação", não porque é propriamente leve, mas porque se torna leve quando a pomos lado a lado com a glória que nos espera? Se vemos essa glória, claro está que o que quer que nos aconteça aqui é coisa leve, e momentânea. A glória sempiterna nos aguarda, e a nossa tribulação está produzindo para nós "um peso eterno de glória muito excelente" (2 Coríntios 4:17). Queira Deus conceder-nos que saibamos estas coisas, para que este seja o nosso conceito da vida e do tempo neste mundo.

22

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Este é o último grande apelo que o apóstolo nos faz, a nós e àqueles romanos a quem ele está escrevendo. Ele nos faz um apelo para que ponhamos em prática as instruções quanto à vida e ao viver diário que ele vem delineando no capítulo 12 e neste capítulo. Temos considerado o aspecto doutrinário do apelo de Paulo, e agora vamos passar ao ensino prático, e aqui, mais uma vez, o apóstolo nos diz em detalhe como devemos viver. Ele já no-lo dissera, porém torna a resumi-lo agora. Este é um ensino de quem é versado no assunto. Se não aprendermos nada mais, procuremos aprender do apóstolo como se deve ensinar, e, como eu disse, a arte do ensino resume-se na repetição. É fatal presumir que já sabemos estas coisas, ou pensar que, devido as sabermos, elas estão vivas em nossa mente. Não estão. Precisamos ser leva-dos a recordá-las, e é isso que o apóstolo faz aqui.

Além disso, Paulo nunca fica só nos princípios gerais, sempre os aplica: é péssima a pregação e ensino que não conclui invariavelmente com aplicação. Jamais devemos

tomar uma visão teórica das Escrituras. Na verdade, como já vimos no início do capítulo 12, o objetivo geral do restante desta grande Epístola é extrair a inevitável aplicação prática da doutrina que Paulo vinha ministrando, e ele se mantém fazendo isso conforme vai adiante, parágrafo por parágrafo.

Agora estamos interessados na aplicação prática das coisas que sabemos, e é evidente que, outra vez, podemos dividir essa parte. Paulo começa fazendo um apelo geral. Tendo feito isso, ele passa às exortações particulares, e depois conclui fazendo uma exortação final. Este homem foi dotado de uma mente lógica; pensava claramente, arrazoando passo a passo, e, a fim de trazer à luz a verdade plena, o Espírito de Deus, de maneira extraordinária, fazia uso de todos os dons que Deus dera a Paulo em seu nascimento natural.

Comecemos então analisando o apelo geral que Paulo nos faz: "É já hora de despertarmos do sono". Não adianta prosseguir e passar aos apelos particulares, se não entendermos bem este. Não adianta o apóstolo descer aos pormenores do seu ensino, se as pessoas que estão lendo a sua carta, ou ouvindo a sua leitura, estiverem meio dormindo. A primeira coisa que você faz é despertar a sua congregação, os seus ouvintes. Por isso Paulo faz esta exortação universal. As palavras "é já hora" significam que estamos numa hora em que devemos despertar-nos do sono. "Sono" simplesmente significa uma condição letárgica. Paulo está dizendo aos cristãos que eles devem despertar-se, devem lançar de si essa condição de letargia, de torpor e de sonolência na qual caíram. Eles próprios devem fazer isso.

Encontra-se esta exortação freqüentemente nas Escrituras, e é uma exortação feita muitas vezes pessoalmente pelo nosso Senhor. É esse o ponto salientado com referência às cinco virgens insensatas da parábola das dez virgens – sua negligência, sua sonolência, sua falta de vigilância e de preparação. Ou, de novo, o nosso Senhor diz: "Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias" (Lucas 12:35).

Outra excelente explicação deste ensino acha-se nestas palavras do nosso Senhor: "E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra. Vigiai, pois, em todo o tempo, orando para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem" (Lucas 21:34-36). E por certo vocês estão familiarizados com a maneira pela qual o nosso Senhor freqüentemente diz: "Vigiai e orai" (por exemplo, Marcos 13.33); e "Vigiai... E as coisas que vos digo, digo-as a todos: vigiai" (Marcos 13:35,37).

Esta exortação a que despertemos do sono e vigiemos, a que estejamos em alerta e sempre preparados, é característica do ensino do nosso Senhor. E se encontra muitas vezes no ensino do apóstolo Paulo. Está aqui em Romanos, capítulo 13, e em 1 Coríntios 15:34, onde ele diz: "Vigiai justamente e não pequeis" (ou, VA: "Despertai para a justiça, e não pequeis"). Despertai! Essa é a ênfase. Acha-se também em 1 Coríntios 16:13,14: "Vigiai, estai firmes na fé; portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos. Todas as vossas coisas sejam feitas com amor"; e em Efésios 5:14, (ARA): "Pelo que diz: Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará". Depois, em sua série de exortações em 1 Tessalonicenses, capítulo 5, Paulo diz: "Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios; porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embebedam, embebedam-se de noite. Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação" (versículos 6-8).

Pedro trata do mesmo ponto com estas palavras: "E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência..." (2 Pedro 1:5). Noutras palavras, não fiquem meio dormindo, não fiquem letárgicos, não relaxem.

Como essa espécie de apelo ocorre tão freqüentemente no Novo Testamento, a pergunta que nos cabe fazer é qual será o seu sentido exato. Desde que é tão importante, realmente devemos conhecer algo sobre isso em detalhe. E, primeiramente, significa "disciplina geral". O apóstolo teve que dirigir tal apelo a indivíduos bem como a igrejas. Teve que dizer a Timóteo: "...te lembro que despertes o dom de Deus que existe em ti" (ou, VA: "Aviva o dom de Deus que há em ti") (2 Timóteo 1:6). Note-se que ali ele está empregando uma figura, não tanto de um homem que pega no sono e fica cochilando em seu posto, como a de um fogo que está se apagando, só restando alguma brasa. O apóstolo diz: aviva-a, revolve-a, abane-a. Reacenda as brasas que vão se apagando aos poucos.

Um dos nossos maiores perigos como cristãos é o de deixar-nos ir à deriva, simplesmente deixando as coisas irem e virem e nos influenciarem, sem pensar em nossa responsabilidade. Ou, para dizê-lo doutro modo, é o perigo da indolência espiritual. Imagino que este é o mais comum de todos os perigos que nos confrontam, e é justamente quando estamos nesta condição que o diabo tem a sua oportunidade conosco. Por isso somos exortados pelo apóstolo a despertar--nos, agarrar a nós mesmos e dar uma sacudidela em nós.

Há muitas ilustrações que reforçam este ponto. Muitas vezes você pode surpreender-se cochilando quando lê um livro. Ora, não há nenhum propósito em ficar sentado com um livro em sua frente, se você está sonolento. Não conseguirá nada e estará perdendo tempo. Que é que você faz então? Você se levanta e talvez saia para tomar ar fresco. Pode pôr uma toalha úmida em torno da cabeça! Tudo bem, faça isso espiritualmente. Mas, faça o que fizer, veja que esteja desperto, diz o apóstolo; reúna as forças. "Fora com a acachapante preguiça e com a melancolia"!

Tudo isso está implícito nesta exortação de Romanos 13:11. Há uma tendência cada vez maior dos cristãos

pensarem em si mesmos como pessoas que se assentam e ouvem. Só uns poucos são ativos; a maioria senta-se e fica olhando. Essa atitude não é fiel ao Novo Testamento. Portanto, uma das principais funções da pregação e do ensino é despertar-nos dessa letargia e fazer com que nós mesmos nos despertemos. E isso envolve um ato de disciplina muito definido: você junta as forças e se certifica de que está espiritualmente desperto e vivo.

Depois temos que ir mais adiante. Tendo-se mexido, você deve começar a falar consigo mesmo e a se fazer perguntas. Muitas vezes tenho dado ênfase a este ponto. Os cristãos sempre devem falar consigo mesmos, e falar consigo sobre si mesmos! Os cristãos que não fazem isso estão realmente em péssimas condições. É uma parte essencial da vida cristã que nos dirijamos à nossa alma. Há um hino no qual fazemos isto:

Desperta, ó minha alma; fora temores!
Fora o pensamento que tremer me faz!
– Isaac Watts

É isso que eu quero dizer quando digo que devemos dirigir-nos a nós mesmos, gritar conosco e certificar-nos de que este eu, esta alma, está realmente viva e alerta.

Depois, por sua vez, isso leva ao auto-exame. Se não nos examinarmos, logo estaremos dormindo a sono solto! Evitamos o sono fazendo perguntas a nós mesmos, sendo as mais importantes estas: até que ponto estou realmente sendo governado em minha vida e em meu viver por minha fé cristã? Que é que determina o teor geral da minha vida – o mundo e sua perspectiva e seu ensino, ou o ensino cristão e a mensagem da Igreja Cristã?

Devemos examinar-nos sobre estas coisas. Há o terrível perigo de presumirmos que estamos certos simplesmente porque somos membros da Igreja Cristã, ou porque fomos batizados, ou por causa de alguma decisão tomada há anos,

ou por alguma outra razão. Há uma tendência de pensar: "Bem, o que é realmente importante nós fizemos, somos membros da Igreja; agora é só permanecer". Pressupomos que, porque somos cristãos, tudo está bem, e nesse estado podemos cair no sono. Podemos inconscientemente tornar-nos negligentes, ou, para empregar a metáfora utilizada nas Escrituras, podemos ser como um navio que aos poucos vai se afastando do seu ancoradouro. Embora praticamente não haja nenhum movimento perceptível, vamos à deriva, e de repente acordamos para ver que, sem o percebermos, fomos levados para longe pela corrente. Esse é o perigo.

Por isso devemos examinar-nos constantemente. "Examinai-vos a vós mesmos", como Paulo diz aos coríntios, "se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos" (2 Coríntios 13:5). Notem que ele se dirige a cristãos.

Pois bem, há neste século um ensino que não gosta desta exortação e que considera o ensino sobre auto-exame quase como uma condição de dúvida. Diz tal ensino: "Agora que você creu, não deve examinar-se porque, fazendo isso, você estará olhando para si mesmo. Em vez de olhar-se, olhe para o Senhor".

Entretanto, esse ensino é muito perigoso. É o próprio apóstolo Paulo, inspirado, que nos diz que nos examinemos, e todos os outros escritores do Novo Testamento nos exortam de maneira similar. E assim eu digo, muito praticamente, que devemos examinar-nos à luz deste grande ensino do evangelho, e que cada um de nós deve perguntar: "Estaria eu realmente vivendo de acordo com este ensino? Seria ele que me determina como gastar o meu tempo? Seria ele o maior fator da minha vida?" Essa é a essência do auto-exame.

Depois, isso leva a uma constante rememoração destas grandes verdades, que o apóstolo nos relembra no fim deste capítulo. Estaríamos nós sempre cientes destas coisas que ele disse que nós já sabemos? Seríamos espertos com relação à época na qual vivemos? Teríamos algum entendimento dos

tempos? Acaso enxergamos a significação do combate espiritual que se trava ao nosso redor e dentro de nós? Estes são os meios pelos quais "nos despertamos do sono".

O perigo é que a letargia pode tomar conta tanto das igrejas como dos indivíduos nas igrejas. Você vai a reuniões, conversa com os seus amigos e acha que tudo vai bem. Você está na vida cristã, e ela prossegue habitualmente. Você é levado adiante por alguma espécie de ímpeto. Mas então, um dia, você acorda sentindo-se muito mal, ou se vê numa grande dificuldade, e subitamente se vê sem nenhuma reserva. Você vivia em reuniões, ou em confraternizações, e descobre que não tem coisa alguma. E isso porque, inconscientemente, deixou-se cair no sono, não fez mais que sentar-se, você se sentia na paz de Sião, por assim dizer. Foi perdendo o que tinha e nada aproveitou. Sua presença numa reunião não é em si uma prova de que tem compartilhado a verdade como esta se nos apresenta em Jesus. Por isso você precisa examinar-se e certificar-se de que pode responder as perguntas que as Escrituras lhe fazem.

E depois isso nos leva a mais uma maneira pela qual este despertar pode ser efetuado na prática, a qual, naturalmente, é a leitura constante das Escrituras. E quando eu digo leitura, realmente quero dizer leitura! Não me refiro a uma corrida precipitada por uma passagem designada para o dia. Você pode fazer isso e não ter nenhum proveito. Se for uma leitura mecânica, não terá nenhum valor. Devemos ler a Palavra, devemos ouvi-la, devemos fazer-lhe perguntas e devemos deixar que ela nos faça perguntas e que nos investigue. Também devemos ler livros que nos ajudem a entender as Escrituras.

Não somente isso, porém; muitas vezes tenho defendido a leitura de biografias por causa do perigo de só se fazer leitura puramente teórica. O perigo que correm alguns que gostam de ler é o de que às vezes a leitura pode vir a ser um substituto do pensamento. Eles lêem tanto que param de

pensar. Quando lêem, dormem espiritualmente. Você pode ter grande conhecimento, mas, se não o aplicar, não lhe será de valor algum. Portanto, procure contrabalançar a sua leitura. Se você é um grande leitor de teologia, assegure-se de ler também algo que irá examiná-lo – e é nisso que as biografias são tão boas.

Leia a respeito de homens e mulheres espirituais, pessoas que Deus usou e que foram cheias do Espírito. Leia sobre a vida deles. Eles sondarão você; eles o examinarão. Eles farão você examinar-se, e você dirá: "Se aquele homem ou aquela mulher pôde ser o que foi, por que eu não posso?" Esse é o jeito de você despertar-se do sono e lembrar-se das possibilidades da vida cristã.

Assim, esse é o grande apelo geral do apóstolo, e, se não tivermos respondido positivamente ao seu apelo, será ocioso passar a considerar os detalhes. Mas ele passa às particularidades, e é essencial que o façamos também.

Sob este título o apóstolo tem dois grupos de pares. Uma vez mais ele nos lembra a tremenda importância dos detalhes na vida espiritual. Se só ficarmos nas generalidades, vamos extraviar-nos. Devemos descer às praticabilidades, e, naturalmente, o apóstolo, se lhe dermos ouvidos, não nos deixará escapar, porque ele sempre faz aplicação referente a nós. E aqui ele nos está dizendo que devemos prestar atenção nos detalhes práticos que ele coloca diante de nós por causa do que e de quem somos, e pelo que aconteceu conosco. Podemos dizê-lo desta forma: considerando que os cristãos foram lavados, devem manter-se limpos.

Gosto muito de pensar nisso dessa maneira, e é de fato como o nosso Senhor o diz. Por certo vocês se lembram do incidente no qual nos é dito: "Ora, antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim".

Depois foi isto que aconteceu: "E, acabada a ceia, tendo

o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que o traísse, Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus, levantou-se da ceia, tirou os vestidos, e, tomando uma toalha, cingiu-se".

E, claro, vocês se lembram do que aconteceu em seguida: "Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido".

Ora, eis a mensagem: "Aproximou-se pois de Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, tu lavas-me os pés a mim? Respondeu Jesus, e disse-lhe: o que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois, Disse-lhe Pedro: nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: se eu te não lavar, não tens parte comigo. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça. Disse-lhe Jesus: aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estais limpos, mas não todos" (João 13:1-10).

Essa passagem é realmente uma explicação desta mesma verdade. Pedro tropeça constantemente. Depois que o nosso Senhor o fez refazer-se do tropeço inicial, quando fizera a objeção a que seus pés fossem lavados, Pedro, como se vê, vai ao outro extremo e diz: "Bem, não só os meus pés, mas também as minhas mãos e a minha cabeça".

"Não", diz o nosso Senhor: "Você já foi lavado, e, portanto, só os seus pés precisam ser lavados."

Noutras palavras, você está limpo, e assim basta que se limpe da sujeira do pó que se apegou a você enquanto você andava pelo mundo.

O próprio Pedro não tem outra maneira de expor este mesmo ponto. Em sua segunda carta ele lembra a seus leitores o que lhes acontecera: eles "alcançaram fé igualmente preciosa... ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiqueis participantes da natureza

divina, *havendo escapado da corrupção que pela concupiscência há no mundo*". Bem, eles tinham escapado disso. Tinham sido tirados do mundo, e, diz ele, por causa disso, "pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal, e ao amor fraternal caridade".

Depois, no versículo 8, Pedro escreve: "Se em vós houver e abundarem estas coisas, (elas) não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo".

A seguir vem a negativa: "Pois aquele em que não há estas coisas" – as pessoas que não se mostram diligentes em acrescentar algo à fé, ou de supri-la de algo, e continuam em seu velho modo de viver – "é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação" – ele fora purificado – "dos seus antigos pecados". É exatamente a mesma exortação.

Então Pedro o diz positivamente: "Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição" – vós sois eleitos, tende certeza disso – "porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis" (2 Pedro 1:1, 4-10). Pois bem, este ensino parece contraditório a algumas pessoas, mas claro está que não é. Você tem que se manter limpo porque já foi lavado. De nada adianta dizer às pessoas que se mantenham limpas, se não tiverem recebido o lavamento original. Esta exortação é somente para as que já foram purificadas.

Em Romanos 12:12-14 Paulo continua a explicar isto de maneira muito interessante e fascinante. Que é que devemos fazer em particular? Como já dissemos, aqui Paulo expõe o assunto com dois pares de exortação. Em seu primeiro par Paulo nos dá uma injunção negativa seguida de uma positiva; o segundo par inverte a ordem, e uma instrução positiva é seguida por uma negativa.

O primeiro par fala sobre o nosso vestuário. Bem, temos aí um ponto de controvérsia; é difícil resolver, na verdade é impossível, exatamente em quais ações o apóstolo está

pensando aqui. Mas eu me inclino a pensar que sua mente vai avançando desta maneira: tendo estado adormecido, você se desperta e, depois, a primeira coisa que faz é vestir-se.

E então, como devemos trajar-nos? O apóstolo dá-nos primeiramente a instrução negativa: "Rejeitemos pois as obras das trevas". Fora com elas! Não devemos mantê-las; é preciso que elas não estejam em nenhum lugar próximo de nós. Ele usa a mesma expressão em Colossenses 3:8: "Mas agora *despojai-vos* também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca". E vocês encontram a mesma palavra* em Hebreus 12:1: "*Deixemos* todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia". A figura é do ato de uma pessoa tirar alguma roupa, despir-se.

Ademais, é interessante notar que o apóstolo usa aqui um tempo verbal que contém o sentido de "uma vez por todas" – despojar-se uma vez por todas – e, ao mesmo tempo, com a idéia de que a pessoa deve continuar fazendo isso. Você se despoja uma vez por todas de tais coisas, e, por assim dizer, não as deixa voltar.

Aqui também às vezes há quem fique em dificuldade sobre isso, porque vê aí uma aparente contradição. As Escrituras dizem que você já se despiu do velho homem: "já vos despistes do velho homem" (Colossenses 3:9), e, contudo, elas dizem que você precisa despojar-se do velho homem: "que... vos despojeis do velho homem" (Efésios 4:22). Contudo não há contradição. As Escrituras nos dizem que nos demos conta do que somos porque, num sentido fundamental, a velha natureza foi extirpada. Praticamente Paulo está dizendo: "Em sua prática constante, ponha isso fora, acabe com isso em sua mente, elimine isso uma vez e para sempre".

E no versículo 12, que é que o apóstolo nos diz que devemos eliminar? Ele nos diz que devemos rejeitar, uma vez por todas, "as obras das trevas". Porventura vocês notaram

* No grego, o mesmo verbo. Nota do tradutor.

que quando as Escrituras falam sobre pecados gostam de chamá-los "obras"? Noutra passagem Paulo escreve: "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus" (Gálatas 5:19-21). São essas as "obras" da carne. Mas depois, em contraste, Paulo diz: "Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade", etc. (versículos 22,23).

E em Efésios 5:11 o apóstolo emprega a mesma expressão: "E não comuniqueis" – não se envolvam em nada – "com as obras infrutuosas das trevas". Isso é muito significativo. Paulo está realmente dizendo que as coisas que ele descreve como "as obras da carne" e "as obras das trevas" não pertencem à natureza humana. Elas não são "fruto", por assim dizer; elas não são uma decorrência do real e essencial caráter do homem como Deus o criou no princípio, à Sua imagem e semelhança. Elas são criações artificiais que o homem introduziu no mundo. É muito bom ter em mente essa idéia, porque nos ajudará a ver essas coisas pelo que elas realmente são.

E aqui o apóstolo nos está dizendo que nos despojemos das obras infrutuosas das trevas. Elas não se ajustam a nós. Não devemos ter ligação nenhuma com elas. Nós nascemos de novo, fomos feitos à imagem do Filho amado de Deus. Fomos modelados novamente, e essas coisas não são próprias, não são convenientes.

Mas depois, como sempre faz, o apóstolo o diz positivamente. As Escrituras nunca param no aspecto negativo, mas vão adiante e passam ao positivo: "Vistamos a armadura da luz" (VA). E aqui outra vez "vistamos" significa "vistamos uma vez por todas". Notem também que Paulo não diz as "obras" da luz, como paralelo e contraste com as "obras" das trevas, mas diz a "armadura" da luz, novamente salientando

que as obras das trevas são categoricamente diferentes do fruto da luz. Uma tradução melhor seria "armas": "Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz".*

Pois bem, por que Paulo diz "armas da luz"? Porque estas são artigos de vestuário apropriados para nós como pessoas pertencentes à luz, ao dia. "Andemos honestamente, como de dia", diz Paulo, e vimos que já pertencemos ao dia que há de vir. Num sentido espiritual, já estamos fora deste mundo. A nossa cidadania está no céu, não na terra. E Paulo diz: vejam que o seu vestuário seja apropriado.

Vemos expressa a mesma idéia em Filipenses 1:27: "Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo". Como filhos da luz, vocês devem ter roupa apropriada, vestes "da luz". Em Efésios 6:13 Paulo se refere a esse vestuário como "toda a armadura de Deus". É a vestimenta dada por Deus. E porque Deus é luz, tudo o que Deus dá é da (Sua) luz.

Isso se liga às palavras de João em sua primeira carta: "Se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purificada de todo pecado" (1 João 1:7). Temos agora o privilégio de andar com o nosso Pai, e devemos estar vestidos de maneira apropriada para andar com Deus, que é luz, e apropriada para nós como filhos da luz e do dia.

Mas há também outro sentido, e este é indicado pela própria maneira pela qual o apóstolo o expressa: "Vistamo-nos das armas da luz" – não somente porque isso é apropriado, e sim também porque vocês nunca passarão vergonha com tal vestimenta. O nosso Senhor tratou deste ponto quando disse: "E a condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam

* Assim ARC. Nota do tradutor.

reprovadas. Entretanto, quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus" (João 3:19-21). Aí está a idéia fundamental. Vejamos então o comentário que sobre isso o apóstolo Paulo faz, uma vez mais em Efésios, capítulo 5, onde ele nos lembra o princípio segundo o qual "a luz tudo manifesta" (versículo 13).

Mas vocês podem ver isso desta maneira: Paulo está dizendo: não se vista com as obras das trevas.

Por que não?

Porque, como filho da luz, você vai se ver constantemente na luz de Deus, e então, estando ali, a sua vestimenta será revelada. Quando você anda nas trevas, você não enxerga, ninguém enxerga nada, mas é um fato terrível que quando de repente você se vê na luz, vê sua roupa e fica envergonhado. "A luz tudo manifesta". As outras pessoas também a vêem, mesmo as que não são cristãs, e elas dizem: "Imagine um cristão como esse!" E você se envergonha de si próprio. Voltando às palavras do nosso Senhor: "Mas quem pratica a verdade vem para a luz" – não passa vergonha, não tem medo – "a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus". Mas, "todo aquele que faz o mal aborrece a luz, e não vem para a luz" – por quê? – "para que as suas obras não sejam reprovadas".

O apóstolo diz, pois: vocês precisam aplicar tudo isso. Se não quiserem jamais ficar envergonhados, estejam sempre vestidos, não com as obras das trevas, e sim com a armadura, com as armas, da luz.

Depois, finalmente, por que Paulo fala em armas? Ele estava falando em vestes, mas agora, de repente, muda a figura.

Não há dificuldade em responder a essa pergunta. É porque Paulo nos está lembrando que estamos constantemente, perpetuamente, combatendo numa guerra. Todo cristão é um soldado; todos nós estamos no meio de uma tremenda batalha. A vida, para os cristãos, é uma guerra

constante; estamos combatendo "o bom combate da fé". E aí está por que é essencial que estejamos vestidos com armadura, com toda a armadura de Deus. Precisamos ter armas defensivas e ofensivas, e em 1 Tessalonicenses 5:8 e em Efésios 6:14-17 são-nos dados detalhes destas armas.

Ou, se vocês preferirem expor o tema de maneira menos militar, embora a ilustração seja do próprio apóstolo, voltem mais uma vez a 2 Pedro, capítulo 1, onde vemos um modo alternativo de dizer "vistamo-nos das armas da luz": "E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal caridade" (versículos 5-7). São essas as armas da luz. Se você estiver vestido com elas, se você tiver se suprido delas, a si próprio e à sua fé, se estiver cingido com elas, você estará em condições de combater o mundo, a carne e o diabo; e se fizer estas coisas, como Pedro diz, você nunca tropeçará: "fazendo isso, nunca jamais tropeçareis" (versículo 10). E assim lhe será ministrada plena e ampla entrada no reino eterno do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

23

"E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências."

– Romanos 13:11-14

Nos versículos 11 a 14 o apelo geral de Paulo visa, como temos visto, despertar-nos e fazer-nos compreender a situação na qual fomos colocados como pessoas pertencentes a Deus. Depois ele passa a fazer-nos apelos particulares e nos diz, primeiro, como devemos vestir-nos, o que consideramos em nosso estudo anterior. Chegamos agora ao versículo 13 e ao segundo par de exortações específicas concernentes a como devemos viver, como devemos comportar-nos. Não quero dar importância exagerada à seqüência, e, contudo, penso que é o que se vê aqui. Você se desperta, veste-se e sai para o mundo. Você caminha e vive a sua vida no mundo; é isso que vamos considerar agora. De novo, notem que o apóstolo se expressa de duas maneiras, positiva e negativa. No versículo 12 ele coloca o aspecto negativo primeiro e, em segundo lugar, o positivo, mas aqui ele inverte a ordem. Obviamente isso não é muito importante, e, contudo, é interessante o fato de que Paulo varia a ordem. Imagino que a razão é algo como o seguinte: no momento em que somos

convertidos, temos necessidade de fazer algo com a velha natureza, com os velhos hábitos. Por isso ele nos exorta a eliminar essa natureza antes de nos dizer o que vestir.

Mas agora, quanto ao viver no mundo, nós apenas começamos, e assim o apóstolo nos diz positivamente como devemos ser e depois reforça isso por meio de uma exortação negativa. Aqui está a declaração positiva: "Andemos honestamente, como de dia". Essa deve ser a característica do nosso andar na vida, da nossa "conversação",* como às vezes o termo é traduzido.

Note-se agora que a palavra grega traduzida por "honestamente" traz consigo o sentido comum de viver honestamente, e, todavia, as autoridades estão de acordo em dizer que o sentido original, e o sentido em que a palavra era empregada naquele tempo, tem também a idéia de graciosidade e elegância. Pode, pois, ser traduzida: "Andemos de maneira digna"; "Andemos de maneira decente". Esse é um bom modo de ver esse ponto. Posto que somos cristãos, é preciso haver algo de graciosidade em nós, em nossa vida, na verdade, um elemento de elegância.

Nada que seja indecente ajusta-se ao cristão. Seria uma contradição da verdade que os cristãos crêem e se arrogam. "O hábito proclama o homem",** escreve Shakespeare, e ele está certo. É igualmente certo que o modo como as pessoas vivem diz muita coisa sobre elas. Portanto, é preciso que a fé corresponda à conduta, e vice-versa. E ao usar a expressão "Andemos honestamente, como de dia", Paulo traz à luz essa verdade. Como no versículo anterior, quando falou sobre a armadura, ou sobre as armas da luz, ele nos estava

---

* "Conversation", no sentido hoje em geral não atribuído a essa palavra de "conduta", "costumes", "maneira de viver". Na Versão Autorizada (inglesa) o termo ocorre em Gálatas 1:13; Efésios 4:22; 1 Timóteo 4:12; Hebreus 13:5,7; Tiago 3:13; 1 Pedro 1:15,18; 2:12; 3:1,2; 2 Pedro 2:7; 3:11. Nota do tradutor.

** Lembra o ditado: "O hábito faz o monge". Nota do tradutor.

lembrando que pertencemos ao dia. Mostremos então, por meio de nossas vidas, que sempre estamos apercebidos disso.

Há coisas que se pode fazer sob a cobertura das trevas que as pessoas evitam fazer à luz do dia. Essa é a idéia aqui. Isso aplica-se às vestes também. No escuro não importa como você está vestido; muitas coisas podem passar sem ser vistas no escuro. Mas, se você se lembrar do que pertence ao dia, não vai nem pensar em fazer as coisas que pertencem à noite. Lembre-se de que, como cristão, você está sempre andando na luz com Deus e com o seu Salvador, e lembre-se também de que a luz está sempre sobre você. Lembre-se, mais, de que a luz está sobre você do ponto de vista dos incrédulos. Eles o vigiam e o observam. Eles estão sempre prontos a descobrir quaisquer defeitos e a usá-los como um argumento contra o cristianismo. Fazem isso hoje justamente como sempre o fizeram. Portanto, diz o apóstolo, lembre-se disso tudo e ande e viva como aqueles que pertencem àquele dia vindouro. Então a sua maneira de viver, o seu comportamento, o seu procedimento, terá esta graciosidade, elegância e decência; será essa a sua característica proeminente.

Essa é, pois, a exortação positiva quanto a como devemos andar por este mundo. Este mundo é mau, cheio de trevas. Não pertencemos a ele: estamos nele, porém não somos dele. Por isso lembramos a honra que está em nossas mãos e o nome que levamos. Na qualidade de cristãos, somos todos como cidadãos em visita a um país estrangeiro, que sempre têm em mente que a reputação e a honra do seu país estão em suas mãos. Temos lido nos jornais sobre pessoas que nos feriados fazem a travessia de Dover para Calais* e que são uma desgraça para o nome deste país por sua conduta. Esse é o argumento aqui. Lembrem-se de quem vocês são, e andem

* Dover (Inglaterra) e Calais (França) são cidades portuárias separadas pelo Canal da Mancha. Nota do editor.

de maneira própria, conveniente, decente e elegante.

Depois Paulo nos faz uma exortação, e a coloca em três pares de palavras. As duas palavras de cada par podem ser tomadas separadamente, ou podem ser combinadas para formarem um adjetivo e um substantivo, o adjetivo reforçando o substantivo. Não importa como vocês as tomem.

Assim, então, como *não* devemos andar? Primeiro, "não em glutonarias,* nem em bebedeiras", ou, "não em orgias (VA) inebriantes", ou, "não em bebedeiras orgiásticas". O que é chamado "orgias" geralmente chamamos farras. Muitos se comportavam dessa maneira naquele tempo, como muitos hoje. Havia festas e saraus em que corriam as bebidas – passeatas noturnas de homens e mulheres meio bêbados, indo pelas ruas a gritar e a dançar mascarados, causando males a si próprios e perturbando todo o mundo. Tais farras, é claro, são acompanhadas de bebedeiras; uma coisa leva à outra.

Infelizmente, de novo estamos conhecendo cada vez mais esse tipo de comportamento! Durante o período vitoriano houve um pouco disso, é certo, porém estava mais sob controle. Mas hoje, quando as restrições desaparecem e as pessoas não mais aceitam o evangelho nem crêem no sobrenatural, e, conseqüentemente, já não têm padrões morais, esse tipo de orgias e bebedeiras está voltando. Temos aí indivíduos meio embriagados que deliberadamente saem quebrando vitrinas de lojas e estragando qualquer coisa que queiram.

Pois bem, esse tipo de conduta deve estar longe da vida do cristão. Alguém poderá perguntar: "Por que foi que o apóstolo teve que escrever isso para cristãos?" A resposta é que nos é muito difícil visualizar as condições da Igreja Primitiva. A nossa respeitabilidade às vezes nos prejudica no estudo das Escrituras. Obviamente isso não é um argumento em favor da licenciosidade, mas um dos grandes

* VA, ARA e NVI: "orgias". Nota do tradutor.

problemas da Igreja Cristã no presente é que ela se tornou um movimento da classe média. Há uma grande promiscuidade, e nós sabemos muito pouco da vida do povo que está fora da igreja, no mundo.

Mas as condições da Igreja Primitiva eram muito diferentes. A Igreja, particularmente em lugares como Roma, tinha vindo à existência como resultado da conversão de pessoas que tinham sido criadas no paganismo. Não conheciam outra espécie de vida, tinham sido impregnadas por aquele modo de viver e, portanto, era necessário lembrá-las de que não deviam viver mais daquela maneira. Levou tempo para verem isso.

Vocês podem achar difícil de acreditar, porém eu tenho tido experiências que fazem com que me seja muito fácil entender tudo isso. Lembro-me de um homem que foi convertido quando tinha setenta e sete anos de idade. Ele havia levado uma vida violenta, viciada, pecaminosa, e é literalmente verdade que, mesmo depois da sua conversão, ele não conseguia falar sem blasfemar. Ele não tinha nenhum vocabulário e não conseguia expressar-se de outra maneira. E nunca vou esquecer o que aconteceu quando já fazia algumas semanas que ele havia sido convertido. Certa manhã ele estava se levantando e – conto a vocês os detalhes exatos – ele precisava de um par de meias limpas. Então gritou para a sua mulher que lhe trouxesse as meias. Todavia, para seu horror, ele viu que nem isso pôde fazer sem lançar maldições. Ficou estupefato ao ver que ele, sendo um homem renascido, um novo homem, ainda usava aquele velho linguajar. Então deixou-se cair na cama e disse: "Ó Senhor, dá-me uma língua limpa!" E testificou que a recebeu.

Conto-lhes esse fato para mostrar que esta exortação negativa do apóstolo não é tão desnecessária quanto vocês talvez pensem. É aqui, repito, que a respeitabilidade pode constituir um perigo. Era necessário dizer àquelas pessoas que elas nunca mais deviam viver aquela velha vida. Tinham

tido uma experiência e se haviam tornado membros da Igreja, mas esse tipo de vida continuava a rondá-los. A tentação estava ali, e às vezes alguns desses cristãos caíam. Por isso o apóstolo teve que dizer: "Não tenham mais ligação alguma com farras e bebedeiras".

Chegamos, então, ao segundo par de palavras: "nem em desonestidades" (ou, VA: "práticas licenciosas"), "nem em dissoluções". A referência é, evidentemente, à licença sexual e ao pecado da promiscuidade em particular. De novo, precisamos sacudir-nos e lançar de nós a nossa presunção e a nossa mera respeitabilidade, se é que queremos ter um inteligente entendimento do ensino das Epístolas do Novo Testamento. Quando as pessoas foram criadas em condições de poligamia e em condições de licenciosidade e de promiscuidade, leva algum tempo para aclarar estas coisas, como os missionários têm visto. O perigo está em que muitos missionários, quando vão para terras pagãs, são rígidos e legalistas, não entendendo os antecedentes do povo. Eles devem ter esse entendimento, como devemos nós, quando lemos o Novo Testamento. Não era fácil para os gregos e romanos entenderem estas coisas como é para nós, com o nosso passado de ensino moral.

Mas nós vamos ver mais desse comportamento licencioso neste país também, e assim, se vocês conhecerem pessoas que foram convertidas de uma vida pagã, não sejam legalistas com elas, não sejam rígidos; procurem entendê-las, procurem ajudá-las. Não lhes dêem as costas de maneira farisaica. Procurem compreender a luta que elas devem estar travando e entender que leva tempo para o desenvolvimento em detalhe das implicações desta grande salvação.

No entanto, depois chegamos um pouco mais perto de uma área bem nossa conhecida. Vocês podem ter se sentido muito felizes estando longe. "Orgias e bebedeiras" não lhes dizem nada, como tampouco "práticas licenciosas e dissoluções". Mas agora, "contendas e inveja". Será necessário falar

sobre isso? Acaso vocês ficaram surpresos pelo apóstolo ter mencionado a cristãos orgias e bebedeiras, práticas licenciosas e dissoluções? Todavia Paulo coloca exatamente na mesma categoria a inveja, as contendas, as injúrias, a maledicência, atitudes que causam divisões, querelas e a pessoa brigar por seus direitos. É algo de fato extraordinário, porém nunca devemos esquecer-nos disso. As contendas e a inveja pertencem exatamente à mesma família dos outros pecados. E há isso na Igreja! É por aí que começamos a enxergar o problema. Isso diz respeito a todos nós, não é? O Novo Testamento sempre salienta que o espírito que leva à contenda e à inveja é também o espírito que leva às orgias, às bebedeiras e ao comportamento licencioso.

Sempre devemos lembrar que, do ponto de vista do Novo Testamento, o que importa não são tanto os atos particulares como o espírito em nós que leva a eles. Na Epístola aos Efésios o apóstolo, ao descrever o que todos nós éramos habitualmente, diz isto: "Entre os quais todos nós também antes andávamos" – tínhamos esta maneira de viver. Como? – "nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos" (Efésios 2:3). A categoria geral consiste em que vivíamos segundo os desejos da nossa carne, e Paulo os subdivide. Os desejos da carne se manifestam de duas maneiras: "a vontade da carne", o que significa a parte corporal da nossa natureza, mas também "vontade" – aos desejos – "dos pensamentos". E lá, como aqui e em toda parte, o ensino é que os desejos ou as concupiscências da mente são tão más quanto as da carne. E aqui, novamente, a nossa respeitabilidade é perigosa e tende a produzir farisaísmo em nós. Mas nunca devemos separar estas coisas. As Escrituras sempre as engloba na mesma lista.

Vê-se outro exemplo deste princípio em Gálatas, capítulo 5, que consideramos em nosso estudo anterior. "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, prostituição, impureza, lascívia". Não temos nenhum problema

com isso; nós mesmos costumamos dizer isso, não é verdade? No entanto, o apóstolo não pára aí – "idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras" – mau temperamento! Uma pessoa geniosa é tão marcada pelos desejos ou concupiscências como a que é culpada de conduta licenciosa, dissoluções e bebedeira; "pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes a estas" (Gálatas 5:19-21).

Vocês vêem que elas estão todas misturadas, e eu reitero que será fatal para nós separá-las. Se procedemos de antecedentes morais, religiosos, inclinamo-nos a pensar que só os pecados da carne são pecados. E levantamos as mãos com horror em face deles. Contudo, não levantamos as mãos com o mesmo horror quando somos confrontados por "contendas e inveja". E eu gostaria muito de saber que é que fez maior estrago na Igreja Cristã e na causa do nosso Senhor e Salvador: os pecados das pessoas que estão dentro da Igreja, ou os pecados das que estão fora? Não há nenhuma dúvida sobre isso – são os pecados das que estão dentro da Igreja, os pecados da mente, os pecados do espírito.

Vejamos a seguir outro exemplo. Paulo escreve aos cristãos de Colossos: "Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência, e a avareza" – notem, a avareza, a avidez por dinheiro, entra na mesma categoria daqueles outros pecados – "que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência; nas quais também em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas. Mas agora despojai-vos também de tudo" – é a mesma lista – "da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos" (Colossenses 3:5-9).

Portanto, esse princípio é muito importante. Não devemos introduzir uma distinção artificial entre os pecados do

corpo e os da mente. Os desejos, as concupiscências da mente são tão más como as do corpo, se não de fato piores. Penso que qualquer pessoa que ler os quatro Evangelhos imparcialmente chegará à conclusão de que o nosso Senhor deixou muito claro que os pecados dos fariseus eram piores do que os dos publicanos e pecadores. Certamente é um erro fazer esse tipo de competição. Tudo o que estou interessado em fazer é mostrar que a nossa maneira de examinar estas coisas certamente precisa ser mais contrabalançada.

São essas, pois, as questões particulares a respeito das quais o apóstolo faz as suas exortações àqueles cristãos de Roma. Estejam despertos, diz ele, sejam espertos. E saibam como vestir-se e como viver.

E isso nos leva à grande e final exortação. Não se trata aqui de um pensamento tardio, mas, é, sim, uma parte vital do processo geral de argumentação do apóstolo e do seu apelo completo. Ele nos conduziu por detalhes da maior importância, porém nunca termina o seu argumento com tais detalhes. Ele sempre conclui elevando o seu argumento geral e colocando-o na perspectiva correta.

Há só um modo de podermos pôr em prática estes apelos. Há só um meio pelo qual eu e vocês podemos "rejeitar as obras das trevas", "vestir a armadura da luz", "andar honestamente, como de dia; não em orgias e em bebedeiras, nem em práticas licenciosas e dissoluções, nem em contendas e inveja". Qual é esse meio? É este: "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não façais provisão para a carne para satisfazer às suas cobiças" (VA). Uma vez mais, esta é uma daquelas exortações duplas, tão características do apóstolo. Outra vez ele começa com o aspecto positivo. Que será que ele quer dizer com "revesti-vos do Senhor Jesus Cristo"?

Bem, Paulo não está falando sobre a justificação. Cristo é a nossa justiça, mas o apóstolo não está considerando isso, porque está se dirigindo a cristãos já justificados pela fé. Aqui ele está escrevendo sobre a armadura, sobre o vestuário,

sobre o modo como devemos viver. O apóstolo gosta muito da idéia de vestir, e essa é uma analogia muito boa. Vemos muitos exemplos dela nas cartas aos efésios e aos colossenses, e também noutros lugares. Outra valiosa maneira de expressar o pensamento que ocorre aqui em Romanos, porém com o uso de termos ligeiramente diferentes, acha-se em Filipenses 1:27: "Somente deveis portar-vos *dignamente conforme* o evangelho de Cristo" (ou, VA: "...portar-vos como *convém* ao evangelho de Cristo"). Vivam de maneira própria, de maneira conveniente, decente. De novo a imagem das vestes. Vejam que, por assim dizer, não haja choque entre chapéu e casaco, ou qualquer outro acessório. Vejam que haja elegância, correção e propriedade em seu vestuário. Essa é a idéia. O apóstolo Pedro, em sua Primeira Epístola, fala em vestir-nos de humildade (1 Pedro 5:5). Estas analogias foram de grande valor para os cristãos no século primeiro, como são para nós hoje.

Contudo, quanto a nós, a pergunta é: "Que é que exatamente o apóstolo quer dizer com "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo"? Primeiro ele quer dizer que devemos vestir a doutrina concernente ao nosso Senhor. Notem que Paulo coloca o nome completo. Não diz "Revesti-vos de Cristo". Não, mas: "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo". Lembrem-se de que Ele é seu Senhor. Ele é o Senhor, mas é também o seu Senhor em particular. "Não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço" (1 Coríntios 6:19,20). Ele é o dono de vocês. Vocês pertencem a Ele. Ao iniciar as suas cartas, Paulo normalmente chama a si mesmo "servo de Jesus Cristo". É dessa forma que devemos arrazoar sobre estas coisas, e discutir e falar com nós mesmos. Quando você sair ao mundo, diga: "Não sou meu, sou servo de Jesus Cristo. Ele é o meu Senhor. Ele é o meu Amo. Ele é o meu Proprietário. Não tenho direito de viver como quero; não vivo para agradar a mim próprio".

Bem, os cristãos gostam de dizer coisas como essas;

porém dizem também coisas como esta: "Mas é assim que eu sou". Se isso significa que você está se desculpando por má conduta, você não tem direito de ser esse tipo de pessoa. Não importa o que você é por natureza. Todos nós éramos mais ou menos assim, mas não somos mais, porque pertencemos a Cristo. O nosso Senhor nos diz clara e francamente como devemos viver. Não somos nós que o decidimos. Ele decide. Portanto, revestir-nos do Senhor Jesus Cristo significa que nos lembramos de que Ele é o Senhor. Assim como de manhã você veste sua roupa, vista-o neste sentido, vista-se de Cristo. Lembre-se de que você não se pertence mais, de que você pertence a Ele, e de que você vive para a Sua glória. Você é servo de Jesus Cristo.

Depois, *Jesus*. Este nome nos diz – e é por isso que temos os quatro Evangelhos – que o Senhor da glória veio a este mundo como homem, "em semelhança da carne do pecado" (Romanos 8:3), e Ele viveu como tendo assumido a forma de servo. Ele diz constantemente que não fala da parte de Si mesmo e que não faz coisa alguma por Si mesmo. Ele faz e fala o que o Pai Lhe deu para fazer e falar. É desse modo que devemos fazer. Lembre-se do homem Jesus e viva e ande por este mundo como Ele viveu e andou. Essa é a força desse nome.

E então, *Cristo*. Bem, aqui vemos o nosso Senhor como Messias, como Libertador. Somos levados a lembrar-nos do que Ele fez "por nós, homens, e por nossa salvação". Por que o Senhor Se tornou Jesus? Foi para que Ele Se tornasse o Cristo. Esse é apenas outro modo de dizer o que o apóstolo já nos dissera no início do capítulo 12: "Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus...", e em 1 Coríntios 6:20, "Fostes comprados por bom preço", e esse preço foi o sangue do Filho de Deus, que nos amou e Se entregou por nós. "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo".

Depois, num segundo aspecto, esta exortação significa que devemos seguir o Seu exemplo. Vê-se freqüentemente

esse apelo no Novo Testamento. Pedro, em sua Segunda Epístola, faz o apelo mais forte que se pode fazer a pessoas cristãs. Diz-lhes ele em detalhe: "Sujeitai-vos pois a toda ordenação humana por amor do Senhor; quer ao rei, como superior; quer aos governadores... Como livres, e não tendo a liberdade por cobertura da malícia, mas como servos de Deus. Honrai a todos. Amai a fraternidade. Temei a Deus. Honrai ao rei. Vós, servos , sujeitai-vos com todo o temor aos senhores, não somente aos bons e humanos, mas também aos maus. Porque é coisa agradável que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente... Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava mas entregava-se àquele que julga justamente" (1 Pedro 2:13,14, 16-19, 21-23). Isso é revestir-se do Senhor Jesus Cristo: seguir Seus passos e imitar Seu exemplo.

Todavia significa mais. Revestir-se do Senhor Jesus Cristo é viver dEle. Ele mesmo disse: "Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos" (João 6:53). Isso é essencial. Mas aqueles que O ouviram entenderam-nO mal. Ele estava falando espiritualmente e quis dizer que devemos alimentar-nos dEle. Como diz o hino:

Saboreamos a Ti, Senhor, ó Pão da vida,
E banquetear de Ti ainda ansiamos;
Bebemos de Ti, ó Fonte, ó rico Manancial,
E a sede de noss'alma de Ti mitigamos.
– Bernardo de Claraval

Quando estava na terra, o nosso Senhor considerava essencial orar ao Pai. Ele vivia do Pai. E em João, capítulo 6, Ele

nos diz que temos que viver dele da mesma maneira como Ele vivia do Pai.

Portanto, revestir-nos do Senhor Jesus Cristo significa que não somente compreendemos que Ele é a Cabeça e que toda a sustentação e todas as demais coisas dEle provêm, mas também que temos que compartir dEle deliberadamente. Revestimo-nos do Senhor Jesus Cristo quando nos acercamos da mesa da Ceia do Senhor. Ali vivemos dEle, participamos dele e da Sua vida. Alimentamo-nos dEle.

Mas estas palavras significam mais outra coisa. A injunção que nos manda revestir-nos do Senhor Jesus Cristo significa que devemos pôr nEle a nossa confiança. É como o soldado a vestir sua armadura. Vestimo-nos dEle desta maneira: cônscios da nossa fraqueza e da necessidade que temos de força, capacidade e poder, buscamo-lO e dizemos

Cada momento preciso de Ti,
Fica bem perto de mim!
As tentações perdem o seu vigor
Quando estás perto, Senhor..
– Annie Sherwood Hawks

Noutras palavras, nós nos damos conta de que estamos andando por um mundo de trevas, um mundo de pecado, o tipo de mundo que o apóstolo esteve descrevendo para nós. E quem somos nós para resistir ao mundo, à carne e ao diabo? Não conseguimos; somos derrotados. Quando nos revestimos do Senhor Jesus Cristo nos apercebemos da nossa dependência dEle, e da força e poder que Ele nos pode dar. E lemos as Escrituras. Não significa que lemos apenas a nossa porção diária e a ticamos como dever cumprido. Não, o valor da leitura das Escrituras está em absorver a verdade que elas proclamam, lembrando que "ele mesmo, sendo tentado, padeceu" e que, por isso, Ele "pode socorrer aos que são tentados" (Hebreus 2:18). E assim buscamos nEle simpatia

e entendimento, e sabemos que Ele é paciente conosco. "Não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hebreus 4:15). Lendo isso e sabedores de que é verdade, estamos nos revestindo do Senhor Jesus Cristo, e isso nos habilitará a viver da maneira indicada pelo apóstolo.

Mas vamos dar mais um passo. A injunção, "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo", significa "Escondei-vos nEle". Precisamos fazer isso por causa daquilo que está ao nosso redor – os dardos inflamados do maligno e tudo o que dele sabemos; o mundo, a carne e o diabo. Escondam-se em Cristo. Todos os escritores dos grandes hinos tinham algum conhecimento disto e freqüentemente o expressavam:*

Rocha eterna, meu Jesus,
*Quero em Ti me refugiar!***
O Teu sangue lá na cruz,
Derramado em meu lugar,
Traz as bênçãos do perdão:
Gozo, paz e salvação!
– Augustus Toplady

Esconde-me! Outro hino diz:

Cordeiro de Deus, oh, retém-me
Bem junto ao Teu lado ferido;
Somente ali em segurança
E em paz eu posso permanecer.

Que inimigos e laços me cercam!
Que temores e faltas por dentro!

* Faço uso da versão que se encontra no Hinário *Novo Cântico*. Nota do tradutor.
** No original inglês: "me esconder" *("hide")*. Nota do tradutor.

Somente a graça que me achou
Pode manter-me puro e limpo.
– James George Deck

Ou, de Charles Wesley:

Jesus, Amigo de minh'alma,
Deixa-me voar para o Teu seio.

– para ser abraçado e protegido –

Enquanto as águas sobrevêm
E o vendaval perto ainda está.
Esconde-me, ó Salvador,
Até ir-se o temporal da vida.
Ó, guia-me a salvo ao porto,
E minh'alma acolhe afinal!
– Charles Wesley

Isso é revestir-se do Senhor Jesus Cristo. Você está se escondendo nEle; Ele o está protegendo; você está nEle. Você *está* nEle; portanto, *esconda-se* nEle.

Aí está seguramente, em sua essência, o que Paulo quer dizer com "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo". E ele prossegue: "Não façais provisão para a carne" (VA). Que dizer sobre isso? Como isso atinge vocês? Isso ofende o seu gosto literário? Vocês acham que Paulo encerrou com um anticlímax? Tendo subido tão alto ao ponto de dizer "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo", suas próximas palavras não são uma descida do sublime ao comum? Imagino que, se julgarmos estas coisas meramente do ponto de vista da forma literária, poderemos pensar isso. Mas ele não escreveu com vistas a produzir uma obra prima de literatura. Este homem é um médico da alma, um pastor com coração cheio de ternura. Ele não está preocupado em como a sua Epístola

seja lida, e sim em como os seus leitores acaso vivam. Ele tem muito conhecimento da vida, e tem conhecimento sobre o diabo. "Não ignoramos os seus ardis" (2 Coríntios 2:11). Ele sabe com que facilidade nos comovemos e vibramos com um grande clímax e com uma grande exortação, porém sabe também que, antes de sabermos o que aconteceu, já pecamos, porque o mundo, a carne e o diabo entraram de imediato e nos apanharam. Por mais emocionados que fiquemos com a sua linguagem magnífica, com o seu glorioso apelo, de repente caímos. Paulo sempre é prático. Ele sempre tem suas injunções negativas, como também suas injunções positivas. Por isso, a última coisa que ele nos diz é: "Não façais provisão para a carne".

Ora, a carne não é tão-somente o corpo; é a nossa natureza humana fora da influência do Espírito Santo sobre nós. É o homem entregue a si mesmo. Vocês se lembram do grande contraste que se vê no capítulo oito, "na carne" e "no Espírito"? É esse o sentido de "carne" aqui. Paulo está dizendo: "Não façais provisão para o homem natural". Podemos dizê-lo ainda mais diretamente desta forma: "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e ponde fora o ego". As palavras "provisão para a carne" referem-se à gratificação do próprio ego. Muitas pessoas se embebedam para animar seu ego. A pessoa não confia em si quando está sóbria, mas, depois de algumas doses, enche-se de autoconfiança. Esse é um jeito de alimentar o ego, e há muitas maneiras de fazê-lo. Paulo nos está dizendo: livre-se do seu ego. Não alimente o seu ego de maneira nenhuma. Não dê de comer ao seu ego. Não lhe dê de beber. Não faça nenhuma concessão ao seu ego. Paulo já havia dito isso antes, nos versículos 12 e 13 do capítulo 8. Mas, ao concluir este grande apelo concernente ao tipo próprio e certo de comportamento, ele se vê forçado a dizê-lo de novo aqui. Portanto, descarte-se deste ego; deixe-o passar fome, insulte-o, bata nele, derrube-o, não o poupe de jeito nenhum. O ego é a causa de todos os nossos problemas – bebedeira,

farra, libertinagem, dissolução, inveja, briga – todas estas coisas nada mais são que manifestações do ego.

Uma das melhores maneiras pelas quais tanto a parte positiva como a negativa desta exortação foram expressas consta num grande hino de Johann Caspar Lavater:

Ó Jesus Cristo, cresce Tu em mim,
E faze recuar tudo mais;
Meu coração esteja cada dia mais perto de Ti,
E do pecado se liberte cada dia.

Cada dia o Teu poder sustentador
Minha fraqueza toda envolva;
Minha treva faze esvair-se em Tua luz,
E Tua vida apague a minha morte.

Com Teus fulgentes raios sobre mim,
Extirpa todo mau pensamento;
Que nada sou, e Tu és tudo,
Quero que me ensines diariamente.

É isso! Vista-se de Cristo; ponha o ego para fora.

Faze diminuir mais e mais o meu ego,
Sê Tu minha vida e minha meta;
Ó, faze-me dia a dia, por Tua graça,
Mais e mais digno do Teu nome.

Cada dia mais cheio de ti meu coração,
Cada dia mais livre do meu ego;
Tu, a quem a oração tanta força deu,
De minha oração faze-Te ouvinte.

Que a fé em Ti e em Teu poder
Os meus motivos todos mova;

De minh'alma sê o único prazer,
Minha paixão e meu amor.

Revista-se do Senhor Jesus Cristo, e não faça provisão para a sua carne!

Romanos

Os cristãos têm sido trazidos, pela fé em Cristo, para o reino de Deus, mas eles ainda são cidadãos de um reino terrestre. Como se relaciona a vida num reino com a vida no outro? Acaso a obediência a Deus de alguma maneira isenta os cristãos de obedecer governantes terrestres? E que dizer da questão perplexa do relacionamento entre a Igreja e o Estado?

Insistindo que estas questões têm sido de interesse mais do que teórico durante a história da Igreja, e permanecem assim hoje, Dr. Lloyd-Jones examina a função do governo, a atitude do cristão à guerra e à revolução, o Senhorio de Cristo sobre a Igreja e o Estado, a relação do cristão com a lei de Deus, o significado de amar o nosso próximo, e muitos tópicos semelhantes.

Todas essas questões são consideradas à luz da transiência da vida terrestre e a vinda de Cristo em juízo. A perspectiva celestial apresentada aqui visa corrigir o excesso de ansiedade sobre os reinos deste mundo e promover prontido para o dia que há de vir.

Nascido no sul do país de Gales, o Dr. Lloyd-Jones estudou no hospital São Bartolomeu (Londres) e posteriormente praticou a medicina como assistente do famoso Lorde Horder. Depois de deixar a medicina em 1927, ele se tornou o ministro de uma igreja presbiteriana em Aberávon, no sul de Gales. Permaneceu ali até 1938, quando então mudou-se para Londres a fim de participar do ministério na Capela de Westminster, junto com o Dr. G. Campbell Morgan. Esse ministério durou por 30 anos, até Dr. Lloyd-Jones aposentar-se em 1968. A partir daí ele passou a exercer um ministério de pregação mais amplo e a escrever livros até pouco antes da sua morte em 1981.

PES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de maio, 116 – 3º andar – salas 14-17
01041-000 – São Paulo – SP